



FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE D  
**COIMBRA**

Gabriel Martinez Bonora

**ATITUDES PERANTE A MORTE NA  
SOCIEDADE MEDIEVAL PORTUGUESA  
OS CA(U)SOS DA PARÓQUIA DE  
SANTIAGO DE COIMBRA**

Dissertação de Mestrado em História, especialidade em Idade Média,  
orientada pela Senhora Doutora Maria Amélia Álvaro de Campos e pela  
Professora Doutora Ana Isabel Sacramento Sampaio Ribeiro, apresentada ao  
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Setembro de 2023

# FACULDADE DE LETRAS

## ATITUDES PERANTE A MORTE NA SOCIEDADE MEDIEVAL PORTUGUESA: OS CA(U)SOS DA PARÓQUIA DE SANTIAGO DE COIMBRA

### Ficha Técnica

|                                   |                                                                                                                                                                                                      |
|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Tipo de trabalho</b>           | <b>Dissertação de Mestrado</b>                                                                                                                                                                       |
| <b>Título</b>                     | <b>Atitudes perante a morte na sociedade medieval portuguesa:</b>                                                                                                                                    |
| <b>Subtítulo</b>                  | <b>os ca(u)sos da paróquia de Santiago de Coimbra</b>                                                                                                                                                |
| <b>Autor/a</b>                    | <b>Gabriel Martinez Bonora</b>                                                                                                                                                                       |
| <b>Orientador/a(s)</b>            | <b>Doutora Maria Amélia Álvaro de Campos<br/>Professora Doutora Ana Isabel Sacramento<br/>Sampaio Ribeiro</b>                                                                                        |
| <b>Júri</b>                       | <b>Presidente: Professor Doutor Saúl António<br/>Gomes Coelho da Silva</b><br><b>Vogais:</b><br><b>1. Doutor Luís Miguel Malva de Jesus Rêpas</b><br><b>2. Doutora Maria Amélia Álvaro de Campos</b> |
| <b>Identificação do<br/>Curso</b> | <b>2º Ciclo em História</b>                                                                                                                                                                          |
| <b>Área científica</b>            | <b>História da Idade Média</b>                                                                                                                                                                       |
| <b>Data da defesa</b>             | <b>24-10-2023</b>                                                                                                                                                                                    |
| <b>Classificação</b>              | <b>17 valores</b>                                                                                                                                                                                    |



*In memoriam*  
Zezé Nastrini

*Eu, sintetizado na fé, sou carregado de axé  
e protegido por um cavaleiro nobre.*

Zeca Pagodinho



CIÊNCIA, TECNOLOGIA  
E ENSINO SUPERIOR

fct Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

CHSC

CENTER FOR THE  
HISTORY OF SOCIETY  
AND CULTURE

·Commemortis·

Trabalho financiado por fundos nacionais (PIDDAC), através da FCT (I.P./MCTES), no âmbito do projeto exploratório [COMMEMORTis – O que sobrevive depois da morte? Comunidades paroquiais e estratégias de comemoração dos mortos na cidade medieval](#), com referência EXPL/HAR-HIS/0532/2021.

## **Agradecimentos**

Primeiramente gostaria de agradecer à Exma. Sra. Cláudia Maria Martinez, minha mãe, por todas as *rezas*; por poder concluir esta tese e este mestrado; por sempre ter acreditado e semeado meus sonhos junto de mim; e por, depois de tantas paisagens construídas – umas um tanto amargas de se fazer uma mãe ver – , poder cravar na memória de minha matriarca a cena do primogênito defendendo sua dissertação. À Sra. Liamara Aparecida Jerônimo de Andrade, que ao longo de minha vida exerceu o ofício materno, deixo aqui minha mais profunda gratidão.

Agradeço às Sras. Profas. Doutoradas Maria Amélia Álvaro de Campos e Ana Isabel Ribeiro, orientadora e coorientadora deste trabalho por todo o auxílio prestado, por todos ensinamentos e igualmente por terem confiado à minha pessoa a tarefa de elaborar uma tese a partir de um projeto de pesquisa. Agradeço igualmente, a todos(as) que foram meus professores(as) neste mestrado: os/as Senhores/as Professores/as Doutores/as Saúl António Gomes – responsável pela minha introdução às artes paleográficas, e não só – Maria José Azevedo Santos, Maria Rosário Morujão, Edgar Pereira, Ana Leonor Pereira, Maria Margarida Miranda, Carlota Urbano e António Ribeiro Rebelo.

Meus agradecimentos ao Exmo. Sr. Prof. Doutor José Pedro Paiva, coordenador científico do Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra, pelo apoio prestado ao trabalho de pesquisa e divulgação desta tese, bem como à participação em reuniões científicas nacionais e internacionais; não obstante, deixo aqui meu registo de quanta honra sinto por ter encontrado no prestigioso Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra minha primeira oportunidade de atuação na área de investigação em história; isto muito significa para mim. Não obstante, gostaria de expressar meus votos de gratidão ao Sr. Doutor Luís Miguel Rêpas por ter sido o arguente desta tese e por ter tecido considerações que ecoarão em minha memória, muito agradavelmente, por muito tempo.

Às Sras. Carolina Martinez Bonora e Ágatta Morganna Brandão de Oliveira, minhas irmãs, agradeço imensamente toda a empatia e esforço despendidos à família e a mim ao longo destes dois anos de imigração, desde assuntos académicos a solução dos problemas, insistentemente *broxantes*, da burocracia; e mais importante ainda, pela supressão da *saudade*, manutenção e fortalecimento dos vínculos fraternos. Aos senhores Daniel de Oliveira e Guilherme Salles, meus cunhados, agradeço por todas as palavras amigas, sinceras conversas e exaltados comentários à respeito do futebol arte do *Brasileirão*. Agradeço às Sras. Ana Laura Afonso Martinez, Kátia Cagnani e Lucilene Aparecida da Silveira Bonora, minhas tias e madrinha; e aos Srs. Osvaldo Luís Martinez e Alexandre Gonçalves, meus tios; por contribuírem de maneira *essencial* nas estruturas que sustentaram estes dois anos de estudos bem como por ser sobrinho e afilhado, logo família e por

isso perene em suas vidas como elas e eles o são na minha. Às Sras. Dras. Mariana Silveira Bonora, Marcela Silveira Bonora e Marina Silveira Bonora, minhas primas, deixo, mais do que meus agradecimentos por percursos árduos recentemente transpostos em conjunto, minha mais profunda gratidão por reencontrar nas sobreditas Sras. Dras. as trilhas dos caminhos passados que se cruzaram; bem como o vislumbre dum amanhã tão original quanto fora nosso ontem.

Muito especialmente e nas pessoas dos Exmos. Srs. Profs. George Chinaglia, Luís Cláudio Santana e das Exmas. Sras. Profas. Dras. Patrícia Furlanetto e Maria José Azevedo Santos, não só agradeço como dedico esta tese a todos os meus professores e professoras dos(as) quais tive o prazer e honra de ser aluno ao longo de minha vida. Os grandes ensinamentos dos(as) professores(as) vêm quase que à margem do *conteúdo*, do *currículo*, dos *títulos*; as maiores lições que tive em minha vida, no Brasil e em Portugal, foram quase sempre fora da sala de aula e vieram de pessoas que são *profissionais* em *depositar fé* nos sonhos e na superação dos caminhos de cada aluno. Assim sendo, deixo-vos um abraço tão longo quanto o Atlântico, acompanhado dum sorriso tão grande quanto as montanhas *Geraes*; isto significa nada mais que a tranquila consciência em saber que se teve os melhores professores e professoras que poderia desejar. Muito obrigado.

Agradeço ao Sr. Matheus Carvalho Virga pelos longos anos de amizade e testemunhos, de ambas as partes, nos feitos conquistados e nos passos que iniciam novos caminhos. Igualmente, à Sra. Gilvânia Virga por ter cuidado tão bem das logísticas que envolveram e envolverão minhas idas e vindas ao/do Brasil.

Aos Srs. Tumba Quituxe, Airton Ersane e Anhassoi Rodrigues, meus amigos desde o ano de 2019 quando fui aluno de intercâmbio na Universidade de Coimbra, o meu muito obrigado pelo tempo de amizade, parceria e superação das adversidades que só quem se encontra na posição de imigrante pode compadecer-se e mesmo suprimi-las. Aos Srs. Tawanda Jorge Dicke, Nhamane Manique e Edgar Jafete Sambo Júnior, todo o meu agradecimento pelas incansáveis horas de estudos nas diversas salas e bibliotecas da Universidade; pelos vários momentos em que compartilhamos os medos, as angústias e as revoltas da imigração. Outrossim, é com imensa honra que agradeço a partilha cultural de nossas terras que foi, é e continuará a ser, poliédrica – costumes, vestuário, música, arte, política, docência, discência, geografia, e claro, uma saudosa nostalgia de lugares tão distantes unidos quando, incansavelmente, dizemos uns para os outros: *que saudade do meu país*. Por terem acompanhado, desde meu primeiro dia de aula, todas as etapas até este presente dia, o meu mais sincero muito obrigado.

À Exma. Sra. Bárbara Priscila de Faria, à Sra. Camila de Lima Monteiro e ao Sr. Heitor Gomes Santos, deixo meus agradecimentos por ter encontrado em cada um a síntese do sentimento *casa*; por se ter reduzido a envergadura da saudade do nosso país, e muito *deliciosamente* em particular,

do estado mais belo da federação brasileira, Minas Gerais; por indignarmo-nos frente às situações de exploração da força de trabalho imigrante a que toda uma comunidade ainda está sujeita, infelizmente; por todos os jogos do *Brasileirão* torcidos, comentados, xingados e comemorados; por todas as sinceras conversas, risadas, abraços e olhares; por tudo o que fora sonhado, o que esta a ser realizado e pelo que ainda concretizar-se-á. E, claramente, por toda a *paciência* que tiveram ao me aguentarem falando incessantemente da escrita desta tese.

Meus agradecimentos à Sra. Me. Mariana Barreira por termos sido colegas de curso e projeto; pelas conversas e conquistas fundamentadas e colhidas por cada um ao longo deste período.

Aquando do aprofundamento na produção científica acerca da história da morte, quase *in media res*, a Sra. Maria José Nastrini, minha avó, veio a falecer. Devota de Nossa Senhora Aparecida, paroquiana da igreja de mesmo orago, ia à missa também em S. Benedito, S. Judas Tadeu, Nossa Senhora da Saúde, entre outras. Ligava-me cada vez que uma reportagem sobre Portugal – continental ou insular – ia ao ar nos canais da televisão pra saber se me encontrava bem. A perda de avós na narrativa das histórias será sempre a ponta de um fio que por ser bom demais, acabou. À memória da Exma. Sra. Zezé Nastrini dedico minha tese de mestrado bem como deixo meus agradecimentos por termos sido, na proporção tal que era a nossa, avó e neto.

Por último e longe de ser menos importante, gostaria de agradecer aos Exmos. Srs. Daniel Brandão de Oliveira e Theo Cagnani Bonora Luz dos Reis, meus afilhados, por contrastarem o meu pensar, tão voltado às questões da morte em outrora, com o pulsar de vida e esperança provindo de cada risada, palavra, passo e descoberta realizados por eles e testemunhado por mim; na maior parte das vezes sem ambos saberem que eu vi as brincadeiras, escutei os sorrisos e *senti saudade de tudo*, mesmo que tenha sido *ali*, numa tela de celular. Outrossim, fica registado meu descontentamento pela ausência nos cotidianos dos meninos que por enquanto impelem-nos o girar do mundo, *outros* e *outras* – estes(as) que se não extinguem o contato, *dificultam-no*. Igualmente, expresso meus votos de segurança nos tempos vindouros, nos quais, por frutíferos que serão, não lembrar-se-á tão constantemente que um dia estive longe. Afinal, são estes dois *artistas* os responsáveis de me sentir agradecido por onde cheguei e tão empolgado por onde poderei chegar.

Saravá Ogum, protetor da minha vida. Senhor dos meus caminhos, venha sempre me valer.



## RESUMO

### *Atitudes perante a morte na sociedade medieval portuguesa. Os ca(u)sos da paróquia de Santiago de Coimbra*

Este trabalho teve como objetivo a identificação e análise das estratégias de comemoração dos mortos dos cristãos medievais, a partir do universo paroquial organizado em torno da igreja colegiada de Santiago de Coimbra, que foi estudado de acordo com os princípios da micro-história. Para tal, seleccionámos como fontes o *Livro de Aniversários da Colegiada de Santiago de Coimbra* e 27 documentos originais (testamentos, traslados de cláusulas testamentárias e doações *postmortem*) preservados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Para recolha e análise da informação, foi utilizado o sistema Time Link no âmbito do projeto exploratório *COMMEMORtis – O que sobrevive depois da morte? Comunidades paroquiais e estratégias de comemoração dos mortos na cidade medieval* (EXPL/HAR-HIS/0532/2021).

Dividimos esta tese em três capítulos sendo o primeiro dedicado à rede paroquial de Coimbra, à inserção urbana da paróquia de Santiago e ao culto do apóstolo peregrino e sua expansão na Península Ibérica. Já no segundo capítulo visamos a caracterização das pessoas que fundaram cerimónias fúnebres e de sufrágio de alma na dita igreja, estudando as suas relações sociais, familiares e profissionais. Em articulação com essa caracterização social, foram identificadas e estudadas as tipologias de cerimónias estipuladas, bem como o património afecto à sua manutenção. Finalmente, no terceiro capítulo analisamos as formas de comemoração dos mortos em Santiago através das motivações e das encomendações dos(as) celebrados(as); das datas definidas para celebração e das tipologias dos ofícios divinos requisitados. Ademais, percorremos, da melhor maneira possível, a espacialidade do templo em questão a partir dos altares, capelas particulares, e demais locais destinadas ao repouso dos corpos, identificados no seu livro de aniversários.

Com o estudo realizado, entendemos apresentar aqui um singelo contributo à história da paróquia e da colegiada de Santiago de Coimbra – instituições que dispõem de uma documentação rica em informação – e, assim, à história da cidade medieval em que se inseria.

**Palavras-chave:** Coimbra medieval; culto do Apóstolo Santiago; estratégias de comemoração dos mortos; paróquia medieval; Humanidades Digitais.

## ABSTRACT

### *Attitudes Towards Death in Portuguese Medieval Society. The cases of the parish of Santiago de Coimbra*

The aim of this work was to identify and analyze the strategies for commemorating the dead of medieval Christians, based on the parish universe organized around the collegiate church of Santiago de Coimbra, which was studied according to the principles of microhistory. To this end, we selected as sources the Book of Anniversaries of the Collegiate Church of Santiago de Coimbra and 27 original documents (wills, transfers of testamentary clauses and post-mortem donations) preserved in the National Archives of Torre do Tombo. The Time Link system was used to collect and analyze the information as part of the exploratory project *COMMEMORTis - What survives after death? Parish communities and strategies for commemorating the dead in the medieval city* (EXPL/HAR-HIS/0532/2021).

This thesis is divided into three chapters, the first of which is dedicated to the parish network of Coimbra, the urban insertion of the parish of Santiago and the cult of the pilgrim apostle and its expansion in the Iberian Peninsula. In the second chapter, we aim to characterize the people who founded funeral and suffrage ceremonies in the church, studying their social, family and professional relationships. In conjunction with this social characterization, we identified and studied the types of ceremonies stipulated, as well as the assets used to maintain them. Finally, in the third chapter we analyze the ways in which the dead are commemorated in Santiago through the motivations and requests of those who are commemorated; the dates set for the celebrations and the types of divine offices requested. In addition, we went through the spatiality of the temple in question as best we could, from the altars, private chapels and other places where bodies were laid to rest, as identified in its anniversaries book.

With this study, we believe we have made a simple contribution to the history of the parish and collegiate church of Santiago de Coimbra - institutions with a wealth of information - and thus to the history of the medieval city in which it was located.

**Keywords:** Medieval Coimbra; cult of the Apostle Santiago; strategies for commemorating the dead; medieval parish; Digital Humanities.

## ÍNDICE

|                                                                                               |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Introdução                                                                                    | 1  |
| 1. Apresentação do <i>corpus</i> documental                                                   | 1  |
| 1.1 O Livro de Aniversários da colegiada de Santiago de Coimbra                               | 2  |
| 1.2 Os documentos avulsos: testamentos, cláusulas testamentárias e doações <i>post-mortem</i> | 4  |
| 2. Metodologia de notação para a análise informática da informação histórica                  | 7  |
| 2.1 Notação digital dos documentos                                                            | 7  |
| 2.2 Base de Dados                                                                             | 13 |
| 3. Enquadramento historiográfico                                                              | 15 |
| Capítulo I – Inserção urbano-religiosa                                                        | 22 |
| 1. Rede paroquial de Coimbra                                                                  | 22 |
| 1.1 As paróquias urbanas de Coimbra                                                           | 22 |
| 1.2 Inserção urbana da paróquia de Santiago                                                   | 27 |
| 2. Aspectos sobre o culto ao Apóstolo Santiago na Península Ibérica e em Coimbra              | 28 |
| 3. O edifício da igreja                                                                       | 34 |
| Capítulo II – Os ca(u)sos da igreja e paróquia de Santiago de Coimbra                         | 36 |
| 1. Caracterização dos(as) celebrados(as), testadores(as) e doadores(as)                       | 37 |
| 1.1 Relações de sociabilidade                                                                 | 37 |
| 1.2 Naturalidades                                                                             | 40 |
| 1.3 Destinatários/as das cerimónias de comemoração na colegiada de Santiago de Coimbra        | 41 |
| 1.4 Caracterização socioprofissional dos/as benfeitores/as de Santiago de Coimbra             | 46 |
| 2. Património investido em sufrágios das almas                                                | 66 |
| Capítulo III – Atitudes perante a morte na paróquia de Santiago de Coimbra                    | 67 |
| 1. Formas de comemoração dos mortos                                                           | 69 |
| 1.1 Cerimónias estipuladas                                                                    | 70 |

|     |                                                                                 |     |
|-----|---------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 2.  | Reflexos da morte através da espacialidade de Santiago de Coimbra.....          | 74  |
| 2.1 | Heráldica fúnebre                                                               | 74  |
| 2.2 | Locais de sepultura                                                             | 78  |
| 3.  | A encomendação da Alma e as motivações para a determinação das últimas vontades | 94  |
|     | Conclusão                                                                       | 101 |
|     | Índice de Imagens e Gráficos                                                    | 104 |
|     | Fontes consultadas                                                              | 105 |
|     | Fontes manuscritas:.....                                                        | 105 |
|     | Fontes publicadas.....                                                          | 106 |
|     | Bibliografia .....                                                              | 107 |

## ANEXOS

Anexo 1. Comemorados(as) depois da morte na igreja de Santiago de Coimbra e outros indivíduos identificados no Livro de Aniversários, nos testamentos e nas doações *post mortem*.

113

|     |                                             |               |
|-----|---------------------------------------------|---------------|
|     | Nota Prévia .....                           | 114           |
| 1.  | Afonso Anes, almoxarife e Constança Esteves | 115           |
| 2.  | Afonso Anes, mercador e Constança Esteves   | 116           |
| 3.  | Afonso Anes, tabelião                       | 117           |
| 4.  | Afonso Gonçalves                            | 117           |
| 5.  | Afonso Mendes <i>Amigo</i>                  | 118           |
| 6.  | Afonso Peres e Maria Francisca              | 118           |
| 7.  | Afonso Rodrigues                            | 119           |
| 8.  | Alberto/Albertino Anes                      | <u>120119</u> |
| 9.  | Alberta Anes                                | 120           |
| 10. | Aldonça Bentes                              | 120           |
| 11. | Aldonça Fernandes                           | 121           |
| 12. | Álvaro Anes                                 | 121           |
| 13. | Álvaro Fernandes e Graça Domingues          | 121           |

|     |                                       |               |
|-----|---------------------------------------|---------------|
| 14. | Álvaro Gonçalves e Catarina Esteves   | 122           |
| 15. | Amarão Esteves                        | 122           |
| 16. | António Fernandes e Catarina Lopes    | <u>123+22</u> |
| 17. | António Fernandes, pescador           | 123           |
| 18. | Aparício Anes e Teresa Anes           | 123           |
| 19. | Arnaldo <i>Del Poche</i>              | 124           |
| 20. | Baltazar Fernandes                    | <u>125+24</u> |
| 21. | Bernardo Martins e Constança Martins  | 125           |
| 22. | Briolanja Domingues                   | 126           |
| 23. | Catarina Peres                        | 126           |
| 24. | Confrades da Confraria dos Alfaiates  | 127           |
| 25. | Constança Anes                        | 127           |
| 26. | Constança Peres                       | 128           |
| 27. | Dom Daniel                            | 129           |
| 28. | Domingas Anes                         | 129           |
| 29. | Domingas Anes de Barro                | 129           |
| 30. | Domingas Marques                      | 130           |
| 31. | Domingas Pascoal                      | 130           |
| 32. | Domingas Anes de Pinhel               | 130           |
| 33. | Domingas Peres                        | <u>130+31</u> |
| 34. | Domingos Anes                         | 131           |
| 35. | Domingo Martins                       | 131           |
| 36. | Estevão Domingues e Florença Fagundes | 132           |
| 37. | Estevão Fernandes                     | 132           |
| 38. | Estevão Peres                         | 132           |
| 39. | Fernando                              | 133           |
| 40. | Fernando Gomes, filho                 | 134           |

|     |                                      |     |
|-----|--------------------------------------|-----|
| 41. | Fernando Gomes, pai                  | 134 |
| 42. | Fernando Rodrigues                   | 134 |
| 43. | Fernando Rodrigues Castelo Branco    | 135 |
| 44. | Francisco Anes e Violante Álvares    | 136 |
| 45. | Gabriel Vicente                      | 136 |
| 46. | Gonçalo Dias                         | 136 |
| 47. | Gonçalo Martins e Catarina Afonso    | 137 |
| 48. | Guilherme de Saint-Gery              | 137 |
| 49. | Guiomar Vicente                      | 138 |
| 50. | Joana Peres                          | 138 |
| 51. | João Afonso                          | 139 |
| 52. | João Anes de Vale de Todos           | 139 |
| 53. | João de Coimbra e Beatriz Peres      | 139 |
| 54. | João de Elvas                        | 141 |
| 55. | João de Freitas e Catarina Fernandes | 141 |
| 56. | João Fernandes e Catarina Domingues  | 142 |
| 57. | João Galego                          | 142 |
| 58. | João Panão                           | 143 |
| 59. | João Panão e Guiomar Vicente         | 143 |
| 60. | João Parente                         | 144 |
| 61. | Lopo Afonso                          | 145 |
| 62. | Lourenço Anes <i>Rabo de Palha</i>   | 145 |
| 63. | Lourenço Peres                       | 145 |
| 64. | Margarida Anes                       | 146 |
| 65. | Maria Afonso e Afonso Peres          | 146 |
| 66. | Maria Afonso e Maria Peres           | 147 |
| 67. | Maria Afonso                         | 147 |

|     |                                  |     |
|-----|----------------------------------|-----|
| 68. | Maria Anes                       | 147 |
| 69. | Maria Anes                       | 148 |
| 70. | Maria Esteves                    | 148 |
| 71. | Maria Fernandes                  | 149 |
| 72. | Maria Franca                     | 150 |
| 73. | Maria Martins                    | 150 |
| 74. | Maria Suger                      | 150 |
| 75. | Maria Vasques                    | 151 |
| 76. | Maria Vaz                        | 151 |
| 77. | Maria Vaz, viúva                 | 152 |
| 78. | Marinha Afonso                   | 152 |
| 79. | Marinha Bartolomeu da Zouparria  | 152 |
| 80. | Marinha Fernandes                | 153 |
| 81. | Martim Anes almoxarife           | 153 |
| 82. | Martim Anes e Antónia Martins    | 154 |
| 83. | Martim Afonso e Guiomar Afonso   | 154 |
| 84. | Martim Bravo                     | 154 |
| 85. | Martim <i>Cadarom</i> e Teresa   | 155 |
| 86. | Martim Esteves e Maria Domingues | 155 |
| 87. | Miguel Peres                     | 155 |
| 88. | Nicolau Martins                  | 156 |
| 89. | Nome desconhecido De Pinhel      | 156 |
| 90. | Pascoal Nunes                    | 156 |
| 91. | Pedro Anes e Iria Peres          | 157 |
| 92. | Pedro de Alvito e Maria          | 157 |
| 93. | Pedro Fernandes                  | 158 |
| 94. | Pedro João                       | 158 |

|      |                                     |     |
|------|-------------------------------------|-----|
| 95.  | Pedro Juliães                       | 159 |
| 96.  | Pedro Martins                       | 159 |
| 97.  | Pedro Lopes                         | 160 |
| 98.  | Rodrigo                             | 160 |
| 99.  | Rui Fernandes e Maria Domingues     | 160 |
| 100. | Sebastião Fernandes                 | 161 |
| 101. | Senhorinha Domingues                | 162 |
| 102. | Senhorinha Esteves                  | 162 |
| 103. | Tomé Marques                        | 162 |
| 104. | Vasco Anes Barbancho e Inês Peres   | 163 |
| 105. | Vasco Gil, raçoeiro                 | 164 |
| 106. | Vasco Gil                           | 164 |
| 107. | Vasco Peres                         | 165 |
| 108. | Vasco Rodrigues e Maria Domingues   | 165 |
| 109. | Nome desconhecido / 09 de março:    | 167 |
|      | Anexos 2. Mapas.....                | 168 |
|      | Anexos 3. Apêndice Documental ..... | 172 |



## Introdução

A presente tese tem como finalidade analisar as estratégias de comemoração dos mortos na paróquia de Santiago de Coimbra, entre os séculos XIV e XVI; bem como oferecer um contributo à micro-história de uma das paróquias da dita cidade medieval, por meio da reunião e análise de informações sobre indivíduos aí residentes, recolhidas no *corpus* documental considerado; e, finalmente, visamos o levantamento do património investido para o sufrágio das almas na mesma instituição.

Esta tese foi feita no âmbito do projeto *COMMEMORTis – O que sobrevive depois da morte? Comunidades paroquiais e estratégias de comemoração dos mortos na cidade medieval*, que pretende verificar o grau de desempenho de uma aplicação informática para construção de bases de dados – o *Timelink* – no estudo desta temática. Por esse motivo, os documentos que constituem o *corpus* documental desta dissertação foram notados digitalmente e parcialmente importados para o programa informático. Por economia de tempo e necessidade de cumprir os prazos académicos, este trabalho foi redigido sem o recurso à base de dados que ainda não está terminada, mas no futuro ela será devidamente publicada, constituindo também um importante contributo para o desenvolvimento de futuros trabalhos sobre este espaço urbano.

### 1. Apresentação do *corpus* documental

O estudo que aqui apresentamos assenta na análise de um *corpus* constituído por documentação produzida na igreja colegiada de Santiago de Coimbra entre 1206 e 1415. Estes documentos integram o acervo documental conservado no fundo arquivístico da Colegiada de Santiago de Coimbra, conservado em Lisboa, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Neste conjunto documental, inserem-se o *Livro de Aniversários da Colegiada de Santiago de Coimbra*, entretanto já publicado e vinte e sete documentos avulsos em que se contam onze testamentos e cláusulas testamentárias e dezasseis doações *post-mortem*. Nos subcapítulos que se seguem, procuraremos apresentá-los sumariamente.

## 1.1 O Livro de Aniversários da colegiada de Santiago de Coimbra

Como dissemos, o *Livro de Aniversários* da sobredita colegiada encontra-se no Arquivo Nacional, no fundo arquivístico desta colegiada e está arrumado com a cota Livro 2<sup>1</sup>. Este fora publicado, parcialmente, pela primeira vez por Isaías da Rosa Pereira<sup>2</sup> e dispomos da publicação integral de seu conteúdo graças à Senhora Professora Doutora Maria José Azevedo Santos<sup>3</sup>. Os livros de aniversários são, antes de tudo, calendários nos quais os eclesiásticos anotavam as celebrações litúrgicas em nome das almas dos defuntos:

en efecto, el cumplimiento de los aniversarios dependia, en rigor, de las ofrendas, como dinero, pan, aceite, olivares, casas, fincas, que los fieles entregaban a la iglesia donde querían ser sepultados, cabiéndole a los herederos honrar la voluntad de los defuntos y garantizar, «para todo o sempre», los donativos establecidos, lo que, por varios motivos y con el pasar de los años, no sempre sucedía<sup>4</sup>.

De acordo com Maria José Azevedo Santos, o documento em questão é uma cópia de um outro que não chegou aos dias atuais<sup>5</sup>, formado por 34 fólhos numerados e 1 sem numeração – nomeadamente o fólho suposto ser o 13. Com relação ao período em que fora iniciado, Maria José Azevedo Santos afirma ser por volta do século XIV, o que faz com que o documento apresente uma cronologia desde a centúria de Trezentos até o século XVI<sup>6</sup>. Esta característica do Livro de Aniversários merece ser ressaltada pois demonstra a variedade de mãos que anotaram as celebrações a serem realizadas. Antes de apresentarmos o modo pelo qual se organiza o Livro, damos destaque à apresentação feita pela já citada autora, indispensável para a devida abordagem à fonte; optamos, igualmente, por apresentá-lo de maneira a recorrer, quando necessário for, aos pontos levantados pela Doutora Maria José Azevedo Santos.

Como calendário que é, o fólho primeiro (Imagem 1) apresenta em Latim logo no princípio as iniciais KL (*Kalendas*)<sup>7</sup>, seguidas do nome do mês (no caso, janeiro), a quantidade de dias

---

<sup>1</sup> Ver Arquivo Nacional da Torre do Tombo (doravante indicado como ANTT), Colegiada de Santiago de Coimbra (CSTC), livro 2, código de referência PT/TT/CSTC/L02.

<sup>2</sup> PEREIRA, Isaías da Rosa - *Livros de aniversários de Santa Maria de Alcáçova de Santarém e de Santiago de Coimbra*, Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra, vol. XXXIV, 1978, Coimbra p. 20-31.

<sup>3</sup> SANTOS, Maria José Azevedo - Un libro de aniversarios de la colegiata de Santiago de Coímbra. Contribución al estudios del culto del Apóstol en la Edad Media in *Ad Limina*, vol. 9, nº 9, Santiago de Compostela 2018, pp. 185–224.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 190.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 191.

<sup>6</sup> *Ibidem*, p. 191.

<sup>7</sup> A primeira letra em vermelho, a segunda em azul.

do mês e as luas<sup>8</sup> – esta configuração reaparece no início de cada mês. Logo abaixo, os dias da semana vêm assinalados com as letras dominicais com as cores vermelha e azul alternadas<sup>9</sup>; as mesmas são seguidas, sempre, pela abreviatura *praesens*<sup>10</sup> e, de seguida, um caldeirão é aberto finalizando-o com a abreviatura de item.

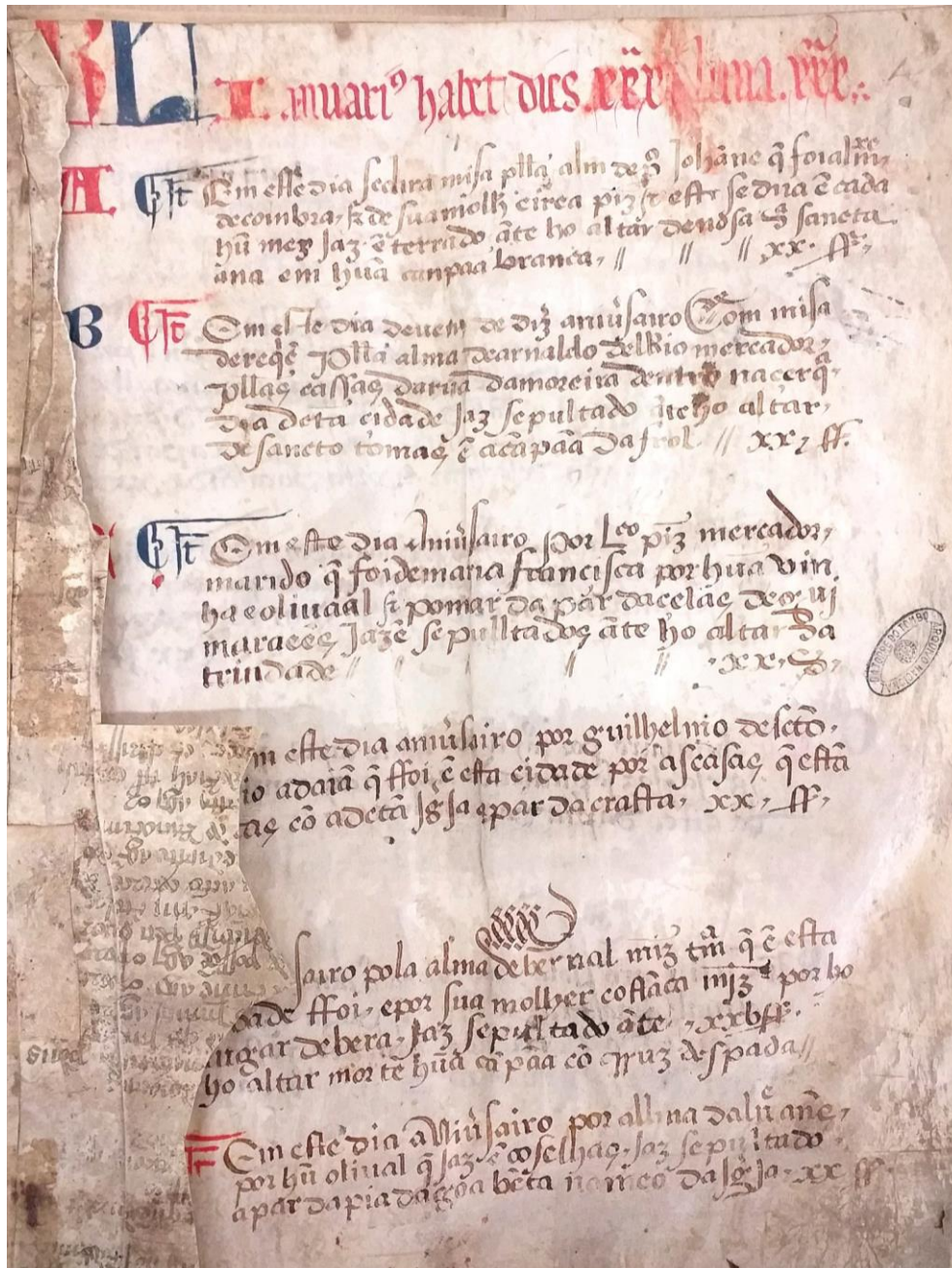


Imagem 1 - Fólio 1 do Livro de Aniversários da Colegiada de Santiago de Coimbra.

<sup>8</sup> Todas estas informações escritas em tinta vermelha.

<sup>9</sup> Do A ao G.

<sup>10</sup> «Cabe decir que esta forma verbal quería significar que el dinero o los géneros que se pagaban por los aniversarios debía distribuirse entre los presentes o participantes en las ceremonias y liturgias respectivas», *Ibidem*, p. 191 nota 21.

As entradas – os dias – estão preenchidos apenas com a inscrição de um aniversário cada<sup>11</sup>; ademais, a grande parte delas estão escritas em português, algumas escritas em latim<sup>12</sup>. O que dificulta a abordagem a esta fonte, em particular, é que as inscrições não vêm acompanhadas da data de óbito das pessoas que lá estão, apenas em seis<sup>13</sup> delas houve o registo cronológico. Um fator comum a todas as entradas é o nome do(a) celebrado(a), não apresentando o(a) fundador(a), responsável pela encomenda da celebração – exceto a entrada relativa ao dia 23 de maio<sup>14</sup> que possui identificado o fundador do aniversário. Alongar-nos-emos, mais tarde, sobre o conteúdo das informações de cada entrada que se mostra variado de dia para dia.

Ao estudar um documento desta natureza, isto é, que existiu para ser preenchido ao longo do tempo, é comum deparar-se com a falta de um padrão nos registos. Isto implica, para o(a) investigador(a) ter de lidar com conjuntos de informações diferentes; para o caso em questão, há grupos de inscrições em que consta o local de sepultura dos(as) celebrados(as); outros que apresentam a quantia disposta para o pagamento das celebrações; ou os bens deixados à colegiada; outros nada disso nos trazem a não ser a categoria socioprofissional da pessoa em questão. Logo, a diversidade e a heterogeneidade dos conteúdos registados neste documento exigem paciência e método para que, como num grande *puzzle*, consigamos identificar as “peças” referentes a um mesmo indivíduo e, em contrapartida, conformidade para aceitarmos que há “peças” avulsas, para as quais o desenho final, referente à vida de alguém, dificilmente saberemos.

## **1.2 Os documentos avulsos: testamentos, cláusulas testamentárias e doações *post-mortem***

O fundo documental de Santiago de Coimbra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo é composto por 21 unidades de instalação: 3 livros e 18 maços compostos por documentação avulsa, sem organização cronológica nem temática e sem numeração. Nestes maços, depois de um levantamento prévio de toda a documentação referente à fundação de aniversários e de

---

<sup>11</sup> Excetuando a entrada F do fólio 2v que está em branco e a entrada B do fólio 29v «*Item aniversairo pola alma*». pp. 198 e 220 respetivamente.

<sup>12</sup> Nomeadamente nos fólhos 3 entrada E, p. 199; 6 entradas C, F e G, pp. 201 e 202.; 6v entradas D, E e F, p. 202.

<sup>13</sup> Ver Anexos 1. Perfis 96; 88; 59; 98; 68; 72.

<sup>14</sup> Ver Anexos 1. Perfil 77.

outras cerimónias de sufrágio de alma, escolhemos e reunimos um total de 41 documentos entre testamentos, cláusulas testamentárias e doações; foram selecionados para análise 27 visto que as dificuldades paleográficas e o domínio do latim nos impossibilitaram de tratar os demais<sup>15</sup>. Como os documentos destes maços não estão numerados, para referenciá-los, usamos os números inscritos no verso dos mesmos que corresponderão a uma numeração antiga de alguma arrumação anterior; alguns apresentam somente um número de identificação enquanto outros contam com dois números.

Assim, como já enunciámos acima, dispomos de 11 testamentos e/ou cláusulas testamentárias e 16 doações *post-mortem*, salvaguardadas no arquivo da colegiada de Santiago de Coimbra, por lhe conferirem património em troca da celebração de aniversários e outras cerimónias. A baliza cronológica dos primeiros vai de 1206 a 1397, enquanto a dos segundos abrange o período de 1331 a 1415. Dentro do conjunto das doações consideradas dez foram feitas na igreja de Santiago<sup>16</sup> enquanto as demais nas próprias casas e pousadas dos(as) doadores(as). Destacamos a doação de 1206<sup>17</sup> que depois de comparada com os demais documentos, considerámos tratar-se de uma cópia posterior à data indicada no manuscrito – 01 do mês 11 de 1206 – traduzida do latim para o português, tratando-se provavelmente de um apócrifo redigido para testemunhar a posse do património a que se refere, por parte desta igreja.

O grupo referente aos testamentos e cláusulas testamentárias, por sua vez, conta com oito<sup>18</sup> cláusulas testamentárias trasladadas em pública forma e três testamentos<sup>19</sup>. Com relação às primeiras possuímos as datas de realização dos testamentos cujas cláusulas são evocadas em três<sup>20</sup>; as demais não registam a data em que foram feitos os documentos citados.

---

<sup>15</sup> A lista de documento encontra-se em *Bibliografia - Fontes manuscritas*. Foram excluídos da análise documentos em latim, datados entre 1226 e 1282.

<sup>16</sup> ANTT, CSTC, m.2 s/n (numeração antiga 166), m. 3 s/n (numeração antiga 649 e 61); (numeração antiga 451 e 632), m. 5 s/n (numeração antiga 205 e 418), m.7 s/n (numeração antiga 212 e 99), m. 9 s/n (numeração antiga 813 e 388); s/n (numeração antiga 567 e 2), m. 11 s/n (numeração antiga 693 e 36), m.14 s/n (numeração antiga 530 e 434), m. 17 s/n (numeração antiga 202 e 630).

<sup>17</sup> ANTT, CSTC, m. 7 s/n (numeração antiga 212 e 99) (1206 novembro 1).

<sup>18</sup> ANTT, CSTC, m. 1 s/n (numeração antiga 290), m. 3 s/n. (numeração antiga 522), m. 6 s/n (numeração antiga 838 e 7); (numeração antiga 27 e 637), m. 8 s/n (numeração antiga 847 e 58), m. 9 s/n. (numeração antiga 684 e 631); (numeração antiga 196 e 49) ,m. 12 s/n (numeração antiga 398 e 647), m. 15 s/n (numeração antiga 852 e 374).

<sup>19</sup> ANTT, CSTC, m. 11 s/n (numeração antiga 803), m. 13 s/n (numeração antiga 491 e 409), m. 15 s/n (numeração antiga 852 e 374).

<sup>20</sup> ANTT, CSTC m. 9, s/n (numeração antiga 196 e 49): documento de 1383 com cláusulas de testamento de 1367; m. 1 s/n (numeração antiga 290): documento de 1397 com cláusulas de testamento de 1394; m. 3 s/n. (numeração antiga 522): documento de 1457 com cláusulas de testamento de 1397.

Intrigados acerca do motivo pelo qual tais cláusulas foram trasladadas nos respetivos documentos, encontrámos uma justificação na primeira constituição de um Sínodo de Coimbra do século XIV<sup>21</sup> que chegou até os dias de hoje<sup>22</sup>:

1. Item stabelescemos que todos os priores que tiverem as curas das eigrejas gardem os tralados dos testamentos que estiverem e forem ordinados nas freegesias e endugam os testamenteiros e ereos que os conpram como em esses testamentos forem conteúdos e trabalhem de seer certos das terças dos passados em gisa que quando visitarmos em essas igrejas possamos veer e seer certos dos testamentos em como som conpridos.<sup>23</sup>

Não obstante, nas constituições sinodais de Braga, mais especificamente no Sínodo de D. Diogo de Sousa ocorrido aos 15 dias de dezembro do ano de 1505, a trigésima nona constituição é intitulada «*Acerqua de se fazerem enventairos de todas as herdades das igrejas*» e da qual transcrevemos abaixo um excerto:

39. Item, porquanto somos enformado que em nosso arcebispado há muitos moesteiros, igrejas e benefícios eclesiásticos que teem muitas herdades, casaaes e possissões, e por nom estarem em tombo bem declarados se enalheam e tiram aos dictos benefícios. E isso mesmo por nom estarem em tombo bem declarado per marcos e divisões os limites das freiguisias se seguem grandes demandas cada dia, assi sobre os dízimos como sobre as terras e herdades e casaaes dos dictos benefícios. Pollo qual queren nós a tudo proveer como seja serviço de Deus e proveitos dos benefícios e dos rectores delles, mandamos aos dignidades, conegos e cabiido desta nossa igreja e bem assi a todollos dom abbades, priores, abbades e rectores de todo nosso arcebispado que casaaes e herdaes tiverem que tudo ponham em emventairo feito per mão de notairo ou tabeliam chamandos pera isso os possuidores das herdades com que confrontam e pera os limites os abbades e rectores das igrejas vezinhas ou seus procuradores, e bem assi os limites de suas freiguisias tudo bem declarado per marcos e divisões.<sup>24</sup>

---

<sup>21</sup> GARCÍA Y GARCÍA, Antonio; CANTELAR RODRÍGUEZ, Francisco (EDS.) - *Synodicon Hispanum. 2: Portugal* / por Francisco Cantelar Rodriguez. Madrid : Biblioteca de Autores Cristianos, 1982, p. 197.

<sup>22</sup> O Sínodo de Coimbra possui data incerta, *Ibidem* pp. 197;198: «Pelo exame da letra, parece-nos ser dos fins do século XIV. Contudo, poderá ser cópia de sínodo muito anterior. As sete constituições sinodais que restam não nos permitem dar mais informações sobre este sínodo, pois o seu teor é semelhante ao de tantas outras.»

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 198.

<sup>24</sup> GARCÍA Y GARCÍA, Antonio; CANTELAR RODRÍGUEZ, Francisco (EDS.), 1982, *op. cit.* p. 171.

Mesmo que neste trabalho não nos debruçemos acerca dos documentos específicos de registo patrimonial da igreja de Santiago, enxergamos que a busca dos eclesiásticos por documentos que atestam a posse de determinados bens é reflexo desta preocupação, comum à cristandade portuguesa, em deter manuscritos diversos que confirmem a posse de uma instituição sobre o que se doou. Desse modo, para além de constar na documentação referida que é do interesse da colegiada a obtenção dos traslados, consideramos como uma alternativa consistente o facto de terem sido trasladadas as sobreditas cláusulas para fins de administração e manutenção do património da Colegiada de Santiago de Coimbra.

## **2. Metodologia de notação para a análise informática da informação histórica**

Os documentos que acima sucintamente apresentámos foram alvo de uma análise minuciosa e cuidada, com vista a recolher o máximo de informação que estes nos podiam fornecer. No que diz respeito à análise do Livro de Aniversários da Colegiada de Santiago, o seu exame foi feito a partir da sua edição mais recente, recorrendo sempre que necessário ao confronto com o documento original, supervisionado pela Doutora Maria Amélia Campos. Também com o apoio da nossa orientadora, realizámos a leitura paleográfica dos documentos avulsos, redigidos em português e fizemos a sua grelha de leitura, com a seguir se explica.

Para dar cumprimento a um dos objetivos do projeto exploratório que financiou esta dissertação, uma parte do nosso plano de bolsa de investigação previu a notação digital e a construção de uma base de dados para a análise da informação histórica. Nas linhas que se seguem, procuraremos explicar esse processo de forma articulada e integrada com o objeto de estudo desta dissertação.

### **2.1 Notação digital dos documentos**

Como acima dissemos, à medida que coligámos os dados provenientes do *corpus* documental deste estudo encetámos o processo de construção de uma base de dados digital

através do sistema Time Link<sup>25</sup>, desenvolvido pelo Prof. Doutor Joaquim Ramos de Carvalho, da Universidade de Coimbra<sup>26</sup>. Este sistema permite a recolha, sistematização e organização de dados, provenientes das fontes históricas e tem a particularidade de privilegiar a possibilidade de retornar ao documento em qualquer momento da análise, em outras palavras, pode-se sempre consultar a transcrição documental feita diretamente da fonte. Originalmente, o sistema fora designado como MHK (Micro-History with Kleio), sendo a última letra da sigla a linguagem de notação de transcrição de documentos criada por Manfred Thaller (*Max-Planck Intitute für Geschichte* em Göttingen, Alemanha)<sup>27</sup>. Um sistema integrado (notação, importação da informação notada e integração em base de dados com diversas possibilidades de consulta e extração de informação) desenvolvido, portanto, para a investigação no campo da micro-história, isto é, a área de investigação que «nos oferece a oportunidade de reconstruir não só as massas indistintas como também personalidades individuais»<sup>28</sup> é impulsionada por esse sistema de notação informática.

Tecnologias como esta não substituem a escolha, a deliberação do(a) investigador(a) seja no início do processo de programação, seja na fase de criar conexões/ligações entre os sujeitos notados, já na base de dados. A todo momento é necessário escolher: um padrão de matrícula para pessoas; a nomenclatura das inscrições; a classificação dos valores dos atributos; o que será ou não interpretado como entidade/instituição. O *Time Link* é um catalisador, que facilita e auxilia a produção científica no âmbito das Ciências Sociais e Humanas; os resultados são construídos junto dele e não meramente apresentados por ele.

Estruturalmente, a linguagem de notação Kleio que permitirá a inserção da informação das fontes na base de dados sustenta-se por um tripé: I) pessoas/entidades; II) relações; III) atributos. Esta linguagem trabalha com os conceitos de grupo e elemento, sendo o primeiro a unidade de recolha de informação (a pessoa) e o segundo os valores que caracterizam o grupo. A notação digital de um documento, então, se dá através de uma pessoa/entidade ou instituição que possui determinados atributos (nome, profissão, alcunha, etc.) e se relaciona (laços de parentesco, sociabilidade, etc.) com outras, que por sua vez também possuem (ou não) atributos

---

<sup>25</sup> Recomenda-se a leitura da dissertação de mestrado em Património Europeu, Multimédia e Sociedade de Informação, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra de: CARVALHO, João Manuel Silva Antunes Neves de - *Time link: a evolução de uma base de dados prosopográfica*. Coimbra, 2010; <http://hdl.handle.net/10316/15366>.

<sup>26</sup> CARVALHO, Joaquim Ramos de - *Comportamentos morais e estruturas sociais numa paróquia de Antigo Regime: Soure, 1680-1720: reconstituições, interpretações e metodologias*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1997.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>28</sup> GINZBURG, Carlo – *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011, p. 20.



a serem notados<sup>29</sup>. Assim, para que a importação de dados seja possível, deve-se seguir uma estrutura de notação informática que, neste caso, foi operacionalizada através do programa *Virtual Studio Code* (VSC). O exemplo apresentado a seguir foi retirado da notação referente à inscrição do dia primeiro de janeiro do Livro de Aniversários de Santiago de Coimbra<sup>30</sup>:

«Item em esse dia se dirá misa pella alma de Pero Johanne que foi almoxarife de Coimbra e de sua molher Cirea Periz e esta se dirá em cada hum mes. Jaz enterrado ante ho altar de Nosa Senhora Sancta Ana em hũa canpã branca – XX soldos»<sup>31</sup>.

A programação deve ser iniciada com a declaração geral *Kleio* [kleio\$gacto.2str]; para indicar o grupo geral das fontes recolhidas e as informações básicas sobre o mesmo se insere, na linha seguinte, «fonte\$» e o nome do corpus documental; neste caso, «obituario\_LACS». O símbolo de cifrão é sempre indicativo de que o que vai ser notado é um grupo. A separação dos elementos de um conjunto, como as informações referentes à cronologia dos documentos, sua tipologia, a localização em arquivo, é feita pela barra. Se necessário for, é sempre possível adicionar observações em cada uma das linhas da programação:

**fonte\$**obituario\_LACSC/**data**=1400-1500/**tipo**=aniversarios/loc=ANTT, CSC, cx. 6,L2, fls.1-34/**obs**=SANTOS, Maria José Azevedo Un libro de aniversarios de la colegiata de Santiago de Coimbra de Coimbra. Contribucion al estudio del culto del Apostol en la Edad Media, in Ad Limina, vol. 9, n 9, 2018, Santiago de Compostela, páginas 185-224

Feito isto é possível prosseguir com a notação. Para o livro de Aniversários, cada entrada, isto é, cada dia, foi considerada uma inscrição à parte e notada separadamente. Para a identificação de cada uma optamos por seguir o padrão da fonte para os dias da semana<sup>32</sup> seguido do número do mês: «inscricao\$aniverA1»; para o dia 31 do mesmo mês «inscricao\$aniverB31». O ano de cada inscrição se mostrou um problema para nosso trabalho visto que apesar de sabermos dia e mês, aquele nos falta e o sistema não aceita elementos incompletos<sup>33</sup>. Juntamente com o professor Joaquim Ramos de Carvalho, decidiu-se por preencher o espaço referente ao ano com quatro algarismos 9. Os demais elementos (tipologia

---

<sup>29</sup> CARVALHO, João Manuel Silva Antunes Neves de, *Times link: a evolução de uma base de dados prosopográfica*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2010, p. 18.

<sup>30</sup> A ortografia deve ser atualizada para a notação informática.

<sup>31</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, *op. cit.* p. 196.

<sup>32</sup> Ordem alfabética de A até G.

<sup>33</sup> Esta problemática se deu apenas na notação do Livro de Aniversários. Nos demais documentos, como possuem datação completa, pudemos programar normalmente.

e localização) seguem a mesma lógica descrita anteriormente, a diferença é que, nesta linha, foi adicionado o elemento «sumário» e assim temos a abertura da inscrição do dia primeiro de janeiro do Livro de Aniversários de Santiago de Coimbra:

**inscricao**\$aniverA1/01/01/9999/tipo=aniversario/**loc**=ANTT, CSC, cx. 6, L2, fl.1 (p.196)/**sumario**=inscrição de aniversario de Pedro Anes e de sua mulher Iria Peres, sepultados no altar de Santa Ana, mensal.

A partir das pessoas/entidades e instituições presentes, notamos as informações do documento. Para este trabalho de notação de um Livro de Aniversários – documento que nunca havia sido notado para linguagem *SQL* e para importação no *Time Link* – foi criado o grupo «celebrado(a)» para denominarmos as pessoas registadas no Livro de Aniversários com as respetivas cerimónias de sufrágio. Coloca-se o cifrão a frente do nome do grupo, seguido pelo nome da pessoa e, aqui, é necessária a criação de uma matrícula para este nome.

É através da matrícula que podemos realizar as relações entre pessoas/entidades e instituições, logo, recomenda-se a elaboração de um padrão para as matrículas que não podem se repetir em hipótese alguma. Após o nome do(a) celebrado(a) é necessário colocar uma barra, a abreviatura «id», o sinal de igual e a matrícula, que pode ser apenas numeral ou combinação de letras e números. O padrão elaborado para esta fonte foi a letra maiúscula do dia da semana (como escrito no documento), um traço, o número do dia seguido do respetivo mês também em numeral: «celebrado\$Pedro Anes/id=A1-0101». O sistema possui a criação automática de matrículas e o mecanismo é acionado quando alguma pessoa/entidade ou instituição exerce algum tipo de relação com outra à qual já foi designada matrícula. Em outras palavras, para que o sistema gere uma matrícula automaticamente, é necessário que pelo menos uma pessoa dentro da relação existente possua uma matrícula criada pelo(a) utilizador(a).

Na inscrição separada para auxiliar neste desenvolvimento de notação, há um casal de celebrados. A um deles já foi designada uma matrícula, e para a segunda pessoa, basta criarmos uma relação, que no caso é de parentesco: Iria Peres<sup>34</sup> é casada com Pedro Anes. Automaticamente o sistema designa uma matrícula própria para a esposa. Para criar uma relação (seja ela de parentesco, sociabilidade, profissional, etc.), coloca-se «rel\$» seguido da tipologia da relação, insere-se uma barra para atribuir um valor ao elemento de parentesco (no caso, Iria Peres é a mulher), outra barra para identificarmos com quem a relação existe (Pedro Anes) e, após outra barra, inserimos a matrícula da pessoa com quem Iria Peres se relaciona:

---

<sup>34</sup> Grafia atualizada.

**celebrada**\$Iria Peres

**rel**\$parentesco/mulher/Pedro Anes/A1-0101

As informações que dizem respeito à vida das pessoas são colocadas no grupo Life Story, «ls\$». Nele, talvez, pode-se comprovar mais claramente como as tecnologias constroem a produção científica com os(as) investigadores(as). Pedro Anes foi almoxarife de Coimbra, na notação digital «almoxarife» é o produto de um elemento, e este elemento tem que ser definido por quem realiza a notação: almoxarife é cargo ou profissão? Dúvidas como essa surgiram durante todo o processo de notação e, para os documentos desta tese, consideramos almoxarife como cargo. A notação das informações deve obedecer às especificidades do *corpus* documental, por isso, para as fontes trabalhadas, foi criado, dentro do grupo de Life Story (ls), ou seja, de atributos, um subgrupo com os elementos de local de sepultura «ls\$loc\_sepultura» e «ls\$detalhes\_sepultura» com seus respectivos valores (informações do documento):

**ls\$loc\_sepultura**/altar de Santa Ana/obs=igreja de Santiago de Coimbra

**ls\$detalhes\_sepultura**/campa branca

A partir daqui surgiu-nos uma complexidade referente à Colegiada em si e aos aniversários: este último seria notado como atributo da primeira? Consideramos cada aniversário como uma entidade porque apresenta valores de atributos distintos dos da Colegiada. Na inscrição tomada de exemplo, pagam-se 20 soldos para a fundação do aniversário para além de, em alguns casos, ser especificado o tipo de missa a ser celebrada. À Colegiada fora deixado um outro bem, que nas inscrições do Livro de Aniversários, é, na maioria das vezes, indeterminado<sup>35</sup>, este, mesmo destinado à Colegiada sustenta igualmente a instituição dos aniversários já que as entradas que discriminam os bens de raiz, os apontam como parte da sustentação das cerimónias juntamente com o valor pago anotado em separado. Deste modo, foram criados dois grupos distintos entre si: a Colegiada e o aniversário; isto implica matrícula diferente para cada um já que ambos exercem relação de posse para com o bem que assegura a fundação dos aniversários.

Optamos por dar o nome de «donatário» a estes dois grupos, que devem ser seguidos de cifrão e do nome de cada um. A matrícula referente à colegiada segue o mesmo padrão das feitas às pessoas, a diferença é que aqui colocamos as iniciais «CSTC-» seguidas do dia e mês em numerais, dessa maneira evitou-se a repetição de ids porque, para a fonte em questão, existe

---

<sup>35</sup> Admitimos a existência de um bem, mesmo que nem sempre apareça no documento.

apenas uma celebração por dia. Os aniversários também seguiram o mesmo molde sendo introduzidas as iniciais «AN-» seguidas, igualmente, do dia e mês em numerais. Temos então:

`donatario$Colegiada de Santiago de Coimbra/id=CSTC-0101`

`donatario$Aniversario de Pedro Anes/id=AN-0101`

É como atributo do grupo do aniversário que se insere as informações referentes à celebração do ofício e o valor destinado ao mesmo. Programa-se «atr\$» seguido do nome do respetivo atributo e, separado por uma barra, o valor deste:

`donatario$aniversario de Pedro Anes/id=AN-0101`

`atr$pagamento_aniversario/20 soldos`

`atr$cerimonia_aniversario/missa de requiem mensal`

O último conjunto de informações a ser notado é o referente aos bens. Cada bem deve ser notado em um grupo diferente pois a valoração de seus atributos é própria de cada um. É neste grupo que se realiza as relações tanto com a colegiada quanto com o aniversário. Diferentemente da relação estabelecida entre Pedro Anes e Iria Peres – de parentesco – aqui a natureza é de posse já que o bem pertence à colegiada e ao aniversário. Como dito anteriormente, é através das matrículas geradas que são estabelecidas as relações, assim então:

`bem$indeterminado`

`rel$posse/pertence/aniversario de Pedro Anes e Iria Peres/AN-0101`

`rel$posse/pertence/Colegiada de Santiago de Coimbra/CSTC-0101`

O sistema cria matrículas automáticas para o grupo que estabelece relação com outros que já tenham um número de identificação, logo, cada bem também possui próprio *id* gerado, por sua vez, pelo sistema. Segue abaixo a transcrição completa da entrada tomada de exemplo:

`inscricao$aniverA1/01/01/9999/aniversario/loc=ANTT, CSTC, cx. 6, L2, fl.1 (p.196)/sumario=aniversario com missa mensal por alma de Pedro Anes, almoxarife, e sua mulher Iria Peres, sepultados no altar de Santa Ana.`

`celebrado$Pedro Anes/id=A1-0101`

`ls$cargo/almoxarife de Coimbra`

`ls$loc_sepultura/altar de Santa Ana/obs=igreja de Santiago de Coimbra`

`ls$detalhes_sepultura/campa branca`

**celebrada**\$Iria Peres/id=aniverA1-per1  
**rel\$parentesco**/mulher/Pedro Anes/A1-0101

**donatario**\$Colegiada de Santiago de Coimbra/id=CSTC-0101

**donatario**\$aniversario de Pedro Anes/id=AN-0101  
**atr\$pagamento**\_aniversario/20 soldos  
**atr\$cerimonia**\_aniversario/missa de requiem mensal

**bem**\$indeterminado/id=aniverA1-obj1  
**rel\$posse/pertence**/aniversario de Pedro Anes e Iria Peres/AN-0101  
**rel\$posse/pertence**/Colegiada de Santiago de Coimbra/CSTC-0101

Quanto mais complexa for a quantidade de informação a ser notada (e tendo sempre em conta as necessidades e o objetivo do historiador) mais grupos, atributos e relações podem surgir durante a construção da base de dados. As entradas do Livro de Aniversário são sucintas e, quando muito, trazem informações básicas sobre as pessoas.

Explicamos acima o formulário de notação criado especialmente para o Livro de Aniversários; por sua vez os testamentos, cláusulas testamentárias e doações foram notados de acordo com formulários já existentes e, por isso, não o desenvolveremos neste trabalho<sup>36</sup>.

## 2.2 Base de Dados

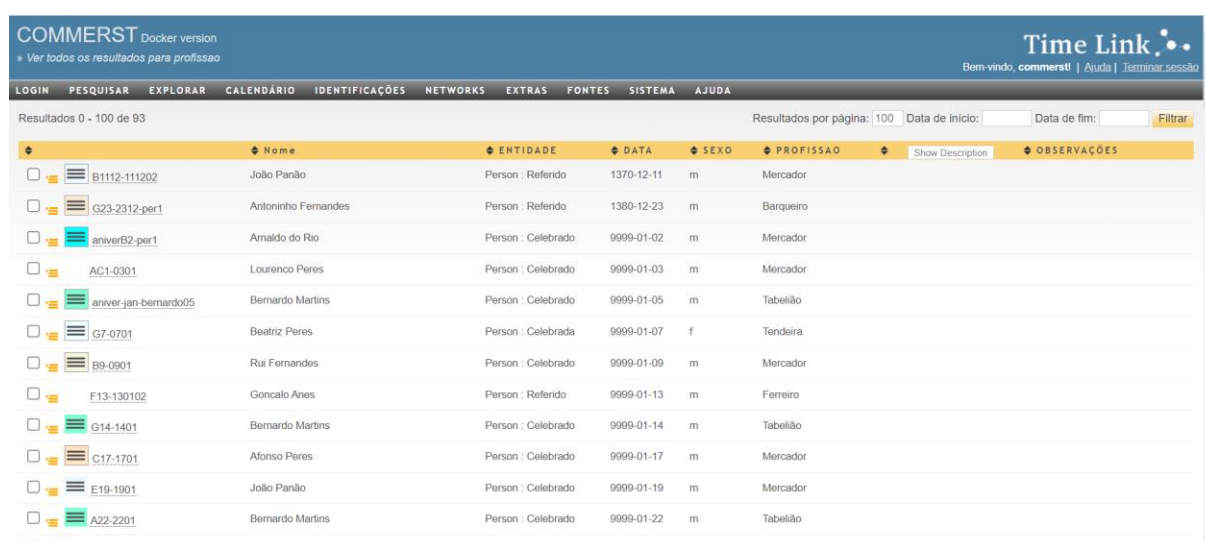
Após a importação dos ficheiros com a notação dos documentos para o sistema, a base de dados apresenta-se da seguinte maneira: todas as ocorrências dos atributos, funções (celebrado, celebrada, donatário, referida, referido e bem) e relações são contabilizados e agrupados por nome de maneira que os(as) investigador(as) pode, ao seleccionar o grupo desejado, visualizar todas as vezes que determinada palavra aparece no documento.

No Livro de Aniversários, por exemplo, registamos um total de 93 ocorrências de profissões (Imagem 2). Ao abrirmos a página desejada, o sistema nos dá uma tabela com o

---

<sup>36</sup> A metodologia seguida foi a utilizada por CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de - *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012. Dissertação de Doutoramento em História da Idade Média, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: <https://hdl.handle.net/10216/92685>, trabalho publicado em CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de – *Cidade e Religião. A colegiada de Santa Justa na Idade Média*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

número de matrícula da ocorrência, o nome ao qual a profissão está associada, a função do sujeito na ocorrência, a data da mesma e por fim a profissão em si. Por exemplo: na inscrição do dia 30 de julho, Afonso Gonçalves, celebrado, aparece como mercador. Entretanto, temos mais quatro ocorrências de mercadores e que possuem o nome de Afonso Gonçalves. Para esta questão, o sistema permite selecionar as ocorrências desejadas e, ao abrir uma nova página com os dados específicos de cada uma delas, é possível deliberar quantas delas trata da mesma pessoa. O raciocínio é o mesmo para os demais atributos, funções e relações. A grande valia deste programa é justamente poder elaborar fichas biográficas que são a reunião das aparições do nome da pessoa, bem como as informações que estão associadas a ele.



|                          | Nome                  | ENTIDADE            | DATA               | SEXO       | PROFISSAO | Show Description | OBSERVAÇÕES |
|--------------------------|-----------------------|---------------------|--------------------|------------|-----------|------------------|-------------|
| <input type="checkbox"/> | B1112-111202          | João Panão          | Person : Referido  | 1370-12-11 | m         | Mercador         |             |
| <input type="checkbox"/> | G23-2312-per1         | Antoninho Fernandes | Person : Referido  | 1380-12-23 | m         | Barqueiro        |             |
| <input type="checkbox"/> | aniverB2-per1         | Arnaldo do Rio      | Person : Celebrado | 9999-01-02 | m         | Mercador         |             |
| <input type="checkbox"/> | AC1-0301              | Lourenco Peres      | Person : Celebrado | 9999-01-03 | m         | Mercador         |             |
| <input type="checkbox"/> | aniver-jan-bernardo05 | Bernardo Martins    | Person : Celebrado | 9999-01-05 | m         | Tabellão         |             |
| <input type="checkbox"/> | G7-0701               | Beatriz Peres       | Person : Celebrada | 9999-01-07 | f         | Tendeira         |             |
| <input type="checkbox"/> | B9-0901               | Rui Fernandes       | Person : Celebrado | 9999-01-09 | m         | Mercador         |             |
| <input type="checkbox"/> | F13-130102            | Goncalo Anes        | Person : Referido  | 9999-01-13 | m         | Ferreiro         |             |
| <input type="checkbox"/> | G14-1401              | Bernardo Martins    | Person : Celebrado | 9999-01-14 | m         | Tabellão         |             |
| <input type="checkbox"/> | C17-1701              | Afonso Peres        | Person : Celebrado | 9999-01-17 | m         | Mercador         |             |
| <input type="checkbox"/> | E19-1901              | João Panão          | Person : Celebrado | 9999-01-19 | m         | Mercador         |             |
| <input type="checkbox"/> | A22-2201              | Bernardo Martins    | Person : Celebrado | 9999-01-22 | m         | Tabellão         |             |

**Imagem 2 – Secção da base de dados relativa às profissões rastreadas.**

Desse modo trazemos uma ficha biográfica a título de exemplo (Imagem 3). Guiomar Afonso regista três ocorrências no Livro de Aniversários: 18 de janeiro, 03 de fevereiro e 09 de dezembro. Na primeira, regista-se que a mesma fora sepultada no claustro, no lado direito da porta pequena, contra a estalagem e que tinha como marido Martim Afonso; em fevereiro repete-se as mesmas informações. Todavia, em dezembro, apenas regista-se que Guiomar Afonso fora casada com Martim Afonso e, após deliberarmos que a Guiomar Afonso de dezembro é a mesma que as outras dos meses anteriores, unimo-las num perfil que converge informações do documento sem subtrair as proveniências das informações presentes. Cada grupo distinguido acima, na secção anterior, representa nesta parte a contabilização das diferentes informações ligadas a eles na fase de programação. Resta, agora, o trabalho de análise do(a) investigador(a) para deliberar sobre quantos nomes são de uma só pessoa; em outras palavras, a quantificação de ocorrências no documento é seguida da qualificação destas

informações por parte de quem investiga para que assim seja possível a construção da teia social do universo considerado. Apresentamos os perfis elaborados em anexo<sup>37</sup> e estes serão referenciados aquando da necessidade de evocar as fontes. Isto posto, é preciso agora revisar alguns pontos da literatura produzida sobre o tema em questão.

| ANO                                   | FUNÇÃO                  | ATRIBUTOS                                                                           | RELAÇÕES                       | NOME                                              |
|---------------------------------------|-------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------|---------------------------------------------------|
| 1 <input type="checkbox"/> 9999-01-18 | Aniversário : celebrada | loc_sepultura : Claustro<br>(Em direito da porta pequena contra a estalagem)        | tem como marido: Martim Afonso | Guiomar Afonso <a href="#">=definir como nome</a> |
| 2 <input type="checkbox"/> 9999-02-03 | Aniversário : celebrada | loc_sepultura : À Direita da Porta Pequena da Estalagem<br>loc_sepultura : Claustro | tem como marido: Martim Afonso | Guiomar Afonso <a href="#">=definir como nome</a> |
| 3 <input type="checkbox"/> 9999-12-09 | Aniversário : celebrada |                                                                                     | tem como marido: Martim Afonso | Guiomar Afonso <a href="#">=definir como nome</a> |

Imagem 3 – Ficha biográfica de Guiomar Afonso na base de dados.

### 3. Enquadramento historiográfico

Um grande marco na historiografia que adentra as temáticas da morte foi o trabalho de Philippe Ariès *O homem diante da morte*<sup>38</sup>, publicado pela primeira vez no ano de 1977<sup>39</sup>. O autor se debruça essencialmente sobre a história da morte no Ocidente e, para tal, utiliza-se de documentos escritos (testamentos<sup>40</sup>; orações<sup>41</sup>) agregados a análises de locais de sepulturas (cemitérios, igrejas – destas: adros, carneiros –, valas comuns<sup>42</sup>, túmulos<sup>43</sup>); de missas<sup>44</sup>; das capelas<sup>45</sup>; das cerimónias e gestos fúnebres<sup>46</sup>; do vestuário<sup>47</sup>; da liturgia<sup>48</sup>. Para além de

<sup>37</sup> Ver Anexo 1.

<sup>38</sup> ARIÈS, Philippe - *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

<sup>39</sup> ARIÈS, Philippe - *L'homme devant la mort*. Univers historique. Paris: Éditions du Seuil, 1977.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 250.

<sup>41</sup> *Ibidem*, pp. 193 e 199.

<sup>42</sup> *Ibidem*, pp. 39-119.

<sup>43</sup> *Ibidem*, pp. 270-283.

<sup>44</sup> *Ibidem*, pp. 228 e 235.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 237; 381-382.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 190-192; 218.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 216.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 204-205.

representar uma obra fundamental para qualquer investigador(a) que pretenda trabalhar a morte, é uma grande oportunidade de testar o caráter poliédrico da investigação histórica nos domínios do tema. Dividindo o livro em cinco partes, o autor percorre os diversos momentos em que a sociedade ocidental se portou de maneiras distintas frente à única certeza da vida – o seu fim.

A Escola dos *Annales* igualmente dobrou-se ao tema, sobretudo com a grande obra do historiador francês Jacques Le Goff, *O nascimento do purgatório* (1981)<sup>49</sup>. Na obra, a «modificação substancial das perspectivas do espaço-tempo do imaginário cristão»<sup>50</sup> que suscitou a criação do terceiro lugar do Além é estudada pelo autor de maneira até então inédita. O mesmo tece uma linha de raciocínio que busca inserir a criação do Purgatório cristão na longa duração das geografias do Além criadas por diversas religiões espalhadas pelo mundo<sup>51</sup>, sendo aquele definitivamente estruturado e popularizado durante o período medieval.

Por outro lado, em contexto português, Hermínia Vilar, em 1995, publicou sua dissertação de mestrado defendida na Universidade Nova de Lisboa cinco anos antes, com o título *A vivência da Morte no Portugal Medieval. A Estremadura Portuguesa (1300 a 1500)*<sup>52</sup>. Esta obra representava o ponto de partida para os estudos da temática no território português. A historiadora aborda o campo temático da morte a partir de uma ótica particular: o testamento. Segundo a mesma, documentos desta natureza serviam como instrumento para os cristãos medievais alcançarem «a salvação individual ou, pelo menos, o perdão das faltas cometidas durante a vida»<sup>53</sup>.

A partir de Quatrocentos a intervenção da Igreja nos testamentos gerou alguns atritos com o poder régio sendo que então a incumbência de zelar «pelo cumprimento do disposto» foi compartilhada por ambos os poderes<sup>54</sup>. Diferentemente da época do Direito Romano, durante a qual nos testamentos «o pendor laico era marcante», nos tempos fino-medievos encontramos «documentos de forte conteúdo escatológico e religioso»<sup>55</sup>. Longe de esgotar o tema proposto, a autora ainda volta ao mesmo em 1996, quando publicou um artigo em *O reino dos mortos na Idade Média peninsular*<sup>56</sup>, uma obra editada por José Mattoso.

---

<sup>49</sup> LE GOFF, Jacques - *La naissance du Purgatoire*. Paris: Gallimard, 1981.

<sup>50</sup> LE GOFF, Jacques - *O nascimento do purgatório*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 15.

<sup>51</sup> *Ibidem*, pp. 35-67; 122-128.

<sup>52</sup> VILAR, Hermínia Vasconcelos - *A vivência da Morte no Portugal Medieval. A Estremadura Portuguesa (1300 a 1500)*: Redondo: Patrimonia Histórica, 1995.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 94.

<sup>56</sup> MATTOSO, José (ed.) - *O reino dos mortos na Idade Média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996a.



Tal livro é composto por vários trabalhos, de diferentes autorias, sobre a temática tanto em território português quanto espanhol dentre os quais destacamos: «*Os rituais da morte na liturgia Hispânica (Séculos VI a XI)*»<sup>57</sup> do próprio editor. Nele, José Mattoso afirma que «se a morte é a mais inelutável realidade que todos os homens têm de defrontar, também o que a ela diz respeito será, em última instância, o que mais profundamente o determina»<sup>58</sup>. Em «*O culto dos mortos no fim do século XI*»<sup>59</sup> o mesmo autor afirma que «as diversas formulações doutrinárias têm de ser explicadas em função dos sistemas mentais dominantes em cada época e não em função da sua evolução posterior»<sup>60</sup> como ponto de partida para o estudo da temática proposta. Maria do Rosário Bastos estuda o campo da morte a partir das prescrições sinodais dos séculos XIII ao XVI<sup>61</sup>, abordando-a a partir dos documentos publicados no *Synodicon Hispanum* em seus volumes I, II, IV e V<sup>62</sup>.

Ainda neste livro colectivo, há outros dois artigos que destacamos em conjunto pois partem dos testamentos como objeto de estudo: o primeiro, de Isabel Castro Pina<sup>63</sup>, ressalta que «a vivência da morte expressa nos rituais fúnebres poderá ser um desses testemunhos involuntários, onde os traços da mentalidade se traduzem mais nos atos que nas palavras»<sup>64</sup>; e o ato de testar «mais do que lembrar a memória dos antepassados [...] era, sobretudo, assegurar a própria salvação»<sup>65</sup> e, nestes documentos, «era em função da alma, principal protagonista do testamento, que tudo se organizava»<sup>66</sup>. Já o de Hermínia Vilar<sup>67</sup>, diferentemente da obra de mesma autoria citada acima, devido à menor quantidade de documentos analisados e a diferença dos espaços considerados, estabelece «tendências comportamentais, cuja validade se torna difícil de confirmar apenas com estes dados», o que não impede a confirmação de uma

---

<sup>57</sup> MATTOSO, José – Os rituais da morte na liturgia Hispânica (Séculos VI a XI) in *O reino dos mortos na idade média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996b, pp. 55-72.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>59</sup> MATTOSO, José – O culto dos mortos no fim do século XI in *O reino dos mortos na idade média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996c, pp. 75-85.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 76.

<sup>61</sup> BASTOS, Maria do Rosário – Prescrições sinodais sobre o culto dos mortos nos séculos XIII a XVI in MATTOSO, José (ed.) – *O reino dos mortos na idade média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996,

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 109.

<sup>63</sup> PINA, Isabel Castro – Ritos e imaginário da morte em testamentos dos séculos XIV e XV in MATTOSO, José (ed.) – *O reino dos mortos na idade média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p. 125.

<sup>65</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>66</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>67</sup> VILAR, Hermínia Vasconcelos – Rituais da morte em testamentos dos séculos XIV e XV (Coimbra e Santarém) in MATTOSO, José (ed.) – *O reino dos mortos na idade média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996.

«vivência diferenciada da morte de acordo com o grupo social considerado e de linhas de difusão práticas e de modelos dessa mesma vivência»<sup>68</sup>.

Por sua vez, o artigo de Adelaide Pereira Millán da Costa<sup>69</sup>, o último que destacamos nesta obra, trata os espaços destinados aos mortos e por eles escolhidos como última morada. O enfoque da autora vai ao encontro dos ensinamentos do historiador García de Cortázar quando este diz que «o espaço como produto da sociedade é mutável, possuindo três histórias – física, mental e social – que mantêm entre si uma relação dialética»<sup>70</sup>. A múltipla funcionalidade do espaço, no caso o urbano, é «plenamente cumprida quando se condisseram os espaços da morte»<sup>71</sup>; esta que «aparece como espetáculo urbano, com uma grandiosidade acrescida aquando de saimentos por pessoas ilustres – celebrações que envolvem toda a comunidade e endividam os concelhos»<sup>72</sup>.

Talvez a única constante nos domínios da morte que esteve presente desde tempos imemoriais até aos dias de hoje seja o medo – de morrer ou do que possa a vir depois da morte. Nesse sentido e apesar de abordar uma cronologia deveras extensa para nosso estudo, a *História do medo no Ocidente*<sup>73</sup> de Jean Delumeau pode contribuir para a elucidação de como as sociedades se portaram frente ao temor suscitado pelas diferentes componentes e dimensões da existência e da realidade em que elas se inseriam. A obra, lançada em 1978<sup>74</sup>, defende que também as coletividades e civilizações estão continuamente vinculadas ao medo<sup>75</sup> e como «a necessidade de segurança é, portanto, fundamental; está na base da afetividade e da moral humanas»<sup>76</sup>. O autor sublinha como não é difícil para o ofício do(a) historiador(a) «identificar a presença do medo nos comportamentos de grupos»<sup>77</sup>. Contudo, alerta para os riscos que se corre ao tentar «aplicar pura e simplesmente a um grupo humano inteiro análises válidas para um indivíduo tomado em particular»<sup>78</sup>. Delumeau formula ainda o seguinte imperativo: «o

---

<sup>68</sup> *Ibidem*, pp. 173/174.

<sup>69</sup> COSTA, Adelaide Pereira Millán da - O espaço dos vivos e o espaço dos mortos nas cidades da baixa Idade Média in MATTOSO, José (ed.) *O reino dos mortos na Idade Média Peninsular*, 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996, p. 177.

<sup>70</sup> *Ibidem* pp. 177/78.

<sup>71</sup> *Ibidem*, p. 178.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p. 180.

<sup>73</sup> DELUMEAU, Jean; MACHADO, Maria Lucia; JAHN, Heloisa - *História do medo no ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

<sup>74</sup> DELUMEAU, Jean - *La peur en Occident, XIV<sup>e</sup>-XVIII<sup>e</sup> siècles: une cité assiégée*. Paris : Fayard, 1978.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>76</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>77</sup> *Ibidem*, p. 21.

<sup>78</sup> *Ibidem*, p. 22.

pânico [...] será tanto mais forte quanto for mais fraca a coesão psicológica entre as pessoas tomadas de medo»<sup>79</sup>.

Em Portugal, no ano de 2012, veio de Maria de Lurdes Rosa, e da publicação da sua tese de doutoramento<sup>80</sup>, uma grande contribuição para a história da morte no reino lusitano medieval<sup>81</sup>. Nesta obra a autora considera a Igreja como «um ‘planeta jurídico’ de base religiosa»<sup>82</sup> para então analisar os casos considerados e identificar «os diferentes caminhos da ‘reificação das almas’, trilhados de forma diversa pelos dois poderes ‘oficialmente legais’ na sociedade medieval: a Igreja e a Coroa»<sup>83</sup>. A obra como um todo tem seu centro gravitacional na disputa entre as esferas política e eclesiástica pelo controle da representação das almas e/ou dos defuntos:

é que a morte física de cada fiel cristão alimentava um sistema vivo, ou antes, baseado em vidas sobrenaturais – mas nem por isso menos reais. Esquecer esta dimensão é obliterar da cena história esse novo sujeito que, afinal, para o personagem de quem se analisa a ‘atitude perante a morte’, era uma outra forma dele mesmo, a forma mais nobre e duradoura, aquela que já existia e continuaria a existir<sup>84</sup>.

Existindo, então, como sujeito de direito na sociedade medieval, as almas encontram nas capelas fúnebres suas «casas», protegidas e guardadas pelas linhagens familiares<sup>85</sup>. Fica logo evidente que a prática de fundação das capelas fúnebres restringia-se às famílias<sup>86</sup> com maiores capacidades económicas para tal; ademais, «na raiz de toda a problemática em estudo estava a relação entre riqueza e salvação, entendida como alcançável através da mediação

---

<sup>79</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>80</sup> ROSA, Maria de Lurdes As almas herdeiras – *Fundação de capelas Fúnebres e Afirmação da Alma como Sujeito de Direito (Portugal 1400-1521)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1ª edição, 2012.

<sup>81</sup> Recomendamos, igualmente, a leitura de BEIRANTE, Maria Ângela V. da Rocha. Capelas de Évora, in *A cidade de Évora*. Évora: Boletim de Cultura da Câmara Municipal, vol. 65/66, 1982-83, pp. 21-50; BEIRANTE, Maria Ângela V. da Rocha. Para a história da morte em Portugal (séc. XII-XIV) in *Estudos de História de Portugal, Homenagem a A. H. de Oliveira Marques*, vol. 1, Lisboa: Estampa, 1982, pp. 359-383; BEIRANTE, Maria Ângela V. da Rocha. As «heranças das almas» na diocese de Évora no início do século XVI, in *Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora*, vol. 1, Évora: Instituto Superior de Tecnologia do Seminário Maior de Évora, 1994, pp. 105-117; BEIRANTE, Maria Ângela V. da Rocha. Salvação e memória de três Donas Coruchenses do século XIV, in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Marques*, vol. 3, Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, pp. 245-278; BEIRANTE, Maria Ângela V. da Rocha. Quando os vivos conviviam com os mortos, in *Territórios do sagrado: crenças e comportamentos na Idade Média em Portugal*, Lisboa, 2011, pp. 75-84.

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 26.

<sup>83</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>84</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>86</sup> «A fundação das capelas em Lisboa aparece assim bastante ligada às instituições régias, em particular às mais altas instâncias desta. Deve salienta-se, ainda, que as fundações deste grupo significativo se contam, de um modo geral, entre as mais ricas», *Ibidem*, p. 364.

eclesiástica»<sup>87</sup>. Parece, assim, ter existido nos séculos medievais, uma jurisdição da alma ao mesmo tempo que uma teologia da propriedade<sup>88</sup> visto que era através da última que se «contribuía para a salvação»<sup>89</sup>.

Várias outras escolas historiográficas espalhadas pelo continente europeu se dedicaram a seguir os rastros da história da morte abordando-a de maneira a ser o centro de estudos bem como evocando-a complementarmente aos temas selecionados. Mais recentemente, a nível peninsular, foi o que fez Cristina Catalina Gallego<sup>90</sup>. A contemplar a história da Igreja, a autora, adentra os domínios da morte e da escatologia e segue a linha de Ariès no que tange à ótica pela qual pode o cristianismo ser encarado nos séculos medievais:

el cristianismo medieval no se compreenda en tanto que un mero sistema normativo y de creencias pesonales. Se trata de un fenómeno más complejo ligado a la conformación de la Cristiandad latina como espácio social de obediencia a Roma en una dinámica de conquista territorial y colonización gubernativa<sup>91</sup>.

A autora aponta como as paróquias rurais foram importantes para «el desarrollo del gobierno eclesiástico» desde o século VIII<sup>92</sup> e demonstra como, a partir do XI, e a tratar de paróquias urbanas, as mesmas foram igualmente transformadas de maneira a atender as necessidades que emanavam de Roma. Através do recebimento do dízimo, a décima parte do que cada pessoa produzia, e se apresentando como mediadora do Além por oferecer aos seus fregueses possibilidade de intercessão às almas de seus familiares, a paróquia estabelece «un vínculo dual, fiscal y trascendente, com las comunidades»<sup>93</sup>. Isto implica a harmonia alcançada por Roma visto que os reflexos do monopólio Papal para com a transcendência e salvação das almas<sup>94</sup> podem ser observados em escalas tanto nos meios monásticos, assegurados por Cluny, quanto, a partir dos séculos XI e XII, nos meios urbanos, no núcleo paroquial.

No mesmo ano da publicação da obra de Catalina Gallego, em Portugal, Maria Amélia Álvaro de Campos publicou a edição crítica do Calendário Obituário da colegiada de S.

---

<sup>87</sup> *Ibidem*, p. 47.

<sup>88</sup> *Ibidem*, pp. 52/53.

<sup>89</sup> *Ibidem*, p. 48.

<sup>90</sup> CATALINA GALLEGO, Cristina – *Pastorado, derecho y escatología: el gobierno de las almas en el occidente medieval (siglos XI-XIII)* - Euroamericana. Primera edición, Madrid: Guillermo Escolar Editor, 2020.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>93</sup> *Ibidem*, p. 42.

<sup>94</sup> *Ibidem*, p. 47.

Bartolomeu de Coimbra<sup>95</sup>. Este documento fora escrito no segundo quartel do século XIV e «é um exemplar raro e, sem dúvida, o mais antigo dos que, redigidos nas colegiadas de Coimbra, se conservaram até à atualidade»<sup>96</sup>. Obituários são documentos que «assentam sobre a estrutura de um calendário»<sup>97</sup>, apresentam as datas de óbito das pessoas, bem como as fundações de cerimónias a serem realizadas em prol da alma do defunto, e, não obstante, os legados das doações destinadas à manutenção das solenidades de sufrágio. Sobre o caso em questão a autora defende que

através da sua análise, podem desenvolver-se investigações sobre: o rito litúrgico que seguiam; as comunidades laicas e eclesiásticas que se organizavam em torno delas; a propriedade móvel e imóvel que possuíam e administrava; as práticas da escrita e da circulação de manuscritos; as correntes culturais que integravam; e a cronologia e organização do tempo em toda a Idade Média europeia.<sup>98</sup>

Assim sendo, o presente trabalho insere-se num campo de investigação que, apesar de ter raízes antigas, se apresenta como emergente e em desenvolvimento<sup>99</sup>. Com ele, para além de se oferecer um contributo aos estudos relativos as temáticas abrangidas pela morte, problematiza-se o recurso e a utilização das tecnologias digitais atualmente disponíveis, com vista ao aprofundamento desta linha historiográfica, bem como da história da cidade, da sociedade e da religiosidade urbana medieval<sup>100</sup>. Com a base de dados em construção, pretendemos e desejamos que este estudo possa servir de auxílio para futuras investigações que se apresentem com vista a, como nós, compreender o rastro que a morte dos nossos semelhantes deixa ao longo dos tempos.

---

<sup>95</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de - *A comemoração dos mortos no calendário dos vivos.: o obituário medieval da Colegiada de São Bartolomeu de Coimbra (Edição crítica e estudo do manuscrito)* Coimbra: Imprensa da Universidade, 2020.

<sup>96</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>97</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>98</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>99</sup> Dentre os projetos de investigação financiados para pesquisa dentro desta temática destacamos o projeto *Vinculum*, coordenado por Maria de Lurdes Rosa - <https://www.vinculum.fcsb.unl.pt/> - e o *Film-Philosophy as a Meditation on Death*, coordenado por Susana Viegas. Ambos os projetos vinculados a Universidade Nova de Lisboa.

<sup>100</sup> O já referido *Time Link*.

## Capítulo I – Inserção urbano-religiosa

### 1. Rede paroquial de Coimbra

A igreja de Santiago de Coimbra foi sede de uma das paróquias da cidade de Coimbra, desde os inícios do século XII até ao período contemporâneo. Nas linhas que se seguem procuraremos apresentar a inserção urbana desse território e jurisdição eclesiástica, no quadro urbano coimbrão medieval.

#### 1.1 As paróquias urbanas de Coimbra

Pode-se afirmar que as cidades medievais portuguesas se encontravam estruturadas de maneira sólida no período dos séculos XIV e XV<sup>101</sup>. Leontina Ventura escreveu que já no início de Trezentos a divisão do espaço citadino coimbrão, entre a zona muralhada e os arrabaldes, entra em decadência e «cidade» passa a designar o conjunto de ambos os territórios<sup>102</sup>. Isto não significa, contudo, que as diferenças entre as duas zonas tenham desaparecido cabalmente.

Observando o exemplo de Lisboa que, desde meados de Duzentos<sup>103</sup>, assumia o estatuto de primeira cidade do reino, percebemos que o seu espaço se organizava a partir da zona da Ribeira – que abrigava o polo económico e profissional. Por sua vez, no que dizia respeito às demais áreas percebe-se que, quanto mais afastadas da Ribeira, mais deterioradas se encontravam<sup>104</sup>. Verifica-se este perfil em outras cidades espalhadas pelo reino.

O centro das atividades citadinas em Coimbra igualmente se afastava do interior da muralha – espaço normalmente designado por *almedina*. Na outrora primeira cidade da corte portuguesa, era na Baixa que pulsava o comércio, as manufaturas, as gentes que faziam circular mercadorias e bens de consumo, aproveitando, para todas estas atividades, as margens do Mondego. Não obstante, a intensa vida do arrabalde coimbrão atraiu se não para si, ao menos para suas fronteiras, a esfera do poder local; o concelho municipal, desde 1378, estendeu-se dos

---

<sup>101</sup> COELHO, Maria Helena da Cruz – A Cidade na Baixa Idade Média – uma sociedade e um centro in *Atas II Congresso Histórico Internacional As cidades na história: sociedade, vol. IV – Cidade Medieval*, Câmara Municipal de Guimarães, 2017, p. 8.

<sup>102</sup> VENTURA, Leontina - A gramática do território. in *Economia, Sociedade e Poderes - Estudo em Homenagem a Salvador Dias Arnaut*. Vila Nova de Gaia: Ausência, 2004, p.39.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>104</sup> GONÇALVES, Iria - *Um olhar sobre a cidade medieval*, Cascais: Patrimónia, 1996, p. 69.

arredores da Sé – local de origem – à Torre da Almedina, num claro movimento que buscava seguir com atenção os rumos da vida urbana e de seus cidadãos e cidadãs<sup>105</sup>. Vergílio Correia lembra que «Fernão Lopes informa-nos que o palácio com uma torre onde foi assassinada D. Maria Teles, ficava no arrabalde, próximo da igreja de S. Bartolomeu», logo «confirma a existência de moradias importantes, no século XIV, nessa zona da cidade»<sup>106</sup>. Contudo, não é apenas pela ótica económica/profissional que se atestam as disparidades entre uma área e a outra da cidade.

Numa lista de todas as igrejas, comendas e mosteiros dos reinos de Portugal e dos Algarves, de 1320/1321<sup>107</sup>, em que se apresenta o valor da taxa aplicada sobre os rendimentos auferidos anualmente por cada igreja, verifica-se que as igrejas paroquias assentadas no arrabalde coimbrão detinham uma maior concentração de renda comparadas às suas homólogas de dentro da muralha. Enquanto S. João da Almedina, S. Cristóvão, S. Pedro e S. Salvador apresentavam uma renda de 300, 480, 300 e 250 libras, respetivamente, os valores de Santa Justa, Santiago e S. Bartolomeu eram de 800, 650 e 540 libras, respetivas<sup>108</sup>.

Para uma contextualização do conceito de paróquia, utilizaremos a definição proposta por Amélia Álvaro de Campos que diz ser aquela um «núcleo de povoamento que se organizava em torno de um templo e se estendia a partir de uma área central»<sup>109</sup> – a igreja e seu adro. Isto posto, a paróquia se encontra neste conjunto de elementos que contribuíram para o molde, organização e desenvolvimento das cidades medievais portuguesas. Saúl António Gomes, num artigo sobre a organização paroquial de Leiria, cita as palavras de Oliveira Marques quando este diz que «o estudo da multiplicação das paróquias é sem dúvida um dos melhores elementos para avaliar o surto de uma cidade»<sup>110</sup>. Outrossim, este componente de organização urbana pode ser verificado, através das paróquias, noutras regiões da Península Ibérica<sup>111</sup> e da Cristandade Ocidental.

---

<sup>105</sup> AUGUSTO, Octávio Cunha Gonçalves Simões - *A praça de Coimbra e a afirmação da Baixa - origens, evolução urbanística e caracterização social*. Faculdade de Letras: Universidade de Coimbra, 2012, p. 25.

<sup>106</sup> CORREIA, Vergílio – A igreja de S. Tiago de Coimbra in *Obras II – Estudos de História da Arte Arquitetura, Acta Universitatis Conimbrigensis*, Coimbra, 1949, pp. 49-50.

<sup>107</sup> Tal lista é uma cópia do século XVIII - ALMEIDA, Fortunado De - *História da Igreja em Portugal vol. IV*. Nova Edição: Livraria Civilização, 1971, p. 122 pode hoje ser lida numa edição mais recente de Boissellier, Stéphane - *La construction administrative d'un royaume: registres de bénéfices ecclésiastiques portugais: XIII-XIVe siècles*. Lisboa: CEHR/UCP, 2012, doc. 2. <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/9476>.

<sup>108</sup> BOISSELLIER, Stéphane - *La construction administrative d'un royaume: registres de bénéfices ecclésiastiques portugais: XIII-XIVe siècles*. Lisboa: CEHR/UCP, 2012, doc. 2. <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/9476>.

<sup>109</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de - *Cidade e Religião: a colegiada de Santa Justa de Coimbra na Idade Média*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017, p. 40.

<sup>110</sup> GOMES, Saúl António – Organização paroquial e jurisdição eclesiástica no priorado de Leiria nos séculos XII a XV in *Lusitania Sacra*, 2ª série, vol.4, 1992, p. 163.

<sup>111</sup> CAVERO DOMÍNGUEZ, Gregoria (ed.) - *Construir la memoria de la ciudad: espacios, poderes e identidades en la Edad Media (XII-XV)*. León: Universidad de León, Área de Publicaciones, 2015, p. 358.

Apesar de não ser de interesse deste trabalho discutir os primórdios das malhas paroquiais portuguesas<sup>112</sup>, ponderamos que seja inviável prosseguir sem nortearmo-nos por pontos importantes acerca do tema já trabalhados e desenvolvidos por outros(as) investigadores(as). Maria Amélia Álvaro de Campos aponta que é a partir do século XII que podemos identificar o estruturar da rede paroquial visto que para além do crescimento demográfico, os novos cânones da reforma Gregoriana «obrigava(m) ao enquadramento dos fiéis»<sup>113</sup>; Marcello Caetano também ressaltou a importância da paróquia na formação «da unidade social originária da comunidade»<sup>114</sup>; e Saúl Gomes, no já citado artigo, sugere a delimitação das fronteiras das mesmas a dois ritmos, «um primeiro que se caracteriza por ser exclusivamente urbano...o segundo, posterior, que é marcado por englobar todo o restante espaço concelhio»<sup>115</sup>. Ora, por vezes, torna-se difícil, para nós que vivemos num mundo cada vez mais laicizado, perceber o nível de imersão da sociedade medieval europeia nas diretrizes do cristianismo, a ponto de o mesmo alicerçar seu desenvolvimento, organização e regulação<sup>116</sup>; para isso, Philippe Ariès propõe encarar a religião cristã medieval também como o «reconhecimento de uma linguagem comum, de um mesmo sistema de comunicação e compreensão»<sup>117</sup>. Logo, ao nível concelhio, a paróquia, ao enquadrar seus fregueses, apresenta-se como uma via de sentido duplo em que tanto leigos quanto eclesiásticos se compreendiam e se faziam compreender. É, pois, nas paróquias que podemos identificar uma das expressões da esfera do poder nos finais da Idade Média<sup>118</sup>.

Pelo que dissemos, consideramos de grande valia, então, apresentar um esboço da malha paroquial de Coimbra já que é na área de influência de uma de suas igrejas que encontramos os nossos principais objetos de estudo. Das nove igrejas paroquiais distribuídas pela urbe, cinco delas dividiam a almedina e as outras quatro estendiam-se pelo arrabalde; a começar por aquelas do interior da muralha, a igreja de Santa Maria da Sé – sagrada por volta de 1109 – abrangia

---

<sup>112</sup> José Mattoso propõe os séculos XI e XII – fora da cronologia deste trabalho – para a afirmação das paróquias enquanto instituições que obrigavam seus fregueses a tomarem o sacramento no templo. Além de definir quatro ou cinco períodos para a realização de todo o processo. Para mais, ver MATTOSO, José – A história das paróquias em Portugal, in *Portugal medieval: novas interpretações – Temas portugueses*. 2ª ed. Lousã: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992, pp. 37-56.

<sup>113</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, 2017, *op. cit.* p.39.

<sup>114</sup> CAETANO, Marcello - *História do Direito Português: Fontes-Direito Público (1140-1495)*. 2a ed. Lisboa/S. Paulo: VERBO, 1985, p. 220.

<sup>115</sup> GOMES, Saúl António, 1992, *op. cit.* p. 188.

<sup>116</sup> Santiago de Compostela é um grande exemplo. Para mais, ver SÁNCHEZ, Xosé Manuel - *Iglesia, mentalidad y vida cotidiana en la Compostela medieval*. Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago: Universidade de Santiago, 2019, p. 20.

<sup>117</sup> ARIÈS, Philippe, 2014, *op. cit.* p. 126.

<sup>118</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de - Um equilíbrio de poderes: distribuição populacional e direitos paroquiais em Coimbra (1377-1385) in *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*, Instituto de Estudos Medievais, Lisboa, 2018, p. 401.



uma considerável zona do intramuros da cidade, incorporando na sua jurisdição os paços régios, por exemplo<sup>119</sup>. Na secção Norte da colina coimbrã, fazia fronteira com a paróquia de S. João da Almedina. Esta tinha seu adro onde outrora fora erguido o fórum romano e englobava em sua circunscrição o paço episcopal<sup>120</sup>. Preferida pela elite clerical, S. João da Almedina foi sepulcro de todos os bispos da cidade após a conquista de 1064, não obstante, entre 1357 e 1394, Maria Amélia Campos encontrou referências documentais que tratavam o dito templo também como igreja de S. Brás<sup>121</sup>.

Data de 1179 o fim das obras da igreja paroquial de S. Salvador<sup>122</sup>, igualmente situada no interior dos muros da cidade – próxima da paróquia de S. João da Almedina. Vinculada ao Mosteiro da Vacariça até fins do século XII, não se sabe muito acerca desta freguesia, tampouco sobre o seu templo<sup>123</sup>. Próxima dela, na atual zona da Universidade, encontrava-se desde o século X, a igreja de S. Pedro. De acordo com estudos realizados até ao momento, a fachada deste templo fazia frente com a Rua de S. Pedro; com a Rua do Forno a Sul; a Norte com a Travessa de S. Pedro; e à cabeceira com a Rua do Borrvalho<sup>124</sup>. Entre a alcáçova e o antigo castelo, tinha seus limites tanto com S. João da Almedina – tendo a porta do castelo como fator de diferenciação – quanto com S. Cristóvão – sendo aqui a Porta da Traição encontro das circunscrições<sup>125</sup>. Aliás, é S. Cristóvão que completa o quadro das paróquias *intramuros* da cidade de Coimbra. Seu templo situava-se entre as Portas da Traição e de Genicoca; fortemente amparada por membros da família Anaia, esta colegiada apresentava-se muito ligada aos grandes cargos do corpo eclesiástico<sup>126</sup>.

Por sua vez, o arrabalde coimbrão abrigava freguesias como a de S. João de Santa Cruz, vinculada ao mosteiro Santa Cruz, de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, fundado na cidade em 1132. Inúmeros são os trabalhos e estudiosos que se debruçaram sobre Santa Cruz de Coimbra, inclusive a nível internacional<sup>127</sup>. Saúl António Gomes dedicou-lhe a sua tese de doutoramento, trabalho em que dedica várias páginas à sua inserção urbana e afirma que

o nascimento de Santa Cruz deve inserir-se no todo social de uma Coimbra plenimedieval onde alguns movimentos pietistas de base laical denunciavam, ao longo de

---

<sup>119</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, 2017, *op. cit.*, p. 42.

<sup>120</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, 2010, *op. cit.*, p. 165.

<sup>121</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, 2017, *op. cit.*, p. 43.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>123</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>124</sup> *Ibidem*, p. 45.

<sup>125</sup> *Ibidem*, p. 45.

<sup>126</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>127</sup> HUERTA, Pedro Luis (ED.) - *Instrumentos de publicidad espiritual y material en los monasterios medievales*. 1ª edición ed. Aguilar de Campoo: Fundación Santa María la Real de Patrimonio Histórico, 2019, p. 247.

todo o século XI, e bem mais acentuadamente na Centúria seguinte, a importância que a pastoral das almas adquirira junto da população urbana e mesmo rural.

O autor salienta também a importância dos cónegos regrantes do respetivo mosteiro na salvaguarda e manutenção de diplomas provenientes de chancelarias pontifícia, arquiépiscopal, episcopal e acervos documentais de origem laica e eclesiástica<sup>128</sup>. Marcello Caetano afirma que Santa Cruz foi o grande expoente da «época de ouro da canónica»<sup>129</sup> no reino português; iniciou suas atividades claustrais no ano de 1132<sup>130</sup> implantada no Largo de Sansão (atual Praça 8 de Maio), numa zona de produção de bens agrícolas como azeite, frutas e vinhos<sup>131</sup>.

Já no extremo Norte do arrabalde da cidade, encontrava-se, no local chamado Arnado<sup>132</sup> – devido a tipologia do solo<sup>133</sup> – e à margem do Mondego, a colegiada de Santa Justa<sup>134</sup>. Devido às cheias do rio e às inundações causadas pelas mesmas, a igreja desta colegiada, no século XVIII, teve de ser transferida do local original; neste, abundavam os pomares e cortinhais bem como, a partir de 1370, a judiaria da cidade<sup>135</sup>.

Igualmente, às margens do Mondego, mas no outro extremo da urbe, estava a paróquia de S. Bartolomeu; com o primeiro prior documentado em 1169, sua igreja deixou testemunhos de existência desde 975<sup>136</sup>. Sua circunscrição paroquial alongava-se junto da margem do rio e sua malha socioprofissional apresentava pessoas ligadas aos ofícios fluviais, como barqueiros e pescadores, para além dos oleiros e demais mesteres localizados nesta zona da cidade<sup>137</sup>. Finalmente, a recheiar o espaço do arrabalde, entre S. Bartolomeu e Santa Cruz, ergueu-se o templo sede da paróquia de Santiago de Coimbra; alongar-nos-emos acerca do que se sabe sobre a história desta paróquia.

---

<sup>128</sup> GOMES, Saul António, *In limine conscriptionis: documentos, chancelaria e cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (séculos XII a XIV)*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000, vol. I. p. 65.

<sup>129</sup> CAETANO, Marcello, *op. cit.* p. 447.

<sup>130</sup> GOMES, Saul António, 2002, *op. cit.* p. 479.

<sup>131</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, 2010, *op. cit.* p. 171.

<sup>132</sup> Em Coimbra, hoje, o local leva o nome de Terreiro da Erva.

<sup>133</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, 2010, *op. cit.* p. 171.

<sup>134</sup> Esta colegiada foi estudada por Maria Amélia Álvaro de Campos em sua dissertação de doutoramento publicada e que já fizemos referências anteriormente. CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, 2017, *op. cit.*

<sup>135</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, 2010, *op. cit.* p. 171.

<sup>136</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de - *A comemoração dos mortos no calendário dos vivos.: o obituário medieval da Colegiada de São Bartolomeu de Coimbra (Edição crítica e estudo do manuscrito)* Coimbra: Imprensa da Universidade, 2020, p. 27.

<sup>137</sup> *Ibidem*, p. 30.

## 1.2 Inserção urbana da paróquia de Santiago

A igreja de Santiago de Coimbra encontra-se no ponto Noroeste da atual Praça do Comércio<sup>138</sup>; sabe-se que tal localização era ponto de cruzamento entre duas importantes ruas da Coimbra medieval – a dos Francos, que conectava a Porta da Almedina à ponte (e que a partir do século XV chama-se por Rua da Calçada); e a segunda, que ligava o Mosteiro de Santa Cruz à Porta da Almedina, denominada por Rua de Coruche<sup>139</sup>. É importante frisar, para compor um quadro toponímico seguro, que o leito do Mondego nem sempre fora como se encontra hoje<sup>140</sup>; e Jorge Alarcão informa que a Baixa da cidade se instalou «numa plataforma parcialmente aluvionar, cuja cota foi subindo»<sup>141</sup>, justamente entre as atuais ruas Visconde da Luz e Ferreira Borges<sup>142</sup>. Assim, é preciso imaginar tanto Santiago quanto S. Bartolomeu – no extremo oposto da mesma Praça – como mais próximas ainda do rio do que o são hoje. E quais os limites da paróquia de Santiago? Esta é uma tarefa árdua e Jorge de Alarcão alertara para o facto de mesmo tendo sido Santiago e S. Bartolomeu «polos de desenvolvimento urbano», «a documentação conhecida não nos permite traçar a rede dos arruamentos que já existiriam no séc. XIII»<sup>143</sup>; entretanto, Octávio Simões Augusto, em sua tese de mestrado<sup>144</sup>, apresentou uma proposta de delimitação.

S. Bartolomeu e Santiago eram muito próximas uma da outra – como ainda são – e as mesmas tinham suas fronteiras definidas em três áreas: «a meio do quarteirão oriental da Calçada [...], nas atuais Escadas de São Bartolomeu [...] e nos entornos da Rua das Azeiteiras»<sup>145</sup>. A Noroeste, Santiago tinha como limite os arredores da Rua das Padeiras; a Norte, no Largo de Sansão<sup>146</sup>; a Nordeste subia a Rua Corpo de Deus<sup>147</sup> até ao antigo Colégio de Santo Agostinho<sup>148</sup>; e, como já salientamos, partindo rumo a Oeste, as margens do Mondego

---

<sup>138</sup> Ver Anexo 2 Mapa 1.

<sup>139</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, 2017, *op. cit.* p. 49.

<sup>140</sup> RIBEIRO, Orlando – *Opúsculos Geográficos*, Tomo III. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014, p. 144.

<sup>141</sup> ALARCÃO, Jorge de - *Coimbra: a montagem do cenário urbano*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2008, p. 15.

<sup>142</sup> Estas duas vias formam o percurso que, na época em que estamos a tratar, alongavam-se a Rua dos Francos e a Rua de Coruche. Apesar do trajeto medieval ter sido alterado, pode-se, com cautela, proporcionar os caminhos atuais e medievais num só.

<sup>143</sup> ALARCÃO, Jorge de, 2008, *op. cit.* p. 192.

<sup>144</sup> AUGUSTO, Octávio Cunha Gonçalves Simões, 2012, *op. cit.*

<sup>145</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>146</sup> Atual Praça 08 de Maio.

<sup>147</sup> Atual Rua Pedro Cardoso, abrigava a antiga judiaria da cidade: CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, Nogueira - *Inventário Artístico de Portugal - Cidade de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1947, p. 181.

<sup>148</sup> Atual Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra,

impunham a Santiago o fim da sua circunscrição<sup>149</sup>. Era, pois, ao templo do Apóstolo que convergiam todas as pessoas que viviam dentro deste limite. Com efeito, a localização da sobredita igreja no arrabalde da cidade, espaço de alta vitalidade social e económica, faria desta igreja a sede de uma rica e dinâmica paróquia. Nas linhas que seguem apresentaremos os fatores que alicerçaram o caráter religioso de Santiago; este que deve ser compreendido como parte da religiosidade presente no arrabalde coimbrão.

## 2. Aspetos sobre o culto ao Apóstolo Santiago na Península Ibérica e em Coimbra

No início do segundo quartel do século IX fora descoberto na Galiza o túmulo atribuído ao santo<sup>150</sup>. A devoção ao apóstolo Tiago, o Maior, na Península Ibérica, surge na Alta Idade Média, «a principios del siglo X en un monasterio fundado cerca de la catedral por Egila»<sup>151</sup> e desenvolve-se de maneira significativa nos séculos plenomedievos<sup>152</sup>. A partir do século XI,

el santuario apostólico de Galicia había, pues, adquirido un lugar en el horizonte religioso de los residentes en los condados nororientales de la Península. Obispos, sacerdotes, hombres y mujeres, ricos y pobres se encaminaron, o manifestaron el deseo de encaminarse, hacia Compostela. A partir de mediados del siglo, además, la Iglesia compostelana aparece en la lista de los santos lugares beneficiários de mandas de los testadores<sup>153</sup>.

Desde então, sua representação se deu, concomitantemente, de duas maneiras: como pescador<sup>154</sup>, «peregrino, portando bordón, calabaza y sombrero decorado con una concha de

---

<sup>149</sup> *Ibidem*, p. 29.

<sup>150</sup> SÁNCHEZ, Xosé Manuel, 2019, *op. cit.* p. 20.

<sup>151</sup> CAVERO DOMÍNGUEZ, Gregoria (ed.), 2015, *op. cit.* p. 362.

<sup>152</sup> SINGUL, Francisco - Santiago, Miles Christi: Imagen Triunfal y Símbolo de la Reconquista in GUTIÉRREZ GARCÍA, Santiago; MARTÍNEZ-MORÁS, Santiago López (EDS.) - *El culto jacobeo y la peregrinación a Santiago a finales de la Edad Media: crisis y renovación*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2018. ISBN 978-84-16954-31-5 – p. 223.

<sup>153</sup> RUCQUOI, Adeline - Devoción a Santiago en los condados de la Marca Hispánica in *Ad Limina*, vol. 14, nº 14, Santiago de Compostela, 2023, p. 41.

<sup>154</sup> Lucas 5; 9-11 «O espanto tomou-o a ele e a todos os que estavam com ela por causa da pesca que tinham feito. Do mesmo modo ‘o espanto tomou’ Tiago e João, filhos de Zebedeu e companheiros de Simão. Jesus disse a Simão: ‘Não tenhas medo. A partir de agora capturarás, vivos, seres humanos»; Mateus 4;18-21 «Caminhando ele junto do mar da Galileia, viu dois irmãos: Simão, chamado Pedro, e André, o irmão dele, lançando uma rede ao mar. Pois eram pescadores. E disse-lhes: ‘Vinde atrás de mim e far-vos-ei pescadores de seres humanos.’ Eles, de imediato largando as redes, seguiram-no. E caminhando em frente dali, viu mais dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, no barco juntamente com Zebedeu, o pai deles, consertando as suas redes; e chamou-

vieira»<sup>155</sup>; ou como «*miles Christi*, un apóstol militarizado y ecuestre»<sup>156</sup>. De entre os fatores que contribuíram para a difusão do culto está o *Liber Sanctii Jacobi – Codex Calixtinus*, feito entre 1139 e 1173 – uma obra «complexa de dogma, história, liturgia, moral e propaganda, sob o nome prestigioso do papa Calisto II»<sup>157</sup> – e editado primeiramente em 1944<sup>158</sup>. É composto por cinco livros e divide-se da seguinte maneira:

O primeiro livro encerra textos litúrgicos, hinos, prosas e outras peças ritmadas para-litúrgicas. O segundo traz o *Miracula Sancti Jacobi*, já publicados pelos bolandistas. O terceiro conta-nos a *Traslatio Sancti Jacobi in Galleciam*. O quarto é a *Historia Karoli magni et Rotolandi*, também chamada crónica do *Pseudo-Turpim* e que pertence ao ciclo carolíngio. O quinto livro intitula-se *Guia do peregrino*.<sup>159</sup>

É no capítulo XIX do Livro II<sup>160</sup> desta obra que podemos observar a dualidade na representação de Santiago, o Maior. Narra-se o exemplo de Estevão, um bispo grego, que migra para Compostela, por amor ao santo, onde renuncia «a los atractivos de este mundo para poder así entregarse a los preceptos divinos». Abrigado dentro do templo da cidade, vivia os ideais de pobreza e humildade e fazia «vigilias y oraciones día y noche llevaba una vida célibe y santísima». Uma vez, quando das suas orações de rotina, um grupo de devotos adentrou a catedral e um deles, de frente para o altar do santo, proferiu: «Santiago, buen Caballero, líbranos de los males presentes y futuros». O suficiente para desconfortar o grego que, observador até então, repreende-os todos: «aldeanos tontos, gente nescia, a Santiago debéis llamarle pescador y no caballero»<sup>161</sup>.

Na mesma noite, Santiago aparece ao grego «vestido de blanquísimas ropas y no sin cenir armas que sobrepujaban en brillo a los rayos del sol, como um perfecto caballero, y además con dos llaves en la mano» e dirige a palavra ao devoto:

---

os»; Marcos 1;16-19 «E passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, irmão de Simão, que lançavam ‘as redes’ ao mar. Pois eram pescadores. E disse-lhes Jesus: ‘Vinde atrás de mim e farei com que vos torneis pescadores de seres humanos.’ Eles, de imediato largando as redes, seguiram-no. Caminhando um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco, consertando as redes».

<sup>155</sup> *Ibidem*, p. 227.

<sup>156</sup> *Ibidem*, p. 223.

<sup>157</sup> MARTINS, Mário - Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média in *Revista Portuguesa de História*. T. V / vol. II: 1951p. 162.

<sup>158</sup> *Ibidem*, p. 163.

<sup>159</sup> *Ibidem*, p. 163.

<sup>160</sup> MORALEJO LASSO, Abelardo et al. - *Liber Sancti Iacobi: Codex Calixtinus*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2014. ISBN 978-84-453-5170-3, pp. 373-375.

<sup>161</sup> *Ibidem*, p. 273.

«Esteban, siervo de Dios, que mandaste que no me llamasen caballero, sino pescador; por eso te me aparezco de esta forma, para que no dudes más de que milito al servicio de Dios y soy su campeón y en la lucha contra los sarracenos precedo a los cristianos y salgo vencedor por ellos. [...] Y para que creas esto más firmemente com estas llaves que tengo en la mano abriré mañana a las nueve las puertas da la ciudad de Coimbra que lleva siete años asediada por Fernando, rey de los cristianos, e introduciendo a éstos en ella se la devolveré a su poder.» Dicho esto se desvaneció a sus ojos<sup>162</sup>.

Tais excertos deixam em evidência o caráter mutável das representações religiosas que partem da cristandade. Ademais, a baliza cronológica entre o descobrimento do túmulo do apóstolo e a produção do *Liber Sanctii Jacobi – Codex Calixtinus* demonstra a velocidade de propagação do culto – que encontrou um terreno fértil na Península para enraizar-se – bem como as transformações que este estivera suscetível por todo o território da Península Ibérica. Com efeito, é possível identificar tais transformações através das celebrações e festividades instituídas e dedicadas ao santo bem como o enviesamento político do culto ao apóstolo.

Paulatinamente, a adoção de festividades e celebrações em honra do santo apóstolo, no ano litúrgico peninsular, tiveram, igualmente, seu grau de responsabilidade na propagação da sua devoção: o 25 de julho – «*la fiesta de Santiago y su Martirio*»<sup>163</sup> –, o 30 de dezembro – festa da traslação – e o 3 de outubro – festa dos Milagres do Santo – faziam com que a cidade de Compostela ficasse saturada de peregrinos; estas «grandes peregrinaciones, tras las Cruzadas, añaden al fervor de la visita, estancia, culto y veneración la voluntad de mantener recordatorio que mantenga al santo o santa cercano»<sup>164</sup>. A força do culto mobilizava os diversos estratos sociais das comunidades; no caso de Coimbra, a Rainha Santa Isabel, padroeira da cidade, percorreu o caminho de Santiago até à Catedral de Compostela, «prestando memorável homenagem a Santiago»<sup>165</sup>. Caminho este vinculado «inexorablemente a la expansión de la ciudad y com él a la llegada y câmbios en las advocaciones religiosas»<sup>166</sup>; sobre a transformação urbana estar atrelada à expansão de devoções como a de Santiago, Fermín Miranda García escreveu:

---

<sup>162</sup> *Ibidem*, p. 274.

<sup>163</sup> SÁNCHEZ, Xosé Manuel, 2019, *op. cit.* p. 49.

<sup>164</sup> *Ibidem*, pp. 121/122.

<sup>165</sup> GOMES, Saul António - Coimbra e Santiago de Compostela: aspectos de um inter-relacionamento nos séculos medievos. in *Revista Portuguesa de História*. ISSN 0870-4147. 34 (2000) 453–490, p. 477.

<sup>166</sup> CAVERO DOMÍNGUEZ, Gregoria (ed.), 2015, *op. cit.* p. 369.

Si hasta ahora hemos asistido a la profunda transformación que los siglos bajomedievales significaron para el conjunto de las estructuras económicas, sociales y de poder de los reinos hispánicos, ningún repaso a la sociedad de la Baja Edad Media peninsular quedaría completo sin una final alusión al surgimiento de nuevas categorías espirituales y culturales: el nacimiento de una singular y novedosa forma de relación con la divinidad – más íntima, más personal –, de una renovada idea de la vida, de la muerte, de una nueva concepción del espacio, del tiempo, del mundo, que implica, en última instancia, una visión más laica, individualista y moderna.<sup>167</sup>

Por sua vez, a esfera política tem seu contributo na propagação do culto de Santiago *Miles Christi* quando do período da Reconquista, pois criou-se «un ambiente y un imaginario propicio para el desarrollo de la imagen militar y auxiliadora del santo patrono»<sup>168</sup>; ademais, «a afirmação idealizada de um S. Tiago cavaleiro, na verdade, serviria mais adequadamente as preocupações devocionais das milícias guerreiras que acompanhavam os reis cristãos»<sup>169</sup>. Saul António Gomes sobre a difusão da devoção e o período acima mencionado diz que

ao contexto expansivo da Reconquista se deverá atribuir uma posterior generalização do culto jacobeu por toda a Península, e mesmo a integração da expressão plural que esta devoção assume na Diocese coimbrã, após a centúria undecentista, nos circuitos de peregrinações internacionais a Compostela. Contexto que pressupõe a expansão por territórios peninsulares da reforma romano-gregoriana protagonizada pelo clero secular, tanto quanto pela ação eficaz dos cluniacenses e demais ordens monásticas. A evolução e o triunfo internacional da peregrinação jacobea foi, ainda e necessariamente, uma das consequências do novo olhar político e pastoral que Roma deita sobre a Península Ibérica desde finais do século XI<sup>170</sup>.

Fica evidente, assim, que se a Reconquista tinha por objetivo principal a expulsão do domínio político-administrativo dos islâmicos sobre as cidades peninsulares, a Reforma Gregoriana tratou de extinguir a cultura e os ritos litúrgicos que coexistiram ao longo do período de dominação muçulmana em prol de um cristianismo reformado. Papas como Gregório VII esforçaram-se para que fosse suprimida a cultura dos moçárabes – «o termo *moçárabe* é, aliás,

---

<sup>167</sup> MIRANDA GARCÍA, Fermín; GUERRERO NAVARRETE, Yolanda - *Medieval: territorios, sociedades y culturas Historia de España*. Madrid: Sílex, 2008. ISBN 978-84-7737-179-3, p. 415.

<sup>168</sup> SINGUL, Francisco, 2018, *op. cit.* p. 232.

<sup>169</sup> GOMES, Saul António, 2000, *op. cit.* p. 464.

<sup>170</sup> *Ibidem*, p. 462.

derivado de um particípio árabe, *must'arab* ou *mustarib*, que significa 'submetido aos árabes, arabizado'»<sup>171</sup>, que segundo José Mattoso

conhecem-se pela língua, pois continuam a falar entre si um dialeto próximo do latim vulgar, [...] pela religião, porque continuam a praticar o cristianismo, e pela cultura, pois os seus clérigos, pelo menos, continuam a preservar muito da superioridade da cultura latina do fim do Império<sup>172</sup>.

Ademais, no que tange ao tema deste estudo, as «liturgias gálica e moçárabe enfatizam a solidariedade dos vivos e dos mortos: a *universa fraternitas*»<sup>173</sup> e por isso não se pode esquecer deste aspecto ao longo de nossa análise. As comunidades moçárabes espalhavam-se pela Península<sup>174</sup> e em certos territórios, após a Reconquista, mostraram-se reticentes em abdicarem ao rito hispânico em prol do romano, propagado de maneira forte e estruturado a partir da cúria de Roma<sup>175</sup>, como é o caso de Coimbra<sup>176</sup>. Para além da já sabida resistência do primeiro governador da cidade após a queda do Islão, D. Sisnando (1064-1091), e do bispo D. Paterno (1080-1087), em aceitar o ritual romano nos territórios coimbrãos<sup>177</sup>, «a persistência e o vigor do culto a santos mártires»<sup>178</sup> do calendário hispânico igualmente se mostrou um obstáculo aos avanços da Reforma proposta pelo papado romano. Aliás, a devoção de Santiago em Coimbra se consolidou definitivamente<sup>179</sup> neste movimento de erradicar o calendário hispânico através da supressão do culto de um dos santos em prol do Peregrino; ao bispo D. Maurício Burdino (1099-1109), de Coimbra, «se atribuiu, no passado medieval, uma importante ação na promoção da identidade devocional por Santiago»<sup>180</sup>.

---

<sup>171</sup> AZEVEDO, Maria Luísa Seabra Marques de – *Moçarabismos e Toponímia em Portugal*, Academia das Ciências de Lisboa, 2015, p. 2.

<sup>172</sup> MATTOSO, José – Moçárabes in *Fragmentos de uma composição medieval*, Lisboa, Estampa, 1993, p. 21

<sup>173</sup> ARIÈS, Philippe, 2014, *op. cit.* p. 199.

<sup>174</sup> Para o caso português: «algumas comunidades moçárabes salientaram-se pela sua dimensão e pelo seu peso. Foi o caso das alentejanas (Beja, Elvas e Viana do Alentejo), das estremenas (Santarém, Óbidos, Alenquer, Sintra e Leiria) e, sobretudo, das algarvias (Faro, Tavira, S. Brás de Alportel e Cabo de S. Vicente), das beirãs (Coimbra, Lorvão, Vacariça, Anadia, Lafões, etc.) e das lisboetas.» AZEVEDO, Maria Luísa Seabra Marques de, 2015, *op. cit.* p. 4.

<sup>175</sup> Vale ressaltar que a partir de 1080 Afonso VI impôs a «liturgia romana» a todo o reino de Leão. MATTOSO, José, 1993, *op. cit.* p. 26.

<sup>176</sup> *Ibidem.* p. 25.

<sup>177</sup> *Ibidem.* p. 27.

<sup>178</sup> *Ibidem.* p. 27.

<sup>179</sup> Segundo GOMES, Saul António, 2000, *op. cit.* pp. 459/60 «Os moçárabes coimbrãos cultuaram Santiago Maior, aliás, em sintonia com o conspecto socio-religioso global que caracterizava os territórios situados entre Minho e Mondego, onde o santoral hispânico assumia características individualizantes».

<sup>180</sup> *Ibidem.* p. 464.



Com efeito, a igreja de Santiago de Coimbra, antes de o seu edifício ser dedicado ao Apóstolo, era dedicada a São Cucufate<sup>181</sup> – um santo do calendário hispânico, igualmente celebrado no dia 25 de julho<sup>182</sup>. De acordo com Jorge de Alarcão persiste a dúvida sobre se houve uma destruição do templo e posterior reconstrução e reconsagração a Santiago ou se apenas fora reconsagrado. Fato é que no território português foram encontradas referências a duas igrejas dedicadas a este santo (original de Barcelona)<sup>183</sup>. Alarcão propõe que uma das igrejas seja identificada em Vila Nova de Monsarros, concelho de Anadia<sup>184</sup>, enquanto a outra de facto seja o templo que hoje se conhece por Santiago, no outrora arrabalde coimbrão<sup>185</sup>. O registo mais antigo que se conhece acerca deste templo data de 957: testamento de um presbítero de nome Samuel que doa ao mosteiro de Lorvão as duas igrejas<sup>186</sup> que haviam pertencido a um tal Pedro presbítero, de quem o testador se identifica como vigário<sup>187</sup>.

Vale lembrar que em 878 Coimbra fica sob poder régio de Afonso III de Leão, e num movimento que visava o «fortalecimento da unidade da comunidade cristã», o monarca possibilitou o alargamento dos domínios de Santiago de Compostela à região conimbricense<sup>188</sup>; Tal situação levou, ao longo dos tempos, a constantes embates entre as arquidioceses de Braga<sup>189</sup> e Compostela<sup>190</sup> em nome dos direitos administrativos e eclesiásticos de algumas dioceses, Coimbra estava entre elas<sup>191</sup>. Área esta que desde o século X possui registos de devoção ao apóstolo peregrino, como os relativos à igreja de Santiago de Souselas (937)<sup>192</sup>.

Não se sabe a data exata da mudança de orago do dito templo; Saul António Gomes propõe a reconsagração do templo a Santiago nos fins do século XI ou alvares do seguinte, o autor descarta a hipótese de o mesmo ter ocorrido nos finais de Duzentos<sup>193</sup>. Já no que diz respeito à sagração do templo românico dessa mesma igreja, de acordo com O *Inventário*

---

<sup>181</sup> ALARCÃO, Jorge de, 2008, *op. cit.* p. 150.

<sup>182</sup> *Ibidem*, p. 78.

<sup>183</sup> FIGUEIRAS, Ivan Paulo Neves - *As duas versões da Passio S. Cucufatis - Estudo, edição crítica e tradução*. Faculdade de Letras: Universidade de Lisboa, 2018, p. 20.

<sup>184</sup> ALARCÃO, Jorge de, 2008, *op. cit.* p. 273.

<sup>185</sup> *Ibidem*, p. 273.

<sup>186</sup> S. Cristóvão (reconsagrada a S. Bartolomeu) e S. Cucufate.

<sup>187</sup> FIGUEIRAS, Ivan Paulo Neves, 2018, *op. cit.* p. 21.

<sup>188</sup> Já em 883 o monarca passou a doar propriedades a Santiago de Compostela, nomeadamente as do acistério de S. Salvador de Montélios e as *uillae* de Vilela, Trouxemil e a terça parte da *uilla* de Travaço, no território de Coimbra: GOMES, Saul António, 2000, *op. cit.* p. 457.

<sup>189</sup> Esta, até inícios do século XIII controlava os territórios galego de Mondoñedo, Lugo, Astorga, Orense e Tui; já no território português: Braga, Porto, Viseu e Coimbra: *Ibidem*, p. 466.

<sup>190</sup> Sob seus domínios no território português: Lamego, Guarda/Idanha, Lisboa e Évora; em território leonês: Zamora, Salamanca, Ciudad Rodrigo, Ávila, Coria, Plasencia, Mérida e Badajoz: *Ibidem*, p. 466.

<sup>191</sup> *Ibidem*, p. 465.

<sup>192</sup> *Ibidem*, p. 459.

<sup>193</sup> GOMES, Saul António, 2000, *op. cit.* pp. 467/68.

*Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra*, terá ocorrido em 1206<sup>194</sup>, indicação que Amélia Campos<sup>195</sup> e Jorge de Alarcão<sup>196</sup> seguem.

### 3. O edifício da igreja

As informações sobre a história do atual templo de Santiago são escassas devido à complexidade da mesma. Sobre o edifício sagrado em 1206, já então dedicado ao apóstolo, alguns autores dizem que «representa o último românico conimbricense, degeneração já dessa poderosa família artística»<sup>197</sup>; Jorge de Alarcão sobre o conjunto arquitetónico da Coimbra medieval diz que «as igrejas de S. João, S. Salvador, S. Cristóvão, S. Tiago e S. Bartolomeu obedecem todas a um mesmo tipo de planta, que Manuel Real classificou de ‘beneditino’»<sup>198</sup>. Ademais, classifica, «excluídas as dos mosteiros de Santa Cruz e Santa Justa», as igrejas de S. João e Santiago como as maiores de Coimbra por volta do ano 1162<sup>199</sup>.

Durante o século XVI, mais precisamente em 1546, um acordo foi lavrado entre a colegiada e a Irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia para a construção da igreja da sobredita irmandade<sup>200</sup>. Por volta de 1758 aconteceram outras obras no edifício e no ano de 1861 a igreja teve parte da capela-mor e da colateral da epístola cortadas devido ao alargamento da Rua de Coruche, atual Ferreira Borges<sup>201</sup>. A partir do segundo quartel do século XIX, foi entregue a seguir à Irmandade de Nossa Senhora da Conceição»; começaram as obras de restauração em 1908<sup>202</sup>. A movimentada história do edifício ganha um destino ainda mais invulgar quando o Estado Novo de Salazar, através da *Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* – DGEMN – definiu Santiago de Coimbra como mais um alvo das profundas intervenções feitas pela instituição. Disso nos dá conta a cuidadosa descrição que fazem Vergílio Correia e Nogueira Gonçalves no *Inventário Artístico de Portugal – Cidade de Coimbra*<sup>203</sup>, num importante ponto de situação sobre o edifício antes da intervenção do governo.

---

<sup>194</sup> CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, Nogueira, 1947, *op. cit.* p. 31.

<sup>195</sup> CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, 2018, *op. cit.* p. 31 nota 54.

<sup>196</sup> ALARCÃO, Jorge de, 2008, *op. cit.* p. 114.

<sup>197</sup> CORREIA, Vergílio, 1949, *op. cit.* p. 55.

<sup>198</sup> ALARCÃO, Jorge de, 2008, *op. cit.* p. 114.

<sup>199</sup> *Ibidem*, p. 117.

<sup>200</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>201</sup> CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, Nogueira, 1947, *op. cit.* pp. 31 e 32.

<sup>202</sup> *Ibidem*, pp. 31-32.

<sup>203</sup> *Ibidem*, pp. 31-33.

As transformações às quais foi submetido o edifício ao longo do século XX estão identificadas no portal eletrónico do governo português. Quando do alargamento da Rua da Calçada, em 1908, houve a demolição da escadaria do portal axial, para além da mudança de uma capela lateral; em 23 de fevereiro de 1911 a Câmara Municipal de Coimbra solicita ao Ministério da Fazenda resolução para o problema do esgotamento do dinheiro destinado à reforma do templo; em 1921 o edifício estava sem cobertura e as obras foram paralisadas até 1930; depois de cinco anos, em 8 de dezembro de 1935, houve a reabertura do templo para culto. Todavia, continuou-se com as intervenções no templo até ao ano 2000, quando ocorreu a substituição das telhas da cobertura e melhorias no sistema elétrico<sup>204</sup>.

Desse modo, por escassa que seja a documentação a respeito das intervenções arquitetónicas na igreja de Santiago, fica evidente o quão distante é o atual edifício daquele que uma vez existira nos séculos fino medievos. Todavia, esta situação, longe de reduzir o peso histórico tanto dos templos quanto da área em que os mesmos foram assentados, deixa em evidência como Santiago de Coimbra atraiu o interesse das diversas comunidades e grupos de poder ao longo do tempo. Portanto, nos subseqüentes capítulos tentaremos elucidar quais pessoas convergiram a Santiago, bem como os interesses que as motivaram a deixar registo de sua existência na documentação desta colegiada na Coimbra medieval.

---

<sup>204</sup> Todas as mudanças e interferências ocorridas posteriormente a 1935 encontram-se listadas na secção *Intervenção Realizada* no seguinte endereço eletrónico: [www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=1626](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1626).

## Capítulo II – Os ca(u)sos da igreja e paróquia de Santiago de Coimbra

É cultura popular das pessoas que nasceram em Minas Gerais, quando do ato de *prosiá*, traçar pequenos perfis das pessoas evocadas nas histórias que estão contando. Estes que sempre são montados em conjunto, tanto por quem conta como por quem escuta, agregam informações que em geral se devem às perguntas dos ouvintes: «fulano era fi de quem?»; «morava aqui perto, vira ali e vai reto toda vida»; «mai ele mexia com quê?». O(A) Leitor(a), quando tiver o prazer de visitar Minas Gerais, guarde uma quantidade qualquer do seu tempo para ouvir os nossos causos – nome que damos a estas histórias. Histórias, anedotas, pequenas narrativas da vida de pessoas que com a originalidade forjada nas montanhas Gerais e uma deliciosa simplicidade o/a farão degustar numa tarde *inteirinha* sentado(a) à volta duma mesa, numa cozinha qualquer, esperando o café passar, o bolo esfriar e o pão de queijo dourar; ou mesmo aconchegado(a) na beira da calçada descascando uma laranja num *finzim* de tarde vendo o movimento da rua. Lá, aperceber-se-á de quão lacunares são nossos causos, sempre fica uma informação qualquer por se confirmar – e não falte quem se habilite a *assuntá* a ausência de algo que não conseguiu saciar a curiosidade dos presentes.

Logo, o que se apresenta neste capítulo são igualmente histórias de pessoas que eram filhos(as) de alguém, deixaram parte do seu património a uma igreja, viviam aqui ou ali, ocupavam-se desta ou daquela profissão; e que assim como os causos dos(as) mineiros(as), são lacunares, repletos de ausências informacionais – que, acredite, tentamos preencher o máximo que pudemos, e acreditamos assim ter feito –devem ser encaradas como convites a novas investigações e produções científicas. Uma vez escreveu Le Goff «desejo que a história, que se torna cada vez mais científica, possa permanecer uma arte. Alimentar a memória dos homens exige tanto gosto, estilo, paixão quanto rigor e método»<sup>205</sup>. Tal posto, estes parênteses, que entendo não ter destituído esta pesquisa de seu rigor e método, devem ser encarados tanto como uma homenagem à terra e povo de quem escreve – a arte de matar a saudade por palavras – quanto a assinatura deste que possivelmente tornar-se-á tampouco um medievalista, mas um

---

<sup>205</sup> LE GOFF, Jacques - *Para uma outra Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013, p. 7.

mineiro medievalista. E se porventura esta humilde tentativa de síntese da cultura de meu povo deixou a desejar qualquer coisa, findo-a com os versos do nosso Poeta: «Ninguém sabe Minas. [...] / Só mineiros sabem. / E não dizem nem a si mesmo o/ irrevelável segredo/ chamado Minas»<sup>206</sup>.

Ao gosto de quem lê: eis, então, os casos; ou eis os causos do universo social da Colegiada de Santiago de Coimbra.

## 1. Caracterização dos(as) celebrados(as), testadores(as) e doadores(as)

Que se vanglorie o irmão humilde na sua exaltação; e o rico, na sua humildade, porque passará como a flor e a erva. Pois o Sol nasceu com calor abrasador e secou a erva; e a flor dela caiu e a beleza do seu aspecto pereceu. Do mesmo modo também o rico nos seus negócios murchará<sup>207</sup>.

A epístola de Tiago em alguns versículos chama a atenção para a dicotomia entre a riqueza e a pobreza. Deste modo, pretendemos neste capítulo apresentar as pessoas registadas no *corpus* documental estudado de quem só nos chegou notícias da sua passagem pelo mundo por deterem condições financeiras suficientes para tal. Dito de outro modo, os pontos que se seguem pretendem caracterizar aqueles que beneficiaram a igreja colegiada de Santiago, através de legados para fundação de cerimónias de sufrágio de alma, bem como as relações interpessoais – familiares, de sociabilidade e solidariedade – identificadas nos documentos estudados.

### 1.1 Relações de sociabilidade

As demais relações de sociabilidade baseiam-se em pessoas que exerceram a função de: confrades, fundador, herdeiros e testamentários(as). Tal posto, na igreja de Santiago de Coimbra, reconhecemos um conjunto de aniversários celebrados pela alma dos Confrades do Hospital dos Alfaiates de Coimbra<sup>208</sup>. Sobre as confrarias na cidade sabemos que começaram

---

<sup>206</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de - *Poesia e Prosa*, 1992, p. 433.

<sup>207</sup> Tg 1: 9-11.

<sup>208</sup> Ver Anexos 1. Perfil 24.

«a desenhar-se ainda no século XII»<sup>209</sup>; não obstante «são mais difíceis de localizar por serem, acima de tudo, associações de pessoas e não tanto espaços físicos»<sup>210</sup>:

por norma, estas associações estavam sediadas nas igrejas paroquiais e monásticas, podendo mesmo partilhar com elas a invocação a um santo. [...]. No entanto, muitas delas poderiam desenvolver as suas atividades nos hospitais e albergarias que administravam e que correspondiam à sua manifestação física no espaço<sup>211</sup>.

Ademais, devemos a Ana Rita Rocha os estudos relativos às confrarias de Coimbra. Análises estas que envolvem a confraria dos Alfaiates. Segundo a autora a dita confraria fora extinta entre 1378 e 1379 «quando seus confrades doaram os seus bens à igreja de Santiago, para a celebração dos sufrágios»<sup>212</sup>; outrossim não descarta a possibilidade de ter tido como sede a albergaria dos alfaiates ou mesmo a igreja de Santiago<sup>213</sup>. A fundação dos aniversários referidos deve, por isso, datar da data dessa doação. A importância das confrarias quando inseridas no mundo urbano medieval tange na «proteção espiritual e assistência em caso de doença, pobreza ou outro infortúnio»<sup>214</sup>; não obstante, Rocha chama atenção para o facto de que «não nos é possível saber, por exemplo, se um indivíduo que pretendesse exercer um determinado mester era obrigado a ingressar na respectiva confraria para o poder fazer»<sup>215</sup>. Já a situação inversa, da existência de membros que não exerciam o ofício adentrarem em alguma confraria, a autora cita a Confraria dos Alfaiates como exemplo visto que

esta não era exclusiva dos profissionais que lhe davam o nome, como aliás era comum nas confrarias de mesteres. [...] identificamos um mercador, o próprio juiz da instituição, e até mulheres, que seriam, na sua maioria, esposas ou familiares de confrades, condição que lhes conferia o direito de admissão, o qual as primeiras mantinham mesmo depois de enviuvarem<sup>216</sup>.

Assim sendo, para além da solidariedade na vida e na morte, as confrarias em geral conferiam aos seus membros «uma identidade de grupo, que se reforçava com a sua implantação física no espaço citadino [...] sendo fundamental para a salvaguarda dos interesses

---

<sup>209</sup> ROCHA, Ana Rita - As confrarias de mesteres no contexto assistencial de Coimbra (séculos XII a XV). *eHumanista*. n.º 49, 2021, p. 31.

<sup>210</sup> ROCHA, Ana Rita, 2021, *op. cit.* p. 33.

<sup>211</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>212</sup> *Ibidem*, p. 36.

<sup>213</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>214</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>215</sup> *Ibidem*, p. 40.

<sup>216</sup> *Ibidem*, p. 41.

laborais destes homens e para o desenvolvimento das suas atividades económicas»<sup>217</sup>. Continuaremos então com as demais relações de sociabilidade que identificamos em nosso *corpus* documental.

Vasco Gonçalves, beneficiado da colegiada de S. Bartolomeu de Coimbra, aparece mencionado no aniversário de Maria Vaz<sup>218</sup>, para além de ser o caso único no universo da documentação selecionada que é apontado como *fundador* de uma cerimónia de aniversário. Outrossim, há os registos de *herdeiros* dos(as) celebrados(as); nota-se que em nenhum dos três casos constam os nomes dos mesmos<sup>219</sup>. Para o Livro de Aniversários esta situação de omissão dos nomes reaparece quando se trata dos *testamenteiros*, estes aparecem na inscrição de aniversário de Maria Franca<sup>220</sup>; contudo, para a documentação avulsa agregada ao sobredito documento, constam, nos testamentos e cláusulas testamentárias os nomes dos(as) respectivos(as) testamenteiros(as).

A partir do testamento de Afonso Mendes<sup>221</sup> sabemos que Francisco Lourenço, Francisco Afonso<sup>222</sup> bem como Guiomar Afonso, sua esposa, foram testamenteiros do sobredito Afonso Mendes. No documento relativo a Domingas Anes de Barro<sup>223</sup> encontramos seu marido, João Barro, e o sapateiro António Anes como respectivos testamenteiros. Ademais, possuímos em nosso conjunto de pessoas, Domingas Anes *de Pinhel*<sup>224</sup> que escolheu como testamenteiros o raçoeiro de Santiago de Coimbra e afilhado da testadora, João Martins. Por sua vez o tabelião Afonso Anes<sup>225</sup> deixa para a mesma função sua esposa Constança Esteves e o raçoeiro da Sé de Coimbra, Lourenço Domingues. Já para Maria Anes<sup>226</sup> é indicado Martinho Fernandes como testamenteiro, sem maiores especificações sobre a ocupação deste. Igual situação é relativa a Álvaro Bentes, testamenteiro de Tomé Marques<sup>227</sup>. Finalmente, Constança Anes<sup>228</sup> nomeia como testamenteiro, no seu longo testamento, o chantre da igreja de S. Pedro de Coimbra, prior de Santiago de Almalaguês seu criado, Lourenço Domingues.

Os testamenteiros, homens ou mulheres, eram pessoas da máxima confiança dos testadores. Uma ponderação global do que acabámos de dizer dá-nos a perceber 4 clérigos, 4

---

<sup>217</sup> *Ibidem*, p. 42.

<sup>218</sup> Ver Anexos 1. Perfil 77.

<sup>219</sup> Ver Anexos 1. Perfis 20; 109; 71

<sup>220</sup> Ver Anexos 1. Perfil 72.

<sup>221</sup> Ver Anexos 1. Perfil 5 e a transcrição do testamento do dito Afonso Mendes no Anexos 5.

<sup>222</sup> Prior da igreja de Santa Justa de Coimbra.

<sup>223</sup> Ver Anexos 1. Perfil 29.

<sup>224</sup> Ver Anexos 1. Perfil 90.

<sup>225</sup> Ver Anexos 1. Perfil 3.

<sup>226</sup> Ver Anexos 1. Perfil 68.

<sup>227</sup> Ver Anexos 1. Perfil 104.

<sup>228</sup> Ver Anexos 1. Perfil 25.

leigos e 5 testamenteiros(as) que não apresentam especificações quanto à diferenciação entre leigos e clérigos – apesar de apresentarmos em categoria individual, é possível afirmar que caso estas pessoas pertencessem ao campo eclesiástico tal feito estaria então indicado na documentação. Reconhecemos duas esposas, um marido, um afilhado e um criado dos(as) testadores(as), o que reforça a ideia de que a escolha por uma pessoa inserida no círculo íntimo do(a) testador(a) demonstra a busca por segurança na execução do que fora testado.

Antes de mais, é preciso identificar agora as localidades fora dos domínios coimbrão das pessoas presentes na documentação considerada; a fim de observarmos os caminhos percorridos pelo território português e europeu até Santiago de Coimbra.

## 1.2 Naturalidades

Pela análise do elemento toponímico do nome, identificamos um total de seis localizações que consideramos corresponderem à naturalidade das pessoas celebradas em Santiago de Coimbra. Começando esta exposição pela região mais a Sul, desponta a lista Alvito, local associado a Dom Pedro de Alvito e sua esposa, Dona Maria<sup>229</sup>, benfeitores da colegiada de Santiago, em 1206. Não conhecendo outra localidade com o mesmo nome, consideramos tratar-se da vila alentejana que se encontra a norte de Beja<sup>230</sup>. Ainda no Alentejo, encontramos um indivíduo proveniente de Elvas<sup>231</sup> – localidade na atual fronteira com a Espanha, entre Estremoz e Badajoz – João *de Elvas*<sup>232</sup>, cónego da Sé de Coimbra, celebrado em Santiago.

Proveniente de Pinhel<sup>233</sup>, ou com raízes familiares desse território, seria Domingas Anes *de Pinhel*<sup>234</sup>. Junto a Coimbra identificamos a naturalidade de Marinha Bartolomeu<sup>235</sup>: Zouparria, uma vila a 15 km da cidade de Coimbra e a Leste da cidade de Tentúgal<sup>236</sup>, também celebrada no Livro de Aniversários. Segue-se a cidade de Aveiro através de Afonso Domingues *de Aveiro* – neste caso naturalidade e alcunha confundem-se.

Com relação à presença de estrangeiros no universo de Santiago de Coimbra, encontramos o deão e chantre da Sé da cidade, Dom Guilherme *de Saint-Gery*. Atualmente

---

<sup>229</sup> Ver Anexos 1. Perfil 93.

<sup>230</sup> Ver Anexos 2. Mapa 1.

<sup>231</sup> Ver Anexos 2. Mapa 1.

<sup>232</sup> Ver Anexos 1. Perfil 54.

<sup>233</sup> Identificamos uma cidade com este nome à norte da cidade da Guarda. Ver Anexos 2. Mapa 1.

<sup>234</sup> Ver Anexos 1. Perfil 32.

<sup>235</sup> Ver Anexos 1. Perfil 80.

<sup>236</sup> Ver Anexos 2. Mapa 2.



existem duas *comunas* francesas com este nome; uma – também denominada *Saint-Géry-Vers* – localizada na Occitânia e a outra em Nova Aquitânia<sup>237</sup>; a primeira a norte de Toulouse e a segunda a leste da cidade de Bordéus.

A partir das localidades identificadas, nota-se que, a Santiago de Coimbra, chegaram pessoas desde o Sul do território português, como Alvito; do Norte, provenientes de Porto e Lamego; das zonas fronteiriças do reino, como Elvas, muito próxima de Badajoz, e Pinhel, nos arredores da Guarda; e de França, como o caso de Saint-Géry. A variedade das naturalidades presentes na documentação deixa em evidência que para além das delimitações régias, o Ocidente medieval também se organizava por um grande espaço comum aberto a todos e todas que integravam a Cristandade medieval europeia. Com efeito, chegaram estas pessoas a Santiago de Coimbra com pelo menos um objetivo: a obtenção de sufrágios por suas almas. Então, cabe-nos agora dissertar sobre estas finalidades, que se não foram causa direta da circulação das ditas pessoas ao seu destino que aqui é foco de análise, tornaram-se a prova documental das respetivas chegadas e partidas a Santiago de Coimbra.

### **1.3 Destinatários/as das cerimónias de comemoração na colegiada de Santiago de Coimbra**

O ato de estipular cerimónias de sufrágio insere-se no âmbito religioso da vida social; ademais, é um momento íntimo em que o(a) fundador(a) de tais celebrações faz um exercício de confirmação mnemónica através do qual inclui ou exclui seus entes mais próximos. Deste modo, optamos por apresentar os(as) destinatários(as) das cerimónias estipuladas de maneira semelhante à adotada por Hermínia Vilar em sua tese de mestrado<sup>238</sup>; com a finalidade de observarmos: I) como as relações sociais e familiares são organizadas na Coimbra medieval aquando do momento da morte de alguém; e II) o quanto de seu património fora despendido para que fosse alcançado o sufrágio das respetivas almas.

No conjunto da documentação considerado encontramos um total de 33 mulheres que estipularam a fundação de celebrações individuais para si<sup>239</sup>. A diversidade dos bens deixados à paróquia consiste em casas, terras, olivais, vinhas, casal, cortinhal, fazenda e herdades;

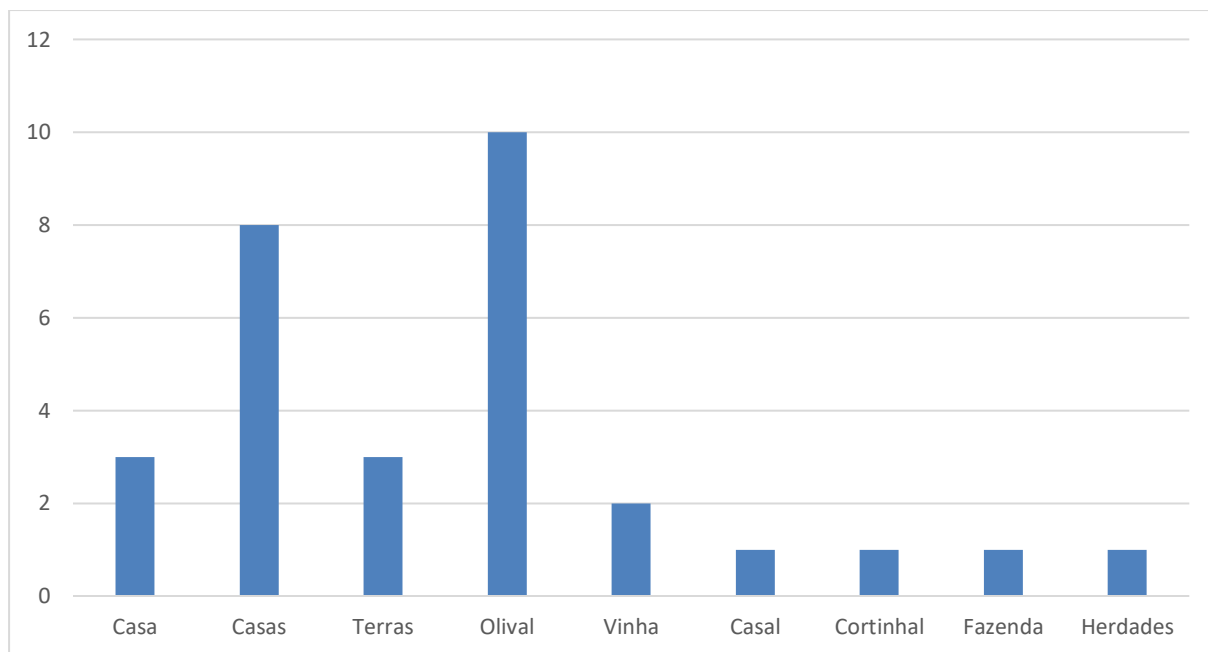
---

<sup>237</sup> Ver Anexos 2. Mapa 3.

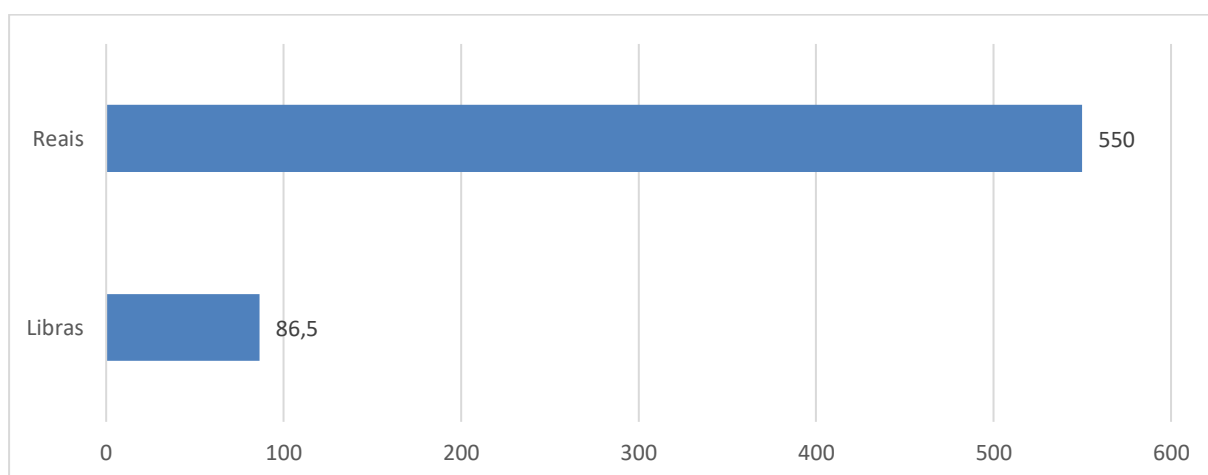
<sup>238</sup> VILAR, Hermínia Vasconcelos, 1995, op. cit.

<sup>239</sup> Ver Anexos 1. Perfis 9; 10; 11; 22; 23; 25; 26; 28; 29; 30; 31; 32; 33; 49; 50; 64; 67; 68; 69; 70; 71; 72; 73; 74; 75; 76; 77; 78; 79; 80; 81; 102; 103.

ademais, 86,5 libras e outros 550 reais foram destinados à sustentação das sobreditas celebrações. Igualmente houve quem realizasse o pagamento por géneros alimentícios, como pão<sup>240</sup>, azeite<sup>241</sup> e trigo<sup>242</sup>. Logo, para as mulheres celebradas em Santiago, contabilizamos o seguinte património<sup>243</sup>:



**Gráfico 1 – Bens de raiz deixados a Santiago por celebrações individuais do sexo feminino.**



**Gráfico 2 – Dinheiro destinado a Santiago de Coimbra por celebrações individuais do sexo feminino.**

<sup>240</sup> Ver Anexos 1. Perfis 30; 73; 79; 80; 81.

<sup>241</sup> Ver Anexos 1. Perfil 28.

<sup>242</sup> Ver Anexos 1. Perfil 30.

<sup>243</sup> É preciso chamar a atenção para o facto de que na documentação por cinco vezes consta que os(as) doadores(as) deixaram umas «casas» à paróquia; logo, optamos por separar «casas» - que por lógica podemos afirmar apenas ser mais de uma unidade - de «casa» - unidade única do imóvel. Tal raciocínio fora utilizado nos demais casos ao longo desta tese em que o bem deixado encontra-se no plural, mas sem quantificação.

Por sua vez, os homens que estabeleceram cerimónias individuais em Santiago de Coimbra somam um total de 42<sup>244</sup>. As quantias em dinheiro despendidas para a sustentação das mesmas foram de 452,5 libras e 1800 reais; outrossim, os bens de raiz resumem-se em casas, terras, olivais, vinhas, casais, pomar, cortinhal, herdade, adega, transcâmara e forno. Outros géneros de pagamento foram identificados como pão<sup>245</sup>, azeite<sup>246</sup>, um retábulo para a capela-mor<sup>247</sup> e um Breviário novo do costume de Braga<sup>248</sup>.

Ressaltamos um caso neste ponto de nosso estudo pela especificidade das doações feitas a Santiago; trata-se de Fernando Rodrigues Castelo Branco<sup>249</sup>, governador eleito da Índia que deixa à paróquia um ornamento de brocado de pelo carmesim com suas dalmáticas do mesmo brocado todo perfeito e acabado; um pálio de brocadilho sobre verde com seus *alparavazes* forrados de tafetá amarelo e todo franjado de seda rica vermelha e branca com suas seis varas; um frontal para o altar-mor doutra cor de brocadilho dourado com *sabastro* no meio de brocado da cor dos sabastros do dito ornamento com seu alparavaz desapegado todo franjado de seda vermelha e azul; uma saia para Nossa Senhora da Graça do mesmo brocado e toda ao redor e pelo meio a corta pisada de cores de vermelho e azul; um pano de seda branca para a estante<sup>250</sup>.

Dessa maneira, contabilizaram-se os bens dos homens celebrados na sobredita igreja da seguinte maneira:

---

<sup>244</sup> Ver Anexos 1. Perfis 1; 4; 5; 7; 8; 12; 17; 19; 20; 34; 35; 37; 38; 39; 40; 42; 43; 45; 46; 48; 51; 54; 57; 58; 61; 62; 63; 82; 85; 88; 89; 91; 94; 95; 96; 97; 98; 99; 101; 104; 108; 110.

<sup>245</sup> Ver Anexos 1. Perfis 4; 46; 88; 91; 110.

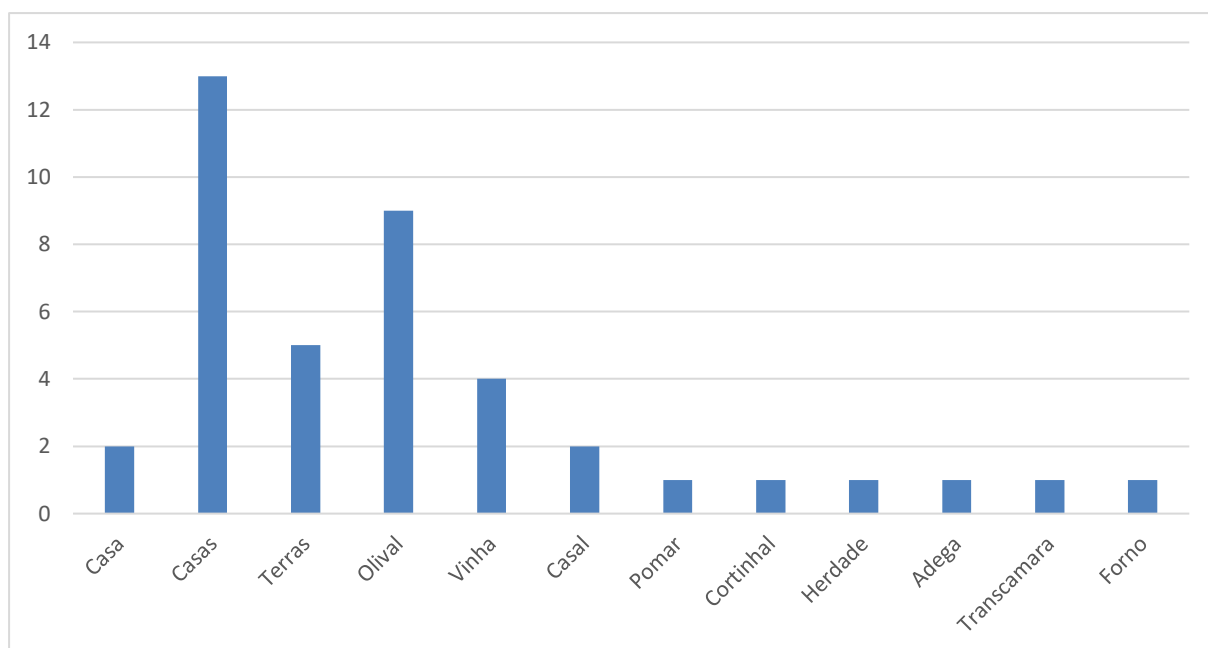
<sup>246</sup> Ver Anexos 1. Perfis 34; 51.

<sup>247</sup> Ver Anexos 1. Perfil 37.

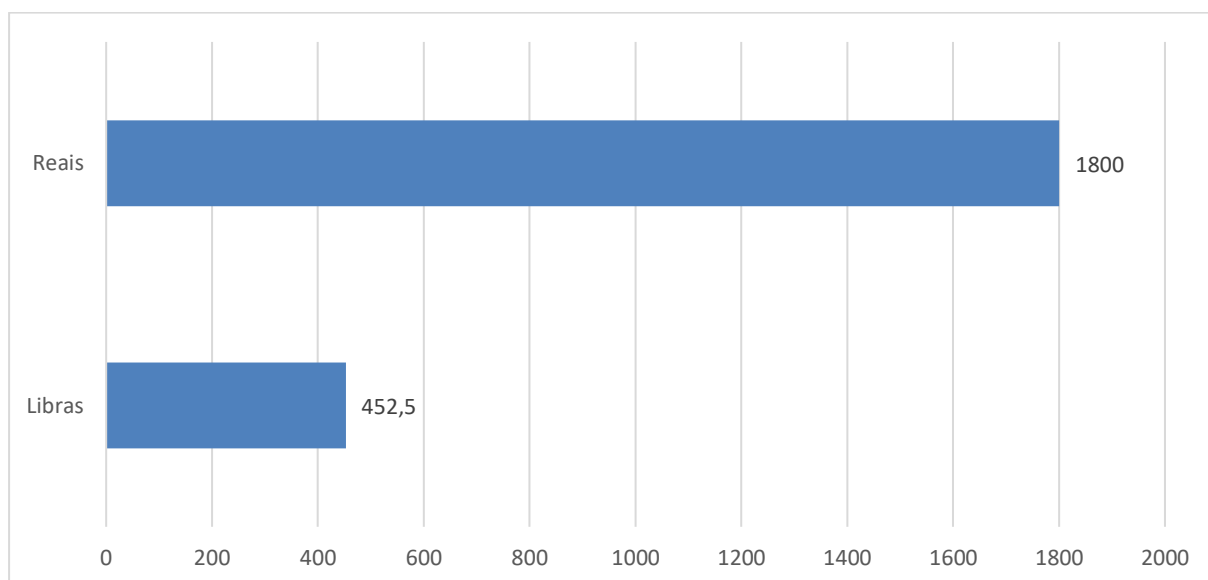
<sup>248</sup> Ver Anexos 1. Perfil 61.

<sup>249</sup> Ver Anexos 1. Perfil 43.

<sup>250</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 207.



**Gráfico 3 – Bens de raiz deixados a Santiago por celebrações individuais do sexo masculino.**



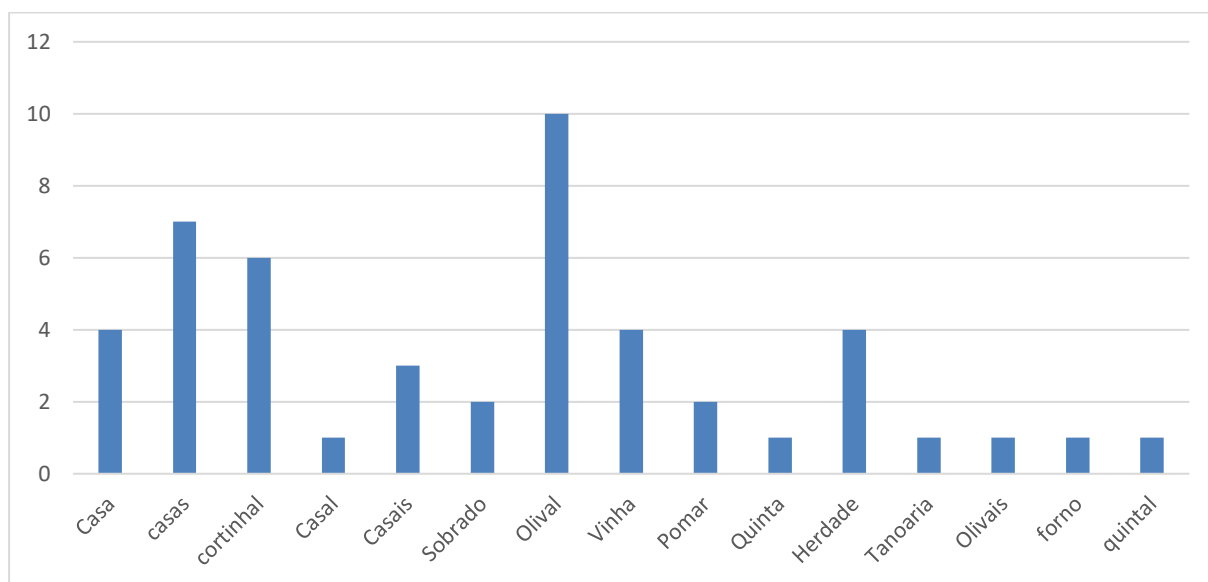
**Gráfico 4 – Dinheiro destinado a Santiago de Coimbra por celebrações individuais do sexo masculino.**

Encontramos 31 celebrações estabelecidas em nome de mais de uma pessoa. A maior parte, 19, são relativas a casais<sup>251</sup>; uma fora em nome dos confrades da Confraria dos Alfaiates<sup>252</sup>; uma outra por duas mulheres – cuja relação não se encontra apontada na

<sup>251</sup> Ver Anexos 1. Perfis 1; 2; 6; 13; 14; 16; 18; 21; 36; 44; 47; 53; 55; 56; 59; 65; 84; 86; 87; 91; 93; 100; 105; 109.

<sup>252</sup> Ver Anexos 1. Perfil 24.

documentação<sup>253</sup>; em prol dos parentes do celebrado<sup>254</sup>; uma celebração fora por um pai e sua filha<sup>255</sup>; outra por amigos<sup>256</sup>; em nome do pai e da mãe<sup>257</sup>; e, finalmente, um ofício divino reservado para um celebrado e sua criada<sup>258</sup>. Somamos um total de 126,5 libras e outros 1900,9 reais destinados à sustentação das sobreditas cerimónias; ademais identificamos os seguintes bens de raiz deixados à paróquia: casas, cortinhais, sobrados, casais, olivais, vinhas, pomares, quinta, herdades, tanoaria, pardieiro, forno e quintal.



**Gráfico 5 – Bens de raiz deixados a Santiago por celebrações conjuntas.**

<sup>253</sup> Ver Anexos 1. Perfil 66

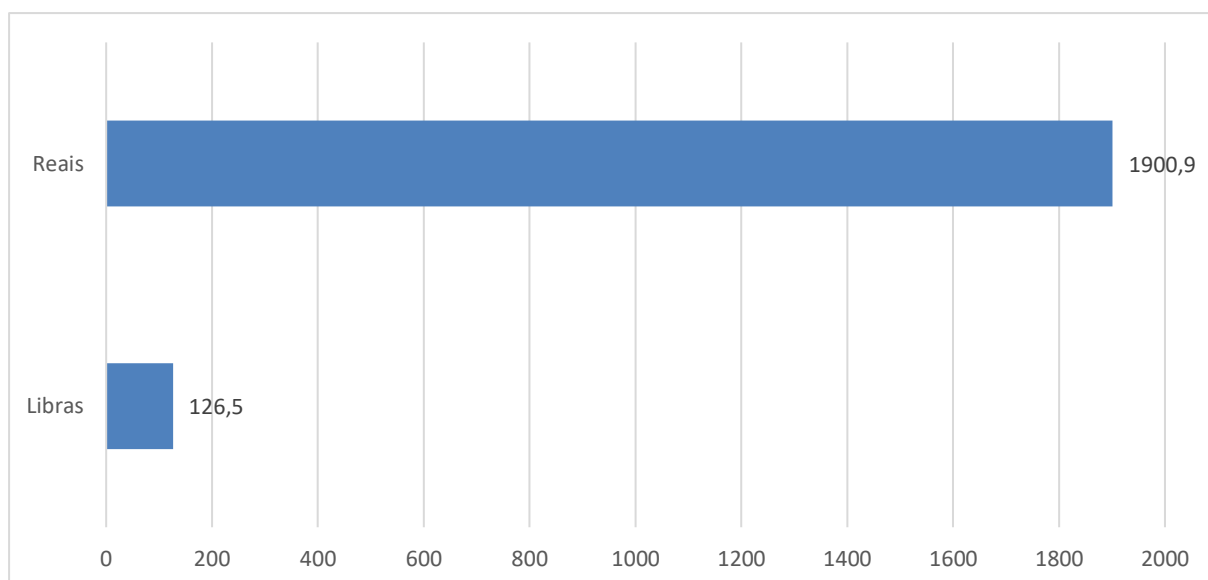
<sup>254</sup> Ver Anexos 1. Perfil 52.

<sup>255</sup> Ver Anexos 1. Perfil 83.

<sup>256</sup> Ver Anexos 1. Perfil 90.

<sup>257</sup> Ver Anexos 1. Perfil 107.

<sup>258</sup> Ver Anexos 1. Perfil 106.



**Gráfico 6 – Dinheiro destinado a Santiago de Coimbra por celebrações conjuntas.**

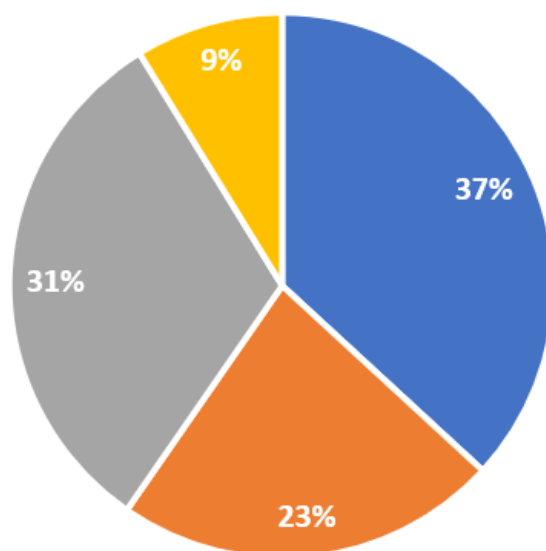
Em Santiago de Coimbra, as fundações de sufrágio destinaram-se, em sua maioria, a ofícios litúrgicos individuais; destes, identificamos os homens em maior número, seguidos pelas mulheres e por celebrações conjuntas – o equilíbrio entre estes três grupos ressalta como os sufrágios por alma eram uma preocupação uniforme dentro do corpo social analisado neste estudo. Ademais, se observarmos as duas tipologias com maior incidência de bens de raiz doados a Santiago para sustentação das celebrações das três categorias, notar-se-á uma preferência por casas e olivais – a quantidade doada destes dois tipos de bens deixa em evidência o nível económico das pessoas que estipularam sufrágio seja por alma. Não obstante, a quantia em dinheiro despendida por estes três tipos de celebrações deixa ainda mais em evidência o nível financeiro das pessoas que podiam, assim, estipular sufrágios por suas almas e de seus entes na sobredita igreja. Contudo, há ainda outras óticas que permitem traçar com maior precisão o nível económico das pessoas presentes no universo social de Santiago de Coimbra.

#### **1.4 Caracterização socioprofissional dos/as benfeitores/as de Santiago de Coimbra**

A organização dos(as) benfeitores(as) de Santiago de acordo com o ofício/ocupação que exercem na sociedade da Coimbra medieval contribui para elucidarmos quais grupos sociais se faziam presentes na sobredita paróquia; neste sentido, analisaremos, nas linhas que se seguem,

as respetivas categorias bem como o património investido por cada uma delas em investimento no sufrágio por almas de seus membros, com o objetivo de podermos, ao final desta secção, apresentar um perfil socioprofissional dos fiéis de Santiago de Coimbra.

Separamos os(as) profissionais do universo documental considerado – celebrados(as), doadores(as), testadores(as) – em quatro grupos (Gráfico 7): a) comércio e mesteres; b) oficialato régio e concelhio; c) eclesiástico; d) outros. Também neste ponto optámos por apresentar o levantamento da tipologia dos bens doados à paróquia.



■ Comércio e mesteres ■ Oficialato régio e concelhio ■ Eclesiásticos ■ Outros

Gráfico 7 – Distribuição dos(as) celebrados(as) na igreja de Santiago por grupo socioprofissional

#### 1.4.1 Comércio e mesteres

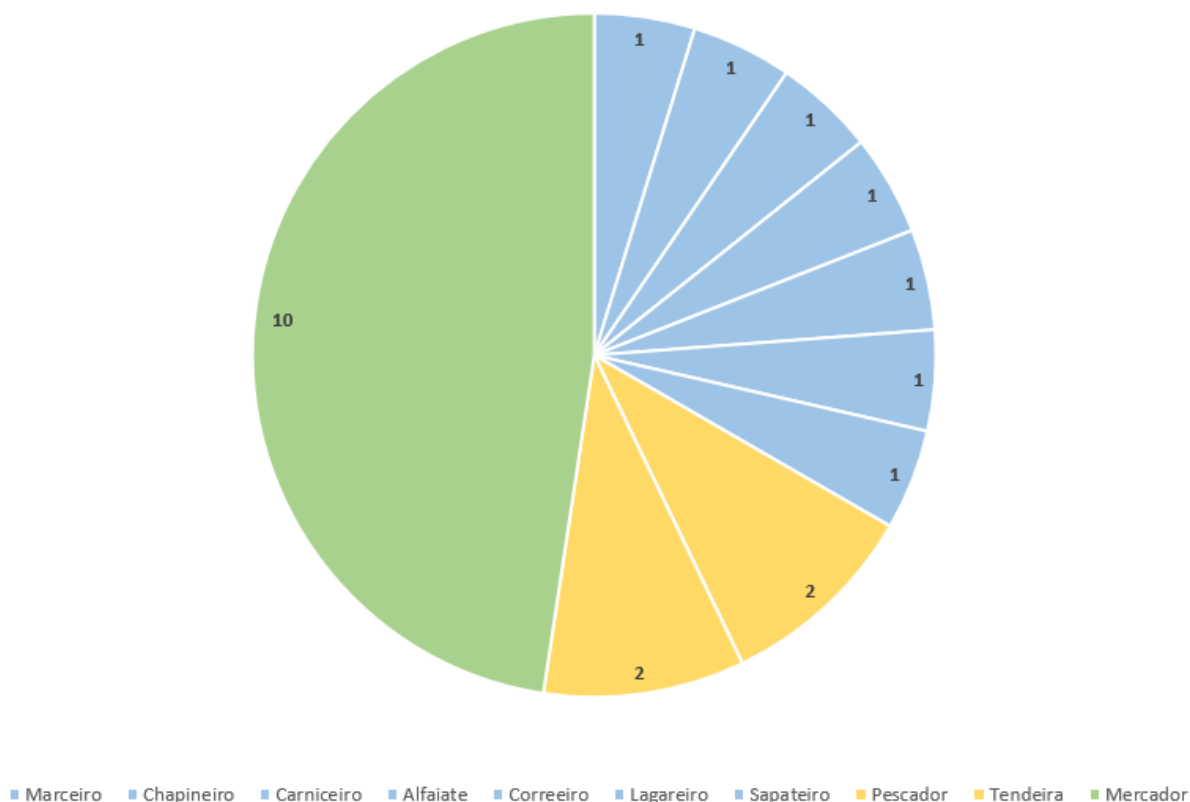
Contamos um total de 21 indivíduos distribuídos por dez ocupações diferentes<sup>259</sup>. Afonso Anes, Afonso Gonçalves, Afonso Peres, António Fernandes, Arnaldo *del Poche*, Estevão Domingues, João Galego, João Panão, Lourenço Peres e Rui Fernandes<sup>260</sup> são os representantes da ocupação com mais incidência no universo documental considerado: a dos mercadores.

Segundo António Manuel Hespanha, «no topo dos estratos sociais tipicamente urbanos, estavam os comerciantes de longo curso, importadores ou exportadores [...] e os grandes

<sup>259</sup> Mercador; tendeira; sapateiro; lagareiro; pescador; correeiro; alfaiate; carnicheiro; chapineiro.

<sup>260</sup> Ver Anexos 1. Perfis 2; 4; 6; 16; 19; 36; 57; 59; 65; 100, respetivamente.

comerciantes locais»<sup>261</sup>; e considera como uma «pequena burguesia urbana» os pequenos comerciantes, tendeiros(as), peixeiros, regatões, alfaiates, sapateiros, ferreiros, etc<sup>262</sup>. Deste modo, optámos por inserir no mesmo grupo comerciantes de longo curso, pequenos comerciantes e os mesteirais da cidade.



**Gráfico 8 – Composição socioprofissional do grupo Comércio e mesteres.**

Tal posto, começamos com Afonso Peres, mercador casado com Maria Francisca<sup>263</sup>. Este merece um primeiro destaque visto que o mesmo, para além de apresentar uma situação singular no universo documental considerado, era igualmente criado do bispo Dom Jorge (1338-1357). Possuímos informação sobre sua vida a partir de cinco entradas do Livro de Aniversários e de duas cartas de doação<sup>264</sup>. A primeira data dos 21 dias de dezembro de 1356 e a segunda do mesmo dia e mês do ano seguinte. As informações que se confirmam em ambos os documentos são relativas à Rua de Coruche, residência do casal – logo, paroquianos de Santiago; a

<sup>261</sup> HESPANHA, António Manuel - *História das Instituições - Épocas medieval e moderna*. Coimbra: Livraria Almedina, 1982, p. 233.

<sup>262</sup> *Ibidem*, p. 234.

<sup>263</sup> Ver Anexos 1. Perfil 6.

<sup>264</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 9 s/n (nº antigo 567 e 2) e ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 2 s/n (nº antigo 166).



motivação para o ato de doar é a remissão dos pecados e salvação das almas; de mesma maneira, os locais de sepultura – *corpo* da igreja de Santiago – se identificam, entretanto no documento de 1357 escreve-se estarem enterrados «dentro no corpo» do sobredito templo; nesta mesma doação o casal deixa a Santiago de Coimbra um olival e vinha nas proximidades do Mosteiro de Celas de Guimarães, outro olival localizado em Vila Mendiga e mais 20 soldos para serem distribuídos entre os presentes; já no documento feito um ano antes consta o mesmo olival e vinha perto de Celas<sup>265</sup> e os 20 soldos a Santiago – não consta a finalidade desta quantia, porém, devido à comparação documental, acreditamos poder afirmar ser, igualmente, para a distribuição entre os presentes nas celebrações.

Para a contabilização do património dos mercadores destinados ao sufrágio das almas em Santiago consideramos os dois olivais apontados em ambos os documentos. Tal ponderação se deu visto que no Livro de Aniversários estão agendados cinco aniversários, de acordo com o primeiro documento, há indicação de missa de Santa Maria a cada terça-feira da Quaresma, tal qual o segundo documento; assim, acreditamos poder afirmar que, neste caso, todos os bens destinados à colegiada nos três documentos selecionados foram destinados ao sufrágio das sobreditas almas. Em termos de conteúdo, a tipologia e quantidade das fundações estipuladas diferem quando comparados os dois documentos. No primeiro, 1356, os doadores estabelecem a realização de cinco aniversários em cada terceiro dia do mês, enquanto na última doação os mesmos pedem seis aniversários com missa de responso sobre o monumento em cada terça-feira da Quaresma.

Por sua vez, no Livro de Aniversários há cinco inscrições que celebram o nome de Afonso Peres. Consta na inscrição do dia 21 de fevereiro<sup>266</sup> a indicação de ofício a realizar com missa de Santa Maria a cada terça-feira da Quaresma com a indicação do pagamento de 20 soldos, sustentados pela renda de um olival em Vila Mendiga. Consideramos o perfil destas duas pessoas como um dos mais peculiares de todo o conjunto considerado, não tanto pela confluência de informações quanto pelas disparidades apresentadas em pontos sensíveis da documentação como pela quantidade e tipologia de ofícios estipulados e a aparente confusão na quantidade e localização dos bens destinados às cerimónias de sufrágio por suas almas. Ademais, as doações em nome do casal e a indicação de celebração conjunta em fevereiro, despertam-nos a dúvida sobre a possibilidade de as outras celebrações agendadas para os outros quatro dias, mesmo não apresentando o nome de Maria Francisca, igualmente serem em prol

---

<sup>265</sup> Ainda há, neste documento, a indicação de que o lugar chamava-se *apeqreira* – dúvida de leitura.

<sup>266</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 201.

da alma de ambos. O total de dinheiro despendido por este casal em prol de suas almas foi de 120 soldos, ou 6 libras.

Sabemos através de uma carta de doação de 16 de outubro de 1348<sup>267</sup> que Afonso Anes, mercador, e sua esposa Constança Esteves<sup>268</sup>, vizinhos de Coimbra, doaram a Santiago uma casa com sobrado e cortinhal localizada na Rua dos Tintuteiros. Já Afonso Gonçalves<sup>269</sup> se faz presente no Livro de Aniversários e deixa a Santiago umas terras no Campo de Coimbra e o pagamento que consta nas quatro datas agendadas para este homem é em género alimentício, nomeadamente pão. Situação semelhante acontece com António Fernandes, igualmente mercador<sup>270</sup> e registado no Livro de Aniversários; sabemos ter sido casado com Catarina Lopes e que a celebração fora feita em nome do casal. Deixaram à sobredita paróquia 100 reais e umas casas «suas e próprias» localizadas ante a porta da igreja de Santiago<sup>271</sup>.

Arnaldo *del Poche*<sup>272</sup>, com quatro datas reservadas para celebração individual deixa à colegiada 6 libras e umas casas na rua da Amoreira. João Galego, outro mercador<sup>273</sup> celebrado no Livro de Aniversários deixou à colegiada umas casas localizadas na Rua Travessa e há o registo de 40 soldos<sup>274</sup>.

A tipologia dos bens doados para sufrágio das almas difere quando analisamos o mercador Estevão Domingues e sua esposa Florença Fagundes<sup>275</sup>, numa carta de doação feita na igreja de Santiago aos 20 dias de janeiro do ano de 1347<sup>276</sup>. O casal faz a doação de oito libras à sobredita igreja a serem divididas em 13 soldos por cada aniversário para ser distribuídos entre os presentes. João Panão, mercador<sup>277</sup> celebrado no Livro de Aniversários em conjunto com Guiomar Vicente, sua esposa, deixa um olival localizado em Santo António<sup>278</sup> e uma quantia de 130 soldos a serem distribuídos nas respetivas datas. Lourenço Peres, celebrado no Livro de Aniversários<sup>279</sup>, em cerimónia individual, deixa à dita colegiada uma vinha, um olival e um pomar para além de 20 soldos. Rui Fernandes foi o último dos mercadores celebrados<sup>280</sup>; tal cerimónia é feita em seu nome e no de sua esposa, Maria Domingues e o casal deixa a Santiago

---

<sup>267</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m.17 s/n (nº antigo 202 e 630).

<sup>268</sup> Ver Anexos 1. Perfil 2.

<sup>269</sup> Ver Anexos 1. Perfil 4.

<sup>270</sup> Ver Anexos 1. Perfil 16.

<sup>271</sup> Há a indicação de que o sentido para se encontrar a residência é ao sair da Praça em direção a saboaria velha.

<sup>272</sup> Ver Anexos 1. Perfil 19.

<sup>273</sup> Ver Anexos 1. Perfil 57.

<sup>274</sup> Há a indicação de sentido: da Rua de Peliteiros contra a igreja de S. Bartolomeu.

<sup>275</sup> Ver Anexos 1. Perfil 36.

<sup>276</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 3 s/n (nº antigo 451 e 632)

<sup>277</sup> Ver Anexos 1. Perfil 59.

<sup>278</sup> Atual Santo António dos Olivais, termo de Coimbra.

<sup>279</sup> Ver Anexos 1. Perfil 65.

<sup>280</sup> Ver Anexos 1. Perfil 100.

umas casas localizadas na Rua dos Peliteiros e mais 120 soldos a serem distribuídos nas datas reservadas.

O património destes dez mercadores destinado ao sufrágio das respetivas almas soma um total de três olivais; uma vinha, pomar, casa e cortinhal; terras no Campo coimbrão; e quatro bens estão registados como «casas»<sup>281</sup>. Em termos financeiros a paróquia de Santiago recebeu um total de 36,5 libras; 200 reais e pão como pagamento das cerimónias a serem realizadas. A tendência identificada para este grupo é de doar propriedades em Coimbra e nos arredores – estes últimos nem sempre identificados, como no caso das terras que apresentam localização imprecisa no campo de Coimbra.

Por sua vez, a categoria dos sapateiros conta com um celebrado apenas. No Livro de Aniversários Martim Anes, sapateiro, possui celebração em conjunto com sua filha Antónia Martins<sup>282</sup>; o património destinado por sua alma e de sua filha é de 100 reais para além de deixarem a Santiago uma vinha com suas hortas localizada em Vale Meão.

Os alfaiates encontram representação nas dez datas destinadas ao sufrágio pelas almas dos *Confrades do Hospital dos Alfaiates*<sup>283</sup> e o património destinado para tal é exclusivamente em dinheiro, um total de 270 soldos – 13,5 libras. Se não possuímos nomes destes(as) alfaiates(as), a situação é favorável quando se olha para Domingas Peres, uma alfaiata<sup>284</sup>. Com celebração individual em data única deixa o valor de 20 soldos a ser pago anualmente na «igreja do mosteiro de S. Domingos»<sup>285</sup>. A continuar com o grupo das mulheres profissionais, encontramos duas tendeiras. Classificamos o caso de Beatriz Peres e Maria Fernandes<sup>286</sup> como pertencente à pequena coleção de casos intrigantes da paróquia de Santiago, visto que nas celebrações pela alma de Maria Fernandes – que deixou 100 reais em cada uma das duas datas e uma fazenda «própria e de raiz»<sup>287</sup> – consta o nome de sua sobrinha: Beatriz Peres. Não há indicação da ocupação socioprofissional desta última, contudo, este nome aparece vinculado à profissão de tendeira como celebrada numa cerimónia conjunta com seu marido, João de Coimbra.

Este casal deixa a Santiago casas e tanoarias localizadas na Praça da cidade, um olival em Quarto da Corredoura, outro olival em Vila Franca e um total de 900,1 reais em dinheiro. Devido à escassez documental, infelizmente não se pode afirmar que esta Beatriz Peres seja a

---

<sup>281</sup> Chamamos a atenção para o plural da palavra.

<sup>282</sup> Ver Anexos 1. Perfil 83.

<sup>283</sup> Ver Anexos 1. Perfil 24.

<sup>284</sup> Ver Anexos 1. Perfil 33.

<sup>285</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 205.

<sup>286</sup> Ver Anexos 1. Perfis 53 e 71 respetivamente.

<sup>287</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 219.

mesma sobrinha de Maria Fernandes. Todavia, não podemos ignorar a força que possui o facto de gravitarem estes dois nomes de mulheres em torno da mesma atividade profissional; não obstante, se investigações futuras confirmarem serem tia e sobrinha, as produções científicas nos campos da história das mulheres e da micro-história da paróquia de Santiago, poderão estar defronte a uma das mais clássicas relações do mundo medieval: a transmissão do ofício. Além disto, o que torna este caso singular é a possibilidade de transmissão do ofício entre duas mulheres – e dentro da mesma família.

Os pescadores<sup>288</sup> somam dois indivíduos. Afonso Peres peixeiro divide a cerimónia de sufrágio com Maria Afonso<sup>289</sup> tanto no Livro de Aniversários quanto na carta de doação feita dentro da residência dos doadores, na Rua de Coruche – logo, paroquianos de Santiago – aos 26 dias de agosto do ano de 1367<sup>290</sup>. O património destinado por almas do casal é uma metade<sup>291</sup> de umas herdades localizadas na Rapoula<sup>292</sup> nas proximidades de Baçelo de Estevão de Aveiro, um cortinhal nos arredores do Moinho da Figueira, em Condeixa-a-Nova, um pardeeiro que estariam localizados próximo das casas que foram de um Afonso Lourenço e 8 libras.

Já Antoninho Fernandes aparece como barqueiro/pescador e testamenteiro referido em quatro das cinco datas reservadas para o aniversário de Maria Anes, sua esposa<sup>293</sup>; na restante inscrição surge como celebrado em celebração conjunta com a sobredita sua esposa e Maria Fernandes, filha do casal. Desta maneira, consideramos os bens doados para a manutenção dos aniversários tanto os apontados no Livro de Aniversários quanto presentes nas cláusulas testamentárias de Maria Anes trasladadas em pública forma de 27 de maio de 1381<sup>294</sup>. Assim sendo, foram destinados a Santiago duas casas, um olival em Vila Franca, terras em Póvoa de Fernandes<sup>295</sup>/Romã dos Frades<sup>296</sup>, Montemor-o-Velho, um olival em Gemil e 26 libras.

As informações relativas ao único correeiro de nossa documentação dizem respeito a Álvaro Gonçalves<sup>297</sup>, que em celebração conjunta com sua esposa deixa à paróquia 1 libra e um pagamento feito por géneros alimentícios – pão. Igualmente com um indivíduo encontramos os

---

<sup>288</sup> Incluem-se neste grupo barqueiros, peixeiros visto que Antoninho Fernandes aparece no Livro de Aniversários como barqueiro em 23 de dezembro e como pescador nas demais datas. Afonso Peres, por sua vez, aparece como peixeiro. Optamos por considera-los num mesmo grupo.

<sup>289</sup> Ver Anexos 1. Perfil 65.

<sup>290</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 14 s/n (nº antigo 447 e 95).

<sup>291</sup> A outra metade fora doada à Gafaria da cidade.

<sup>292</sup> Campo coimbrão.

<sup>293</sup> Ver Anexos 1. Perfil 68.

<sup>294</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 6 s/n (nº antigo 27 e 637).

<sup>295</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 215.

<sup>296</sup> Localidade descrita no documento previamente referenciado.

<sup>297</sup> Ver Anexos 1. Perfil 14.

lagareiros, personificados em Gonçalo Martins<sup>298</sup>. Sabemos através duma carta de doação de 14 de janeiro de 1368<sup>299</sup> e de dois dias<sup>300</sup> reservados para Gonçalo Martins e Catarina Afonso, sua esposa, no Livro de Aniversários, que o casal despendera para a manutenção dos aniversários um olival, vinha localizados em Gemil, 2 libras e um capão.

Ademais, rastreamos o chapineiro João Fernandes, que é celebrado no Livro de Aniversários em ofício conjunto com sua esposa Catarina Domingues<sup>301</sup>; o casal deixou a Santiago um olival localizado na Madalena. De igual modo, o marceiro (*sic*)<sup>302</sup> Vasco Anes Barbancho<sup>303</sup> aparece no Livro de Aniversários em cerimónia conjunta com Inês Peres sua esposa; consta em uma das inscrições que o casal deixara 100 reais à colegiada e em outra entrada o pagamento registado é de 50 «reais brancos»<sup>304</sup> a serem distribuídos entre os presentes. Por sua vez, o único dos carneiros presente na documentação considerada é Baltazar Fernandes, celebrado no Livro de Aniversários<sup>305</sup> que deixa a Santiago de Coimbra um olival localizado em Ceilo<sup>306</sup> e a quantia de 100 reais.

Assim sendo, contabilizamos os bens de raiz que foram deixados por profissionais da área de Comércio e mesteres com a finalidade de manutenção do sufrágio por suas almas (Gráfico 9). Dentro deste conjunto de pessoas considerado, a tipologia de bens com maior ocorrência é a dos olivais – um total de doze – seguida das casas – com, pelo menos, sete – e das vinhas com quatro unidades doadas.

---

<sup>298</sup> Ver Anexos 1. Perfil 47.

<sup>299</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 14 s/n (nº antigo 530 e 434).

<sup>300</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 222 e 223.

<sup>301</sup> Ver Anexos 1. Perfil 56.

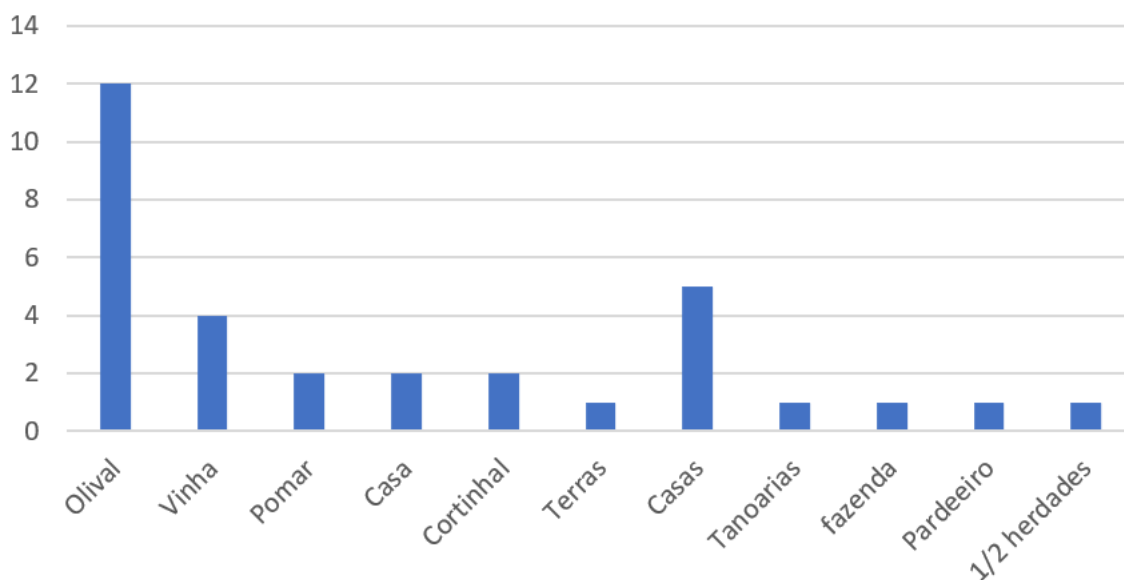
<sup>302</sup> VITERBO, *Elucidário*, *op. cit.* p. 79. «Marceiras: tributos, ou pensões, que se pagam em Março». Não encontramos nenhuma outra palavra que dê significado a esta ocupação. A hipótese de, aquando do ato de escrita, ter havido um erro no escrever da palavra *marceiro*, deve ser considerada, entretanto, por respeito à fonte, mantivemos o original.

<sup>303</sup> Ver Anexos 1. Perfil 105.

<sup>304</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 219.

<sup>305</sup> Ver Anexos 1. Perfil 20.

<sup>306</sup> *Sic*.



**Gráfico 9 – Bens de raiz, provenientes do grupo Comércio e mesteres, deixados a Santiago.**

Já com relação à quantia disposta pelos celebrados em prol da manutenção de suas respectivas celebrações encontramos um total de 96 libras e outros 1650,1 reais. Para além disso, é preciso ainda ter em conta que, dentro destas categorias, houve o pagamento em géneros alimentares, como o pão<sup>307</sup>; para além de o nosso lagareiro ter destinado um capão a ser entregue por dia de S. Miguel de setembro<sup>308</sup>. Ao mencionarmos as quantias monetárias, pretendemos apenas dar uma ideia ao/à leitor/a da ordem de valores que estão em causa sem sugerir qualquer comparação ou ponderação entre eles. Com efeito, ao trabalhar numa cronologia tão alargada, em que se observaram tantas oscilações no valor nominal e fiduciário da moeda, seria impossível fazer de outro modo.

Logo, a partir dos dados apresentados, nota-se que Santiago de Coimbra gozava de prestígio entre o grupo dos mercadores e de popularidade na atividade mesteiral; contudo, não podemos deixar de ressaltar que o poder económico individual, no âmbito das estratégias de salvação, deve ser tido em igual proporção à força de categorias robustas em representatividade, já que a maior quantia em reais destinados ao mesmo objetivo partiu das duas tendeiças do universo social analisado. Não obstante, os bens de raiz doados, de entre os quais destacamos os 12 olivais e 7 casas, destinadas à manutenção dos sufrágios por almas dos profissionais deste grupo demonstra como o património de Santiago de Coimbra fora consideravelmente

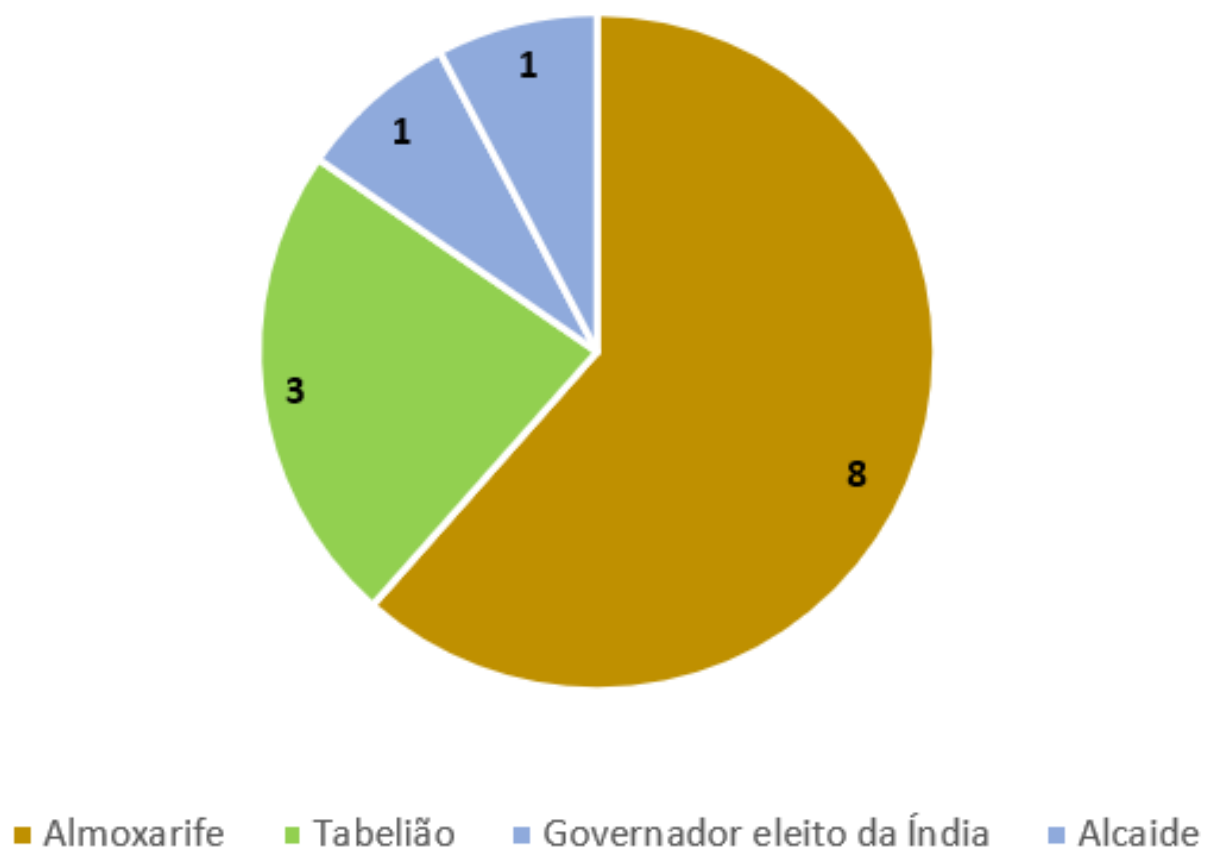
<sup>307</sup> Ver Anexos 1. Perfis 4 e 68.

<sup>308</sup> Ver Anexos 1. Perfil 47.

expandido. Isto torna possível afirmarmos com segurança que há correspondência entre o perfil socioeconómico da área em que fora assentada a igreja de Santiago, o arrabalde – centro da atividade comercial e manufatureira da cidade – e a captação de renda da sobredita colegiada; firmando-a, desse modo, como uma rica e procurada circunscrição paroquial.

#### *1.4.2 Oficialato régio e concelhio*

O segundo grupo que estipulamos para organização dos(as) celebrados(as) em Santiago de Coimbra que possuem identificação quanto à atividade que exercem conta com um total de 13 indivíduos distribuídos em quatro categorias diferentes (Gráfico 12).



**Gráfico 10 – Composição socioprofissional do grupo Oficialato régio e concelhio.**

O ofício mais representado neste grupo é o dos almoxarifes. Afonso Anes é o primeiro de que damos notícia<sup>309</sup>. Celebrado de forma conjunta com Constança Esteves, sua esposa, dispomos de informações sobre este casal a partir tanto do Livro de Aniversários<sup>310</sup> quanto por uma carta de doação feita aos 20 dias de julho do ano de 1357 nas pousadas do sobredito casal e trasladadas em pública forma em 13 de janeiro de 1363<sup>311</sup>. Sabemos por este último documento que ambos foram fregueses de Santiago de Coimbra e os mesmos deixaram à paróquia três partes de um casal localizado em Fonte Coberta, umas casas – «em alto e em baixo»<sup>312</sup> – com seu cortinhal na Rua de S. João<sup>313</sup> e um cortinhal nas proximidades da Albergaria de Santa Luzia. Ademais, no Livro de Aniversários<sup>314</sup> consta que foram deixadas umas casas com vergel<sup>315</sup> que estariam emprazadas ao pintor Afonso Rodrigues; devido à escassez documental não podemos afirmar se estas casas são as mesmas que foram deixadas na carta de doação. Relativamente à quantia disposta, soma um total de 10 libras. Para além destas ocorrências, registamos ainda a referência ao mesmo nome e mesmo cargo no testamento de Constança Anes feito a 27 de fevereiro de 1397 e trasladado em pública forma de 2 de abril de 1457<sup>316</sup>; não consideramos relativo ao primeiro Afonso Anes analisado visto que não há suficientes provas documentais que possibilitem tal assimilação<sup>317</sup>, logo tratamo-lo como almoxarife referido e distinto do primeiro.

Por sua vez, com celebração individual registada no Livro de Aniversários temos Amarão Esteves, almoxarife celebrado individualmente e em data única<sup>318</sup>; para este homem não constam registos de nenhum bem de raiz ou quantia de pagamento disposta. Outro indivíduo de mesmo cargo é Domingos Anes<sup>319</sup>. Os bens deixados por este oficial à paróquia de Santiago foram um olival que estaria emprazado a Domingos Lourenço, umas casas, emprazadas por Nicolau Martins, para além de o pagamento ter sido feito em géneros alimentícios – azeite – e em dinheiro, 2 libras; não há registo das localizações de nenhum destes bens. Outro almoxarife com celebração individual é João Afonso<sup>320</sup> que deixa à sobredita paróquia umas casas e um olival, este último estaria emprazado a Afonso Fernandes; de igual maneira não consta a

---

<sup>309</sup> Há a indicação de ter sido almoxarife do rei em Coimbra.

<sup>310</sup> Ver Anexos 1. Perfil 1.

<sup>311</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 8 s/n (nº antigo 42 e 251).

<sup>312</sup> Inferimos tratar-se de uma casa de dois ou mais pavimentos.

<sup>313</sup> Freguesia de S. Bartolomeu.

<sup>314</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 215.

<sup>315</sup> Segundo o Elucidário, tomo II, p. 272: «VIRGEU. Jardim, vergel, ou mais bem pomar de fruteiras».

<sup>316</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 3 s/n (nº antigo 522).

<sup>317</sup> Este testamento está desenvolvido no capítulo seguinte deste trabalho.

<sup>318</sup> Ver Anexos 1. Perfil 15.

<sup>319</sup> Ver Anexos 1. Perfil 34.

<sup>320</sup> Ver Anexos 1. Perfil 51.



localização destes bens; o pagamento fora feito em géneros alimentícios – azeite – para além de 2 libras.

Já Pedro Juliães, celebrado em nove datas<sup>321</sup> deixa a Santiago umas casas que estariam no adro da dita igreja; sabemos que foram emprazadas a Gabriel Vicente, morador das mesmas. Este almoxarife ainda deixa 18 libras para a manutenção de seus aniversários. Outrossim, Martim Anes em celebração individual no Livro de Aniversários<sup>322</sup> deixa «casas e posses» que possuía em Condeixa para a manutenção de seus aniversários e 2 libras. Localizamos outro almoxarife, Martim Bravo, que aparece com celebração individual no sobredito documento<sup>323</sup> e nas entradas destinadas às cerimónias de sufrágio por sua alma não constam bens de raiz enquanto a soma do dinheiro destinado a Santiago fora de 3 libras. Ademais, este mesmo Martim Bravo aparece numa carta de doação feita por Margaria Anes, sua esposa, aos 11 dias de fevereiro do ano de 1363<sup>324</sup>. Este caso é igualmente singular visto que a esposa – que possui celebração individual no Livro de Aniversários<sup>325</sup> – na carta de doação deixa a Santiago umas casas de três portais com cortinhal localizadas nas proximidades do Mosteiro de S. Domingos e estipula celebrações em prol da alma de Martinho Bravo. Não obstante, o documento fora feito nestas mesmas casas que são apontadas como residência do casal.

O almoxarife Pedro João<sup>326</sup> é talvez o celebrado com menos informações possíveis: apenas consta ter deixado duas libras para a sustentação de seu aniversário em data única e celebração individual. Pedro Anes é o nome do último dos almoxarifes presentes na documentação considerada. Este é celebrado juntamente com sua esposa, Iria Peres, no Livro de Aniversários<sup>327</sup>; onde não consta registo de nenhum bem de raiz deixado para a manutenção dos aniversários estipulados, já a quantia de dinheiro é de 5 libras. A seguir a categoria dos almoxarifes, contabilizamos um total de três tabeliães. O primeiro deste grupo é Afonso Anes<sup>328</sup>.

Temos informação a respeito deste tabelião de Coimbra através de cláusulas de seu testamento – feito em 14 de setembro do ano de 1367 – trasladadas em pública forma de 16 de março de 1383<sup>329</sup>. É preciso chamar atenção para o facto de que, no universo documental

---

<sup>321</sup> Ver Anexos 1. Perfil 96.

<sup>322</sup> Ver Anexos 1. Perfil 82.

<sup>323</sup> Ver Anexos 1. Perfil 85.

<sup>324</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 3 s/n (nº antigo 634 e 608).

<sup>325</sup> Ver Anexos 1. Perfil 64.

<sup>326</sup> Ver Anexos 1. Perfil 95.

<sup>327</sup> Ver Anexos 1. Perfil 92.

<sup>328</sup> Ver Anexos 1. Perfil 3.

<sup>329</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 9 s/n (nº antigo 196 e 49).

considerado, encontramos este nome vinculado a três ocupações diferentes: almoxarife<sup>330</sup>, mercador<sup>331</sup> e agora este tabelião; o primeiro identificamo-lo a partir do Livro de Aniversários, já os dois últimos por documentação previamente indicada.

Isto posto, a baliza cronológica que envolve este nome vai de 1348 a 1367; o documento mais antigo deste grupo é o referente ao mercador<sup>332</sup>, seguido pela carta de doação do almoxarife de 1357<sup>333</sup> e pelas sobreditas cláusulas testamentárias do tabelião. Para além da disparidade socioprofissional destes três nomes, as tipologias de fundações divergem visto que o mercador estipula oito aniversários; o almoxarife duas missas oficiadas de requiem e o tabelião estipula tantos aniversários quanto valerem os bens para além de uma missa com oito clérigos dos mais idóneos. Os bens doados igualmente divergem: como acima mencionado, o primeiro deixa uma casa com sobrado e cortinhal na Rua dos Tintureiros, o almoxarife deixa três partes de um casal em Fonte Coberta e umas casas com cortinhal em Rua de S. João, na freguesia de S. Bartolomeu; por sua vez, Afonso Anes tabelião, em sua carta de doação deixa registado a doação a Santiago de «herdades» e estipula que se façam tantos aniversários quanto valerem as herdades.

Bernardo Martins é o nome do outro tabelião identificado no Livro de Aniversários<sup>334</sup> e numa carta de doação feita no coro da igreja de Santiago aos oito dias de setembro do ano de 1371<sup>335</sup>. Tanto num quanto noutra o nome aparece com vínculo matrimonial com Constança Martins. As doações à paróquia foram feitas em nome de ambas as pessoas e enquanto no Livro de Aniversários regista-se que fora deixado um «lugar»<sup>336</sup>/ «quinta»<sup>337</sup> localizado em Bera, na carta de doação os bens, de mesma localização, estes estão mais bem detalhados: metade de casas, umas vinhas, herdades, azenhas e possessões; com relação ao dinheiro, soma-se um total de 27,75 libras destinadas às celebrações. Consideramos este último conjunto de bens implícito nas descrições do Livro de Aniversários.

O último dos tabeliões presentes no universo documental considerado é Vasco Peres, celebrado no sobredito Livro<sup>338</sup>; inclusive para este homem consta o registo de ter sido tabelião do judicial e ter Ana Vaz como filha. Os bens deixados para a sustentação dos aniversários de

---

<sup>330</sup> Ver Anexos 1. Perfil 1.

<sup>331</sup> Ver Anexos 1. Perfil 2.

<sup>332</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 17 s/n (nº antigo 202 e 630).

<sup>333</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 8 s/n (nº antigo 42 e 251).

<sup>334</sup> Ver Anexos 1. Perfil 21.

<sup>335</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 5 s/n (nº antigo 205 e 418).

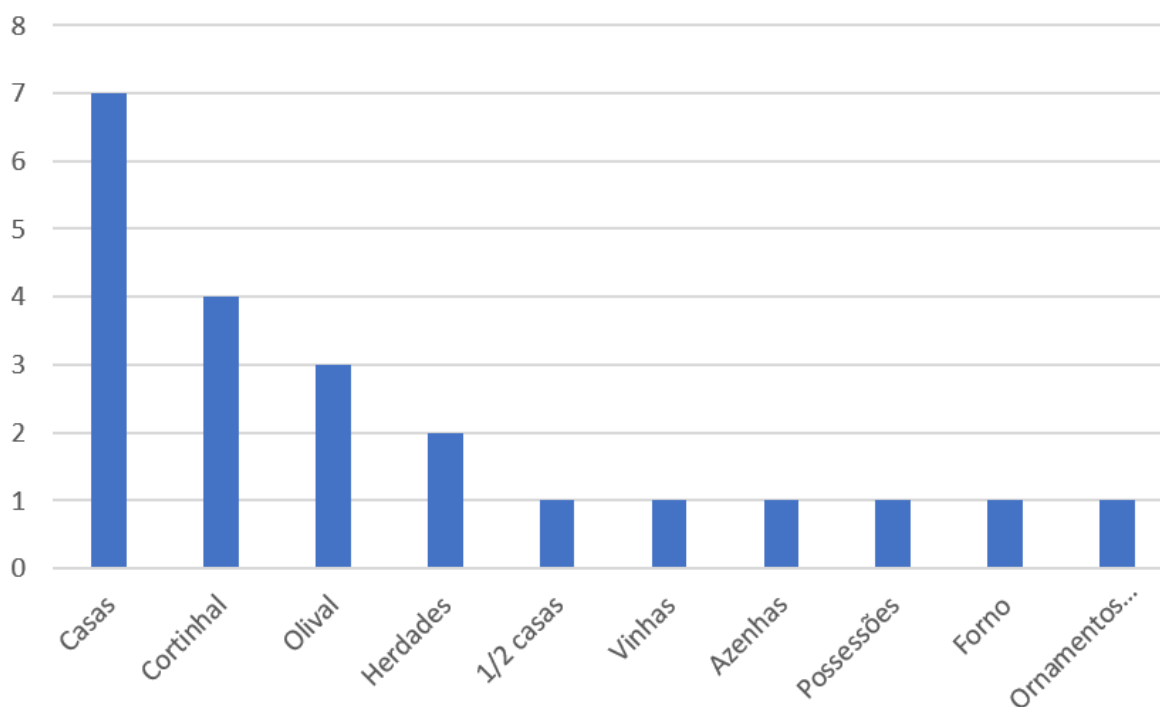
<sup>336</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 196; 198.

<sup>337</sup> *Ibidem*, p. 211.

<sup>338</sup> Ver Anexos 1. Perfil 108.

celebração individual deste tabelião foram casas com forno, localizadas nas proximidades das casas novas do celebrado, um cortinhal que estaria logo abaixo das tanoarias e 200 reais pagos pela filha.

Já o alcaide presente na documentação analisada é Fernando Rodrigues<sup>339</sup> que deixa a Santiago um olival localizado no Alvor<sup>340</sup> e um total de 16 libras para a manutenção das cerimónias. Finalmente, no Livro de Aniversários, na entrada correspondente ao dia 19 de maio, há registo para que se realize para sempre um aniversário cantado com oras e ladainha em prol da alma de Fernando Rodrigues Castelo Branco<sup>341</sup>, Governador eleito da Índia – esta inscrição desponta como extremo da baliza cronológica desta pesquisa porque está datada de 1542. Até ao momento, não pudemos reconhecer nenhuma fundação que lhe fosse posterior. Na estatística final destas categorias (Gráfico 13), os bens deixados por este Governador foram contabilizados como *ornamentos sacros*; para dar leitura ao gráfico 13, quantificamos todas estes bens como uma unidade de doação. Desse modo, conseguimos contabilizar os seguintes bens:



**Gráfico 11 – Bens deixados a Santiago por oficiais celebrados na paróquia.**

Com relação ao dinheiro entregue a Santiago de Coimbra com finalidade à manutenção das celebrações em prol das almas dos celebrados pertencentes ao grupo do oficialato temos

<sup>339</sup> Ver Anexos 1. Perfil 42.

<sup>340</sup> Hoje, Alvor é uma vila localizada nas proximidades de Portimão, Algarve.

<sup>341</sup> Ver Anexos 1. Perfil 43.

em libras, para além dos únicos 200 reais provenientes do tabelião Vasco Peres e de dois pagamentos complementados por azeite.

Assim sendo, os oito almoxarifes e os três tabeliães que tiveram suas respectivas almas sufragadas deixam em evidência que, para além do prestígio entre os representantes do grupo anterior, o raio de influência de Santiago de Coimbra não era determinado apenas pela localização de sua sede paroquial, no arrabalde. Ademais, os bens doados por todas as pessoas deste grupo apresentam uma ligeira diferença quando comparados com os do anterior; aqui, as casas despontam com maior incidência de doações seguidas por cortinhais – chamamos a atenção para o facto de ter sido doado um forno, que veio num conjunto com casa e cortinhal, pois dá mostras do quão diversa era a fonte de renda da igreja – diversidade esta ampliada pelas estratégias de sufrágio de almas; ainda, é notável o conjunto de bens doados pelo Governador eleito da Índia que para além de robustecer o património sacro-artístico da dita igreja, evidencia que o interesse em ter as respectivas almas sufragadas em Santiago de Coimbra alcançou altas estratificações sociais, tanto nos domínios concelhios quanto ao nível geral do reino português.

### **1.4.3 Outros**

Este grupo reúne quatro mulheres e um homem em quatro categorias distintas; identificamos duas sergentes, uma ama, uma reguefeira régia e um advogado.

Relativamente às primeiras, ambas são serviçais de eclesiásticos. Encontramos Aldonça Fernandes celebrada individualmente, com registo no Livro de Aniversários<sup>342</sup>, para quem dispomos também da carta de doação feita a Santiago<sup>343</sup>. Sabemos que a mesma tinha residência na Rua do Sal e fora sergente de Gabriel Vicente, raçoeiro de Santiago de Coimbra e prior de Castelões<sup>344</sup>; os bens de raiz deixados para a sustentação das celebrações de Aldonça Fernandes foram a casa em que então morava a doadora e o total de dinheiro disposto foi de 4 libras e 30 reais à dita paróquia. Em contrapartida, para os aniversários de Maria Esteves<sup>345</sup>, sergente do prior de Ansião<sup>346</sup>, foram deixadas à colegiada de Santiago umas casas localizadas no Caneiro, um olival em Vale de Ferro e mais 4 libras em dinheiro. Ambas as sergentes que encontramos beneficiavam de uma celebração individual em seu nome.

---

<sup>342</sup> Ver Anexos 1. Perfil 11.

<sup>343</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 10 s/n (nº antigo 317 e 746).

<sup>344</sup> Ver Anexos 1. Perfil 45.

<sup>345</sup> Ver Anexos 1. Perfil 70.

<sup>346</sup> De nome desconhecido.

Já a ama rastreada em nossa documentação, Briolanja Domingues, celebrada em ofício individual no Livro de Aniversários<sup>347</sup> consta que tivesse deixado a Santiago 100 reais a serem pagos por quem emprazasse os bens legados – umas casas localizadas na Rua do Corpo de Deus e um olival em Arregaça<sup>348</sup>. A completar o género feminino identificamos Joana Peres<sup>349</sup>, regueifeira<sup>350</sup> do Rei D. Pedro, que deixou à colegiada de Santiago umas casas que estariam emprazadas ao raçoeiro Fernando Vasques e mais duas libras.

Os homens encontram-se reduzidos em Mestre Afonso das Leis; este indivíduo insere-se numa celebração igualmente curiosa do *corpus* documental considerado visto que surge como celebrado em uma das datas reservadas para Estevão Peres<sup>351</sup>. Este cónego da Sé de Coimbra reservou oito dias para ofícios litúrgicos destinados ao sufrágio de sua alma, contudo, na entrada correspondente ao dia 28 de junho<sup>352</sup> o celebrado estipula que as almas de seu pai, mãe e tia sejam lembradas e comemoradas; ademais, Mestre Afonso das Leis surge neste grupo familiar – a fonte nada especifica sobre a relação deste para com os demais membros a não ser o facto de ter sido incluído nos sufrágios estipulados – e igualmente deve ser considerado como celebrado. Todavia, não possuímos uma descrição que especifique a ocupação deste mestre, que por estar apontado no campo das leis, consideramos pertencer à categoria dos advogados<sup>353</sup>.

Assim sendo, contabilizamos um total de três casas e dois olivais que partiram dos indivíduos deste grupo com o objetivo de terem suas almas sufragadas na igreja de Santiago de Coimbra. Ressaltamos aqui o facto de que as duas serviçais e a ama – categorias que, comparadas as outras dos grupos anteriores, são de menor prestígio social – serem responsáveis pelo conjunto de bens despendidos.

#### ***1.4.4 Eclesiásticos***

Os indivíduos apontados como pertencentes a esta categoria no conjunto da documentação considerada somam um total de 18; optamos por organizá-los da seguinte maneira: os eclesiásticos referidos com benefícios exclusivamente em Santiago de Coimbra (8);

---

<sup>347</sup> Ver Anexos 1. Perfil 22.

<sup>348</sup> *Sic.*

<sup>349</sup> Ver Anexos 1. Perfil 50.

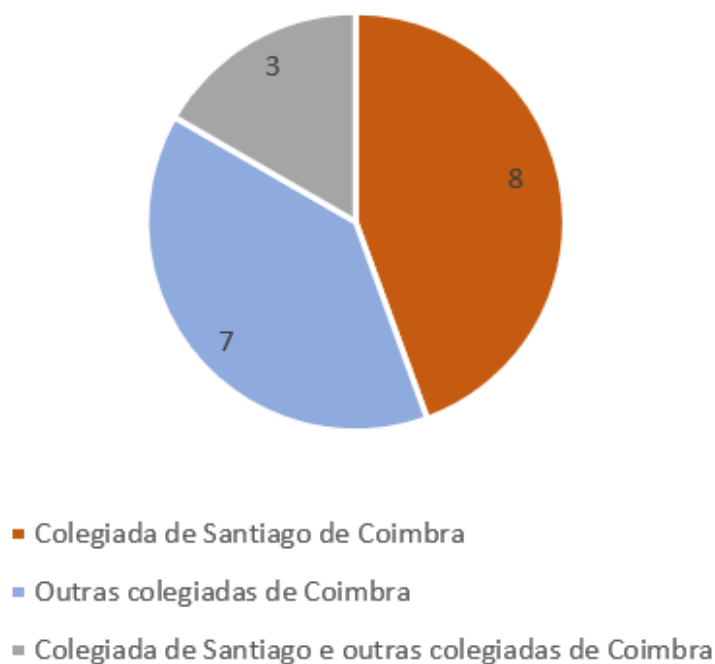
<sup>350</sup> VITERBO, Elucidário, *op. cit.* p. 186. Regueifeiras: «amassadeiras, mulheres que antigamente se ocupavam em amassar e cozer o pão para a casa e família real. Estas, e as pessoas de outros semelhantes ofícios, não tinham esposoiros, isto he, casamento, ou ajuda de custo para casar».

<sup>351</sup> Ver Anexos 1. Perfil 38.

<sup>352</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 211.

<sup>353</sup> Não há bens de raiz apontados nas respectivas datas deste cónego.

os beneficiados de outras igrejas (7); e os que são mencionados como beneficiados em Santiago, acumulando benefícios noutras instituições (3).



**Gráfico 12 – Vínculo institucional dos eclesiásticos celebrados em Santiago.**

O primeiro dos eclesiásticos exclusivamente de Santiago de Coimbra é Fernando Gomes tem uma data do Livro de Aniversários<sup>354</sup> reservado à saúde de sua alma; deixa à igreja 200 reais de renda e umas casas que estariam emprazadas ao já mencionado Álvaro Afonso. Gonçalo Dias, raçoeiro de Santiago e clérigo de Ordens menores é celebrado no sobredito documento<sup>355</sup> e deixa, à respetiva colegiada, «terras» do campo localizadas em Caramenha<sup>356</sup>.

João Panão, raçoeiro de Santiago, aparece-nos no Livro de Aniversários desta igreja<sup>357</sup> pela segunda vez; lembramos ter já analisado um mercador de mesmo nome<sup>358</sup> e consideramos tratar-se de duas pessoas distintas pelos seguintes motivos: a) o mercador aparece associado em matrimónio com Guiomar Vicente e há referência, sem citar o nome, ao filho do casal; b) o mercador fora sepultado nas proximidades do altar de Nossa Senhora enquanto para este raçoeiro é apontado o altar de Nossa Senhora do Pranto; c) as divergências nas ocupações socioprofissionais. Assim sendo, não deixa bens de raiz, em contrapartida lega a quantia de 300

---

<sup>354</sup> Ver Anexos 1. Perfil 40.

<sup>355</sup> Ver Anexos. 1 Perfil 46.

<sup>356</sup> Não encontramos localidades com este nome e/ou com nomenclatura similar.

<sup>357</sup> Ver Anexos 1. Perfil 58.

<sup>358</sup> Ver Anexos 1. Perfil 59 ou a secção do corpo da tese dedicada aos mercadores.

libras a serem distribuídas entre os presentes. Pedro Fernandes é outro dos raçoeiros desta paróquia e está celebrado no Livro de Aniversários em cerimónia individual<sup>359</sup> e deixa a Santiago a quantia de 2 libras e umas casas<sup>360</sup>.

Outrossim, identificamos Pedro Lopes, com celebração única e individual na entrada referente ao dia 25 de junho<sup>361</sup>; deixa à paróquia 40 soldos e umas casas localizadas no adro da sobredita igreja e que estariam emprazadas a Gabriel Vicente. Outro dos celebrados desta categoria é Vasco Gil que entre os casos de eclesiásticos deste *corpus* documental, merece destaque visto que para além de possuir cerimónia inscrita no Livro de Aniversários<sup>362</sup>, por duas vezes teve cláusulas testamentárias trasladadas em pública forma<sup>363</sup> – em 30 de abril do ano de 1344 e aos 12 dias de maio de 1346. Este raçoeiro deixa à paróquia todas as suas herdades localizadas em Bolom<sup>364</sup>. Ademais, é pela indicação de um de seus testamenteiros<sup>365</sup>, Nicolau Martins, que sabemos ter sido este raçoeiro de Santiago. Não obstante, este mesmo Nicolau Martins tem celebração individual no Livro de Aniversários<sup>366</sup>, deixara à paróquia um cortinhal que estaria emprazado a João Afonso Coelho e exercera o cargo de capelão de Santiago. Finalmente, Sebastião Fernandes, celebrado no sobredito documento<sup>367</sup>, é apontado como clérigo de missa e beneficiado da dita igreja; deixa à dita colegiada umas casas – cuja renda é de 200 reais – localizadas na Praça da cidade e que estariam emprazadas à sua sobrinha, Isabel Fernandes.

Analisar-se-á de seguida os demais raçoeiros de Santiago que aparecem vinculados também a outras instituições. Através de cláusulas testamentárias trasladadas em pública forma de 4 de setembro do ano de 1346<sup>368</sup> sabemos que Domingo Martins<sup>369</sup> para além de raçoeiro da colegiada em questão era, de igual maneira, prior de Alquerubim (c. Albergaria-a-Velha)<sup>370</sup>; deixa uma quantia de 3 libras para a manutenção de seu aniversário. Por sua vez, sabemos que

---

<sup>359</sup> Ver Anexos 1. Perfil 94.

<sup>360</sup> No documento há a observação de serem casas em que mora Guiomar Vicente.

<sup>361</sup> Ver Anexos 1. Perfil 97.

<sup>362</sup> Ver Anexos 1. Perfil 106.

<sup>363</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 12 s/n (nº antigo 39 e 647) e ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 8 s/n (nº antigo 847 e 58).

<sup>364</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 222: herdades do Campo.

<sup>365</sup> O outro dos testamenteiros é o já analisado Jorge Afonso, advogado.

<sup>366</sup> Ver Anexos 1. Perfil 89.

<sup>367</sup> Ver Anexos 1. Perfil 101.

<sup>368</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 9 s/n (nº antigo 684 e 631).

<sup>369</sup> Ver Anexos 1. Perfil 35.

<sup>370</sup> No documento *Alcaravuum*. Agradecemos ao Senhor Professor Doutor Saúl António Gomes que elucidou-nos de que se trata de Alquerubim, hoje no concelho de Albergaria-a-Velha, a qual, na Idade Média fazia parte da diocese de Coimbra.

Gabriel Vicente, raçoeiro de Santiago e prior de Castelões<sup>371</sup> através do Livro de Aniversários<sup>372</sup> deixa à igreja de Santiago um meio casal em Pedrulha<sup>373</sup>. O último representante deste grupo exerce igualmente os cargos de raçoeiro na sobredita instituição e de prior em Vale de Ermio<sup>374</sup>; Lopo Afonso, celebrado no Livro de Aniversários<sup>375</sup> deixa a Santiago de Coimbra um breviário novo do costume de Braga. Os demais eclesiásticos identificados exercem cargos em outras quatro instituições da Coimbra medieval.

Com cinco indivíduos, a Sé é a paróquia da cidade com maior representação nos documentos selecionados. O cónego João de Elvas<sup>376</sup> é celebrado no Livro de Aniversários em cerimónia individual<sup>377</sup> e deixa a Santiago de Coimbra umas terras que estariam emprazadas a sua filha<sup>378</sup>; não há especificação da localização de tais bens. Outro dos cónegos da Sé de Coimbra é Estevão Peres, celebrado no Livro de Aniversários<sup>379</sup>, para além de exercer atividades na catedral da cidade, também é cónego de Cernache e da Covilhã; não deixa bens de raiz a Santiago, mas deixa um total de 13,5 libras. O registo de numerosos aniversários para comemoração deste cónego pode ser verificado, igualmente, no obituário da colegiada de São Bartolomeu, igreja que tutelava a paróquia vizinha<sup>380</sup>.

Em nosso universo considerado encontramos Dom Pedro Martins<sup>381</sup>, celebrado registado no sobredito documento<sup>382</sup> e consta ter sido chantre da Sé da cidade e doa a Santiago, para a manutenção de seu aniversário, uma casa que estaria emprazada a Vasco Martins. Não obstante, encontramos o registo de um eclesiástico com mais de um cargo na sobredita igreja: Guilherme de Saint-Gery<sup>383</sup> é celebrado no sobredito documento<sup>384</sup> e vem apontado como deão e chantre da Sé; doa a Santiago 15 libras em prol da saúde de sua alma.

---

<sup>371</sup> Atualmente é uma freguesia do município de Macedo de Cavaleiros.

<sup>372</sup> Ver Anexos 1. Perfil 45.

<sup>373</sup> Termo de Coimbra.

<sup>374</sup> Existe hoje uma freguesia no concelho da Lousã chamada Casal de Ermio.

<sup>375</sup> Ver Anexos 1. Perfil 61.

<sup>376</sup> Hoje, cidade de Elvas localizada entre Estremoz e Badajoz.

<sup>377</sup> Ver Anexos 1. Perfil 54.

<sup>378</sup> Da qual desconhecemos o nome.

<sup>379</sup> Ver Anexos 1. Perfil 38.

<sup>380</sup> Ver CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de, 2020, *op. cit.* e BARREIRA, Mariana Castro - *A vida e a morte das comunidades laicas e eclesiásticas da paróquia medieval de São Bartolomeu de Coimbra: uma abordagem a partir do Timelink*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2023, p. 126 e 136.

<sup>381</sup> O testamento deste eclesiástico está publicado em MORUJÃO, Maria do Rosário. *Testamenta Ecclesiae Portugaliae: 1071-1325*. Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 2010, p. 420 e segs. Documento número 2.53. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/7221>

<sup>382</sup> Ver Anexos 1. Perfil 98.

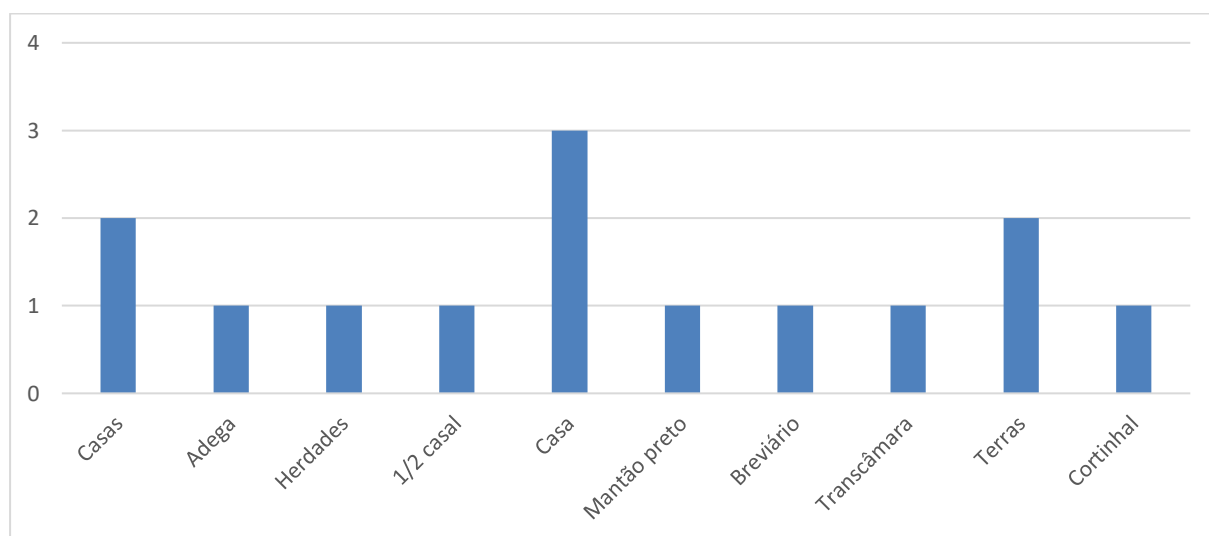
<sup>383</sup> O testamento deste eclesiástico está publicado em MORUJÃO, Maria do Rosário. *Testamenta Ecclesiae Portugaliae: 1071-1325*. Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 2010, p. 411 e segs. Documento número 2.50. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/7221> ..

<sup>384</sup> Ver Anexos 1. Perfil 48.



A colegiada de S. Bartolomeu encontra-se representada na pessoa de Vasco Gonçalves, raçoeiro desta instituição. O caso deste beneficiado é igualmente curioso visto que é a única vez em todo o Livro de Aniversários que consta o nome do fundador da celebração; especificamente, no aniversário de Maria Vaz<sup>385</sup>. Referido que é, não se relaciona com bens deixados a Santiago. Por sua vez, Tomé Marques<sup>386</sup> eclesiástico da colegiada de S. Cristóvão, através de cláusulas testamentárias feitas aos 14 dias de março do ano de 1394 e trasladadas em pública forma em 4 de agosto de 1396, sabemos ter sido ele prior de S. Cristóvão e que deixara a Santiago uma casa – cuja confrontação se dá com as pousadas do testador – e uma *trascâmara* – que confrontava tanto com a sobredita casa quanto com o último templo citado.

Desta maneira, considerando os bens de raiz deixados para manutenção dos aniversários dos eclesiásticos celebrados temos:



**Gráfico 13 – Bens deixados a Santiago por eclesiásticos celebrados na paróquia.**

Do total de eclesiásticos identificados, 11 exercem cargos em Santiago de Coimbra, sendo que 3 destes ainda ocupam cargos em outras colegiadas; o número de clérigos que não atuam na sobredita igreja deixa em evidência a conectividade entre as paróquias urbanas (encontramos quatro das nove paróquias de Coimbra representadas neste grupo) e seus respectivos beneficiados – destaca-se aqui a Sé de Coimbra, que encontramos personificada em quatro eclesiásticos exclusivamente atuantes nela e que foram sufragados em Santiago; ademais, o facto de encontrarmos raçoeiros de Santiago que exercem a função de priores em outras paróquias demonstra que também no meio eclesiástico – de Coimbra e de outras localidades –

<sup>385</sup> Ver Anexos 1. Perfil 77.

<sup>386</sup> Ver Anexos 1. Perfil 104.

Santiago de Coimbra gozava de um forte prestígio. Já com relação aos bens deixados por este grupo com a finalidade de sufrágio das almas, a tipologia é variada e compreende desde instrumentos litúrgicos – como o *Breviário* novo dos costumes de Braga e o mantão preto –, casas, adegas e cortinhais até herdades e terras. Considerando a menor quantidade de representantes deste grupo comparada às duas anteriores analisadas, podemos afirmar que os eclesiásticos que tiveram suas almas sufragadas em Santiago contribuíram de maneira consistente para o aumento do património da sobredita colegiada.

## 2. Património investido em sufrágios das almas

Os dados apresentados nesta secção remetem à soma de todo o património despendido por celebrados e celebradas de Santiago de Coimbra. Em termos de dinheiro investido, registamos um total de 671,5 libras e 4250,9 reais, sendo que do primeiro grupo 68% tiveram proveniência de celebrações individuais do sexo masculino; 19% das cerimónias conjuntas; e 13% das mulheres. Quando se trata do dinheiro em reais a situação é diferente com 45% do total relativos a celebrações conjuntas; 42% dos homens; 13% das mulheres. É notável o facto de o Livro de Aniversários apresentar duas unidades monetárias distintas visto que expressa a considerável baliza cronológica das inscrições que somente um estudo paleográfico conseguiria distinguir, ao menos, datas e mãos que passaram pelo documento. Já com relação aos bens de raiz<sup>387</sup>, ressaltamos as 29 casas, 29 olivais, 10 vinhas, 8 cortinhais, 4 herdades, 8 terras, 3 casais e os 3 pomares doados à dita paróquia com o objetivo de sustentação das cerimónias estipuladas. Tais levantamentos permitem afirmar que Santiago de Coimbra gozava de prestígio entre as populações do arrabalde bem como fora palco para demonstrações de empoderamento económico por parte das pessoas celebradas identificadas no *corpus* documental deste trabalho.

---

<sup>387</sup> Para a tabela completa dos bens ver Anexos 4. Ressaltamos que a tipologia dos bens que se encontram no *plural* devem ser encaradas com *ao menos* duas unidades. Optamos diferenciar o plural do singular por respeito à fonte.

## Capítulo III – Atitudes perante a morte na paróquia de Santiago de Coimbra

Paulo Freire<sup>388</sup> em sua *Pedagogia do Oprimido*, obra por excelência do autor, ao analisar as relações do ser humano para com o mundo evoca o conceito de *situações-limite* que

revelam-se, assim, como realmente são: dimensões concretas e históricas de uma dada realidade. Dimensões desafiadoras dos homens, que incidem sobre elas através de ações que Vieira Pinto chama de «atos-limite» - aqueles que se dirigem à superação e à negação do dado, em lugar de implicarem sua aceitação dócil e passiva<sup>389</sup>.

Independentemente da época a que pertencem, os temas – através dos quais é possível analisar uma sociedade – encontrar-se-ão sempre «encobertos pelas situações-limite, que se apresentam aos homens como se fossem determinantes históricas, esmagadoras, em face das quais não lhes cabe outra alternativa senão adaptar-se»<sup>390</sup>. Paulo Freire crava que a partir do momento que as pessoas deixam de perceber tais situações-limite como uma «fronteiras entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser, se fazem cada vez mais críticos na sua ação, ligada àquela percepção»<sup>391</sup>.

Em outras palavras, são entraves, barreiras que se apresentam do mundo para o indivíduo e implicam, à primeira vista, «algo que eles [os seres humanos] não podem ultrapassar»<sup>392</sup>. Contudo, transformador da realidade que é o ser humano, cria para si conjuntos de «ideias, de concepções, esperanças, dúvidas, valores, desafios, em interação dialética com seus contrários, buscando plenitude» que, por sua vez, caracterizam as unidades epocais ao longo do curso da história<sup>393</sup>. Tomemos do mundo medieval o tema da morte como *dúvida*, *desafio* ou em *interação dialética com seu contrário*, isto é, a vida das mulheres e homens nestes séculos finais de Idade Média.

Lembramos neste ponto a análise de Philippe Ariès acerca do cristianismo medieval que propõe o «reconhecimento de uma *linguagem* comum, de um mesmo sistema de comunicação

---

<sup>388</sup> Patrono da Educação brasileira, possui 30 títulos de Doutor *Honoris Causa* por diversas universidades ao redor do mundo.

<sup>389</sup> FREIRE, Paulo - *Pedagogia do oprimido*. 67ª edição ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019, p. 123.

<sup>390</sup> *Ibidem*, p. 130.

<sup>391</sup> *Ibidem*, p. 130.

<sup>392</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>393</sup> *Ibidem*, p. 128.

e compreensão»<sup>394</sup>. Isto é, completamente disseminados e enraizados por toda a sociedade medieval europeia, os dogmas do cristianismo regiam a vida e as pessoas; logo, as situações-limites com as quais se deparavam os(as) medievais são essencialmente relacionadas à doutrina cristã; não obstante, a superação daquelas igualmente emergiu deste sistema de linguagem, comunicação e compreensão que era o cristianismo:

desta forma, se impõe à ação libertadora, que é histórica, sobre um contexto, também histórico, a exigência de que esteja em relação de correspondência, não só com os temas geradores, mas com a percepção que deles estejam tendo os homens.<sup>395</sup>

Desde a Hispânia até Constantinopla, um dos temas mais sensíveis à Igreja e ao povo de Deus fora, para além da morte em si, os desdobramentos da mesma. Com relação à primeira geografia, possuímos provas desta preocupação através dos concílios celebrados no território peninsular cujos artigos foram publicados por Fortunato de Almeida em 1971<sup>396</sup>; identificamos um total de 34 documentos entre artigos sinodais, constituições episcopais, bula papal e concordatas em os poderes régios e eclesiásticos, que tratam de variados temas a partir da morte. Por sua vez, de Constantinopla, nos chegou um documento que em Portugal fora traduzido do original grego por Luís Marques, chamado *A Diogneto*<sup>397</sup>, um manuscrito datado do século II<sup>398</sup>. Trata-se de um diálogo entre um homem anônimo, cristão, que está a ser questionado por Diogneto, pagão, acerca do surgimento desta nova religião chamada cristianismo. O interlocutor recebe e explica oito perguntas feitas por Diogneto sendo a quarta delas justamente *qual é a atitude dos cristãos perante a morte?*<sup>399</sup>. Logo, fica claro que durante épocas distintas, as pessoas, as comunidades cristãs, dialeticamente com o mundo regido pela Igreja, adaptaram-se para transformar suas respectivas realidades frente aos problemas que a morte trazia consigo como, por exemplo, a questão do *sofrimento* da alma após o morrer do corpo.

Neste capítulo tentaremos identificar as práticas dos homens e mulheres – relacionados em maior ou menor grau com a paróquia de Santiago de Coimbra – que se deram com a finalidade de transformar a realidade de suas almas, criadas sob a égide do pecado original, na cosmovisão cristã do Além. Tendo sempre em vista que as pessoas de uma época «tomam suas

---

<sup>394</sup> ARIÈS, Philippe, 2014, *op. cit.* p. 126.

<sup>395</sup> FREIRE, Paulo, 2019, *op. cit.* p. 131.

<sup>396</sup> ALMEIDA, Fortunato De – *História da Igreja em Portugal, vol. IV*, Nova Edição: Livraria Civilização, 1971.

<sup>397</sup> MARQUES, M. Luís.; LAMELAS, Isidro Pereira - *A Diogneto*. Lisboa : Alcalá, 2001. ISBN 978-972-8673-02-4.

<sup>398</sup> Agradecemos à Sra. Profa. Doutora Margarida Miranda, do Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, que ministrou o seminário *Culturas Grega e Latina*, durante o qual foi-me apresentada tal obra.

<sup>399</sup> *Ibidem*, p. 18 – Lista de todas as perguntas.

posições também contraditórias, realizando tarefas em favor, uns, da manutenção das estruturas, outros, da mudança»<sup>400</sup>, analisar-se-á a *praxis* do primeiro grupo, os que contribuíram para a manutenção das economias de salvação da Igreja; estas encontraram na Ordem de Cluny uma dinâmica de enquadramento que «combinó elementos del modelo de dominio señorial com otros de la dominación carismática del sacerdocio»<sup>401</sup>; em outras palavras, tais práticas estavam respaldadas por estruturas sociopolíticas que contribuíram para sua disseminação e enraizamento na cristandade dos finais do medievo. Em contrapartida, não trataremos as práticas e correntes de pensamentos opositoras ao cristianismo medieval; os hereges, como eram assim chamados, constituíam uma «velha e tenaz recusa das orações pelos mortos, dos sufrágios, a qual já vimos como contribuiu no fim do século XII para levar os ortodoxos a formularem mais claramente a existência do Purgatório»<sup>402</sup>; deixamos em evidência que mesmo não centrando a pesquisa ao seu entorno, não se deve esquecer de sua existência.

Não obstante, alinhados com Paulo Freire quando este escreveu que «ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, *mediatizados* pelo mundo»<sup>403</sup>, observaremos se a morte – e suas ramificações –, no mundo medieval, para além dos já citados sistemas de linguagem, comunicação e compreensão defendidos por Philippe Ariès, atuou também como pedagoga no sentido de moldar práticas comuns entre as pessoas da sobredita unidade epocal com a finalidade de superação da situação-limite concentrada no *sofrimento* da alma no Além.

## 1. Formas de comemoração dos mortos

As estratégias de celebração dos mortos nos séculos finais da Idade Média firmaram-se na cristandade através de agentes que Ariès denominou «novos especialistas da morte»: padres, mendicantes, leigos que exerciam funções religiosas e confrades<sup>404</sup>. Em outras palavras, a manutenção e celebração da memória dos mortos deixa de delimitar-se ao particular – às casas, familiares – e possuem jurisdição administrada por representantes do clero – o caráter particular bem como seus representantes não foram excluídos neste movimento, mas sim levados para dentro dos domínios eclesiásticos; a jurisdição dos mortos, no período em estudo, é, portanto,

---

<sup>400</sup> FREIRO, Paulo, 2019, *op. cit.* p. 129.

<sup>401</sup> CATALINA GALLEGÓ, Cristina, 2020, *op. cit.* p. 43.

<sup>402</sup> LE GOFF, Jacques, 1993, *op. cit.* p. 324.

<sup>403</sup> FREIRE, Paulo, 2019, *op. cit.* p. 96.

<sup>404</sup> ARIÈS, Phillipe, 2014, *op. cit.* p. 217.

litúrgica: «desde o último suspiro, o morto não pertence nem aos seus pares, companheiros ou à família, mas à Igreja»<sup>405</sup>. Neste capítulo tentaremos identificar quais foram as formas de comemoração dos mortos demandadas pelos(as) benfeitores(as) de Santiago de Coimbra a fim de observarmos quais foram os componentes requisitados, no *corpus* documental, que deram sustentação à celebração e rememoração dos mortos da sobredita paróquia.

## 1.1 Cerimónias estipuladas

No universo da documentação considerada, identificamos um total de 150 cerimónias estabelecidas, para além de todas as «agendadas» ao longo do calendário do Livro de Aniversários, e separamo-las em dois grupos: a) as que requerem realização em uma data específica; b) as que apresentam especificação apenas da tipologia dos ofícios a serem feitos.

### 1.1.1 Cerimónias em datas específicas

Em maior quantidade de ocorrências, encontramos 134 ofícios divinos estipulados por celebrados(as) que deveriam ter ocorrido em determinada data. Como, nesta parte do trabalho, estamos analisando cerimónia estipuladas, poder-se-á encontrar a repetição de pessoas em diferentes datas.

A maior quantidade de celebrações «agendadas» é referente ao período da Quaresma (46) e partiu de duas pessoas: Vasco Gil<sup>406</sup> – missa de Terça oficiada com as primeiras orações do dia com saimento sobre a sepultura, cruz, água benta, incenso e responso cantado *a cada dia da Quaresma*, ou seja, 40, a iniciar no ano seguinte da morte do doador; e Maria Afonso<sup>407</sup> que estipulou missas de aniversários nos primeiros cinco dias e na primeira sexta-feira do sobredito período. A seguir a Quaresma, a data com maior registo de celebrações é relativa ao quarto dia de cada mês (24) e corresponde a dois casais: Estevão Domingues e Florença Fagundes<sup>408</sup> – 12 missas por honra de Santa Maria; Bernardo Martins e Constança Martins<sup>409</sup> – 12 missas de aniversário com saimento sobre as sepulturas com cruz e água benta. De seguida encontramos

---

<sup>405</sup> *Ibidem*, p. 217.

<sup>406</sup> Ver Anexos 1. Perfil 107.

<sup>407</sup> Ver Anexos 1. Perfil 65.

<sup>408</sup> Ver Anexos 1. Perfil 36.

<sup>409</sup> Ver Anexos 1. Perfil 21.

outro casal, Aparício Anes e Teresa Anes<sup>410</sup>, que requereu 12 missas de aniversários sendo metade a iniciar no mês seguinte a morte do marido e as outras seis sem maiores especificações de quando iniciar. Com igual número de ofícios, Mestre Rodrigo<sup>411</sup> estipulou que ao primeiro dia de todos os meses do ano fosse realizada missa rezada de Nossa Senhora – não há indicações de por quantos anos deveriam os eclesiásticos rezar tais missas, assim sendo, contabilizamos o mínimo de 12 missas. Por sua vez, em nome de Fernando Rodrigues Castelo Branco<sup>412</sup>, governador eleito da Índia, foi estipulada, em 1542, missa de aniversário cantada com horas e ladainha que deveria ser feita para sempre.

O mercador e criado do bispo D. Jorge, Afonso Peres e sua esposa Maria Francisca<sup>413</sup> deixaram registado que fossem feitas cinco missas de aniversários no terceiro dia do mês. De seguida, o *dia da sepultura* apresenta quatro celebrações previstas, contudo, esta data é a que apresenta maior número de pessoas: Aldonça Fernandes<sup>414</sup> - missa como de costume e hora dos mortos<sup>415</sup>; Aldonça Bentes<sup>416</sup> - missa oficiada com saimento, cruz, incenso, água benta e responso; Domingas Anes de Barro<sup>417</sup> - missa de aniversário; Domingo Martins<sup>418</sup> - missa de aniversário. Ademais, Dona Maria e Dom Pedro de Alvito<sup>419</sup> pedem que *acabado o mês de morte* sejam feitas duas missas de aniversários com responso e sobrepeliz; nesta mesma «data» Domingas Anes de Barro<sup>420</sup> requereu uma missa oficiada com saimento, oração, cruz e água benta.

Encontramos, igualmente, cerimónias estipuladas para o *dia da morte*: Maria Anes<sup>421</sup> pede duas missas de aniversários para a sobredita ocasião. Outra data que reúne a mesma quantidade de ofícios é o dia 15 de abril quando o raçoeiro Vasco Gil<sup>422</sup> agendou missas oficiadas com saimento sobre a sepultura sendo uma em seu nome e a outra em nome de Maria Vasques, sua criada. O São Miguel de setembro também aparece na documentação considerada com duas missas de aniversários previstas: a de Maria Suger<sup>423</sup> e de Afonso Anes, mercador<sup>424</sup>.

---

<sup>410</sup> Ver Anexos 1. Perfil 18.

<sup>411</sup> Ver Anexos 1. Perfil 99.

<sup>412</sup> Ver Anexos 1. Perfil 43.

<sup>413</sup> Ver Anexos 1. Perfil 6.

<sup>414</sup> Ver Anexos 1. Perfil 11.

<sup>415</sup> O celebrado ainda estipula que se faça mais tantos aniversários quanto renderem os bens deixados à paróquia.

<sup>416</sup> Ver Anexos 1. Perfil 10.

<sup>417</sup> Ver Anexos 1. Perfil 29.

<sup>418</sup> Ver Anexos 1. Perfil 35.

<sup>419</sup> Ver Anexos 1. Perfil 93.

<sup>420</sup> Ver Anexos 1. Perfil 29.

<sup>421</sup> Ver Anexos 1. Perfil 68.

<sup>422</sup> Ver Anexos 1. Perfil 106.

<sup>423</sup> Ver Anexos 1. Perfil 75.

<sup>424</sup> Ver Anexos 1. Perfil 2.

Já no Dia da Trindade<sup>425</sup> encontramos o casal Francisco Anes e Violante Álvares<sup>426</sup>, que pediu missa com horas, e Aldonça Bentes<sup>427</sup>, esta estipulou que tivesse sido feita missa oficiada com saimento, cruz, incenso, água benta e responso.

As datas que agora seguem contam todas com única missa cada e em todas a especificação dos ofícios limita-se a identifica-las como missas de aniversários: dia de Santa Maria *ante o Natal (sic)*<sup>428</sup>; 02 de janeiro e maio, dia de Santa Maria de fevereiro, 1º de março e julho, dia de Santa Maria de Agosto – todas estas provêm do casal Afonso Anes e Constança Esteves<sup>429</sup>; dia de S. Tomé e 28 de dezembro – ambas as datas estipuladas por Catarina Afonso<sup>430</sup>; dia de S. João Batista em nome de Domingas Anes de Barro<sup>431</sup>; missa de aniversário anual na igreja do mosteiro de S. Domingos em nome de Domingas Peres<sup>432</sup>; a cada mês de *ascenso*<sup>433</sup> pelo casal Beatriz Peres, tendeira, e João de Coimbra<sup>434</sup>.

Com a mesma quantidade de celebrações previstas, mas com tipologia diferente, encontramos no dia de Corpo de Deus, no dia de *honra da cruz (sic)* e no dia de Santa Maria de março, missas oficiadas com saimento sobre a sepultura, cruz, incenso, água benta e responso em prol da alma de Aldonça Bentes<sup>435</sup>. O já citado Mestre Rodrigo escolhe o dia de S. Martinho<sup>436</sup> para a realização de uma missa cantada na sua capela. Já na *véspera de Todos os Santos*, 31 de outubro, Vasco Anes Barbancho e Inês Peres<sup>437</sup> pedem missa com horas em nome do casal. O tabelião «do judicial» Vasco Peres<sup>438</sup> pede que no dia de Santa Catarina<sup>439</sup> se faça também missa com horas, mas que sejam cantadas. Os dois últimos casos desta secção são os referentes a Vasco Gil<sup>440</sup>, que pede missa oficiada pela alma de seu pai e mãe com saimento sobre a sepultura dos mesmos, responso cantado, cruz, água benta e incenso, no dia 16 de maio; e a Aldonça Fernandes<sup>441</sup> que estipula o oitavo dia de cada mês para a realização de missa de

---

<sup>425</sup> Primeiro domingo após Pentecostes.

<sup>426</sup> Ver Anexos 1. Perfil 44.

<sup>427</sup> Ver Anexos 1. Perfil 10.

<sup>428</sup> Ver Anexos 1. Perfil 75.

<sup>429</sup> Ver Anexos 1. Perfil 2.

<sup>430</sup> Ver Anexos 1. Perfil 47.

<sup>431</sup> Ver Anexos 1. Perfil 29.

<sup>432</sup> Ver Anexos 1. Perfil 33.

<sup>433</sup> Dúvida de leitura.

<sup>434</sup> Ver Anexos 1. Perfil 53.

<sup>435</sup> Ver Anexos 1. Perfil 10.

<sup>436</sup> 11 de novembro.

<sup>437</sup> Ver Anexos 1. Perfil 105.

<sup>438</sup> Ver Anexos 1. Perfil 108.

<sup>439</sup> 24 de novembro.

<sup>440</sup> Ver Anexos 1. Perfil 107.

<sup>441</sup> Ver Anexos 1. Perfil 11.



aniversário «como de costume» e hora dos mortos – a quantidade requerida é tantos aniversários quanto renderem os bens deixados.

### ***1.1.2 Cerimónias somente com tipologia definida***

Contabilizamos um total de 16 celebrações estipuladas que apresentam somente a tipologia especificada; os documentos não fazem menção às datas em que as mesmas deveriam acontecer. Isto posto, as missas de *requiem* despontam aqui com cinco ofícios deste género definidas para Maria Esteves<sup>442</sup>, para o casal Pedro Anes e Iria Peres<sup>443</sup>, para Arnaldo del Poche<sup>444</sup> e para Domingas Anes de Pinhel<sup>445</sup>. Ademais, Maria Esteves pede que as ditas missas sejam cantadas. A seguir, encontramos duas missas de Santa Maria a serem realizadas em nome do casal Afonso Peres e Maria Francisca<sup>446</sup> e do almoxarife Afonso Anes<sup>447</sup>. Em igual quantidade identificamos o conjunto de ofícios que reúne noturno, ladainha e responso na cova para os casais Vasco Rodrigues e Maria Domingues<sup>448</sup> e Álvaro Fernandes e Graça Domingues<sup>449</sup>.

Os demais conjuntos tipológicos de ofícios divinos apresentam-se em uma unidade de celebração e são eles: missa com noturno, horas e com 2 velas de arrátel em nome de Maria Fernandes, tendeira<sup>450</sup>; missa cantada de S. Paulo com responso, vigília e noturno de finados em nome do casal João de Freitas e Catarina Fernandes<sup>451</sup>; missa com noturno, ladainha e responso na cova para o casal Vasco Rodrigues e Maria Domingues<sup>452</sup>; missa da cruz com comemoração do finado para o raçoeiro de Santiago, Lopo Afonso<sup>453</sup>; vigília de Nossa Senhora, missa cantada com horas de finados para o casal Vasco Anes e Inês Peres<sup>454</sup>; Pascoal Nunes<sup>455</sup>, por sua vez, deixou estipulado que se realizassem as *vésperas*; e finalmente, o tabelião Afonso Anes<sup>456</sup> que fossem feitas tantas missas quanto valerem os bens deixados por ele à colegiada,

---

<sup>442</sup> Ver Anexos 1. Perfil 70.

<sup>443</sup> Ver Anexos 1. Perfil 92.

<sup>444</sup> Ver Anexos 1. Perfil 19.

<sup>445</sup> Ver Anexos 1. Perfil 90.

<sup>446</sup> Ver Anexos 1. Perfil 6.

<sup>447</sup> Ver Anexos 1. Perfil 1.

<sup>448</sup> Ver Anexos 1. Perfil 109.

<sup>449</sup> Ver Anexos 1. Perfil 13.

<sup>450</sup> Ver Anexos 1. Perfil 71.

<sup>451</sup> Ver Anexos 1. Perfil 55.

<sup>452</sup> Ver Anexos 1. Perfil 109.

<sup>453</sup> Ver Anexos 1. Perfil 61.

<sup>454</sup> Ver Anexos 1. Perfil 105.

<sup>455</sup> Ver Anexos 1. Perfil 91.

<sup>456</sup> Ver Anexos 1. Perfil 3.

sendo estas com oito clérigos dos mais idóneos, saimento sobre a sepultura e com a oração acostumada.

Podemos encontrar uma tendência dos(as) sufragados(as) em Santiago de Coimbra em privilegiar uma data específica para as comemorações dos respetivos passamentos. O período da Quaresma é o que mais apresenta cerimónias estipuladas, contudo, lembramos ter partido de duas pessoas os 46 ofícios designados para a época; a agregar ainda as datas relativas ao dia de Corpo de Deus, de Santa Maria de Março e de S. João Batista indicam o grau de imersão do culto dos mortos no calendário litúrgico de Santiago de Coimbra. Identificamos, igualmente, uma cerimónia estipulada para realização no dia de «honra da cruz» - não conhecemos tal data no sobredito calendário. Em contrapartida, o dia da sepultura apresenta uma maior diversificação no número de pessoas que requereram ofícios litúrgicos; esta data, que é muito particular de cada um visto que a morte estabelece um fim de vida particular a cada pessoa, faz transparecer um movimento contrário ao mencionado nas linhas acima. Mesmo com todo o controle da Igreja para com os mortos, a escolha de ofício litúrgico no dia da sepultura deixa entrever que existiam, em Santiago de Coimbra, póstumos desejos de ter o sufrágio de suas almas em caráter tão particular quanto fora sua própria morte.

## **2. Reflexos da morte através da espacialidade de Santiago de Coimbra**

Como foi constantemente evocado ao longo deste trabalho, as comemorações dos mortos se dão em lugares específicos – seja nos domínios do clero regular ou secular. Deste modo, percorreremos nesta secção as áreas da igreja de Santiago de Coimbra mencionadas na documentação considerada relativas ao culto dos mortos de maneira a verificar a parcela do edifício requisitada e utilizada pela comunidade leiga dos(as) sufragados(as). Ademais, será observado se, através das fontes seleccionadas, é possível alcançar o eco do templo de 1206 tendo em vista a distância arquitetónica e construtiva entre este e o atual edifício situado na Praça do Comércio de Coimbra.

### **2.1 Heráldica fúnebre**

Phillipe Ariès ao analisar os locais de sepultamento dentro das igrejas escreveu que «até o fim do século XVIII não havia se generalizado o costume de sempre assinalar por meio de

uma inscrição o lugar exato da sepultura»<sup>457</sup>, uma prática que até a época era «reservada tão somente a alguns túmulos»<sup>458</sup>. Acontece que encontramos em Santiago de Coimbra campas marcadas por inscrições.

Apesar de sucintas, as marcas tumulares que oferece o Livro de Aniversários desta colegiada apresentam em alguns casos detalhes das campas. Encontramos as seguintes tipologias: campas da espada<sup>459</sup>; campas da flor<sup>460</sup>; campas das letras que tem uma marca no meio<sup>461</sup>; campas que tem a cruz<sup>462</sup>; campas pretas sarabulhentas<sup>463</sup>; campas do cruzeiro<sup>464</sup>. As notícias que temos sobre a entrada da heráldica no meio eclesiástico secular vêm dos selos dos bispos D. Gonçalo Pereira, de Lisboa e D. Pedro Martínez Argote, de Évora, encontrados num documento de 1322<sup>465</sup>, Anísio Saraiva e Rosário Morujão defendem

que este processo introdutório tenha sido liderado precisamente por algumas das mais destacadas figuras da hierarquia da Igreja nacional da primeira metade de Trezentos, também elas protagonistas de uma nova atitude cultural e sociopolítica de exaltação do poder da individualidade eclesiástica, simbolicamente representada, neste caso, pela inclusão dos sinais de identidade nas respectivas matrizes sigilares, como, aliás, já era comum na sigilografia episcopal europeia desde finais do século XIII<sup>466</sup>.

Não dispomos de maiores informações acerca da significância das marcas presentes nas campas de alguns dos(as) nossos(as) celebrados(as) para além das informações apontadas nos respetivos perfis. Contudo, parece-nos válido aqui mencionar que as sobreditas campas da flor e das letras com uma marca no centro são relativas a dois mercadores; as que apresentam a cruz referem-se a um tabelião, sua esposa e a um correeiro. Aliás, as descrições dos detalhes da sepultura deste tabelião, Bernardo Martins e Constança Esteves<sup>467</sup> apresentam carácter

---

<sup>457</sup> ARIÈS, Phillipe, 2014, *op. cit.* p. 104.

<sup>458</sup> *Ibidem.*

<sup>459</sup> Ver Anexos 1. Perfil 18.

<sup>460</sup> Ver Anexos 1. Perfil 19.

<sup>461</sup> Ver Anexos 1. Perfil 100.

<sup>462</sup> Ver Anexos 1. Perfis 14; 21; 77.

<sup>463</sup> Ver Anexos 1. Perfil 70.

<sup>464</sup> Ver Anexos 1. Perfil 40.

<sup>465</sup> SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesiástica medieval portuguesa no Archivo Histórico Nacional de Espanha* in SEIXAS, Miguel Beirão De Almeida Metelo De; ROSA, Maria de Lurdes Pereira - Estudos de heráldica medieval. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2012, pp. 103-104. - Dedicamos esta secção da nossa tese à Sra. Profa. Doutora Maria Rosário Morujão, coordenadora do programa de mestrado em que esta tese fora elaborada, e a grande referência que temos quando nos deparamos com a heráldica, sigilografia e diplomática.

<sup>466</sup> SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, 2012, *op. cit.* p. 104.

<sup>467</sup> Ver Anexos 1. Perfil 21.

heterogéneo visto que registaram-se por três maneiras distintas: a) campa que tem a cruz<sup>468</sup>; b) campa que tem a cruz perto da espada<sup>469</sup>; c) campa com cruz de espada<sup>470</sup>. Por sua vez, a campa preta e sarabulhenta pertence a Maria Esteves, sergente de um eclesiástico; a do cruzeiro a Fernando Gomes, beneficiado de Santiago; a campa da espada fora de Aparício Anes, do qual não possuímos registo da ocupação socioprofissional. Fica evidente que as pessoas acima citadas não fazem parte da alta hierarquia nem nobiliárquica nem eclesiástica, desse modo, José Augusto de Sottomayor-Pizarro escreveu que

um aspecto que sempre me intrigou foi a forma, quase diria contida, como os símbolos heráldicos foram utilizados em Portugal. Na verdade, um pouco por toda a Europa, desde a Inglaterra a Itália, passando pela Alemanha, França, Holanda, Bélgica ou Suíça, as *representações heráldicas surgem um pouco por todo o lado*, quer em quantidade quer em qualidade. Bastará, de resto, percorrer o país vizinho, desde as mais prestigiadas capitais de província às simples vilas ou mesmo humildes «*pueblos*», para se encontrarem abundantes exemplos de escudos de armas; sendo muitas vezes, até, o único elemento decorativo da fachada bem simples ou mesmo modesta<sup>471</sup>.

Apesar de não ser objetivo deste trabalho debruçarmo-nos sobre este tema, sentimo-nos obrigados a lançar a hipótese de que, posterior à entrada da heráldica no alto clero secular (1322), a prática tenha sido espalhada por outras estratificações sociais do Portugal medieval. Contudo, temos a consciência de que para a confirmação ou não desta possibilidade, se faz necessário um estudo comparativo entre as lápides, ou os registos das mesmas que chegaram até nós, como também uma verificação se categorias socioprofissionais de diferentes concelhos utilizavam-se de símbolos representativos tanto da coesão entre grupos como da individualidade da memória dos(as) que morreram. Caso investigações futuras venham a confirmar a prática da heráldica fúnebre por outros setores da sociedade aquém do

---

<sup>468</sup> SANTOS, Maria José Azevedo Santos, 2018, *op. cit.* p. 197.

<sup>469</sup> *Ibidem*, p. 198.

<sup>470</sup> *Ibidem*, p. 196.

<sup>471</sup> SOTTOMAYOR-PIZARRO, José Augusto de – Nobreza medieval portuguesa (séculos XIII. XIV). Alguns vestígios heráldicos in SEIXAS, Miguel Beirão de Almeida Metelo de; ROSA, Maria de Lurdes Pereira - *Estudos de heráldica medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2012, p. 194. - Devemos ao Senhor Professor Doutor José Augusto de Sottomayor-Pizarro esta secção de nosso estudo; aquando das *Jornadas Internacionais de Idade Média – Construir e Reconstruir na Europa Urbana Medieval*, realizada em outubro de 2022 em Castelo de Vide e no *International Congress COMMEMMORtis: what survives after death? Parish Communities and Death Commemoration Strategies in the Medieval City*, ocorrido em julho do presente ano na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o Professor Doutor Sottomayor-Pizarro chamou-nos a atenção, em ambas as ocasiões, para as inscrições que detalhavam as campas dos(as) celebrados(as) de Santiago, elucidando-nos que poderíamos estar diante de representações heráldicas.

nobiliárquico, o debate historiográfico acerca do surgimento do carácter individual em comportamentos da sociedade medieval seria muito enriquecido. Maria de Lurdes Pereira Rosa já chamou atenção para este ponto de situação da historiografia medieval:

os contornos da «privatização» [da religião] não são, no entanto, consensuais; análises recentes têm mesmo posto em causa a realidade deste fenómeno, ou pelo menos a sua universalidade e homogeneidade. Encontramo-nos de novo num caminho eivado de armadilhas historiográficas – entre a «ascensão do individualismo moderno»; entre a «religião das elites» e a das «camadas populares» entre a piedade interiorizada e a exteriorizada... As tentativas de resolução do impasse ultimamente feitas centram-se na discussão da operacionalidade, para o período medieval, de distinções como «público/privado», ou «eclesiástico/leigo»; e na interrogação das modalidades das manifestações individuais numa sociedade de base corporativa<sup>472</sup>.

Ademais, possuímos registos de outras campas, estas já sem elementos heráldicos, mas que apresentam sinais de maior poder económico, nomeadamente: campas brancas, pertencentes a dois almoxarifes<sup>473</sup>, dois raçoeiros de Santiago<sup>474</sup>, um capelão da sobredita igreja<sup>475</sup>, um mercador<sup>476</sup>, e a regueifeira do rei que temos em nossa documentação<sup>477</sup>; e duas campas «anchas»<sup>478</sup>, ou seja, largas<sup>479</sup>.

---

<sup>472</sup> ROSA, Maria de Lurdes, 2012, *op. cit.* p. 471

<sup>473</sup> Ver Anexos 1. Perfis 92 e 96.

<sup>474</sup> Ver Anexos 1. Perfis 46 e 97.

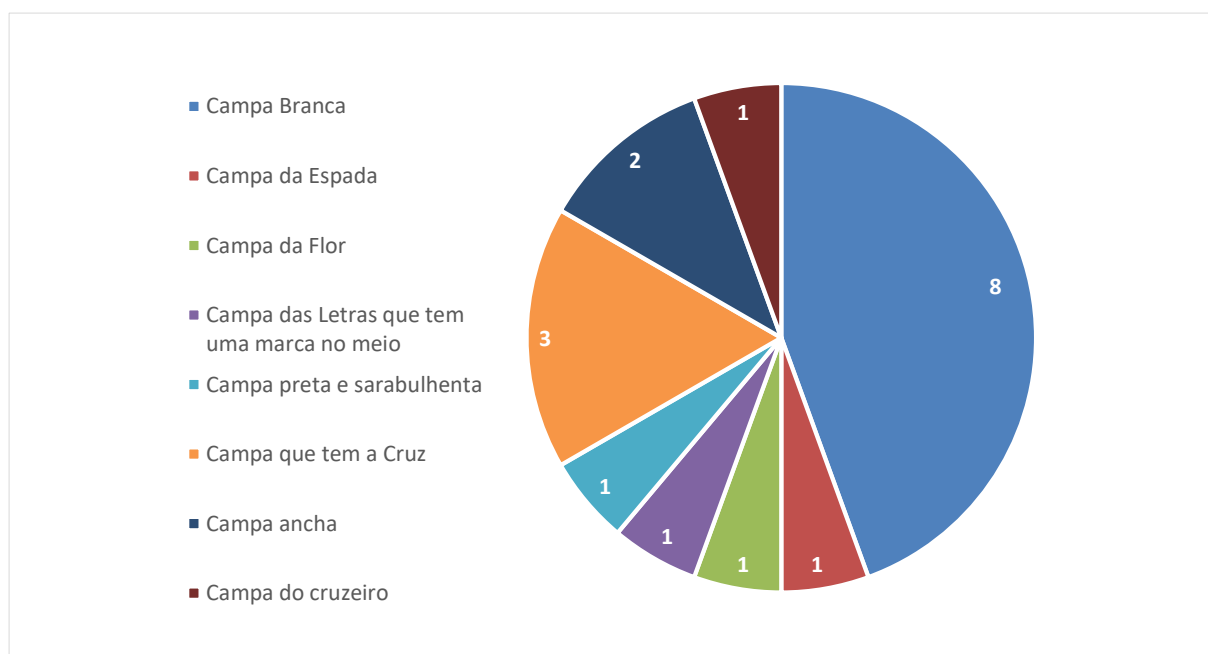
<sup>475</sup> Ver Anexos 1. Perfil 89.

<sup>476</sup> Ver Anexos 1. Perfil 59.

<sup>477</sup> Ver Anexos 1. Perfil 50.

<sup>478</sup> Ver Anexos 1. Perfis 79 e 81.

<sup>479</sup> VITERBO, Elucidário, ANCHURA. Largura, t.1 p. 79.



**Gráfico 14 – Tipologia das campas identificadas em Santiago de Coimbra.**

Dentro dos oito tipos de campas que apresentam inscrições heráldicas, em seis conseguimos identificar a categoria socioprofissional das pessoas que estariam lá enterradas. Encontramos 3 mercadores com três tipologias de campas: branca; com uma flor; com letras que tem uma marca no meio. Por sua vez, os eclesiásticos sepultados em Santiago e que apresentam distinções em seus respectivos lugares de repouso somam 4 sendo que três das ditas lápides são especificadas pela cor: branca – mesma tipologia da regueifeira régia e de dois almoxarifes; a outra campas é apontada como talhada por um cruzeiro. A campas preta e sarabulhenta pertence a uma sargente e outras duas lápides que apresentam uma cruz são relativas a um tabelião e um correeiro. Deste modo, não é possível, para o caso de Santiago de Coimbra, estabelecer relação entre a tipologia de campas escolhidas para sepultamento e as categorias socioprofissionais donde provém os sepultados. Com efeito, é pertinente, então, debruçarmo-nos sobre áreas específicas da igreja de Santiago que foram escolhidas para sepultamento das pessoas consideradas neste estudo.

## **2.2 Locais de sepultura**

Colocar-se-á onde e far-se-á o quê com corpo, agora sem alma? Esta foi uma pergunta que perpassou vários momentos da história da Igreja, e mutáveis que são as instituições

humanas, Roma respondeu a este questionamento de maneiras diferentes ao longo do tempo. No sexto livro das suas *Confissões*, Agostinho narra um episódio em que Mônica, sua mãe, fora depositar oferendas aos túmulos de mártires, como era de costume na África, contudo o porteiro impediu-a devido a uma ordenação do então bispo Ambrósio. O Santo exprime sua surpresa em como sua genitora «*tam pie atque oboedienter amplexa est, ut ipse mirarer, quam facile accusatrix potius consuetudinis suaes quam disceptatrix illius prohibitionis affecta sit*»<sup>480</sup>; logo, o corpo morto<sup>481</sup> bem como as atitudes dos vivos para com ele exigiram dos(as) medievais e dos(as) que antes vieram uma constante adaptação comportamental devido à conturbada relação entre os costumes dos povos cristãos e as constantes renovadas diretrizes de Roma.

Em Portugal, encontramos também registos das mudanças relativas ao convívio de vivos e mortos ao longo da história do reino. Ater-nos-emos aos registos portugueses de que temos notícias e que chegaram até os dias atuais como o Primeiro Concílio de Braga, realizado em 561, cujo artigo XVIII intitula-se «*De corporis defunctorum*»:

*Item placuit, ut corpora defunctorum nullo modo intra basilicam sanctorum sepeliantur, sed si necesse este de foris circa murum basilicae usque adeo non abhorret. Nam si firmissimum hoc privilegium usque nunc retinente civitates, ut nullo modo intra ambitus murorum cujuslibet defuncti corpus humetur, quanto magis hoc venerabilium martyrum debet reverentia obtinere?*<sup>482</sup>

Tal posto, podemos inferir três pontos: I) que já no século VI enterrava-se dentro dos templos cristãos – caso contrário não haveria necessidade de tal prática ser proibida; II) o controle dos espaços sagrados, de culto, por parte das hierarquias superiores da Igreja que transmitiam a ideia de que o edifício santo deveria permanecer livre das impurezas mundanas; a sensação que transmite este artigo sinodal é de que o templo era uma materialização do caráter divino emanado de Deus; III) nestes finais de Antiguidade, a Igreja tem aversão ao corpo e a tudo que envolve-o. Se avançarmos mais ainda no tempo e nos horizontes, encontramos em 12 de maio de 1500, na Guarda, o Sínodo de D. Pedro Vaz Gavião; a constituição décima terceira, «*Que nenhum se não soterre na igreja se não for confessado e comungado aquele ano em que morrer*» regista as seguintes decisões:

---

<sup>480</sup> SANTO AGOSTINHO; SANTO, Arnaldo Espírito do; BEATO, João; PIMENTEL, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa (trad.), *Confissões*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2021, Ed. Bilíngue, 3ª ed. revista, Livro VI, p. 228.

<sup>481</sup> Tenha ele pertencido a santos ou não.

<sup>482</sup> ALMEIDA, Fortunato de – *História da Igreja em Portugal*. Nova Edição: Livraria Civilização, 1971, Apêndice II, p. 29.

Achamos que, contra disposição de direito e dos santos cânones, muitos priores e capelães de cura recebem alguns cristãos ou cristãs, soterrando-os em suas igrejas ou adros sem se achar e saber que são confessados e comungados aquele ano de seu falecimento. Porém lhes mandamos e defendemos que não enterrem nem consintam enterrar as semelhantes pessoas em suas igrejas ou adros ou em moesteiros. E o que assim não cumprir condenamo-lo em mil reaes, a metade para as obras da nossa sé e a outras para o nosso meirinho se o demandar. E dado que se não ache que foram confessados como dito é, porém se à hora da sua morte pareceram alguns sinais de contrição às ditas pessoas por que se mostre que eles folgaram de receber os ditos sacramentos se tiveram tempo ou maneira para elo, em este caso ante que sejam soterrados mandamos que o façam saber a nós ou a nosso vigairo geral para nisso provermos. E se o lugar for tão longe, que se não possa notificar, então o notifiquem ao arcipreste ou ao vigário de cujo arciprestado o tal defunto for, o qual determinará acerca de sua sepultura conformando-se com os sinais de contrição que o dito defunto mostrou à hora de seu finamento.<sup>483</sup>

Explica Jacques Le Goff que essa relação tão fluida e mutável das pessoas e da Igreja para com o corpo e suas problemáticas «é de parte a parte atravessado por essa tensão, esse vaivém, essa oscilação entre repressão e a exaltação, a humilhação e a veneração»<sup>484</sup>. Para este estudo que abrange os séculos finais da Idade Média, o ponto de situação da sociedade – e está a Igreja inclusa nesta – para com os corpos de seus entes é de familiaridade e zelo. Uma das células institucionais responsáveis pela convergência de mortos e vivos e por administrar o destino mundano dos defuntos eram as paróquias.

Tal situação começou a fazer-se presente a partir do século XII «cuando la parroquia se constituiria definitivamente como el espacio sagrado y exclusivo de reunión con Dios a través de la mediación clerical»<sup>485</sup>. Os paroquianos e paroquianas da Baixa Idade Média enchiam o espaço interno das igrejas com seus corpos ao ponto que «tornavam-se, efetivamente, exíguas, superlotadas que estavam. A falta de espaço era por vezes obviada por alterações arquitetónicas»<sup>486</sup>. Ademais, o ato de escolher um local de sepultura estava diretamente relacionado com a quantidade de dinheiro que se pretendia despende para tal; não obstante,

---

<sup>483</sup> GARCÍA Y GARCÍA, Antonio; CANTELAR RODRÍGUEZ, Francisco (eds.), 1982, *op. cit.* p. 233

<sup>484</sup> LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas - *Uma história do corpo na Idade Média*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 13.

<sup>485</sup> CATALINA GALLEGU, Cristina, 2020, *op. cit.* p. 42.

<sup>486</sup> COSTA, Adelaide Pereira Millán, 1996, *op. cit.* p. 180.



ainda as ditas escolhas ficavam submetidas à aprovação dos eclesiásticos<sup>487</sup>. Dessa maneira, nas linhas que seguem procuraremos identificar onde em Santiago de Coimbra, foram sepultados(as) os(as) celebrados(as) da documentação escolhida.

### 2.2.1 Altares

Identificamos um total de 28 indivíduos sepultados por 15 altares distintos. É preciso ter em conta que quando afirmamos ter sido alguém enterrado(a) num respetivo altar, é equivalente a dizer nas proximidades do mesmo. Antes de nos debruçarmos sobre os casos que não despertam dúvidas acerca do local de sepultura, explicitaremos alguns que transparecem o quão complexa é a tentativa de imaginar o espaço interno da igreja medieval de Santiago, bem como a de contabilização de sepultados(as) e seus respectivos locais de repouso eterno.

As inscrições relativas a Maria Esteves<sup>488</sup> apontam ter sido ela sepultada contra a Porta da Calçada, perto da sepultura de João Panão<sup>489</sup>; na metade da igreja, à direita da pia de água benta, numa campa preta e sarabulhenta<sup>490</sup>; perto do altar de uma santa, novamente numa campa sarabulhenta<sup>491</sup>; campa esta que jaz junto com João Panão raçoeiro ao lado direito<sup>492</sup>. De acordo com as inscrições relativas ao dito raçoeiro<sup>493</sup> sabemos ter sido ele sepultado nas proximidades do altar de Nossa Senhora do Pranto onde, portanto, contabilizamos ter sido lá Maria Esteves sepultada. Este caso abre as análises dos locais de sepultura visto que ao longo do Livro de Aniversários muitos(as) celebrados(as) apresentam mais de uma referência para a localização de seu corpo. Tal situação se dá pois

para a salvação da alma do defunto, a passagem para um espaço eterno contribui a regular visita ao espaço onde repousa o corpo, visita essa que depende da adscrição de um espaço/bem. São inúmeros os testemunhos da importância atribuída ao local de sepultura na expressão das últimas vontades, bem como das estratégias usadas para as fazer cumprir<sup>494</sup>.

---

<sup>487</sup> ARIÈS, Phillipe, 2014, *op. cit.* p. 109.

<sup>488</sup> Ver Anexos 1. Perfil 70.

<sup>489</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 197.

<sup>490</sup> *Ibidem*, p. 200.

<sup>491</sup> *Ibidem*, p. 202 – manuscrito deteriorado não permite a leitura de qual santa se trata.

<sup>492</sup> *Ibidem*, p. 221.

<sup>493</sup> Ver Anexos 1. Perfil 58.

<sup>494</sup> COSTA, Adelaide Pereira Millán, 1996, *op. cit.* p. 180.

Tal posto, para a contabilização destes lugares, quando um(a) celebrado(a) apresentar mais de uma referência ao local de sepultamento, daremos preferência, por fins estatísticos, aos altares pois a escolha de repousar eternamente aos pés de um(a) santo(a) reflete uma prática já presente na Alta Idade Média e que, para o período aqui considerado, é «um tópico quase indispensável das práticas e das crenças funerárias»<sup>495</sup>.

Martim Anes, almoxarife de Coimbra<sup>496</sup>, igualmente apresenta descrições que nos apresentam dúvidas visto que na entrada relativa ao dia 25 de janeiro<sup>497</sup> consta ter sido sepultado ante o altar de Nossa Senhora numa campa junto com o altar de S. Paulo; nos dias 9 de agosto<sup>498</sup> e 29 de dezembro<sup>499</sup> o claustro é apontado como localização do corpo; ademais, em agosto há o registo de estar na primeira campa à porta do claustro. Inúmeras são as possibilidades para esta divergência: sabemos ter sido comum aos claustros de igrejas a abertura de ossários denominados *carneiros*<sup>500</sup>, «uma vala seria o destino dos restos terrenos dos sepultados há mais tempo»<sup>501</sup>, mas não justificaria, caso fosse este o destino de nosso almoxarife, a transferência da sua campa; a já citada superlotação do interior dos templos por defuntos poderia explicar a transferência de corpo e campa para o claustro, todavia não dispomos da área do mesmo que serviria de comparação ao interior de Santiago para além de não haver registos referentes à deslocação dos corpos. Não obstante, a diversidade de nomes semelhantes presente no Livro de Aniversários poderia ter feito a pessoa que fez o registo confundir-se com outro homem de mesmo nome: temos o caso de Martim Afonso e Guiomar Afonso, dos quais não possuímos registo de ocupação profissional, que estão sepultados no claustro «à direita da porta pequena» contra a estalagem<sup>502</sup>. Logo, consideramos o altar de S. Paulo como lugar de sepultura deste almoxarife.

Outro dos casos que pode despertar dúvidas é relativo ao nosso mercador João Galego<sup>503</sup> pois nos dois dias reservados para a celebração de seus aniversários, 30 de janeiro e 18 de fevereiro<sup>504</sup>, são registados dois altares distintos como local de sepultamento do mercador. Em janeiro consta estar no altar de Santa Maria do Pranto, enquanto no mês subsequente aparece o

---

<sup>495</sup> MATTOSO, José (ed.) – *Os rituais da morte na liturgia Hispânica (séculos VI a XI)* in *O reino dos mortos na Idade Média Peninsular*, 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996, p. 64.

<sup>496</sup> Ver Anexos 1. Perfil 82.

<sup>497</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 198.

<sup>498</sup> *Ibidem*, p. 213.

<sup>499</sup> *Ibidem*, p. 224.

<sup>500</sup> Na documentação analisada, encontramos a referência a um *caneiro* na inscrição relativa ao dia 08 de janeiro: SANTOS, Maria José Azevedo, 2019, *op. cit.* p. 197.

<sup>501</sup> COSTA, Adelaide Pereira Millán, 1996, *op. cit.* p.183.

<sup>502</sup> Ver Anexos 1. Perfil 84.

<sup>503</sup> Ver Anexos 1. Perfil 57.

<sup>504</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 199; 201 respetivamente.

altar de Santa Marinha a Prenhe como área de sepultamento. Não estender-nos-emos na gama de possibilidades para esta divergência, contudo consideramos uma forte hipótese a de que, no ato de um dos registos, um erro de escrita fora cometido. Contabilizamos o local de sepultura de João Galego de acordo com o conteúdo da primeira inscrição do calendário, isto é, o altar de Santa Maria do Pranto.

Não obstante, o caso do mercador João Panão é igualmente intrigante. O nome aparece como referido na inscrição de aniversário de Maria Esteves, na qual é indicada que a sepultura da celebrada se encontra contra a Porta da Calçada; ademais, consta estar a campa próxima à campa de João Panão<sup>505</sup>. Na entrada referente ao dia 13 do mesmo mês, agora como celebrado, regista-se ter sido enterrado tanto na sobredita Porta quanto também ante o altar de Nossa Senhora<sup>506</sup>. Ainda em janeiro, no dia 19, consta encontrar-se o corpo na Porta Principal «so os degraus junto com a parede no monumento mais alto contra a Praça»<sup>507</sup>, as mesmas informações aparecem-nos em 16 de fevereiro – nesta data os degraus são especificados: os de fora<sup>508</sup> – e na inscrição do dia 18 de novembro – aqui adiciona-se «o tabuleiro da porta principal» como especificação<sup>509</sup>.

Já o raçoeiro de Santiago, Pedro Lopes<sup>510</sup>, igualmente apresenta referências espaciais em dois altares: o altar «principal»<sup>511</sup>, que entendemos ser o altar-mor e o altar do Presépio de Santa Maria. De acordo com a única inscrição relativa a este raçoeiro, contabilizamo-lo neste último altar visto que nos é informado estar «ante» o do Presépio e «contra» o principal.

O facto de analisarmos um documento que não apresenta registos cronológicos completos dificulta o preencher das lacunas que em toda pesquisa histórica se mostra presente. Ademais, o Livro de Aniversários de Santiago de Coimbra esteve em uso por pelo menos três séculos e não se pode refutar a possibilidade de que os casos como os explanados acima tenham causado certa estranheza nos(as) contemporâneos(as) aquando da utilização deste documento. Seja como for, a sensação que nos transmite as divergências entre os registos da fonte é a de que, passados os anos, pouco importaria a sobreposição de informações relativas a um tópico, como a exata localização de um corpo, por exemplo<sup>512</sup>; devemos lembrar tratar-se este documento de um manuscrito pertencente a esfera do sagrado, do divino, do Mistério – seriam

---

<sup>505</sup> *Ibidem*, p. 197.

<sup>506</sup> *Ibidem*.

<sup>507</sup> *Ibidem*, p. 198.

<sup>508</sup> *Ibidem*, p. 201.

<sup>509</sup> *Ibidem*, p. 221.

<sup>510</sup> Ver Anexos 1. Perfil 97.

<sup>511</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 210.

<sup>512</sup> Desde que haja um lugar para que se possa fazer orações em prol da alma.

leitores destes documentos também os habitantes e agentes da Corte Celeste aquando da contabilização no Fim dos tempos? – e parece-nos plausível propor a hipótese de que continuariam a sufragar-se as almas menos através das localizações dos corpos, que passado tempo eram ossos, do que o registo algures de seus nomes. Phillipe Ariès, na documentação que analisou em sua obra, encontrou, igualmente, uma «distância entre o local do túmulo e a deposição real do corpo»<sup>513</sup>; para além de afirmar que

nem sempre se podia ficar certo de ser enterrado exatamente no lugar assim designado, mesmo se o pároco e os fabricantes tivessem dado (ou cedido) o seu acordo: sepulturas mais recentes e não ainda «consumidas» poderiam ainda estar ocupando o solo. Desse modo, pedia-se mais uma *vizinhaça do que um lugar muito exato*.<sup>514</sup>

Para além de nos basearmos nos casos acima expostos e na historiografia, recorreremos igualmente à literatura. Dante Alighieri escreveu em sua *Divina Comédia*: «*Ma quando tu sarai nel doce mondo,/ priegoti ch'a la mente altrui mi rechi:/ più non ti dico e più non ti respondo.*»<sup>515</sup>; outrossim, não é raro encontrarmos versos semelhantes ao acima exposto<sup>516</sup> nos quais as almas não chegam a suplicar a Dante que lembre os respetivos entes ainda vivos de visitarem as sepulturas, mas apelam para a simplicidade de terem seus nomes recordados por alguém do mundo dos vivos. O medievalista brasileiro Hilário Franco Júnior sobre a convergência dos traços socioculturais dos finais da Idade Média escreveu que «Dante reuniu em si a intensa atividade intelectual do primeiro [séc. XIII] e as grandes angústias e conflitos que caracterizaram o segundo [séc. XIV]. Ele sintetizou o espírito de um século e antecipou o de outro»<sup>517</sup>. Devidamente identificados e explicados da melhor maneira que nos coube estes casos que podem causar alguma estranheza, seguiremos para os restantes altares bem como seus e suas respetivos(as) sepultados(as) apresentados na lista que segue:

- Altar da Trindade: Lourenço Peres, mercador e Maria Francisca, casados<sup>518</sup>.

---

<sup>513</sup> ARIÈS, Phillipe, 2014, *op. cit.* p. 382.

<sup>514</sup> *Ibidem.* p. 105.

<sup>515</sup> ALIGHIERI, Dante; CARVALHO, Jorge Vaz de (trad.) – *A Divina Comédia*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Ed. Bilíngue, 1ª ed. 2021, *Inf.* Canto VI, p. 86, versos 88-90.

<sup>516</sup> *Ibidem, Purg.* Canto V, versos 43-50; 58-72; 130-136; Canto VIII, versos 67-71; 112-119; Canto XIII versos 140-151; Canto XX, versos 34-41.

<sup>517</sup> JÚNIOR, Hilário Franco – *Dante o poeta do absoluto*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, p. 13.

<sup>518</sup> Ver Anexos 1. Perfil 63.

- Altar da Virgem Maria/Santa Maria: Lopo Afonso, raçoeiro de Santiago e prior de Vale de Ermio<sup>519</sup>; Estevão Domingues, mercador e Florença Fagundes sua esposa<sup>520</sup>.
- Altar de (Nossa Senhora) Santa Ana: Maria Esteves, sergente<sup>521</sup>; Pedro Anes, almoxarife e Iria Peres, casados<sup>522</sup>; Pedro João, almoxarife<sup>523</sup>; Pedro Juliães, almoxarife<sup>524</sup>.
- Altar de Santa Maria, a Prenhe: Amarão Esteves, almoxarife<sup>525</sup>; Guiomar Vicente<sup>526</sup>; Martim Bravo, almoxarife<sup>527</sup>.
- Altar de São Lourenço: Fernando Rodrigues, alcaide<sup>528</sup>.
- Altar de São Pedro: Gabriel Vicente, raçoeiro de Santiago e prior de Castelãos<sup>529</sup>.
- Altar do Presépio de Santa Maria: Pedro Lopes, raçoeiro de Santiago<sup>530</sup>.
- Altar-mor: Aparício Anes<sup>531</sup>; Bernardo Martins, tabelião e Constança Martins, casados<sup>532</sup>; Nome desconhecido<sup>533</sup> de 09 de março<sup>534</sup>.
- Altar de Santo Urbano: Constança Peres<sup>535</sup>; Domingos Anes, almoxarife<sup>536</sup>; João Afonso, almoxarife<sup>537</sup>.
- Altar de Nossa Senhora: João Panão, mercador<sup>538</sup>.
- Altar de Nossa Senhora do Pranto: João Panão, raçoeiro de Santiago<sup>539</sup>; João Galego, mercador<sup>540</sup>.

---

<sup>519</sup> Ver Anexos 1. Perfil 61.

<sup>520</sup> Ver Anexos 1. Perfil 36 ou ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 3 s/n (nº antigo 451 e 632).

<sup>521</sup> Ver Anexos 1. Perfil 70

<sup>522</sup> Ver Anexos 1. Perfil 92.

<sup>523</sup> Ver Anexos 1. Perfil 95.

<sup>524</sup> Ver Anexos 1. Perfil 96.

<sup>525</sup> Ver Anexos 1. Perfil 15.

<sup>526</sup> Ver Anexos 1. Perfil 49. Fora esposa de mercador.

<sup>527</sup> Ver Anexos 1. Perfil 85.

<sup>528</sup> Ver Anexos 1. Perfil 42.

<sup>529</sup> Ver Anexos 1. Perfil 45.

<sup>530</sup> Ver Anexos 1. Perfil 97.

<sup>531</sup> Ver Anexos 1. Perfil 18.

<sup>532</sup> Ver Anexos 1. Perfil 21.

<sup>533</sup> Ver Anexos 1. Perfil 110.

<sup>534</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2019, *op. cit.* p. 215.

<sup>535</sup> Ver Anexos 1. Perfil 26. Fora esposa de um ferreiro.

<sup>536</sup> Ver Anexos 1. Perfil 34.

<sup>537</sup> Ver anexos 1. Perfil 51.

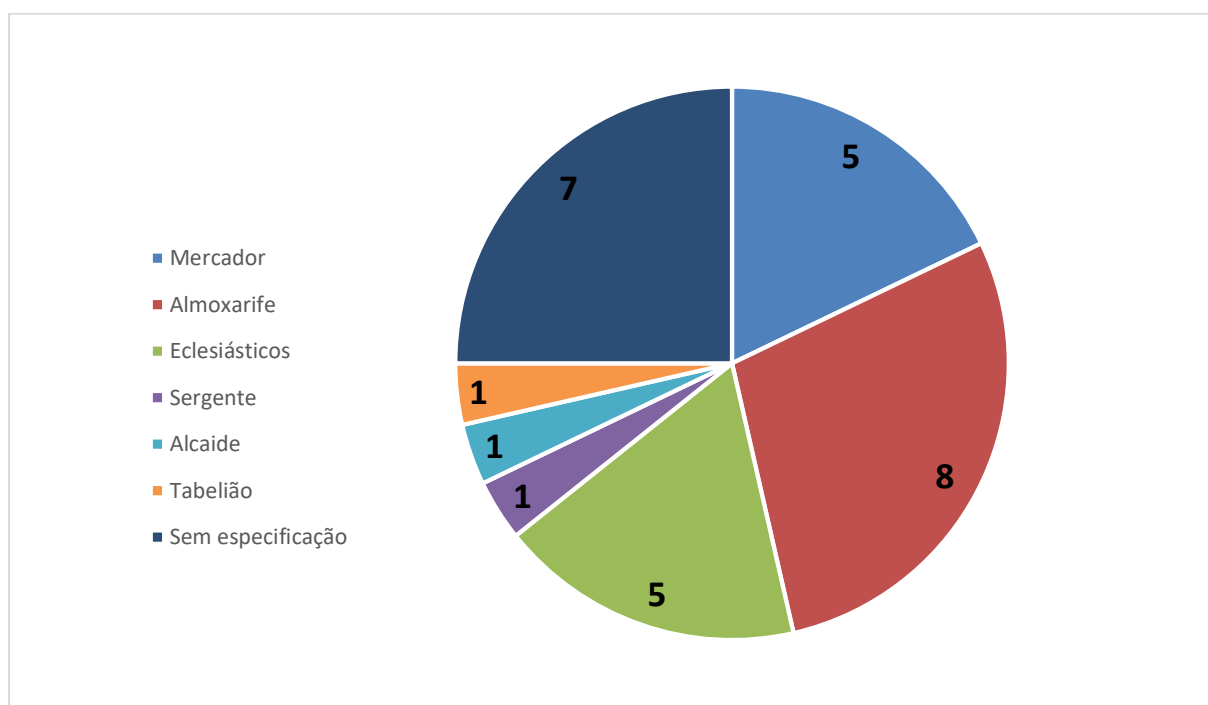
<sup>538</sup> Ver Anexos 1. Perfil 59.

<sup>539</sup> Ver Anexos 1. Perfil 58.

<sup>540</sup> Ver Anexos 1. Perfil 57.

- Escabelo de Nossa Senhora do Pranto<sup>541</sup>: Sebastião Fernandes, clérigo de missa e beneficiado de Santiago<sup>542</sup>.
- Altar de São Tomás: Arnaldo *del Poche*, mercador<sup>543</sup>.
- Altar de São Paulo: Martim Anes, almoxarife<sup>544</sup>.

Chamamos a atenção para o facto de que algumas categorias socioprofissionais se fazem muito presentes nestas áreas internas da igreja. É verdade que alguns destes nomes não apresentam especificações quanto à atividade que ocupam<sup>545</sup>, como é o caso de Iria Peres; Guiomar Vicente; Aparício Anes; Constança Martins; uma pessoa de nome desconhecido; Constança Peres. Na divisão socioprofissional da ocupação dos altares do edifício, agrupamos estes indivíduos acima mencionados como «sem especificações». Ademais, 74% das pessoas sepultadas nestes locais são homens e 26% mulheres. Tal posto, temos a seguinte distribuição:



**Gráfico 15 – Distribuição dos(as) sepultados(as) nos altares da igreja de Santiago por categoria socioprofissional.**

<sup>541</sup> Consideramos este local como pertencente ao grupo dos altares visto que faz referência direta a elementos do respectivo altar.

<sup>542</sup> Ver Anexos 1. Perfil 101.

<sup>543</sup> Ver Anexos 1. Perfil 19.

<sup>544</sup> Ver Anexos 1. Perfil 82.

<sup>545</sup> Infelizmente, quando dos registos de casais as fontes trazem informações sobre a ocupação socioprofissional vinculada ao marido, silenciando assim sobre os afazeres dos cônjuges.

### 2.2.2 Claustro

Por sua vez, contabilizamos um total de 11 pessoas sepultadas na área do claustro da igreja de Santiago de Coimbra, sendo 60% mulheres e 40% homens. Chamamos a atenção para o facto de que as inscrições que indicam os sepultamentos neste local vêm acompanhadas de orientações espaciais e algumas ainda trazem detalhes das respetivas sepulturas. Todavia, precisamos recordar neste ponto que é o claustro apontado como um dos locais onde se encontra o almoxarife Martim Anes<sup>546</sup>, caso já analisado na secção anterior e por isso não o contabilizamos neste grupo.

O correiro Álvaro Gonçalves e sua esposa Catarina Esteves<sup>547</sup> jazem numa campa em que há uma cruz, nas proximidades de uma laranjeira; o marceiro Vasco Anes Barbancho e Inês Peres, sua esposa<sup>548</sup> encontram-se também junto à laranjeira, contudo há a indicação de ser a primeira laranjeira. Marinha Afonso e Marinha Fernandes<sup>549</sup> foram enterradas ambas na entrada no claustro em campas anchas contra o fundo<sup>550</sup>. Já o capelão de Santiago, Nicolau Martins<sup>551</sup> estaria debaixo do balcão numa campa branca. Outro casal sepultado no claustro é Martim Afonso e Guiomar Afonso<sup>552</sup>, ambos estariam à direita da porta pequena que ficaria contra a estalagem. Domingas Anes de Pinhel<sup>553</sup>, casada com o tosador Estevão Vaz, encontrava-se a fundo da porta do claustro junto da parede da igreja à frente de um monumento alto. Maria Afonso, esposa que foi de Afonso Peres peixeiro, completa a lista das pessoas enterradas no claustro e estaria ela «nos três monumentos da mão direita de cima»<sup>554</sup>.

### 2.2.3 Capelas particulares

Segundo Philippe Ariès, «a capela é um dos tipos de fundação mais antigos, mais significativos e mais ricos de interpretações históricas»<sup>555</sup>; para o caso português, os estudos das capelas funerárias erguidas nos templos por particulares encontram na já citada obra As

---

<sup>546</sup> Ver Anexos 1. Perfil 82.

<sup>547</sup> Ver Anexos 1. Perfil 14.

<sup>548</sup> Ver Anexos 1. Perfil 105.

<sup>549</sup> Ver Anexos 1. Perfis 79 e 81 respetivamente.

<sup>550</sup> Supomos tratar-se do fundo do claustro.

<sup>551</sup> Ver Anexos 1. Perfil 89.

<sup>552</sup> Ver Anexos 1. Perfil 84.

<sup>553</sup> Ver Anexos 1. Perfil 32.

<sup>554</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 202.

<sup>555</sup> ARIÈS, Phillipe, 2014, *op. cit.* p. 237.

*almas herdeiras – Fundação de capelas fúnebres e afirmação da alma como sujeito de Direito (Portugal 1400-1521)* a grande referência dentro da historiografia nacional. A fundação das capelas fúnebres, para vigorar, contou com estruturas diversas do corpo social medieval, a autora destaca o relevante papel que teve a instituição paroquial; esta «com maior identificação e capacidade de gestão dos bens oferecia maiores garantias quanto à perpetuidade das fundações de sufrágio»<sup>556</sup>. O ambiente eclesiástico regular, por sua vez, não ficara de fora desta prática expandida no reinado de D. Afonso, «cerceada em parte por D. João II» e, novamente, disseminada com D. Manuel<sup>557</sup>.

A escolha de uma instituição para fundar uma capela fúnebre representava para aquela «o enriquecimento e o orgulho das igrejas e, com frequência, providenciava serviços vários, caritativos e litúrgicos»<sup>558</sup>. Aqui deparamo-nos com uma dicotomia, já citada, muito frequente na moral medieval entre riqueza e salvação:

por vezes, os instituidores professam a sua crença no sistema de sufrágios da Igreja de forma enfática, sublinhando a relação inversa entre a riqueza material de que dispõem e a espiritual que desejam alcançar: o uso de bens materiais para objetivos espirituais é uma obrigação tanto maior quanto maiores aqueles são<sup>559</sup>.

A autora sugere que «neste conceito de ‘obrigação’ reside talvez a chave da apropriação leiga e ‘social’, por assim dizer, dos preceitos doutrinários»<sup>560</sup>. Salienta ainda que, durante o século XV, houve uma «maior privatização da religião, em particular por parte das elites»<sup>561</sup> e analisa os excertos da testamentária deste período que evocam uma «emotividade religiosa»<sup>562</sup>. Não obstante, Rosa aponta quatro aspetos que caracterizam a capela como uma «instituição com características especiais»: a) a vontade do fundador como «lei interna»; b) uma reprodução institucional específica: a capela ancorada em estruturas sociais informais; c) uma instituição baseada em imperativos religiosos e éticos; d) uma instituição funcionando para o sobrenatural<sup>563</sup>. No universo documental considerado possuímos casos de capelas fúnebres. É verdade que não dispomos da quantidade de informações que desejaríamos sobre seus/suas

---

<sup>556</sup> ROSA, Maria de Lurdes, 2012, *op. cit.* p. 371.

<sup>557</sup> *Ibidem*, p. 365.

<sup>558</sup> ROSA, Maria de Lurdes, 2012, *op. cit.* p. 385.

<sup>559</sup> *Ibidem*, p. 398.

<sup>560</sup> *Ibidem*, p. 399.

<sup>561</sup> *Ibidem*, pp. 417/418.

<sup>562</sup> *Ibidem*, p. 419.

<sup>563</sup> *Ibidem*, p. 572.



fundadores(as)<sup>564</sup>, contudo são suficientes para rastreamos os ecos desta prática, tão difundida pelos reinos cristãos medievais, no arrabalde coimbrão.

Ademais, o termo *capela* pode ser encarado tanto como edificações físicas erguidas nos interiores das igrejas com finalidade de sepultamento, quanto instituições de ofício divino<sup>565</sup>: «a sepultura é, portanto, a segunda atribuição da capela, que permanece, contudo, local de culto»<sup>566</sup>. Nas cláusulas testamentárias de Constança Anes<sup>567</sup>, é possível encontrarmos um exemplo desta tipologia de capelas fúnebres. Quando da distribuição da sua herança, a testadora deixa a Vicente Domingos, cónego, 450 libras e justifica-as pelo facto de ele ter *cantado* uma capela à dita Constança Anes no ano de 1395<sup>568</sup>. Não obstante, a capela enquanto espaço físico no interior do templo também se faz presente na documentação deste estudo.

O casal, freguês de Santiago de Coimbra, Afonso Peres e Maria Francisca<sup>569</sup> encontra-se sepultado junto à capela de Afonso Domingues de Aveiro<sup>570</sup>, próximo da imagem de Santo Ildefonso. A referência a uma imagem dum santo dentro da dita capela nos chama a atenção visto que

a «vivência privada da religião» passou também, e muito, pelo desenvolvimento de espaços, ambientes e objetos devocionais específicos, destinados a promover a comoção religiosa de cada um: oratórios e capelas particulares, joias, imagens e relíquias. É que [...], havia de fato uma circulação intensa de «objetos devocionais», destinados a enriquecer espaços de oração mais ou menos privados, que se tornam também bastante correntes.<sup>571</sup>

Sabemos que a fundação de capelas fúnebres particulares fora uma prática mais acessível aos estratos economicamente superiores da sociedade medieval<sup>572</sup>, e mesmo não dispendo de maiores informações sobre Afonso Domingues de Aveiro, tampouco sobre a relação que este tivera com a igreja de Santiago de Coimbra e com o casal sepultado junto à sua capela, devemos ter em mente tratar-se de um indivíduo ligado a uma hierarquia socialmente considerada da Coimbra medieval. Outrossim, o facto de ser Afonso Peres um mercador demonstra o prestígio desta categoria dentre a diversidade do meio social da época. Ademais, possuímos registo de

---

<sup>564</sup> Não encontramos, na documentação considerada, cartas de fundação destas capelas.

<sup>565</sup> ARIÈS, Phillipe, 2014, *op. cit.* p. 237.

<sup>566</sup> *Ibidem*, p. 384.

<sup>567</sup> Ver Anexos 1. Perfil 25.

<sup>568</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 3 s/n (nº antigo 522) 1397 FEVEREIRO 27.

<sup>569</sup> Ver Anexos 1. Perfil 6.

<sup>570</sup> Na documentação considerada não encontramos outras referências ao nome.

<sup>571</sup> ROSA, Maria Lurdes de, 2012, *op. cit.* p. 519.

<sup>572</sup> *Ibidem*, p. 359.

um outro homem sepultado junto a esta capela, ao menos na sua «área»; trata-se de João Parente<sup>573</sup>. Na inscrição do Livro de Aniversários relativa ao dia 13 de julho<sup>574</sup> há a indicação de que fora sepultado na *parte de cima* da capela de Afonso Domingues de Aveiro, entre o poial e a campa da flor de Rui Fernandes<sup>575</sup>.

Esta problemática é comum aos demais casos das capelas que rastreamos pelo universo da documentação considerado. João de Freitas e sua esposa Catarina Fernandes<sup>576</sup> possuem uma capela em Santiago de Coimbra onde estão sepultados. Não constam mais pessoas sepultadas no local e consideramos seguro afirmar tratar-se dos fundadores da sobredita capela. Um outro caso muito semelhante, no que tange ao volume de conteúdo, é o de Mestre Rodrigo<sup>577</sup>, cidadão de Coimbra. Na inscrição referente ao dia 11 de novembro, no Livro de Aniversários<sup>578</sup>, consta ter ele uma capela *própria* em Santiago. Por sua vez, o casal João de Coimbra e a tendeira Beatriz Peres<sup>579</sup> possuía uma capela na dita igreja; para este caso as informações alargam-se minimamente pois pela inscrição do dia 7 de janeiro<sup>580</sup> sabemos tratar-se da capela de Santo André cujos encargos são de responsabilidade dos herdeiros do casal; a escolha de santos para as capelas particulares bem como o ato de dotar tais espaços com imagens, retábulos etc.

eram gestos simbólicos e rituais, reconhecidos pela comunidade, que contribuía para efetivar uma associação sacral entre o patrono e o fundador. São uma das expressões de realidades mais vastas que estavam na própria raiz das capelas fúnebres. Por um lado, possibilitavam a presença ativa dos leigos, fundadores e sucessores, expressa em linguagem e atos litúrgicos-religiosos, numa apropriação que este tipo de instituição potenciava enormemente, aí residindo sem dúvida um dos motivos do seu sucesso<sup>581</sup>.

Desse modo, contabilizamos um total de quatro capelas particulares<sup>582</sup> edificadas: de Afonso Domingues de Aveiro, de Mestre Rodrigo, de João de Freitas e de Santo André e uma capela *cantada* no ano de 1395. Optamos por reunir neste final de secção os questionamentos

---

<sup>573</sup> Ver Anexos 1. Perfil 60.

<sup>574</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 212.

<sup>575</sup> Caso constate-se que Rui Fernandes fora sepultado dentro desta capela, estaríamos tratando de um outro Rui Fernandes, diferente do que identificamos em Anexos 1. Perfil 100. Visto que este último encontra-se enterrado no meio da igreja.

<sup>576</sup> Ver Anexos 1. Perfil 55.

<sup>577</sup> Ver Anexos 1. Perfil 99.

<sup>578</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 220.

<sup>579</sup> Ver Anexos 1. Perfil 53.

<sup>580</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 197.

<sup>581</sup> ROSA, Maria Lurdes de, 2012, *op. cit.* pp. 382/83.

<sup>582</sup> Há o registo da capela-mor da igreja de Santiago de Coimbra que não fora contabilizada aqui visto não se tratar de uma instituição feita por particulares. Ver Anexos 1. Perfil 37.

sobre tais capelas visto que todas apresentam um problema em comum: a falta da carta de fundação<sup>583</sup>. Teriam estas capelas mais de um nível de construção? Teriam os fundadores determinado a utilização do espaço para toda a comunidade de Santiago? Seriam os sepultados na sobredita capela beneficiados de uma restrição de utilização feita pelos fundadores? A quem caberia a administração deste espaço particular e sagrado<sup>584</sup>? Quais os ornamentos bem como a disposição dos mesmos nestes espaços? O edifício sagrado em 1206 fora modificado para a construção das mesmas ou foram elas acopladas sem mudanças estruturais e arquitetónicas? Reflexões como estas e outras poderiam ser sanadas caso a carta de fundação da capela tivesse chegado aos dias de hoje e se lamentamos este facto, deixamos aparadas as arestas para futuras investigações no âmbito das capelas fúnebres da cidade de Coimbra.

#### ***2.2.4 O interior da igreja***

Já com relação aos demais locais de sepultamento identificados na documentação considerada, optamos por separá-los em dois grupos: os que ocorreram na área externa do edifício e os realizados no interior do mesmo, excetuando os casos acima já analisados. Identificamos um total de 17 pessoas sepultadas nas proximidades de dez áreas distintas no interior do templo de Santiago. Seis indivíduos foram enterrados na escada do coro ou contra ele; destes, apenas um aparece como referido – Domingos de Sandomil<sup>585</sup> – as outras cinco surgem na documentação como celebradas, ei-las: Senhorinha Esteves<sup>586</sup>, Marinha Bartolomeu da Zouparria<sup>587</sup>, Domingas Anes<sup>588</sup>, Maria Domingues<sup>589</sup> e o mercador Rui Fernandes<sup>590</sup> – os dois últimos nomes formam um casal.

A pia de água benta é um local muito recorrente na documentação considerada, principalmente no Livro de Aniversários: «a imagem do renascer pelas águas do batismo podia

---

<sup>583</sup> É indiscutível o quanto o debate e análise das capelas particulares é enriquecido pela conservação dos documentos de fundação das mesmas visto que estes trazem em registo uma seiva informacional relativa à fundação da capela que ser-nos-ia muito útil aqui, como as dimensões físicas das capelas que assim são; os ornamentos que as compõe; as regras de utilização das mesmas – se são abertas à utilização de toda a comunidade, se possuem nomes restritos que podem usufruir dos ditos espaços e mesmo a responsabilidade de manutenção. Para mais, ver ROSA, Maria Lurdes de, 2012, *op. cit.* pp. 38; 40; 380; 544; 573; 593.

<sup>584</sup> Esta questão não se aplica ao caso da capela de João de Coimbra e Beatriz Peres visto que há a indicação de estar sob a responsabilidades dos herdeiros do casal. Não constam nomes ou ocupações de tais herdeiros.

<sup>585</sup> Ver Anexos 1. Perfil 109.

<sup>586</sup> Ver Anexos 1. Perfil 103.

<sup>587</sup> Ver Anexos 1. Perfil 80.

<sup>588</sup> Ver Anexos 1. Perfil 82.

<sup>589</sup> Ver Anexos 1. Perfil 100.

<sup>590</sup> Ver Anexos 1. Perfil 100.

justificar o enterro junto à pia de água benta»<sup>591</sup>. Sabemos que estivera localizada no meio da igreja através da inscrição de aniversário de Álvaro Anes<sup>592</sup> – «a par da pia de água benta *no meio da igreja*»; tal disposição confirma-se visto que este espaço surge como confrontação de outros locais de sepultura, como os acima mencionados. A contabilização das sepulturas aqui foi feita de maneira a selecionar os indivíduos que não apresentam outros locais de enterro a não ser a dita pia. Deste modo, a contar com o referenciado Álvaro Anes, encontramos Afonso Anes<sup>593</sup> e Alberto Anes<sup>594</sup>, todos estes foram sepultados «a par» da pia de água benta.

Encontramos depois Maria Afonso<sup>595</sup>, sepultada ante a *imagem de S. Cristóvão*; Maria Vaz<sup>596</sup> no *cruzeiro* – sabemos que este local de sepultamento se vulgarizou em França a partir do século XV<sup>597</sup> e que as cruces eram indicadas pelos testadores «com frequência como referência topográfica para designar o lugar da sepultura»<sup>598</sup>. E o raçoeiro de Santiago, Gonçalo Dias, teve sepultura perto dos *Reis Magos*<sup>599</sup>.

Concluindo o espaço interno de Santiago, agrupamos quatro pessoas que escolheram locais de sepultura mais específicos do que os até agora analisados. Aldonça Bentes<sup>600</sup> deixou registada sua vontade em ter repouso eterno *sobre a sepultura de Maria Afonso*<sup>601</sup> e *ao pé da sepultura de Afonso Amigo*<sup>602</sup>; sobre este homem, consta nos registos somente estar sepultado dentro da dita igreja. Outro caso semelhante é o de Maria Suger<sup>603</sup> que estipula que seu corpo seja colocado perto *donde jaz a mulher que foi de Mestre Pedro Cirurgião*<sup>604</sup>. Já o raçoeiro de Santiago e prior de Alquerubim, Domingo Martins, pede que ele seja enterrado junto de seu pai e sua mãe<sup>605</sup>, «a proximidade dos parentes na sepultura procurava garantir a permanência da estrutura familiar para além da morte»<sup>606</sup>.

---

<sup>591</sup> PINA, Isabel Castro – *Ritos e imaginário da morte em testamentos dos séculos XIV e XV* in MATTOSO, José (ed.) – *O reino dos mortos na Idade Média Peninsular*, 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996, p. 130.

<sup>592</sup> Ver Anexos 1. Perfil 12.

<sup>593</sup> Ver Anexos 1. Perfil 1.

<sup>594</sup> Ver Anexos 1. Perfil 8.

<sup>595</sup> Ver Anexos 1. Perfil 67.

<sup>596</sup> Ver Anexos 1. Perfil 78

<sup>597</sup> ARIÈS, Phillipe, 2014, *op. cit.* p. 107.

<sup>598</sup> *Ibidem*, p. 108.

<sup>599</sup> Não há especificações de tipologia, não sabemos se trata-se de uma imagem ou um altar.

<sup>600</sup> Ver Anexos 1. Perfil 10.

<sup>601</sup> Ver Anexos 1. Perfil 67.

<sup>602</sup> Sabemos por ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 11 s/n (nº antigo 803) tratar-se de Afonso Mendes: Ver Anexos 1. Perfil 5.

<sup>603</sup> Ver Anexos 1. Perfil 75.

<sup>604</sup> Sabemos pelo Livro de Aniversários que esta fora Maria Anes, mas não dispomos da localização de sua sepultura. Ver Anexos 1. Perfil 69.

<sup>605</sup> Ver Anexos 1. Perfil 35.

<sup>606</sup> PINA, Isabel Castro, 1996, *op. cit.* p. 130

Mesmo quando servem apenas como elementos de referenciação espacial, estas menções tornam evidente que a comunidade dos vivos sabia quem eram os defuntos que ocupavam o espaço da sua igreja paroquial e que, pelo menos por essa memória, os lembravam e comemoravam. Estas menções constituem, assim, uma prova da eficácia das estratégias de comemoração dos mortos que os testamentos medievais e os documentos necrológicos atestam e preservam ao longo dos séculos.

### ***2.2.5 O exterior da igreja***

Encontramos um total de 12 pessoas sepultadas por seis locais diferentes na área externa do templo. A começar pelo adro – que dentro do simbolismo que envolve o mundo medieval e os domínios da morte, poderia representar a «humildade pelo fato de se ser pisado por todos que aí passavam»<sup>607</sup> – encontramos três mulheres: Maria Franca<sup>608</sup>, Senhorinha Domingues<sup>609</sup> e Joana Peres<sup>610</sup>. Apenas desta última nos chegou a ocupação profissional, regueifeira do rei; ademais, consta estar sepultada no adro, ante a Porta do Pintor. Esta inscrição nos despertou algumas dúvidas visto que há a indicação, para o caso de nossa regueifeira, estar sepultada fora da igreja, contudo encontramos outras pessoas sepultadas igualmente ante outras portas e, a não ser que haja orientações de encontrarem-se em áreas externas do templo, consideramo-las como enterradas no interior do mesmo. A completar os sepultados no adro de Santiago, encontramos Domingas *de Pinhel*<sup>611</sup>. Isto posto, seguimos a lista com João de Elvas<sup>612</sup>, cónego da Sé de Coimbra, que aparece enterrado «contra a praça»<sup>613</sup>, pelo facto de o documento não apresentar maiores indicações que permitam comprovar de maneira segura o local de sepultamento, não o contabilizamos no espaço do adro, por mais tentador que seja.

O pequeno número de pessoas enterradas nas áreas externas do templo, segundo Isabel Pina,

parece verificar-se uma progressiva ocupação dos espaços sagrados no interior dos edifícios, em detrimento dos cemitérios exteriores. Chiffolleau considera que esta passagem corresponde a uma mudança de mentalidade, a uma manifestação mais do

---

<sup>607</sup> *Ibidem*, p. 130.

<sup>608</sup> Ver Anexos 1. Perfil 72.

<sup>609</sup> Ver Anexos 1. Perfil 102.

<sup>610</sup> Ver Anexos 1. Perfil 50.

<sup>611</sup> Ver Anexos 1. Perfil 90.

<sup>612</sup> Ver Anexos 1. Perfil 54.

<sup>613</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 221.

desejo de se individualizar e singularizar a própria morte, sobretudo quando se tratava de elementos da nobreza, tendo em vista as gerações futuras.<sup>614</sup>

Encontramos celebrados(as) no Livro de Aniversários pessoas enterradas não apenas fora do dito templo como em outras cidades e instituições. Domingas Pascoal<sup>615</sup>, por sua vez, estaria sepultada em Podentes (c. Coimbra) – hoje uma vila a cerca de 27 quilômetros de Coimbra. Maria Peres e Maria Afonso<sup>616</sup> tiveram sepultura ambas em S. Bartolomeu<sup>617</sup>; Domingas Peres<sup>618</sup>, alfaiata, fora enterrada no cemitério de S. Domingos, na paróquia de Santa Justa. Já os que foram sepultados na Sé de Coimbra e igualmente celebrados em Santiago encontram-se, neste grupo, em maior quantidade. É o caso de Pascoal Nunes<sup>619</sup>, Fernando Gomes<sup>620</sup> e do deão e chantre da dita instituição, Guilherme de Saint-Gery<sup>621</sup>.

Os desejos relativos ao destino dos corpos após a morte bem como as demais formas de comemoração acima analisadas provieram de documentos – independentemente de terem se conservado em sua totalidade ou em quantidades parcelares – firmados por testadores(as) e demais representantes das sociedades leiga e eclesiásticas. Com efeito, existiram fórmulas de estruturação documental que são comuns ao conjunto de testamentos, cláusulas testamentárias e cartas de doação *post-mortem*; desse modo, encontra-se no preâmbulo de tais documentos uma parte destinada à expressão do sentimento que motiva e justifica o conteúdo estipulado no corpo do texto. A última análise que propomos no âmbito da comemoração dos mortos de Santiago de Coimbra incide sobre esta parte das fontes.

### **3. A encomendação da Alma e as motivações para a determinação das últimas vontades**

Nesta última secção servimo-nos sobretudo dos testamentos, cláusulas testamentárias e doações visto que a natureza e a função do Livro de Aniversários não prevê a inclusão dessa informação nas suas inscrições. São, de facto, muito raros os casos em que estas contêm a

---

<sup>614</sup> PINA, Isabel, 1996, *op. cit.* p. 130.

<sup>615</sup> Ver Anexos 1. Perfil 31.

<sup>616</sup> Ver Anexos 1. Perfil 66.

<sup>617</sup> Na documentação não há maiores especificações. Podemos afirmar, deste modo, estarem senão na igreja, com certeza na freguesia de mesmo nome.

<sup>618</sup> Ver Anexos 1. Perfil 33.

<sup>619</sup> Ver Anexos 1. Perfil 91.

<sup>620</sup> Ver Anexos 1. Perfil 41.

<sup>621</sup> Ver Anexos 1. Perfil 48.

explicitação das motivações<sup>622</sup> dos(as) celebrados para a fundação das cerimónias ou as encomendações das suas almas. Aquando da necessidade de referenciá-los, optamos por apontar o número de perfil dos(as) celebrados(as) para mantermos o padrão que até aqui fora utilizado<sup>623</sup>. Tal posto, dispomos de um total de 11 documentos, que apresentam os tópicos a serem analisados<sup>624</sup>.

os preâmbulos destes atos além de conterem as motivações da sua redação, englobem ainda, frequentemente, uma verdadeira *profissão de fé* espelhando o posicionamento do homem medieval perante a divindade<sup>625</sup>.

Dentro do universo documental considerado encontramos dez motivações/encomendações. Deste modo, e tendo em vista os recentes anos passados desde a Pandemia de 2020, optamos por dividir as encomendações encontradas de maneira a englobar os períodos anterior, contemporâneo e posterior, da *Peste* na cidade de Coimbra.

Tal doença chegou ao território coimbrão em setembro do ano de 1348<sup>626</sup> e neste mesmo ano tornou a *morte* um «fenómeno coletivo»<sup>627</sup>, agravando o contexto social, económico<sup>628</sup> e político-administrativo<sup>629</sup> do reino português por impulsionar e juntar-se à «sucessiva recorrência de epidemias, as guerras que atravessaram os reinos da Cristandade e uma sequência continuada de deficientes anos agrícolas»<sup>630</sup>. Um ano depois alcança Compostela, na Galiza, onde

---

<sup>622</sup> A entrada referente a Fernando Rodrigues Castelo Branco, Governador eleito da Índia, por exemplo, apresenta as motivações e encomendações do celebrado. Ver Anexos 1 perfil 43.

<sup>623</sup> Lembramos que nos respectivos perfis estão indicadas as cotas completas dos documentos.

<sup>624</sup> Como explicado na apresentação documental desta tese, há um elevado número de cláusulas testamentárias que foram trasladadas em pública forma, deste modo, compreende-se que as demais partes dos documentos originais são desconhecidas, estas implicam, essencialmente, tanto as motivações quanto as encomendações.

<sup>625</sup> VILAR, Hermínia Vasconcelos, 1995, *op. cit.* p. 97.

<sup>626</sup> COELHO, Maria Helena da Cruz – *Um testamento redigido em Coimbra no tempo da Peste Negra*, in Revista Portuguesa de História, Tomo XVIII, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1980, p. 312.

<sup>627</sup> *Ibidem*, p. 322.

<sup>628</sup> COELHO, Maria Helena da Cruz - *O Baixo Mondego nos Finais da Idade Média*, 2ª ed. vol. 1: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989, p. 446 diz que «o pânico da morte que a peste carrou nos anos centrais de Trezentos foi catastrófico. As doações à Igreja, penhor de recompensa eterna, sucediam-se dobradas do arrebatamento abusivo do património daqueles que morriam *ab intestato*. Todavia, a legislação afonsina que procurava obstar às fraudes e exorbitâncias do clero foi pronta e uma das mais antecipadas da Europa, tendo, sem dúvida, algum efeito».

<sup>629</sup> HESPANHA, António Manuel, 1982, *op. cit.* p. 254 mostra que «o pretexto para a substituição dos *juizes ordinários* (ou da *terra* ou *eleitos* ou «juizes pela ordenação») pelos juizes de fora foi a «peste negra»; por carta de lei de 21.5.1349, D. Afonso IV nomeia para os concelhos juizes régios, cuja principal atribuição era então a de tomar nota dos testamentos, em substituição dos vigários episcopais, cuja intervenção nesta matéria se tornava abusiva».

<sup>630</sup> COELHO, Maria Helena da Cruz, 2017, *op. cit.* p.11.

la presencia de la peste y sus consecuencias, aquel ano da mortandade en la documentación compostelana, parecer tener afección en la mentalidade colectiva una vez pasado el tiempo y superado el impacto propriamente físico<sup>631</sup>.

Contudo, o surgimento de pestes e outras epidemias não era novidade para o continente europeu. Jean Delumeau<sup>632</sup> intitulou o terceiro capítulo de sua já citada obra, por *Tipologia dos comportamentos coletivos em tempo de peste*; nele escreveu que

a peste fora virulenta na Europa e em torno da bacia mediterrânica entre os séculos VI e VIII, com uma espécie de periodicidade dos surtos epidêmicos cujos picos se situavam a cada nove e dez anos. Depois ela pareceu desaparecer no século IX, mas para ressurgir brutalmente em 1346 nas margens do mar de Azov. Em 1347, atingiu Constantinopla e Gênova e logo toda a Europa, de Portugal e da Irlanda a Moscou. As devastações da «morte negra» estenderam-se pelos anos de 1348 a 1351<sup>633</sup>.

Deste modo dispomos de dois documentos anteriores à chegada da *Peste*: o relativo a Afonso Mendes<sup>634</sup> e a Aldonça Bentes<sup>635</sup>. Aquele *certo da hora da morte e da hora temente, com todo seu entendimento*, dá alma e corpo a Deus, pede à Virgem Maria e a todos os santos no paraíso que lhe roguem, perdoem e que tenham misericórdia de sua alma. Já a mulher deixa registado o *reconhecimento do bem que sempre recebeu da igreja de Santiago*, a serviço de Deus, saúde da alma e remissão dos pecados; inserimos ainda neste grupo um documento realizado em período posterior à *Peste*, mas que por possuir uma motivação breve e semelhante a esta última citada, julgamos não incorrerem em erro em assim o fazer. Referimo-nos a Catarina Afonso<sup>636</sup>, que em seu nome e de seu marido, o lagareiro Gonçalo Martins, no ano de 1368 justificou suas doações por *algumas coisas da igreja de Santiago que não foram satisfeitas como deveriam ter sido*. Nos chama atenção como, «na medida em que o homem medieval sempre foi temente a Deus, e tendo em consideração toda a insegurança de doenças e guerras»<sup>637</sup>, nestas últimas motivações – mesmo a feita depois da *Peste* –, as preparações para

---

<sup>631</sup> SÁNCHEZ, Xosé Manuel, 2019, *op. cit.* p. 242.

<sup>632</sup> Agradecemos ao Senhor Professor Doutor. Rafael Pavani por ainda na graduação, ter-me indicado este livro o qual tive oportunidade de consultá-lo no mestrado.

<sup>633</sup> DELUMEAU, Jean, 1999, *op. cit.* p. 107.

<sup>634</sup> Ver Anexos 1. Perfil 5.

<sup>635</sup> Ver Anexos 1. Perfil 10.

<sup>636</sup> Ver Anexos 1. Perfil 47.

<sup>637</sup> FERREIRA, Ana Pereira, As últimas vontades da mulher de um tabelião de Lisboa. Transcrição e notas a um testamento medieval». *Revista de fontes*, nº 8, 2018, p. 3.



a morte e pós-morte serviam de oportunidade para equilibrar-se as ações tomadas durante a vida pois

cada vida humana já não era vista como um elo do Destino, mas como uma soma de elementos graduados, bons, menos bons, maus, menos maus, fazendo jus a uma apreciação diferenciada, e resgatáveis enquanto tarifáveis<sup>638</sup>.

Um mês após a chegada da *Peste* em Coimbra, o mercador Afonso Anes e Constança Esteves<sup>639</sup>, sua esposa, de maneira muito célere preenche o preâmbulo de seu documento motivados *por nossas almas e daqueles de que havemos alguma coisa como não devíamos*. Além da celeridade na declaração, o caráter deveras generalizante nos faz questionarmo-nos se podem ser considerados sintomas, senão da grande, de alguma mortandade alojada em Coimbra há trinta dias. Delumeau, para os casos que estudou, diz que «as crônicas relativas às pestes ressaltam a frequente negligência das autoridades em tomar as medidas que a iminência do perigo impunha»<sup>640</sup>, mesmo que depois os esforços tenham sido recuperados. Apenas por uma motivação de um documento é impossível rastrear os quase imediatos ecos da *pestilência* na documentação selecionada. Os demais manuscritos que apresentam esta parte do preâmbulo, um total de nove, foram feitos no momento posterior à *Peste*, a começar por 1356.

O casal Afonso Peres e Maria Francisca<sup>641</sup> doam seus bens por *remissão dos pecados e salvação das almas*, mesma fórmula utilizada no ano seguinte em novo documento feito pelo casal. Sabemos que D. Afonso IV, numa lei de 22 de maio de 1349 obrigou

os testamentos, a fim de terem validade, a serem apresentados às suas autoridades, dando como nulos todos os que apenas tivessem tido a aprovação dos vigários das respectivas dioceses. Que esta última era a regra geral, até então, dão-nos testemunho não só a legislação afonsina, mas também os testamentos que possuímos<sup>642</sup>.

Do mesmo ano deste segundo documento, 1357, consta o relativo ao casal Afonso Anes, almoxarife e Constança Esteves<sup>643</sup> que *temendo deus e o dia do juízo com todo nosso siso e entendimento que nos deu Deus e das nossas livres vontades, em remimento dos nossos pecados para ganharmos salvação*, doam seus bens à Santiago. Referentes à década de 60 da mesma

---

<sup>638</sup> ARIÈS, Philippe, 2014, *op. cit.* p. 203.

<sup>639</sup> Ver Anexos 1. Perfil 2.

<sup>640</sup> DELUMEAU, Jean, 1999, *op. cit.* p. 117.

<sup>641</sup> Ver Anexos 1. Perfil 6.

<sup>642</sup> COELHO, Maria Helena da Cruz, 1980, *op. cit.* p. 315.

<sup>643</sup> Ver Anexos 1. Perfil 1.

centúria, temos o homem cujo nome é ilegível sobrando-nos a alcunha *de Pinhel*<sup>644</sup>, em 1362, que realiza seu documento *temendo Deus e o dia do passamento*; cinco anos mais tarde, Maria Afonso justifica seus atos pios *em prol de sua alma, do seu marido e daqueles que ela descendera*.

A *salvação das almas e remissão dos pecados* é a síntese do documento de 1371 feito em nome do casal Bernardo Martins e Constança Martins<sup>645</sup>; e o último dos documentos deste século em que nos chegou as motivações, o de Constança Anes<sup>646</sup>, feito em 1397, apresenta uma parte mais robusta de seu preâmbulo visto que é motivada *em sua saúde com todo seu siso e entendimento pelo qual Deus deu, mando e recomendo minha alma a Virgem Santa Maria com todos os santos e santas do paraíso, peçam por mim muito que me queiram perdoar os meus pecados*. Já no século XV, em 1412, Senhorinha Esteves diz doar os bens à dita paróquia *com todo seu siso e entendimento, vendo e confiando muito serviço que se a Deus em cada um da, de própria e livre vontade*.

Não encontramos diferenças substanciais na comparação das motivações/encomendações antes, durante e depois da *Peste* nos documentos de Santiago de Coimbra. Talvez a conjuntura social deste período tenha sido demasiado condensada em dificuldades para que notemos uma atenuação ou exacerbação nestes preâmbulos. Não obstante, o reduzido número de motivações/encomendações no *corpus* documental desta tese não permite cravar resultados que apenas uma pesquisa voltada para a temática pode vir a comprovar ou não.

A Senhora Professora Doutora Maria Helena da Cruz Coelho escreveu que «perante mortes em série, os homens só podem pensar num castigo divino»<sup>647</sup> e que

a consciência de sua individualidade levou o homem à projeção do seu próprio julgamento final, onde a sua pessoa se disputava, com vistas ao Além, entre as potestades divinas e as forças demoníacas<sup>648</sup>.

Nos parece legítimo findar este trabalho com a proposta de uma reflexão. Continua-se a morrer em série nos dias de hoje; aliás, são recentes os anos desde a Pandemia de *COVID-19*, que deixou um total de 6 milhões 955 mil e 497 pessoas mortas ao redor do mundo. A espécie humana em conjunto, enquanto sociedade nos alvares dos anos 20 do século XXI: qual foi nossa atitude perante a morte? Qual a nossa atitude após a morte? Em menos de três anos as

---

<sup>644</sup> Ver Anexos 1. Perfil 90.

<sup>645</sup> Ver Anexos 1. Perfil 21.

<sup>646</sup> Ver Anexos 1. Perfil 57.

<sup>647</sup> COELHO, Maria Helena da Cruz, 1980, *op. cit.* p. 315

<sup>648</sup> *Ibidem*, p. 320.

peessoas parecem chocar-se e maravilhar-se mais com os avanços da *Inteligência Artificial* – que vêm dando mostras senão de superação da morte, do poder que têm ao ignorá-la<sup>649</sup> – do que facilidade em se recordar dos terríveis meses vividos no auge da mortandade do *COVID-19*.

Recordamos a análise em dois níveis proposta por Jean Delumeau em que

a primeira esclarecerá medos espontâneos, sentidos por amplas frações da população; a segunda, medos refletidos, isto é, decorrentes de uma interrogação sobre a infelicidade, conduzida pelos conselheiros espirituais da coletividade [...]. Os próprios medos espontâneos distribuem-se bastante naturalmente entre dois grupos. Alguns eram de alguma maneira permanentes, ligados ao mesmo tempo a um certo nível técnico e ao instrumental mental que lhe correspondia: medo do mar, das estrelas, dos presságios, dos fantasmas etc. Os outros eram quase cíclicos, voltando periodicamente com as pestes, as penúrias, os aumentos de impostos e as passagens dos guerreiros<sup>650</sup>

Desta maneira, vale questionarmo-nos acerca de como tratamos, enquanto coletividade, de nossos *medos*; ainda os sentimos? Cuidamos da nossa morte? Sabemos pelo quê morreremos? Num período de aparente confusão entre *realidade* e *virtualidade*, é preciso cautela em não nos esquecermos de que se vai morrendo todos os dias; ademais, a noite da morte trata-nos de modo proporcional ao cuidado que despendemos aos dias, nestes em que fomos *vida*.

Regressemos, por fim, à Idade Média que nos ocupa, e à pequena paróquia dos arrabaldes de Coimbra que vimos tratando. Apesar de a amostra documental ser reduzida, a análise das encomendações das almas e das motivações para a elaboração dos testamentos e doações dão-nos a entender que, conscientes dos pecados cometidos em vida, os(as) testadores(as) se preocupam de maneira concisa em adentrar o mundo do Além com a menor quantidade de pecados possível – o que nos leva a ponderar que a relação dos motivos para serem sufragados na outra dimensão e o tempo de estadia num lugar que não o Paraíso é diretamente proporcional.

---

<sup>649</sup> No dia 20 de junho de 2023, o jornal brasileiro *O Globo*, publicou um artigo com o seguinte título: *Filho de John Lennon esclarece como inteligência artificial será usada na voz do cantor*: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/06/inteligencia-artificial-nao-vai-recriar-voz-de-john-lennon-esclarece-filho-do-cantor.ghtml>; No segundo dia do mês subsequente do mesmo ano, a *CNN Brasil* publicou também a respeito desse facto com o título do artigo: *Beatles nunca falsificariam vocais de John Lennon com inteligência artificial, diz Ringo Starr*: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2023/06/inteligencia-artificial-nao-vai-recriar-voz-de-john-lennon-esclarece-filho-do-cantor.ghtml> . Apenas um exemplo em como este novo período da ciência humana não só irá como está a movimentar as estruturas de vários campos de nossa sociedade, despontando já em polémica, o da morte. Poderia a Inteligência Artificial vir a retirar a *propriedade* e *individualidade* da morte do outro?

<sup>650</sup> DELUMEAU, Jean, 1999, *op. cit.* pp. 31/32.

Não obstante, nota-se a presença do fator medo nas sobreditas motivações e encomendações, todavia, este não se dá em torno da tentativa de evitar a morte ou encará-la de maneira submissa; antes, os(as) testadores(as) de Santiago de Coimbra demonstram estarem resignados frente à morte, depositando o medo que sentem nas condições sob as quais as respectivas almas chegarão no Além; ademais, apesar de encontrarmos expressões de temor a Deus, parece-nos plausível interpretar mais uma apreensão relativa ao modo como Deus primeiramente julgará, no momento da morte, a situação daqueles que passaram deste mundo para o outro. Finalmente, o reconhecimento dos favores adquiridos pelos(as) celebrados(as) provenientes de Santiago de Coimbra se mostra como tentativa de assegurar a manutenção de tais favores (espirituais) para que mesmo na condição de mortos, continuem a receber as orações da dita igreja, para sugrágio de suas almas.

## Conclusão

A análise do corpus documental desta tese através do sistema *Time Link* se mostrou frutífera e promissora. O grande trunfo ao utilizar-se desta ferramenta se mostra mais claramente após a fase de notação digital da fonte: a navegação por entre os dados facilita a abordagem do(a) investigador(a) à fonte. A possibilidade de ligar as ocorrências de mesmo nome contribui enormemente para a organização documental bem como permite a realização de tabelas e gráficos de maneira mais segura. A parte de notação do documento é o estágio que mais consome tempo de pesquisa visto que se faz necessário a aprendizagem e o domínio de linguagem que sustenta esta notação. Não é uma tarefa árdua em demasia, mas requer cuidado e atenção a todo o momento, mesmo com a possibilidade de sempre retornar ao arquivo original de programação para corrigir erros.

Não obstante, é preciso ter em conta que este sistema se alimenta do conteúdo das fontes, de tal modo que quanto maior a quantidade e uniformidade de informações que carrega um documento, mais fácil se torna a programação e mais elaborada se mostra a base de dados. O *corpus* documental selecionado para esta tese não apresenta uniformidade total nas informações que guarda, dificultando em certa medida a organização e posterior reflexão dos conteúdos; mesmo assim a análise e produção científica feita com o auxílio do *Time Link* se mostrou positiva. Ademais, o sistema informático adaptado às fontes pode contribuir de maneira decisiva num projeto que envolva a construção da micro-história paroquial de Coimbra ou de qualquer outro local. Gostaríamos de ressaltar a grande complexidade do *Livro de Aniversários* – uma fonte fantástica –, que nos demandou severas horas aquando da adaptação da programação ao documento. Os rumos da pesquisa histórica têm de ser alinhados com o avanço tecnológico e deixamos nossos votos para que cada vez mais surjam investigadores(as) com plenos domínios nas áreas tecnológicas, como o caso do Sr. Prof. Dr. Joaquim Ramos de Carvalho; a ciência da história pode não só encontrar um suspiro como um grande impulso ao mesclar suas estruturas com outras áreas do conhecimento.

Na presente tese encontramos um total de 110 pessoas entre celebrados(as) e referidos(as); apresentamos o perfil de cada uma delas nos quais há as informações reunidas sobre suas relações familiares, local de residência, naturalidades, locais de sepultura, ocupação socioprofissional, património destinado aos sufrágios, datas de comemoração, ofícios estipulados. Não obstante, os fizemos a partir de rastreamento das informações individuais espalhadas pelo universo documental selecionado, considerando, assim, termos alcançado o

objetivo de contribuição à micro-história da área de influência social da paróquia de Santiago de Coimbra.

A diversidade de representantes das categorias socioprofissionais presente no universo da documentação considerada mostra o prestígio social da sobredita colegiada. Ressaltamos a forte presença dos mercadores bem como a sua ampla percentagem nos bens destinados aos sufrágios das almas. Igualmente destacamos o caso das tendeiiras Maria Fernandes e Beatriz Peres, que ainda aguardam confirmação de investigações futuras sobre o laço de parentesco que as ligava, para além de apresentar-se como possibilidade de transmissão do ofício entre mulheres de uma mesma família.

A presença de oficiais régios e concelhios celebrados não é tão vasta quanto a dos(as) que atuam no grupo de Comércio e mesteirais; entretanto, a contabilização de oito almoxarifes, três tabeliães, bem como a contabilização do património investido por eles e por outras pessoas que agrupamos no grupo do oficialato, vem comprovar que Santiago de Coimbra, como sua pastoral e organização socio-urbana, gozava de presença em diversas estratificações da urbe medieval. Não obstante, a diversificação dos cargos dos eclesiásticos celebrados na dita paróquia deixa em evidência a mobilidade interna do clero visto que priores, chantres e deões de outras igrejas fizeram questão de, quando da contabilização dos sufrágios para si no Além, receber as orações e missas provenientes de Santiago.

No que tange às economias de salvação da Igreja, através de análises das encomendações e motivações dos(as) testadores(as); das 134 cerimónias realizadas em datas específicas – damos destaque ao período da Quaresma e ao dia da morte de cada indivíduo; das 16 celebrações tipologicamente estabelecidas – missas, noturnos, ladainhas, saimentos sobre a sepultura, utilização de cruz, incenso e água benta; agregando ainda as 671,5 libras, 4250,9 reais, 29 casas, 29 olivais, 10 vinhas, 8 cortinhais, 8 terras, 4 herdades, 3 casais, 3 pomares, entre outros bens de raiz; podemos concluir que tratava-se de um complexo sistema esquema de troca de bens por serviços religiosos mediatizado pela pastoral de Santiago, que visava a supressão dos sofrimentos das almas quando estas se encontrassem no Além.

Acerca das possibilidades de futuras investigações destacamos: os casos de heráldica fúnebre proveniente de representantes da área de Comércio e mesteirais; a busca de cada nome apresentado em documentação de outra natureza, com o objetivo de dar continuidade à micro-história paroquial de Coimbra; e, claramente, na edição e publicação dos documentos manuscritos, tarefa que, porventura, muito me apetece. Uma vez disse a Senhora Professora Doutora Rosário Morujão Barbosa, coordenadora deste mestrado: não são os temas que se

esgotam, mas sim a capacidade dos(as) investigadores(as) em formular novas perguntas. Não foi nosso objetivo esgotar o *Livro de Aniversários de Santiago de Coimbra*, quiçá, Santiago templo, pescador ou *milles Christi*; de tal maneira, é nosso desejo que este trabalho possa prestar auxílio, por mínimo que seja, a qualquer pessoa que venha se dobrar ao tema.

Desse modo, por tudo o que acima foi exposto e analisado, concluímos a partir do universo social da paróquia de Santiago de Coimbra que a morte e suas ramificações atuaram no sentido de moldar, direcionar, padronizar e entrecruzar as atitudes dos homens e das mulheres no período medieval; de tal maneira é possível afirmar que, naquele tempo, os indivíduos *educavam-se* também a partir da morte. E não estavam isentos de poder, cada um(a) à sua maneira, e sempre mediatizados senão pela morte, pela ideia de que se vai morrer, buscar individualizar o *momento mortis* – seja por um local de sepultura, acumulo de ofícios litúrgicos, entre outros fatores acima mencionados –, a fim de ter o seu particular *distinto* no mar de almas que algures, no Além, estariam em anseio por serem sufragadas.

## Índice de Imagens e Gráficos

|                                                                                                                          |                        |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|
| Imagem 1 - Fólio 1 do Livro de Aniversários da Colegiada de Santiago de Coimbra. ....                                    | 3                      |
| Imagem 2 – Secção da base de dados relativa às profissões rastreadas. ....                                               | 14                     |
| Imagem 3 – Ficha biográfica de Guiomar Afonso na base de dados. ....                                                     | 15                     |
| Gráfico 1 – Bens de raiz deixados a Santiago por celebrações individuais do sexo feminino. ....                          | 42                     |
| Gráfico 2 – Dinheiro destinado a Santiago de Coimbra por celebrações individuais do sexo feminino. ....                  | 42                     |
| Gráfico 3 – Bens de raiz deixados a Santiago por celebrações individuais do sexo masculino. ....                         | 44                     |
| Gráfico 4 – Dinheiro destinado a Santiago de Coimbra por celebrações individuais do sexo masculino. ....                 | 44                     |
| Gráfico 5 – Bens de raiz deixados a Santiago por celebrações conjuntas. ....                                             | 45                     |
| Gráfico 6 – Dinheiro destinado a Santiago de Coimbra por celebrações conjuntas. ....                                     | 46                     |
| Gráfico 7 – Distribuição dos(as) celebrados(as) na igreja de Santiago por grupo socioprofissional. ....                  | 47                     |
| Gráfico 8 – Composição socioprofissional do grupo Comércio e mesteres. ....                                              | 48                     |
| Gráfico 9 – Bens de raiz, provenientes do grupo Comércio e mesteres, deixados a Santiago. ....                           | 54                     |
| Gráfico 10 – Composição socioprofissional do grupo Oficialato régio e concelhio. ....                                    | 55                     |
| Gráfico 11 – Bens deixados a Santiago por oficiais celebrados na paróquia. ....                                          | 59                     |
| Gráfico 12 – Vínculo institucional dos eclesiásticos celebrados em Santiago. ....                                        | 62                     |
| Gráfico 13 – Bens deixados a Santiago por eclesiásticos celebrados na paróquia. ....                                     | 65                     |
| Gráfico 14 – Tipologia das campas identificadas em Santiago de Coimbra. ....                                             | 78                     |
| Gráfico 15 – Distribuição dos(as) sepultados(as) nos altares da igreja de Santiago por categoria socioprofissional. .... | 86                     |
| Mapa 1. Inserção urbana da igreja de Santiago na Coimbra medieval. (.....                                                | <a href="#">169170</a> |
| Mapa 2. Proveniência dos beneficiados da colegiada de Santiago, com origem nacional, mas fora de Coimbra .....           | <a href="#">170171</a> |
| Mapa 3. Comunas de Saint-Gery, possíveis proveniências de Dom Guilherme, celebrado em Santiago de Coimbra. ....          | <a href="#">171172</a> |



## Fontes consultadas

### Fontes manuscritas:

- ANTT CSTC, m. 7 sn. 212 e 99 - 1206, NOVEMBRO 1.  
ANTT CSTC, m. 10 sn. 662 e 231 – 1331, ABRIL.  
ANTT CSTC, m. 9 sn. 813 e 388 – 1339, AGOSTO 18.  
ANTT CSTC, m. 3 sn. 649 e 61 – 1340.  
ANTT CSTC, m. 3 sn. 451 e 632 – 1347, JANEIRO 20.  
ANTT CSTC, m. 17 sn. 202 e 630 – 1348, OUTUBRO 16.  
ANTT CSTC, m. 9 sn. 567 e 2 – 1356, DEZEMBRO 21.  
ANTT CSTC, m. 8 sn. 42 e 251 – 1357, JULHO 20.  
ANTT CSTC, m. 2 sn. 166 – 1357, DEZEMBRO 21.  
ANTT CSTC, m. 3 sn. 634 e 608 – 1363, FEVEREIRO 11.  
ANTT CSTC, m. 14 sn. 447 e 95 – 1367, AGOSTO 26.  
ANTT CSTC, m. 14 sn. 530 e 434 – 1368, JANEIRO 14.  
ANTT CSTC, m. 5 sn. 205 e 418 – 1371, SETEMBRO 8.  
ANTT CSTC, m. 11 sn. 693 e 36 – 1387, MARÇO 26.  
ANTT CSTC m. 11 sn. 803 – 1331, FEVEREIRO 25.  
ANTT CSTC m. 15 sn. 852 e 374 – 1334, NOVEMBRO 20.  
ANTT CSTC m. 6 sn. 838 e 7 – 1337, ABRIL 5.  
ANTT CSTC m.12 sn. 398 e 647 – 1344, ABRIL 310.  
ANTT CSTC m. 8 sn. 847 e 58 – 1346, MAIO 12.  
ANTT CSTC m. 9 sn. 684 e 631 – 1346, SETEMBRO 4.  
ANTT CSTC m.13 sn. 491 e 409 – 1362.  
ANTT CSTC m. 9 sn. 196 e 49 – 1367, SETEMBRO 14.  
ANTT CSTC m. 6 sn. 27 e 637 – 1381, MAIO 27.  
ANTT CSTC m. 1 sn. 290 – 1394, MARÇO 14.  
ANTT CSTC m. 3 sn. 522 – 1397, FEVEREIRO 27.  
ANTT CSTC, m. 5 sn. 526 e 197 – 1412, DEZEMBRO 23.  
ANTT CSTC, m.10 sn. 317 e 746 – 1415, MARÇO 20.

## Fontes publicadas

- BOISSELLIER, Stéphane - *La construction administrative d'un royaume : registres de bénéfiques ecclésiastiques portugais : XIII-XIVe siècles*. Lisboa: CEHR/UCP, 2012, doc. 2. <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/9476>.
- GARCÍA Y GARCÍA, Antonio; CANTELAR RODRÍGUEZ, Francisco (EDS.) - *Synodicon Hispanum. 2: Portugal / por Francisco Cantelar Rodriguez*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1982.
- LOURENÇO Frederico (trad.), *BÍBLIA*, vol. 1 – *Novo Testamento: os Quatro Evangelhos*. 2ª edição revista e aumentada, Quetzal, Lisboa. ISBN: 978-722-513-0.
- MARQUES, M. Luís.; LAMELAS, Isidro Pereira - *A Diogneto*. Lisboa : Alcalá, 2001.
- MORALEJO LASSO, Abelardo et al. - *Liber Sancti Iacobi: Codex Calixtinus*. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, 2014. ISBN 978-84-453-5170-3.
- MORUJÃO, Maria do Rosário. *Testamenta Ecclesiae Portugaliae: 1071-1325*. Centro de Estudos de História Religiosa, Universidade Católica Portuguesa, 2010. <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/7221>
- SANTO AGOSTINHO; SANTO, Arnaldo Espírito do; BEATO, João; PIMENTEL, Maria Cristina de Castro-Maia de Sousa (trad.), *Confissões*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2021, Ed. Bilíngue, 3ª ed. Revista.
- SANTOS, Maria José Azevedo - *Un libro de aniversarios de la colegiata de Santiago de Coímbra. Contribución al estudios del culto del Apóstol en la Edad Media in Ad Limina*, vol. 9, nº 9, Santiago de Compostela 2018, pp. 185–224.

## Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge de, *Coimbra: a montagem do cenário urbano*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.
- ALIGHIERI, Dante; CARVALHO, Jorge Vaz de (trad.) *A Divina Comédia*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, Ed. Bilíngue, 1ª ed. 2021.
- ALMEIDA, Fortunado de - *História da Igreja em Portugal vol. IV*. Nova Edição: Livraria Civilização, 1971
- ARIÈS, Philippe - *O homem diante da morte*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- AUGUSTO, Octávio Cunha Gonçalves Simões - *A praça de Coimbra e a afirmação da Baixa - origens, evolução urbanística e caracterização social*. Faculdade de Letras: Universidade de Coimbra, 2012.
- AZEVEDO, Maria Luísa Seabra Marques de – *Moçarabismos e Toponímia em Portugal*, Academia das Ciências de Lisboa, 2015.
- BARREIRA, Mariana Castro – *A vida e a morte das comunidades laicas e eclesíásticas da paróquia medieval de São Bartolomeu de Coimbra: uma abordagem a partir do Timelink*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2023. <https://hdl.handle.net/10316/108473>
- BASTOS, Maria do Rosário – *Prescrições sinodais sobre o culto dos mortos nos séculos XIII a XVI* in MATTOSO, José (ed.) – *O reino dos mortos na idade média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996.
- CAETANO, Marcello - *História do Direito Português: Fontes-Direito Público (1140-1495)*. 2a ed. Lisboa/S. Paulo: VERBO, 1985.
- CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de - *A comemoração dos mortos no calendário dos vivos.: o obituário medieval da Colegiada de São Bartolomeu de Coimbra (Edição crítica e estudo do manuscrito)*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2020
- CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de - *Cidade e Religião: a colegiada de Santa Justa de Coimbra na Idade Média*. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017
- CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de - *Um equilíbrio de poderes: distribuição populacional e direitos paroquiais em Coimbra (1377-1385)* in *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*, Instituto de Estudos Medievais, Lisboa, 2018.
- CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de - *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: 2012. Dissertação de Doutoramento em

- História da Idade Média, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: <https://hdl.handle.net/10216/92685>
- CARVALHO, João Manuel Silva Antunes Neves de - *Time link: a evolução de uma base de dados prosopográfica*. Coimbra, 2010; <http://hdl.handle.net/10316/15366>
- CATALINA GALLEGO, Cristina - *Pastorado, derecho y escatología: el gobierno de las almas en el occidente medieval (siglos XI-XIII)* - Euroamericana. Primera edición, Madrid: Guillermo Escolar Editor, 2020
- CAVERO DOMÍNGUEZ, Gregoria (ED.) - *Construir la memoria de la ciudad: espacios, poderes e identidades en la Edad Media (XII-XV)*. León: Universidad de León, Área de Publicaciones, 2015.
- COELHO, Maria Helena da Cruz – *A Cidade na Baixa Idade Média – uma sociedade e um centro*» in Atas II Congresso Histórico Internacional As cidades na história: sociedade, vol. IV – Cidade Medieval, Câmara Municipal de Guimarães, 2017
- COELHO, Maria Helena da Cruz – *O Baixo Mondego nos Finais da Idade Média*, 2ª ed. vol. 1: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989
- COELHO, Maria Helena da Cruz – *Um testamento redigido em Coimbra no tempo da Peste Negra* in Revista Portuguesa de História Tomo XVIII, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1980
- CORREIA, Vergílio – *A igreja de S. Tiago de Coimbra* in Obras II – Estudos de História da Arte Arquitetura, Acta Universitatis Conimbrigensis, Coimbra, 1949
- CORREIA, Vergílio; GONÇALVES, Nogueira - *Inventário Artístico de Portugal - Cidade de Coimbra*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1947
- COSTA, Adelaide Pereira Millán da – *O espaço dos vivos e o espaço dos mortos nas cidades da baixa Idade Média* in MATTOSO, José (ed.) *O reino dos mortos na Idade Média Peninsular*, 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996
- DELUMEAU, Jean; MACHADO, Maria Lucia; JAHN, Heloisa - *História do medo no ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999
- FERREIRA, Ana Pereira – *As últimas vontades da mulher de um tabelião de Lisboa. Transcrição e notas a um testamento medieval*. Revista de fontes, nº 8, 2018.
- FIGUEIRAS, Ivan Paulo Neves - *As duas versões da Passio S. Cucufatis - Estudo, edição crítica e tradução*. Faculdade de Letras: Universidade de Lisboa, 2018
- FREIRE, Paulo - *Pedagogia do oprimido*. 67ª edição ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019,

- GINZBURG, Carlo - *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011
- GOMES, Saul António, *In limine conscriptionis: documentos, chancelaria e cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (séculos XII a XIV)*, dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2000, vol. I.
- GOMES, Saúl António – *Organização paroquial e jurisdição eclesiástica no priorado de Leiria nos séculos XII a XV* in *Lusitania Sacra*, 2ª série, vol.4, 1992
- GONÇALVES, Iria – *Um olhar sobre a cidade medieval Patrimonia historica*. Cascais: Patrimónia, 1996
- HESPANHA, António Manuel - *História das Instituições - Épocas medieval e moderna*. Coimbra: Livraria Almedina, 1982
- HUERTA, Pedro Luis (ED.) - *Instrumentos de publicidad espiritual y material en los monasterios medievales*. 1ª edición ed. Aguilar de Campoo: Fundación Santa María la Real de Patrimonio Histórico, 2019.
- JÚNIOR, Hilário Franco - *Dante o poeta do absoluto*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000
- LE GOFF, Jacques - *Para uma outra Idade Média*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013
- LE GOFF, Jacques, TRUONG, Nicolas - *Uma história do corpo na Idade Média*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006
- LE GOFF, Jacques - *O nascimento do purgatório*. 2ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1993
- MARTINS, Mário - *Revista Portuguesa de História. Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média*. T. V / vol. II: 1951, pp. 87–236.
- MATTOSO, José (ed.) – *O reino dos mortos na Idade Média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996a.
- MATTOSO, José – *Os rituais da morte na liturgia Hispânica (Séculos VI a XI)* in *O reino dos mortos na idade média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996b, pp. 55-72
- MATTOSO, José – *O culto dos mortos no fim do século XI* in *O reino dos mortos na idade média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996c, pp. 75-85
- MATTOSO, José – *Moçárabes* in *Fragments de uma composição medieval*, Lisboa, Estampa, 1993, pp. 19-34
- MATTOSO, José – *A história das paróquias em Portugal*, in *Portugal medieval: novas interpretações – Temas portugueses*. 2ª ed. Lousã: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1992

- MIRANDA GARCÍA, Fermín; GUERRERO NAVARRETE, Yolanda - *Medieval: territorios, sociedades y culturas Historia de España*. Madrid: Sílex, 2008. ISBN 978-84-7737-179-3
- PINA, Isabel Castro – *Ritos e imaginário da morte em testamentos dos séculos XIV e XV* in MATTOSO, José (ed.) – *O reino dos mortos na idade média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996
- RIBEIRO, Orlando – *Opúsculos Geográficos Tomo III*. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014
- ROCHA, Ana Rita - *As confrarias de mesteres no contexto assistencial de Coimbra (séculos XII a XV)*. eHumanista. nº 49, 2021, pp. 29-45.
- ROSA, Maria de Lurdes – *As almas herdeiras – Fundação de capelas Fúnebres e Afirmação da Alma como Sujeito de Direito (Portugal 1400-1521)* Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1ª edição, 2012,
- RUCQUOI, Adeline - *Devoción a Santiago en los condados de la Marca Hispánica* in *Ad Limina*, vol. 14, nº 14, Santiago de Compostela, 2023, pp. 35-55.
- SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa – *Sigilografia heráldica eclesiástica medieval portuguesa no Archivo Histórico Nacional de Espanha* in SEIXAS, Miguel Beirão De Almeida Metelo De; ROSA, Maria De Lurdes Pereira - *Estudos de heráldica medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2012.
- SÁNCHEZ, Xosé Manuel - *Iglesia, mentalidad y vida cotidiana en la Compostela medieval*. Santiago de Compostela: Consorcio de Santiago: Universidade de Santiago, 2019
- SINGUL, Francisco - *Santiago, Miles Christi: Imagen Triunfal y Símbolo de la Reconquista* in GUTIÉRREZ GARCÍA, Santiago; MARTÍNEZ-MORÁS, Santiago López (EDS.) - *El culto jacobeo y la peregrinación a Santiago a finales de la Edad Media: crisis y renovación*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2018. ISBN 978-84-16954-31-5
- VENTURA, Leontina - *A gramática do território*. in *Economia, Sociedade e Poderes - Estudo em Homenagem a Salvador Dias Arnaut*. Vila Nova de Gaia: Ausência, 2004. ISBN 989-553-115-X, p.39
- VILAR, Hermínia Vasconcelos – *Rituais da morte em testamentos dos séculos XIV e XV (Coimbra e Santarém)* in MATTOSO, José (ed.) – *O reino dos mortos na idade média peninsular*. 1ª ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1996

VILAR, Hermínia Vasconcelos - *A vivência da Morte no Portugal Medieval. A Estremadura Portuguesa (1300 a 1500)*: Redondo: Patrimonia Histórica, 1995

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de - *Elucidário das palavras, termos e frases antiquadas da língua Portuguesa*, 2ª edição, Casa do Edito A. J. Fernandes Lopes, rua Áurea, 132-134, 1865.

## **ANEXOS**



**Anexo 1. Comemorados(as) depois da morte na igreja de Santiago de Coimbra e outros indivíduos identificados no Livro de Aniversários, nos testamentos e nas doações *post mortem*.**

## **Nota Prévia**

Neste anexo, organiza-se a lista das pessoas reconhecidas no Livro de Aniversários de Santiago de Coimbra e nos testamentos, cláusulas testamentárias e doações salvaguardados no acervo documental desta colegiada entre 1206 e 1415.

O presente anexo está organizado por ordem alfabética do nome da pessoa mencionada nos referidos documentos. Quando as cerimónias de sufrágio mencionadas servem a comemoração de mais do que uma pessoa, optamos por indicar todos os nomes em conjunto, ordenando-os pela alfabetização do primeiro nome.

## 1. Afonso Anes, almoxarife e Constança Esteves<sup>651</sup>

- Informações sobre grupo social e profissão: almoxarife do Rei em Coimbra, freguês de Santiago.
- Informações familiares; casados.
- Património: para a celebração individual dele foram pagos 40 soldos em março e 20 em setembro; consta para esta segunda data a doação de casas com vergel que estariam emprazadas ao pintor Afonso Rodrigues. Para a celebração do casal foram pagos 20 soldos em junho agregado a um cortinhal localizado nas proximidades da Albergaria de Santa Luzia; em julho a quantia disposta para o pagamento fora de 40 soldos e repete-se o registo do cortinhal. Nas outras duas entradas de dezembro há o pagamento de 40 soldos por dia e não consta registado nenhum bem deixado pelo casal. Já na carta de doação consta terem sido doadas três partes de um casal em Fonte coberta e umas casas – em alto e em baixo – com seu cortinhal na Rua de São João, freguesia de S. Bartolomeu.
- Datas de comemoração: 24 de março, 26 de junho, 26 de julho, 07 de setembro, 07 de dezembro, 17 de dezembro<sup>652</sup>.
- Cerimónia determinada: celebração individual de Afonso Anes em março e setembro com a designação da missa de Santa Maria. A celebração é conjunta nas demais datas sem tipologia de ofício estipulada. Na doação os doadores pedem 2 missas oficiadas de requiem com saimento sobre as sepulturas.
- Outras Informações: sepultados na igreja de Santiago; motivação do documento: temendo Deus e o dia do Juízo com todo nosso suso e entendimento que nos deu Deus e das nossas livres vontades e em remissão dos nossos pecados para ganharmos salvação das nossas almas.

O nome Afonso Anes aparece em outras quatro inscrições, nomeadamente nos dias 27 de janeiro<sup>653</sup>, 05 de fevereiro<sup>654</sup>, 30 de outubro<sup>655</sup> e 31 de dezembro<sup>656</sup>. Em janeiro, o nome aparece como celebrado em comemoração conjunto com sua esposa de nome desconhecido; sabemos estar o casal sepultado perto da pia

---

<sup>651</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m.8 s/n (nº antigo 42 e 251) 1357 JULHO 20.

<sup>652</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, *op. cit.* pp. 203; 210; 213;215; 223; 222 respetivamente.

<sup>653</sup> *Ibidem*, p.199.

<sup>654</sup> *Ibidem*, p. 200.

<sup>655</sup> *Ibidem*, p. 219.

<sup>656</sup> *Ibidem*, p. 224.

de água benta e de duas campas para além de dispor 20 soldos de pagamento da cerimónia. Já na inscrição de fevereiro o nome aparece como referido no aniversário de Alberto Anes – quando da localização da sepultura deste celebrado, a localização do corpo é dada como junto da pia de água benta, entre duas campas e perto de Afonso Anes. Consideramos, então, corresponder estas duas entradas a um só Afonso Anes.

Com relação aos nomes que aparecem nos dias 30 de outubro e 31 de dezembro as informações são mais escassas. Na primeira ocorrência a celebração de Afonso Anes é conjunta com sua esposa, Constança Afonso<sup>657</sup> e é apontado ter sido almoxarife. Não há registo de pagamento da celebração tampouco do bem deixado pelo casal à colegiada. Já no último dia do ano trata-se de uma celebração em conjunto entre Afonso Anes e Constança Esteves, todavia não há indicação alguma sobre terem sido estes casados tampouco a informação sobre a ocupação dele. Apenas sabemos ter sido feito o pagamento de 20 soldos para a celebração. Por mais tentador que seja o desejo de afirmar ser este último casal o mesmo das primeiras seis ocorrências, optamos por não proceder desta maneira visto a falta de elementos comuns mais concisos e sólidos que permitam a correlação de ambos os casais. Sendo assim, consideramos os nomes destas últimas duas datas como referentes a pessoas distintas.

Já o nome de Constança Esteves regista mais uma ocorrência para além das cinco mencionadas acima. No dia 13 de março<sup>658</sup> é celebrada individualmente; é pago um valor de 20 soldos pelo ofício e a mesma deixa à igreja de Santiago umas casas localizadas na Rua de São Gião e que estariam emprazadas ao livreiro Estevão Domingues – este com ocorrência única em todo o documento. Não podemos identificá-la com as outras Constanças Esteves acima referidas visto a escassez de informação comprovativa para tal.

## 2. Afonso Anes, mercador e Constança Esteves<sup>659</sup>

- Informações sobre grupo social e profissão: mercador.

---

<sup>657</sup> Este nome aparece esta única vez em todo o Livro de Aniversários sem maiores informações sobre.

<sup>658</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, *op. cit.* p. 202.

<sup>659</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 17 s/n (nº antigo 202 e 630) 1348 OUTUBRO 16.

- Informações familiares; casados.
- Património: 1 casa com sobrado e cortinhal localizada na Rua dos Tintureiros.
- Datas de comemoração: por dia de S. Miguel de Setembro; 2 de janeiro; dia de Santa Maria de fevereiro; 1 de março; 2 de maio; 1 de julho; Santa Maria e Agosto. Consta ainda a ordenação dos doadores de que se houver algum negócio que impeça de se dizer os aniversários nos dias estipulados, que se digam nos dias seguintes.
- Cerimónia que determinou; comemoração conjunta; oito aniversários a serem iniciados em vida dos doadores.
- Outras Informações: encomendação do documento: por nossas almas e daqueles de que havemos alguma coisa como não devíamos.

### 3. Afonso Anes, tabelião<sup>660</sup>

- Proveniência geográfica; Rua dos Francos, Coimbra.
- Informações sobre grupo social e profissão: tabelião.
- Informações familiares; Constança Esteves<sup>661</sup>, esposa e testamenteira; Lourenço Domingues, raçoeiro da Sé e testamenteiro.
- Património: herdades.
- Cerimónia que determinou; tantos aniversários quanto valerem os bens; missa com 8 clérigos dos mais idóneos e que cantem por Afonso Anes e saiam sobre sua sepultura com a oração acostumada e com água benta.

### 4. Afonso Gonçalves

- Informações sobre grupo social e profissão: mercador.
- Património destinado ao sufrágio das almas: em todas as datas consta o registo de «terras» deixadas à paróquia; nas três primeiras ocorrências a localização das

---

<sup>660</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 9 s/n (nº antigo 196 e 49) 1367, SETEMBRO 14.

<sup>661</sup> Esta mulher possui carta de doação com bens determinados para o sufrágio de sua alma, todavia consta o registo nominal como *Senhorinha Esteves* que fora casada com Afonso Anes, tabelião. Ver Anexos 1. Perfil 101.

terras é apontada estando-as no «Campo». Em julho, agosto e outubro registou-se o pagamento dos aniversários em género alimentício, «pão».

- Datas de comemoração: 30 de julho, 21 de agosto, 22 de setembro, 27 de outubro<sup>662</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.

## 5. Afonso Mendes *Amigo*<sup>663</sup>

- Proveniência geográfica; vizinho, residente em Coimbra.
- Património: deixou a Santiago 10 libras para além de outras 50 a serem distribuídas por seus abades e testamenteiros; no Livro de Aniversários consta o valor de 40 soldos, um olival e uma vinha em Gemil.
- Datas de comemoração: 11 de março<sup>664</sup>.
- Outras Informações: sepultado na igreja de Santiago. Motivação do testamento: Certo da morte e da hora temente, com todo seu entendimento. Encomendação: Dá alma e corpo a Deus e pede a Virgem Maria e a todos os santos no paraíso que lhe roguem e perdoem e que tenham misericórdia de sua alma.

## 6. Afonso Peres e Maria Francisca<sup>665</sup>

- Proveniência geográfica; rua de Coruche, freguesia de Santiago.
- Informações sobre grupo social e profissão: mercador e criado do bispo D. Jorge.
- Informações familiares; casados<sup>666</sup>.
- Património: Consta em fevereiro que o casal deixou à colegiada um olival localizado em Vila Mendiga. O pagamento das celebrações fora de 20 soldos

---

<sup>662</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 213; 214; 216; 219 respetivamente.

<sup>663</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 11 s/n (nº antigo 803), 1331, FEVEREIRO, 25.

<sup>664</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 202.

<sup>665</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 9 s/n (nº antigo 567 e 2) 1356 DEZEMBRO 21 e ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 2 s/n (nº antigo 166) 1357 DEZEMBRO 21.

<sup>666</sup> Nome da esposa, Marai Francisca aparece apenas na entrada do mês de fevereiro.

em todas as entradas exceto em março cujo valor é 40. Na carta de doação consta que o casal deixara a Santiago 1 olival com vinha e pomar localizado além da Cellas de Guimarães, num local chamado «a pequeira» (*sic*).

- Datas de comemoração: 17 de janeiro, 21 de fevereiro, 03 de março, 03 de abril, 03 de maio<sup>667</sup>. Na carta de doação o casal estipula que sejam feitos 5 aniversários a cada terceiro dia do mês.
- Cerimónia que determinou: celebração individual em quatro das cinco datas. Em fevereiro é celebrado juntamente com Maria Francisca, mas não consta o registo de serem casados. Em fevereiro estipula que a cada terça-feira da Quaresma os eclesiásticos deveriam celebrar a missa de Santa Maria.

Outras Informações: sepultados na capela de Afonso Domingues de Aveiro, próximo à imagem de Santo Ildefonso. Consideramos todas as entradas referentes a uma pessoa e assim podemos afirmar que Afonso Peres, mercador, fora casado com Maria Francisca; ademais, ambos estão sepultados na sobredita capela. Motivação da doação: remissão dos pecados e salvação das almas.

## 7. Afonso Rodrigues

- Património: em todas as datas há o registo de ter deixado a Santiago um casal localizado em Açor. O pagamento é de 20 soldos a cada dia, exceto em setembro quando o valor foi de 40.
- Datas de comemoração: 19 de abril, 22 de maio, 18 de junho, 20 de setembro.<sup>668</sup>
- Outras Informações: o nome aparece como referido no aniversário do sobredito Afonso Anes<sup>669</sup>, mas não possuímos maiores informações que possibilite a assimilação do nome com este perfil.

---

<sup>667</sup> *Ibidem*, pp. 198; 201; 201; 203; 206 respetivamente.

<sup>668</sup> *Ibidem*, p. 204; 208; 210; 216 respetivamente.

<sup>669</sup> Afonso Anes, pintor.

## 8. **Alberto/Albertino Anes**

- Património: em fevereiro consta o legado de uma vinha e um olival localizados em Coselhas; em março, junho e julho há apenas uma vinha igualmente em Coselhas; em abril não há registo de bens. O pagamento das celebrações fora de 20 soldos em todas, exceto em março cujo valor é de 40.
- Datas de comemoração: 05 de fevereiro; 05 de março<sup>670</sup>; 05 de abril; 05 de maio; 05 de junho<sup>671</sup>.
- Outras Informações: sepultado junto da pia de água benta entre duas campas, junto de Afonso Anes.

## 9. **Alberta Anes**

- Património: 20 soldos e uma vinha localizada em Coselhas.
- Datas de comemoração: 08 de maio<sup>672</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.

## 10. **Aldonça Bentes**<sup>673</sup>

- Proveniência geográfica; Coimbra (moradora e vizinha).
- Motivação do testamento: Reconhecimento do bem que sempre recebeu da igreja de Santiago; serviço de Deus, saúde da alma e remissão dos pecados.
- Património: duas casas em Rua dos Tintureiros que parte com casas de Bartolomeu Martins, tecelão e da outra com casas de João Anes.
- Datas de comemoração: 30 de maio; dia de Corpo de Deus; dia da morte; dia de «honra da cruz»; dia de Santa Maria de março.
- Cerimónia que determinou; 5 missas anuais oficiadas de sobre altar em honra da Trindade por alma da testadora e de Maria Domingues, sua filha. Saimento

---

<sup>670</sup> Nesta data o nome aparece grafado como *Albertino*.

<sup>671</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 200; 202; 204; 209; 211.

<sup>672</sup> *Ibidem*, p. 213.

<sup>673</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 15 s/n (nº antigo 852 e 374), 1334 NOVEMBRO 20.



a seguir a cada uma das missas até as duas sepulturas; todos os presentes com cruz, incenso e água benta; responso.

- Outras Informações: sepultada na igreja de Santiago sobre a sepultura de Maria Afonso mulher que foi de Aparício Anes e ao pé de Afonso Amigo.

## 11. Aldonça Fernandes<sup>674</sup>

- Proveniência geográfica; Rua do Sal, Coimbra.
- Informações sobre grupo social e profissão: sergente de Gabriel Vicente<sup>675</sup>.
- Património: consta em abril e junho o pagamento de 40 soldos para cada celebração. Na carta de doação, deixa a Santiago 30 libras, a casa em que mora a doadora e um mantão preto; 10 reais a Fernam Vasques e uma casa em Tentúgal a Estevão Giraldez.
- Datas de comemoração: 21 de março; 12 de abril; 12 de junho<sup>676</sup>. Na carta de doação estipula aniversários no dia da sepultura e aos 8 dias de cada mês.
- Cerimónia que determinou: tantos aniversários quanto o permitido pela renda das casas; missas como de costumes e hora dos mortos em todas as igrejas e nos mosteiros de S. Francisco e S. Domingos.

## 12. Álvaro Anes

- Património: um olival em Coselhas com pagamento de 20 soldos a cada data.
- Datas de comemoração: 06 de janeiro e 05 de maio<sup>677</sup>.
- Outras Informações: sepultado no meio da igreja, próximo à pia de água benta.

## 13. Álvaro Fernandes e Graça Domingues

- Informações familiares: casados.

---

<sup>674</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 10 s/n (nº antigo 317 e 746) 1415 MARÇO 20.

<sup>675</sup> Ver Anexos 1. Perfil 37.

<sup>676</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 203; 204; 209 respetivamente.

<sup>677</sup> *Ibidem*, pp. 196; 206 respetivamente.

- Património: pagamento de 100 reais e fora deixado um olival localizado em Marrocos.
- Datas de comemoração: 11 de abril<sup>678</sup>.
- Cerimónia que determinou; noturno, ladainha e responso sobre a cova para sempre.

#### 14. Álvaro Gonçalves e Catarina Esteves

- Informações sobre grupo social e profissão: correeiro.
- Informações familiares: casados.
- Património: o casal deixa um total de 1 libra.
- Datas de comemoração: 02 de fevereiro; 05 e 13 de novembro<sup>679</sup>.
- Cerimónia que determinou; celebração conjunta.
- Outras informações: sepultados no claustro da igreja nas proximidades da laranjeira numa campa que tem a cruz. Na entrada relativa ao dia 13 de novembro todas as informações convergem para as que constam nas demais datas, entretanto o nome da esposa aparece como Teresa Esteves – consideramos ter sido erro de escrita no documento.

#### 15. Amarão Esteves

- Informações sobre grupo social e profissão: almoxarife.
- Datas de comemoração: 21 de julho<sup>680</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: sepultado num monumento que está na parede nas proximidades do altar de Santa Maria a Prenhe.

---

<sup>678</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 220.

<sup>679</sup> *Ibidem*, pp. 200; 220; 221 respetivamente.

<sup>680</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 212.

## 16. António Fernandes e Catarina Lopes

- Informações sobre grupo social e profissão: mercador.
- Património: 100 reais deixados para o pagamento dos ofícios em ambas as datas; para além de destinar à colegiada «casas suas próprias» localizadas ante a porta da igreja de Santiago no sentido a sair da Praça, para a saboaria velha.
- Datas de comemoração: 20 e 22 de abril<sup>681</sup>.
- Outras Informações: enquanto o nome de Catarina Lopes aparece somente nestas duas ocasiões, o de António Fernandes regista uma outra ocorrência no dia 23 de junho<sup>682</sup>. A celebração deste dia se faz em nome dele, de sua esposa, Maria Anes e de sua filha, Maria Fernandes. Trata-se de um pescador e o pagamento registado para a celebração é de 20 soldos. As informações acerca destas duas mulheres estão desenvolvidas nas respectivas secções.

## 17. António Fernandes, pescador

- Informações sobre grupo social e profissão: pescador.
- Informações familiares: Maria Anes, esposa; Maria Fernandes, filha.
- Património: 20 soldos.
- Datas de comemoração: 23 de junho<sup>683</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta com sua esposa e filha.

## 18. Aparício Anes e Teresa Anes<sup>684</sup>

- Proveniência geográfica; Rua dos Francos, Coimbra.
- Informações familiares; Teresa Anes, esposa.
- Património: Foram pagos 25 soldos por cada dia, exceto em maio cujo valor fora de 20. Apesar de em outubro e novembro não constar registo sobre os bens deixados, nas demais datas constam casas localizadas no «quintal». Na carta

---

<sup>681</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 205.

<sup>682</sup> *Ibidem*, p. 210.

<sup>683</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 210.

<sup>684</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 9 s/n (nº antigo 813 e 388) 1339, AGOSTO 18.

de doação consta terem sido doadas metade de umas casas localizadas na Rua dos Franco, 3 libras de renda, sendo que a outra metade das casas seriam doadas aquando da morte do dito Aparício.

- Datas de comemoração: 24 de janeiro; 31 de março; 30 de abril; 30 de maio; 30 de junho; 07 de julho; 28 de agosto; 30 de setembro; 23 de outubro; 14 de novembro; 18 de dezembro<sup>685</sup>.
- Cerimónia que determinou; 6 aniversários anuais e outros 6 aniversários anuais após a morte do marido.
- Outras Informações: sepultado próximo ao Altar Mor, numa campa que tem a espada. Ao longo do Livro de Aniversários, para além destas cinco datas, o nome aparece outras seis vezes<sup>686</sup>, entretanto não consideramos referentes à mesma pessoa visto que o documento não apresenta provas seguras para tal. Nestas seis inscrições apenas consta o pagamento das celebrações: 25 soldos por dia.

## 19. Arnaldo *Del Poche*

- Informações sobre grupo social e profissional: mercador.
- Património: são apontadas, em ambas as datas, casas localizadas na rua da Amoreira para além do pagamento de 20 soldos em janeiro, abril, e 40 soldos em agosto e dezembro.
- Datas de comemoração: 02 de janeiro; 02 de abril; 02 de agosto; 02 de dezembro<sup>687</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual em todas as datas. Consta na entrada relativa ao dia 02 de janeiro ter estipulado missa de *requiem*.
- Outras informações: sepultado ante o altar de S Tomás na «campa da flor». Não obstante, este homem aparece com grafia diferente ao longo do documento considerado; em abril e agosto a alcunha é «Del Poche»; em janeiro «Do Rio»; em dezembro «Del Rei». Consideramos a mesma pessoa tendo em vista que as casas na rua da Amoreira constam em todas as entradas.

---

<sup>685</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 198; 203; 208; 211; 211; 215; 217; 218; 221; 223.

<sup>686</sup> 31 de março; 30 de abril; 30 de junho; 07 de julho; 28 de agosto; 30 de setembro.

<sup>687</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 196; 203; 213; 222.

## 20. Baltazar Fernandes

- Informações sobre grupo social e profissional: carnicheiro.
- Informações familiares: Margarida Peres, esposa.
- Património: um olival em Ceilo (*sic.*) e 100 reais.
- Datas de comemoração: 26 de março<sup>688</sup>.

## 21. Bernardo Martins e Constança Martins<sup>689</sup>

- Informações sobre grupo social e profissão: tabelião.
- Informações familiares: casados.
- Património: em dez entradas consta o registo dos bens deixados para a sustentação dos aniversários e em todas a localização é a mesma, em Bera. A descrição do bem, todavia, não é homogênea pois em cinco<sup>690</sup> das dez consideradas caracteriza-o como «lugar» simplesmente; três tratam do bem como uma quinta<sup>691</sup>; as duas restantes não apresentam a tipologia do bem deixado, apenas apresentando a localização sobredita<sup>692</sup>. Consideramos, assim, que o «lugar» das cinco entradas acima citadas sejam, de facto, uma quinta em Bera. As demais sete datas não apresentam nenhuma informação acerca do bem tampouco de sua localização, exceto no dia 04 de maio que sobre um bem indeterminado fora registado o local do mesmo em Olho de Boi, o que pode implicar então dois bens deixados pelo casal à Colegiada. O pagamento dos aniversários é discriminado em 15 das ocorrências sendo que em três delas a quantia é de 25 soldos<sup>693</sup> por dia enquanto nas restantes o valor é de 40 soldos. Já na carta de doação consta que foram deixadas a Santiago metade das casas, vinhas, herdades, azenhas e possessões localizados em Bera.

---

<sup>688</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 203.

<sup>689</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 5 s/n (nº antigo 205 e 418).

<sup>690</sup> Nomeadamente nos dias 05, 21 e 22 de janeiro; 04 de março; 21 de junho.

<sup>691</sup> Nos dias 04 e 10 de julho; 29 de outubro.

<sup>692</sup> Nomeadamente em 04 de agosto; 05 de dezembro.

<sup>693</sup> Nos dias 21 de junho; 22 de julho; 29 de outubro.

- Datas de comemoração: 05, 14, 21 e 22 de janeiro<sup>694</sup>; 04 de março; 04 de abril; 04 de maio<sup>695</sup>; 03 e 21 de junho<sup>696</sup>; 04, 10 e 22 de julho<sup>697</sup>; 04 de agosto; 04 de setembro; 06 de outubro<sup>698</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração em conjunta em todas as datas. Na carta de doação estipulam 12 aniversários aos 04 dias de cada mês com saimento sobre a sepultura, cruz e água benta.
- Outras Informações: sepultado no Altar-Mor em uma campa que apresenta uma cruz de espada. Motivação da doação: salvação das almas e remissão dos pecados.

## 22. Briolanja Domingues

- Informações sobre grupo social e profissão: ama.
- Património: o valor de 100 reais (que será pago por quem emprazar os bens) é destinado a cada um dos dias para além de ter sido deixadas umas casas localizadas na Rua do Corpo de Deus e um olival localizado em Arregaça<sup>699</sup>.
- Datas de comemoração: 15 de agosto; 07 de novembro<sup>700</sup>.
- Outras Informações: na primeira data o nome aparece como Briolanja Domingues; já na segunda consta Briolanja Dias. Em ambas as ocorrências o nome vem associado a uma ama e os bens da segunda entrada repetem-se para além de serem seguidos por «*ut supra*».

## 23. Catarina Peres

- Património: deixa à Santiago um olival «próprio» localizado na Lapa dos Esteios e que estaria emprazado a António Lopes; uma pensão de 150 reais de renda. Em agosto o bem apontado aparece como olival seguido de «*ut supra*».

---

<sup>694</sup> *Ibidem*, pp. 196; 197; 198; 198 respetivamente.

<sup>695</sup> *Ibidem*, pp. 202; 203; 206 respetivamente.

<sup>696</sup> *Ibidem*, pp. 209; 210 respetivamente.

<sup>697</sup> *Ibidem*, pp. 211 e 212.

<sup>698</sup> *Ibidem*, pp. 213; 215; 217 respetivamente.

<sup>699</sup> *Sic*.

<sup>700</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 214; 220 respetivamente.

- Datas de comemoração: 16 de julho; 07 de agosto<sup>701</sup>.

## 24. Confrades da Confraria dos Alfaiates

- Património: As únicas informações registadas nas datas são relativas ao pagamento de cada cerimónia e a referência ao Hospital dos Alfaiates, aquele com valores díspares de 20<sup>702</sup>, 30<sup>703</sup> e 40<sup>704</sup> soldos – o último valor com maior índice de ocorrências (cinco); já o dito hospital é referenciado em oito das dez entradas<sup>705</sup>.
- Datas de comemoração: 10 e 24 de abril<sup>706</sup>; 20 de maio; 10 de junho; 12 de julho; 08 de agosto; 14 de setembro; 22 de outubro; 22 de novembro; 14 de dezembro<sup>707</sup>.

## 25. Constança Anes<sup>708</sup>

- Proveniência geográfica: Coimbra.
- Informações familiares; Afonso Anes, almoxarife e marido; Lourenço Domingues, chantre de S. Pedro, prior de Santiago D'almalaques e criado da testadora.
- Património: 20 libras a Santiago – sendo 10 por suas falhas; 20 libras à Sé (donde é freguesa), por suas falhas; 5 libras a um abade; a Santiago as casas em que mora a testadora; 150 libras à Sé de Coimbra; 20 libras para cada um de todos os clérigos de Coimbra; 20 libras ao Mosteiro de S. Domingos; 20 libras ao Mosteiro de S. Francisco; 40 libras a Santa Cruz de Coimbra; 20 Libras aos cónegos da Sé de Coimbra; 100 libras à Sé de Coimbra;; 4 geiras de terras, do Campo do Mondego, à senhorinha que o acompanha para as orações

---

<sup>701</sup> *Ibidem*, pp. 212; 213 respetivamente.

<sup>702</sup> Nos dias 10 e 24 de abril; 20 de maio – nesta entrada consta uma observação que diz parecer que não recebia a igreja mais que um vintém de esmola por cada Aniversário da confraria; 14 de dezembro.

<sup>703</sup> Em 22 de outubro.

<sup>704</sup> Nomeadamente em 10 de junho; 12 de julho; 08 de agosto; 14 de setembro; 22 de novembro.

<sup>705</sup> Apenas nos dias 20 de maio e 12 de julho não se menciona o Hospital.

<sup>706</sup> *Ibidem*, pp. 204 e 205 respetivamente.

<sup>707</sup> *Ibidem*, pp. 207; 209; 212; 213; 216; 218; 221; 223 respetivamente.

<sup>708</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 3 s/n (nº antigo 522) 1397 FEVEREIRO 27.

dos pobres doentes que houver na dita albergaria; 200 libras a Catarina Anes; 150 libras às Donas de Lorvão; 50 libras para uma pitaça ao Mosteiro de Cellas; 40 libras para uma pitaça ao Mosteiro de Santa Ana; 50 libras para uma pitaça ao Mosteiro de ?; 30 libras para uma pitaça aos Frades de S. Paulo; 30 libras para uma pitaça aos cónegos de S. Jorge; 20 libras à confraria da testadora; 100 libras a João; 450 libras a Vicente Domingos por razão da capela que cantou para a testadora no ano de 1395; 100 libras a Catarina Esteves.

- Datas de comemoração: dia da morte; oito dias depois da morte; a cada domingo aos oito dias, mês e ano.
- Cerimónia que determinou: no dia da morte, na Sé dizer a hora dos passados com missa oficiada de Requiem. Procissão até Santiago onde dever-se-á realizar missa oficiada de Requiem e com saimento sobre a sepultura; outro saimento sobre a sepultura no dia seguinte à morte; aos oito dias depois da morte uma missa oficiada dizer as horas dos passados e sair sobre sua sepultura (Mosteiros); rezar a ora dos mortos e missa oficiada aos oito dias, mês e ano; fazer honras e oferendas a cada domingo aos oito dias, mês e ano.
- Outras Informações: sepultada na igreja de Santiago junto do marido – de nome desconhecido. Encomendação: em minha saúde com todo meu siso e entendimento pelo qual Deus deu mando e recomendo minha alma a Virgem Santa Maria com todos os santos e santas do paraíso peçam por mim muito que me queiram perdoas os meus pecados.

## 26. Constança Peres

- Informações familiares: Afonso Martins, ferreiro (marido).
- Património: consta o pagamento de 40 soldos pela celebração para além de ter sido deixadas, à colegiada, casas que estariam emprazadas a Fernando Vasquez.
- Datas de comemoração: 13 de maio<sup>709</sup>.

---

<sup>709</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 206



- Outras Informações: sepultada nas proximidades do altar de São Urbano contra a parede.

## **27. Dom Daniel**

- Datas de comemoração: 25 de agosto<sup>710</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: nome acompanha o título de Dom.

## **28. Domingas Anes**

- Património: consta o pagamento da celebração em géneros alimentícios – azeite – e um olival que estaria emprazado a Afonso Fernandes fora deixado à colegiada.
- Datas de comemoração: 03 de fevereiro<sup>711</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras Informações: sepultada nas proximidades da escada do coro no monumento que está na parede.

## **29. Domingas Anes de Barro<sup>712</sup>**

- Informações familiares; João Barro, marido e testamenteiro; Antoninho Anes, sapateiro e testamenteiro
- Património: 10 libras e casas localizadas em Olho de Lobo.
- Datas de comemoração: missa 30 dias após a morte; aniversários no dia da sepultura e outro por dia de S. João Batista)
- Cerimónia que determinou; missa oficiada com saimento a sepultura, oração, cruz e água benta; dois aniversários anuais

---

<sup>710</sup> *Ibidem*, p. 215.

<sup>711</sup> *Ibidem*, p. 201.

<sup>712</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 6 s/n (nº antigo 838 e 7).

### **30. Domingas Marques<sup>713</sup>**

- Património: doa a Santiago a terça parte de um meio casal no Termo de Coimbra, com renda de 1 quarto de pão, 8 alqueires de trigo e 8 alqueires de cevada.

### **31. Domingas Pascoal**

- Informações familiares: Martim, advogado em Traveira (marido).
- Património: pagamento em género alimentícios – pão – e um casal fora deixado para a sustentação do aniversário.
- Datas de comemoração: 18 de setembro<sup>714</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras Informações: sepultada em Podentes.

### **32. Domingas Anes de Pinhel**

- Proveniência geográfica: Pinhel.
- Informações familiares: Estevão Vaz, tosador (marido).
- Património: 20 soldos foram destinados para a celebração e foram deixadas a Santiago umas casas localizadas em Olho de Lobo.
- Datas de comemoração: 20 de fevereiro<sup>715</sup>
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras Informações: sepultada no claustro, a fundo da porta junto com a parede da igreja ante o monumento alto.

### **33. Domingas Peres**

---

<sup>713</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 11 s/n (nº antigo 693 e 36) 1387 MARÇO 26.

<sup>714</sup> *Ibidem*, p. 216.

<sup>715</sup> *Ibidem*, p. 201.

- Informações sobre grupo social e profissão: alfaiata.
- Património: fora destinado o valor de 20 soldos a ser pago a cada um ano na igreja do mosteiro de S. Domingos.
- Datas de comemoração: 29 de abril<sup>716</sup>.
- Outras Informações: sepultada no cemitério de S. Domingos.

### 34. Domingos Anes

- Informações sobre grupo social e profissão: almoxarife.
- Património: o bem deixado à igreja de Santiago é um olival emprazado por Domingos Lourenço; já na segunda, são legadas à dita igreja «casas», estas emprazadas por Nicolau Martins. Não dispomos da localização nem do olival nem das casas. Os dois nomes que se relacionam com o de Domingos Anes aparecem somente nas duas entradas apontadas acima em todo o Livro de Aniversários. Na primeira data o pagamento fora azeite enquanto em agosto fora de 40 soldos.
- Datas de comemoração: 26 de maio; 14 de agosto<sup>717</sup>
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras Informações: sepultado dentro da parede, num «monumento alto», nas proximidades do altar de S. Urbano.

### 35. Domingo Martins<sup>718</sup>

- Informações sobre grupo social e profissão: raçoeiro de Santiago de Coimbra e prior de Alcorvim
- Património: 3 libras que devem ser pagas ao prior raçoeiro e prioresas e convento do mosteiro de Santa Ana «depois» da Ponte e uma vinha localizada no Alcange
- Datas de comemoração: no Livro de Aniversários consta o dia 24 de julho<sup>719</sup>; e no referido documento pede-se o dia da sepultura.

---

<sup>716</sup> *Ibidem*, p. 205.

<sup>717</sup> *Ibidem*, pp. 208; 214 respetivamente.

<sup>718</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m.9 s/n (nº antigo 684 e 631) 1346 SETEMBRO 4.

<sup>719</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 212.

- Cerimónia que determinou: 1 aniversário.
- Outras Informações: sepultado dentro da igreja de Santiago junto de seu pai e mãe.

### **36. Estevão Domingues e Florença Fagundes<sup>720</sup>**

- Informações sobre grupo social e profissão: mercador.
- Informações familiares: casados.
- Património: 8 libras; 13 soldos para distribuir em cada aniversário.
- Datas de comemoração: ao quarto dia do mês.
- Cerimónia que determinou; 12 aniversários com missa por honra de Santa Maria.
- Outras Informações: sepultados no altar de Santa Maria, mesmo local de sepultura da mãe da doadora.

### **37. Estevão Fernandes**

- Proveniência geográfica: cidadão de Coimbra.
- Património: retábulo para o altar da capela-mor (doação feita a 22 de março de 1479).
- Datas de comemoração: 26 de janeiro<sup>721</sup>.
- Cerimónia que determinou: missa cantada solene, cada ano até ao fim dos séculos, no dia após a conversão do Apóstolo Paulo.
- Outras informações: consta na inscrição a referência a Pedro Vasques, prior.

### **38. Estevão Peres**

---

<sup>720</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 3 s/n (nº antigo 451 e 632) 1347 JANEIRO 20.

<sup>721</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 198.

- Informações sobre grupo social e profissão: cónego da Sé de Coimbra<sup>722</sup>; cónego de Cernache<sup>723</sup>; cónego da Covilhã<sup>724</sup>.
- Informações familiares: Joana Raimundo (tia).
- Património: o pagamento é de 20 soldos<sup>725</sup> por celebração, excetuando em 18 de abril – não há registo; 26 de agosto – 40 soldos registados; em março o valor fora de 70 soldos. Por sua vez, o bem é indeterminado em todas as ocorrências e no dia 18 de abril não consta pagamento.
- Datas de comemoração: 29 de janeiro; 30 de março; 18 e 28 de abril; 29 de maio; 28 de junho; 29 de julho; 26 de agosto; 28 de setembro; 28 de novembro; 28 de dezembro<sup>726</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual em todas as datas, exceto em 28 de junho visto que se faz em conjunto com uma considerável quantidade de pessoas; a contar com o próprio Estevão Peres, estão presentes os seguintes familiares: o pai, a mãe e a tia, Joana Raimundo (não há registo dos nomes das duas primeiras); há ainda a celebração por Mestre Afonso das Leis; todos estes quatro celebrados aparecem esta única vez em todo o documento, exceto Mestre Afonso. São requisitadas duas orações para este dia: *primeiro Deus cui proprium est singular et Deus qui nos patrem et matrem Domine est singular et fidelium Deus et pos de sua morte do dicto Stevam Perez omnipotentes sempiternae Deus*<sup>727</sup>.

### 39. Fernando

- Património: 40 soldos.
- Datas de comemoração: 15 de julho<sup>728</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.

---

<sup>722</sup> 29/01; 18/04; 28/04; 28/06; 29/07; 26/08; 28/09; 28/11; 28/12.

<sup>723</sup> 29/05.

<sup>724</sup> 30/03.

<sup>725</sup> Acompanhados por uma observação: «Como se contem adiante deste mês de Junho».

<sup>726</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 199; 203; 204; 205; 208; 211; 213; 215; 217; 222; 224.

<sup>727</sup> *Ibidem*, p. 211.

<sup>728</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 212.

#### **40. Fernando Gomes, filho**

- Informações sobre grupo social e profissão: clérigo beneficiado de Santiago de Coimbra.
- Informações familiares; há o registo de ter sido filho de um outro Fernando Gomes; aliás, a segunda ocorrência deste nome e que consideramos como uma pessoa só aparece justamente como referido na data de 19 de novembro, aniversário de seu pai.
- Património: deixa à respetiva colegiada umas casas localizadas na Rua de Corpo de Deus, com 200 reais de renda, sabemos ter pertencido tais casas a Ana<sup>729</sup> e as mesmas estariam emprazadas por Álvaro Afonso, barbeiro.
- Datas de comemoração: 10 de novembro<sup>730</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebrado individualmente.
- Outras informações: sepultado ao lado direito do Esteio na campa com cruzeiro.

#### **41. Fernando Gomes, pai**

- Informações familiares: pai do sobredito Fernando Gomes beneficiado de Santiago.
- Datas de celebração: 19 de novembro<sup>731</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: sepultado na Sé da cidade.

#### **42. Fernando Rodrigues**

- Informações sobre grupo social e profissão: alcaide.
- Património: o pagamento de 40 soldos por celebração é registado em todas as entradas, exceto em janeiro, fevereiro e agosto; todavia é nestes mesmos dias que encontramos o registo do bem deixado por Fernando Rodrigues à igreja de

---

<sup>729</sup> Sem outras identificações.

<sup>730</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 220.

<sup>731</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 221.

Santiago – um olival localizado em Alvor; em janeiro consta estar emprazado este olival à Fernando Esteves<sup>732</sup> e em fevereiro uma observação sobre o bem aponta ser este «o grande olival».

- Datas de comemoração: 15 de janeiro, fevereiro, março, maio, junho, outubro, novembro e dezembro<sup>733</sup>; 14 de abril; 18 de agosto; 17 de setembro<sup>734</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras Informações: sepultado nas proximidades do altar de S. Lourenço em monumento alto. Há ainda para este nome, celebrado com cerimónias individuais, outras cinco entradas: 15 de junho, outubro e dezembro<sup>735</sup>; 18 de agosto<sup>736</sup> e 17 de setembro<sup>737</sup>. Apenas em outubro temos a informação de tratar-se de um alcaide; entretanto não há qualquer outras informações que possibilitem uma relação destas restantes entradas e as sobreditas. O pagamento segue de 40 soldos para cada dia, exceto em 18 de agosto – não consta registo de pagamento.

#### 43. Fernando Rodrigues Castelo Branco

- Informações sobre grupo social e profissão: Governador eleito da Índia.
- Património: 1 ornamento de brocado de pelo carmesim com suas dalmáticas do mesmo brocado todo perfeito e acabado; um pálio de brocadilho sobre verde com seus alparavazes forrados de tafetá amarelo e todo franjado de seda rica vermelha e branca com suas VI varas; um frontal para o altar-mor d'outra cor de brocadilho dourado com *sabastro* no meio de brocado da cor dos *sabastros* do dito ornamento com seu alparavaz desapegado todo franjado de sede vermelha e azul; uma saia para Nossa Senhora da Graça do mesmo brocado e toda ao redor e pelo meio a corta pisada de cores de vermelho e azul; um pano de seda branca para a estante.
- Datas de comemoração: 19 de maio 1542<sup>738</sup>.

---

<sup>732</sup> Única ocorrência deste nome em todo o documento.

<sup>733</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 197; 201; 202; 207; 209; 218; 221; 223.

<sup>734</sup> *Ibidem*, pp.204; 214; 216.

<sup>735</sup> *Ibidem*, pp. 209, 218 e 223 respetivamente.

<sup>736</sup> *Ibidem*, p. 214.

<sup>737</sup> *Ibidem*, p. 216.

<sup>738</sup> *Ibidem*, p. 207.

- Cerimónia que determinou: 1 aniversário para sempre cantado com suas oras e ladainha.

#### **44. Francisco Anes e Violante Álvares**

- Informações familiares: casados.
- Património: em ambas as datas o pagamento das cerimónias é feito em géneros alimentares – azeite; e o bem deixado por eles à paróquia é um olival localizado na Conchada com confrontação apontada sendo «contra Coselhas». Consta em ambas as datas o dito olival, contudo no primeiro dia há a informação de estar emprazado a João de Coimbra, correeiro<sup>739</sup>.
- Datas de comemoração: 27 de maio e 13 de agosto<sup>740</sup>
- Cerimónia que determinou; o casal pede em maio que no dia da Trindade<sup>741</sup> se faça missa com horas; já em agosto o requerimento é de missa e horas cantadas, não havendo maiores especificações.

#### **45. Gabriel Vicente**

- Informações sobre grupo social e profissão: raçoeiro de Santiago e prior de Castelãos.
- Património: deixara a Santiago um meio casal localizado na Pedrulha. Datas de comemoração: 26 de outubro<sup>742</sup>.
- Outras Informações: sepultado nas proximidades do altar de S. Pedro numa cova.

#### **46. Gonçalo Dias**

---

<sup>739</sup> As ocorrências deste nome estão analisadas na respectiva secção.

<sup>740</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 208; 214 respetivamente.

<sup>741</sup> Primeiro domingo depois do Pentecoste

<sup>742</sup> *Ibidem*, p. 219



- Informações sobre grupo social e profissão: raçoeiro de Santiago de Coimbra e clérigo de ordens menores.
- Património: terras no campo em Caramenha e o pagamento consta como pão.
- Datas de comemoração: 31 de maio<sup>743</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: sepultado perto dos Reis Magos numa campa Branca.

#### **47. Gonçalo Martins e Catarina Afonso<sup>744</sup>**

- Informações sobre grupo social e profissão: lagareiro.
- Informações familiares: casados. Casados. O nome da mesma, Catarina Afonso, não aparece em novembro, mas o faz no mês seguinte.
- Património: deixa a Santiago um olival e vinha localizados em Gemil. O pagamento em ambas as datas é de 20 soldos sendo na primeira acrescentado um capão a ser pago por dia de S. Miguel, no 29 de setembro.
- Datas de comemoração: 29 de novembro e 22 de dezembro<sup>745</sup> - na carta de doação estão estipuladas os dias de S. Tomé, 3 de julho e três dias depois do natal, 28 de dezembro.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta e 2 aniversários cantados por alma do casal.
- Outras Informações: sepultados no coro da igreja de Santiago. Motivação da doação: algumas coisas da igreja de Santiago que não foram satisfeitas como deveriam ter sido pelo casal.

#### **48. Guilherme de Saint-Gery**

- Proveniência geográfica; Saint Gery.
- Informações sobre grupo social e profissão: deão e chantre da Sé.

---

<sup>743</sup> *Ibidem*, p. 208.

<sup>744</sup> Doação de Catarina Afonso: ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 14 s/n (nº antigo 530 e 434) 1368 JANEIRO 14.

<sup>745</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 222; 223 respetivamente.

- Património: os valores destinados ao pagamento dos aniversários alternam-se entre 20<sup>746</sup> e 40<sup>747</sup> soldos, excetuando a entrada do dia 21 de maio que nada consta sobre.
- Datas de comemoração: 04 de janeiro; 06 de fevereiro; 06 de março; 06 de abril; 06 e 21 de maio; 08 de junho; 19 de julho; 19 de dezembro<sup>748</sup>.
- Outras Informações: sepultado na Sé de Coimbra.

#### 49. Guiomar Vicente

- Informações familiares: João Panão, mercador e marido.
- Património: 40 soldos.
- Datas de comemoração: 02 de novembro<sup>749</sup>
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: sepultada ante o altar de Santa Marinha a Prenhe<sup>750</sup>, numa campa contra a calçada.

#### 50. Joana Peres

- Informações sobre grupo social e profissão: regueifeira do Rei Dom Pedro
- Património: consta o pagamento de 40 soldos para além de terem sido deixadas à Colegiada umas casas que estariam emprazadas a Fernando Vasques, raçoeiro.
- Datas de comemoração: 27 de novembro<sup>751</sup>
- Outras Informações: sepultada no adro ante a Porta do Pintor em uma campa branca.

---

<sup>746</sup> 04 de janeiro; 06 de abril; 06 de maio.

<sup>747</sup> 06 de fevereiro; 06 de março; 06 de agosto; 19 de julho; 12 de outubro; 19 de dezembro.

<sup>748</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 196; 200; 202; 204; 206; 207; 209; 212; 218; 223 respetivamente.

<sup>749</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 200.

<sup>750</sup> Consideramos ser o mesmo altar que na documentação é tratado como Altar de Santa Maria a Prenhe.

<sup>751</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 222.

## 51. João Afonso

- Informações sobre grupo social e profissão: almoxarife.
- Património: no 10 de janeiro consta ter sido pagos 20 soldos para além de ter deixado, à colegiada, casas, sem maiores indicações de localização e/ou confrontação. Já no dia 11 o pagamento fora feito em géneros alimentícios – azeite – e fora deixado um olival que estaria emprazado a Afonso Fernandes.
- Datas de comemoração: 10 e 11 de janeiro<sup>752</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras Informações: Para o dia 10 a sepultura indicada é nas proximidades da pia de água benta, do esteio e de duas campas que «aí estão». Já para o dia subsequente, consta estar sepultado nas proximidades do Altar de S. Urbano num momento que está na parede – há ainda uma observação que indica localizar-se dentro da igreja.

## 52. João Anes de Vale de Todos

- Informações familiares: cerimónias em seu nome e de seus parentes.
- Património: 30 soldos por cada dia foram destinados a Santiago para além de «herdades» que estariam emprazadas por Estácio Lourenço. Em novembro a localização de tais propriedades, Vale de Todos, é apontada.
- Datas de comemoração: 15 de setembro; 18 de outubro; 23 de novembro; 21 de dezembro<sup>753</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta em nome de seus parentes – os quais não constam nomes.

## 53. João de Coimbra e Beatriz Peres

- Informações sobre grupo social e profissão: tendeira.

---

<sup>752</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 197.

<sup>753</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 216; 218; 221; 223, respetivamente.

- Informações familiares: casados.
- Património: o casal deixa a Santiago casas e tanoarias, localizadas na Praça da cidade; um olival localizado em Quarto da Corredoura e outro olival em Vila Franca; os bens estão assim notados na entrada do dia 07 de janeiro<sup>754</sup> e nas restantes estão resumidos por «casas e propriedades ut supra». Com relação ao pagamento dos aniversários, estes se mostram díspares: em janeiro, junho, setembro e novembro, 116 reais e 4 ceitis; maio, 126 reais e 3 ceitis; dezembro, 108 reais e 2 ceitis; relativamente ao mês de agosto tivemos dúvida na leitura do valor.
- Datas de comemoração: 07 de janeiro; 10 de maio; 09 de junho; 06 de agosto; 11 de setembro; 05 de outubro; 03 de novembro; 03 de dezembro<sup>755</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta a ser realizada a cada mês de ascenso.
- Outras Informações: o casal fora sepultado na Capela de Santo André com a observação de que a dita capela é de propriedade do mesmo e de seus herdeiros com sobredito encargo. Ao longo do Livro de Aniversários, todavia, o nome de João de Coimbra aparece uma outra vez para além destas oito: como referido que emprazara um olival na inscrição de 27 de maio, aniversário de Francisco Anes e Violante Álvares – sabemos, nesta data, tratar-se de um correeiro; como não há nenhuma outra informação possível de ser relacionada com o marido de Beatriz Peres, consideramos existir duas pessoas com o nome de João de Coimbra; já a citada Beatriz Peres aparece mais duas vezes: I) na entrada correspondente ao dia 16 de janeiro<sup>756</sup>, o nome Beatriz Peres aparece referido como proprietária de casas na Praça numa confrontação do bem deixado pelo celebrado, Sebastião Fernandes. Contudo, não consideramos ser a mesma Beatriz Peres desta secção visto que o nome aparece vinculado com o de André de Lamego, igual proprietário das ditas casas; II) referida no aniversário do dia 28 de outubro<sup>757</sup>, aparece referida como sobrinha da celebrada, Maria Fernandes que igualmente fora tendeira em vida. Precisaríamos de maiores informações para afirmarmos ser esta Beatriz Peres, sobrinha de Maria

---

<sup>754</sup> *Ibidem*, p.197.

<sup>755</sup> *Ibidem*, pp. 197; 206; 209; 213; 216; 217; 219; 222 respetivamente.

<sup>756</sup> *Ibidem*, p. 197.

<sup>757</sup> *Ibidem*, p. 219.

Fernandes, tendeira, a mesma Beatriz Peres, tendeira, que fora casada com João de Coimbra; por ventura futuramente venha se confirmar ser estas duas tia e sobrinha, estaríamos frente a um caso de sucessão e transmissão do ofício entre mulheres da mesma família na Coimbra medieval.

#### **54. João de Elvas**

- Proveniência geográfica: Elvas.
- Informações sobre grupo social e profissão: cónego da Sé de Coimbra.
- Informações familiares: há referência a sua filha, entretanto não consta o nome.
- Património: deixa a Santiago terras que estariam emprazadas à sua filha.
- Outras informações: sepultado fora da igreja de Santiago, num monumento que tem a dita igreja, contra a Praça.

#### **55. João de Freitas e Catarina Fernandes**

- Informações familiares: casados.
- Património: foram destinados 200 reais por dia de celebração sendo que, em junho consta a observação de que os herdeiros do casal o pagarão. Não consta registo acerca do bem, sendo-o indeterminado para a primeira cerimónia. O inverso acontece no 02 de novembro visto que a única informação existente é sobre uns casais deixados a Santiago, localizados no Campo e emprazados por Manuel de Melo, cónego da Sé de Coimbra<sup>758</sup>.
- Datas de comemoração: 29 de junho e 02 de novembro<sup>759</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta com missa cantada de S. Paulo com responso, vigília e um noturno de finados a ser celebrado na capela de João de Freitas.

---

<sup>758</sup> Uma observação diz ter sido ele «meio cónego» da Sé. É a única vez que aparece no documento.

<sup>759</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 211; 219 respetivamente.

## 56. João Fernandes e Catarina Domingues

- Informações sobre grupo social e profissão: chapineiro.
- Informações familiares: casados. Francisca Fernandes aparece como filha de João Fernandes e Gonçalo Vaz como seu genro; ambos são citados como testadores do mesmo.
- Património: 100 reais foram destinados para o pagamento dos aniversários em ambos os dias. Em abril, contudo, há o registo de o casal ter deixado à paróquia um olival localizado no lagar de João do Porto e um cortinhal localizado na Madalena.
- Datas de comemoração: 27 de abril e 14 de maio<sup>760</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta.

## 57. João Galego

- Informações sobre grupo social e profissão: mercador.
- Património: em janeiro deixa à colegiada umas casas que estariam emprazadas por João Lourenço<sup>761</sup>; já no segundo dia, os bens são igualmente casas, entretanto não há registos de emprazamentos, mas sim a localização das mesmas: Rua Travessa – com uma indicação a orientar o sentido: da rua de Peliteiros contra a igreja de S. Bartolomeu; há ainda apontado o valor de 40 soldos para pagamento do aniversário.
- Datas de comemoração: 30 de janeiro; 18 de fevereiro<sup>762</sup>.
- Outras Informações: em janeiro o local de sepultura é apontado nas proximidades do Altar de Santa Maria do Pranto, numa campa em direito ao altar; já no mês subsequente a campa é registada a direito do altar, mas este agora é descrito como sendo de Santa Marinha a Prenhe. Devido às informações anteriormente expostas, consideramos como forte possibilidade o facto de uma das inscrições conter erro de escrita.

---

<sup>760</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, *op. cit.* pp. 205; 206 respetivamente.

<sup>761</sup> Única ocorrência do nome em todo o documento.

<sup>762</sup> *Ibidem*, pp. 199; 201 respetivamente.

## 58. João Panão

- Informações sobre grupo social e profissão: raçoeiro de Santiago.
- Património: o pagamento dos aniversários é de 20 soldos em janeiro, 21 de abril, junho e julho; em 08 de abril e 02 de maio o pagamento fora feito em géneros alimentares – azeite. Apenas na entrada do primeiro dia de julho é indicado o bem deixado por este raçoeiro: 300 libras a serem distribuídas entre os presentes, enfermos e sangrados.
- Datas de comemoração: 23 de janeiro; 08 e 21 de abril; 02 de maio; 02 e 27 de junho; 01 de julho; 16 de novembro (nesta última data aparece como referido e não celebrado)<sup>763</sup>.
- Outras Informações: sepultado nas proximidades do altar de Nossa Senhora do Pranto.

## 59. João Panão e Guiomar Vicente

- Informações sobre grupo social e profissão: mercador.
- Informações familiares: casados. Consta a referência ao filho do casal, mas sem citar nomes.
- Património: no dia 13 de janeiro deixa à colegiada um olival em Santo António que estaria emprazado ao ferreiro Gonçalo Anes; em 28 de maio consta o pagamento de 20 soldos; 29 de setembro e 20 de novembro o valor é de 40 soldos por dia; já em 13 de dezembro o valor é de 30.
- Datas de comemoração: 08, 12, 13 e 19 de janeiro<sup>764</sup>; 04, 11 e 16 de fevereiro<sup>765</sup>; 12 de março<sup>766</sup>; 11 e 17 de abril<sup>767</sup>; 11, 16 e 28 de maio<sup>768</sup>; 11 e

---

<sup>763</sup> *Ibidem*, pp. 198; 204; 205; 206; 209; 210; 211; 221 respetivamente.

<sup>764</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 197 e 198.

<sup>765</sup> *Ibidem*, pp. 200 e 201.

<sup>766</sup> *Ibidem*, p. 202.

<sup>767</sup> *Ibidem*, p. 204.

<sup>768</sup> *Ibidem*, pp. 206 e 208.

20 de junho<sup>769</sup>; 11 de julho<sup>770</sup>; 10 e 23 de agosto<sup>771</sup>; 25 e 29 de setembro<sup>772</sup>; 11 de outubro<sup>773</sup>; 12, 18 e 20 de novembro<sup>774</sup>; 11<sup>775</sup>, 13 e 27 de dezembro<sup>776</sup>.

- Cerimónia que determinou: celebração individual em 13 de janeiro, 28 de maio, 20 de novembro e 13 de dezembro. A cerimónia é realizada em conjunto com Guiomar Vicente, sua esposa apenas no dia 12 de março. Foram marcadas celebrações em nome do casal e do filho (de nome desconhecido) em 19 de janeiro, 04 de fevereiro. Já nas entradas referentes aos dias 16 de fevereiro, 17 de abril, 16 de maio, 20 de junho, 23 de agosto, 25 de setembro, 18 de novembro e 27 de dezembro é acrescentada à família uma mulher, Marinha Brava<sup>777</sup>.
- Outras informações: sepultado no altar de Nossa Senhora numa campa contra a porta da calçada. <sup>778</sup>. Em dezasseis datas aparece como celebrado<sup>779</sup>; já nas onze restantes aparece como referido<sup>780</sup>.

## 60. João Parente

- Datas de comemoração: 13 de julho<sup>781</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: sepultado na parte de cima da capela de Afonso Domingues de Aveiro entre o poial e a campa da flor de Rui Fernandes.

---

<sup>769</sup> *Ibidem*, pp. 209 e 210.

<sup>770</sup> *Ibidem*, p. 211.

<sup>771</sup> *Ibidem*, pp. 214 e 215.

<sup>772</sup> *Ibidem*, pp. 216 e 217.

<sup>773</sup> *Ibidem*, p. 218.

<sup>774</sup> *Ibidem*, pp. 220 e 221.

<sup>775</sup> *Ibidem*, p. 223: nesta inscrição há registada a data da morte da celebrada, Guiomar Vicente a 11 de dezembro de 1370.

<sup>776</sup> *Ibidem*, pp. 223 e 224.

<sup>777</sup> Este nome aparece apenas nestas datas em todo o documento.

<sup>778</sup> *Ibidem*, pp. 223 e 224 respetivamente.

<sup>779</sup> Nomeadamente nos dias 13 e 19 de janeiro, 04 e 16 de fevereiro, 12 de março, 17 de abril, 16 e 28 de maio, 20 de junho, 23 de agosto, 25 e 29 de setembro, 18 e 20 de novembro, 13 e 27 de dezembro.

<sup>780</sup> Nos dias 08 e 12 de janeiro, 11 de fevereiro, 11 de abril, 11 de maio, 11 de junho, 11 de julho, 10 de agosto, 11 de outubro, 12 de novembro, 11 de dezembro.

<sup>781</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 212.



## 61. Lopo Afonso

- Informações sobre grupo social e profissão: raçoeiro de Santiago e prior de Vale de Ermio.
- Património: deixa à colegiada um breviário novo do costume de Braga em remissão de seus pecados.
- Datas de comemoração: 07 de maio e 02 de setembro<sup>782</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual com missa da Cruz com comemoração do finado.
- Outras informações: sepultado nas proximidades do altar da Virgem Maria, «entre os Reis», no meio da igreja.

## 62. Lourenço Anes *Rabo de Palha*

- Património: casas localizadas na Rua das Tendas.
- Datas de comemoração: 26 de setembro<sup>783</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.

## 63. Lourenço Peres

- Informações sobre grupo social e profissão: mercador.
- Informações familiares: Maria Francisca, esposa.
- Património: 20 soldos, uma vinha, um pomar e um olival em Celas de Guimarães.
- Datas de comemoração: 03 de janeiro<sup>784</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: sepultado no altar da Trindade.

---

<sup>782</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 206; 215 respetivamente.

<sup>783</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 216.

<sup>784</sup> *Ibidem*, p. 196.

#### **64. Margarida Anes<sup>785</sup>**

- Proveniência geográfica; residente numas casas nas proximidades do Mosteiro de S. Domingos.
- Informações familiares: João de Caldas (pai), Martim Bravo, almoxarife e marido.
- Património: consta o pagamento de 40 soldos. Na carta de doação são doadas casas de três portais com cortinhal nas proximidades do Mosteiro de S. Domingos.
- Datas de comemoração: 08 de março<sup>786</sup>.
- Cerimónia que determinou; na carta de doação consta a fundação em prol do aniversário de Martinho Bravo<sup>787</sup>, almoxarife.

#### **65. Maria Afonso e Afonso Peres<sup>788</sup>**

- Informações sobre grupo social e profissão: peixeiro.
- Informações familiares: casados.
- Património: o valor para o pagamento do aniversário é de 40 soldos em 16, 19, 28 e 29 de março, 20 no dia 18 e paga-se com pão o dia de setembro. Ademais, é nesta última entrada que consta ter sido deixadas metade de umas herdades localizadas no Campo. Pela carta de doação sabemos que estariam localizadas em Rapoula, no campo coimbrão nas proximidades de Baçelo de Estevão de Aveiro. A outra metade fora doada à Gafaria de Coimbra. Deixou a Santiago um cortinhal em Condeixa a Nova, perto do Moinho da Figueira e um pardeiro próximo das casas que foram de Afonso Lourenço.
- Datas de comemoração: 16, 18, 19, 28 e 29 de março; 28 de setembro<sup>789</sup>
- Cerimónia que determinou; 5 aniversários por alma da doadora e daqueles de quem ela descendera e de Afonso Peres.

---

<sup>785</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 3 s/n (nº antigo 634 e 608) 1363 FEVEREIRO 11.

<sup>786</sup> *Ibidem*, p. 202.

<sup>787</sup> Ver Anexo 1, perfil 71.

<sup>788</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 14 s/n (nº antigo 447 e 95) 1367 AGOSTO 26.

<sup>789</sup> *Ibidem*, pp. 202; 203; 217.

- Outras Informações: sepultada no claustro nos três monumentos da mão direita de cima. Motivação da doação: em prol de sua alma, do seu marido e daqueles que ela descendera. Nos dias 28 e 29 de março o nome consta Maria Afonso de Peixeiro; não há o registo do nome do marido, contudo consideramos tratar-se da mesma pessoa.

## **66. Maria Afonso e Maria Peres**

- Informações familiares: Pedro Gonçalves, porteiro (marido de Maria Afonso).
- Património: o valor de 30 soldos é destinado para o pagamento do aniversário para além de constar ter sido deixadas à paróquia umas casas localizadas na Rua que dizem Olho de Lobo.
- Datas de comemoração: 16 de outubro<sup>790</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta.
- Outras Informações: sepultadas em S. Bartolomeu.

## **67. Maria Afonso**

- Informações familiares: Domingos Domingues, mercador (marido).
- Património: pagamento de 40 soldos registado.
- Datas de comemoração: 13 de fevereiro<sup>791</sup>.
- Outras Informações: sepultada na Porta contra a Calçada, entre a pia de água benta e a imagem de S. Cristóvão.

## **68. Maria Anes<sup>792</sup>**

- Informações familiares: Antoninho Fernandes, barqueiro, marido e testamenteiro; Maria Fernandes (filha).

---

<sup>790</sup> *Ibidem*, p. 218.

<sup>791</sup> *Ibidem*, p. 200.

<sup>792</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 6 s/n (nº antigo 27 e 637) 1381 MAIO 27.

- Património: na primeira e segunda inscrição o pagamento fora de 20 soldos e fora deixado um olival localizado em Vila Franca; em junho consta apenas o pagamento do mesmo valor; em agosto o pagamento é feito por géneros alimentícios – pão – e os bens deixados à colegiada são terras localizadas em Póvoa de Fernandes<sup>793</sup>/Romã dos frades<sup>794</sup>, em Montemor-o-Velho; em dezembro consta um pagamento de 20 soldos para além de serem deixados a Santiago uma vinha e um olival localizados em Gemil. Já nas cláusulas testamentárias constam, para além do património acima referido, o pagamento a Santiago de 15 libra – sendo 10 por suas falhas.
- Datas de comemoração: 26 de abril; 08 de maio; 23 de junho; 27 de agosto; 23 de dezembro<sup>795</sup>; no dia em que ela saísse do mundo ou fosse enterrada.
- Cerimónia que determinou: celebração individual em todas as datas, exceto a de 23 de junho que é feita em seu nome, de seu marido e sua filha. Dois aniversários e quantos mais pagarem a renda das terras.
- Outras Informações: na entrada do dia 23 de dezembro consta a data da morte da celebrada, 23 do mesmo mês do ano de 1380.

## 69. Maria Anes

- Informações familiares: Mestre Pedro cirurgião (marido).
- Património: o valor de 20 soldos é destinado para o pagamento da celebração.
- Datas de comemoração: 04 de junho<sup>796</sup>.

## 70. Maria Esteves

- Informações sobre grupo social e profissão: sergente do prior de Ansião<sup>797</sup>.
- Informações familiares; Estevão Anes, escrivão na audiência do Bispo (pai).
- Património; janeiro: 40 soldos pagos, casas localizadas no Caneiro e um olival em Vale de ferro. Fevereiro: 20 soldos. Março: 40 soldos. Abril: 20 soldos.

---

<sup>793</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 215.

<sup>794</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 6 s/n (nº antigo 27 e 637) 1381 MAIO 27.

<sup>795</sup> *Ibidem*, pp. 205; 206; 210; 215; 223 respetivamente.

<sup>796</sup> *Ibidem*, p. 209.

<sup>797</sup> Este de nome desconhecido.

Setembro: 20 soldos. Outubro: 40 soldos. Novembro: 20 soldos. Dezembro: 20 soldos.

- Datas de comemoração: 08 de janeiro; 07 de fevereiro; 07 de março; 07 de abril; 06 de setembro; 10 de outubro; 16 de novembro; 06 de dezembro<sup>798</sup>.
- Cerimónia que determinou; oito missas cantadas de requiem com celebração individual em todas.
- Outras Informações: sepultada contra a Porta da Calçada<sup>799</sup>, na metade da igreja<sup>800</sup>, à direita da pia de água benta<sup>801</sup>, perto do altar de uma santa<sup>802</sup>, numa campa preta<sup>803</sup> e sarabulhenta<sup>804</sup> que está à direita da sepultura<sup>805</sup> de João Panão<sup>806</sup> raçoeiro<sup>807</sup>. A entrada do dia 16 de novembro diz ter sido Maria Esteves sergente do prior de Ansião e que está sepultada numa campa que jaz junto com João Panão raçoeiro do lado direito. A inscrição de janeiro confirma a sepultura próxima do eclesiástico e acrescenta ter sido sepultada contra a Porta da Calçada e que tem como pai Estevão Anes. Estes dois conjuntos de informações quando confrontados com as demais entradas que levam o nome de Maria Esteves, possibilitam segurança para afirmar tratar-se de uma só pessoa.

## 71. Maria Fernandes

- Informações sobre grupo social e profissão: tendeira.
- Informações familiares; Beatriz Peres (sobrinha)<sup>808</sup>.
- Património: em cada uma das datas consta que os herdeiros<sup>809</sup> pagarão 100 reais. Em outubro consta ainda que fora deixado a Santiago uma fazenda própria e de raiz.

---

<sup>798</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 197; 200; 202; 204; 215; 217; 221; 222 respetivamente.

<sup>799</sup> 08 de janeiro.

<sup>800</sup> 07 de fevereiro e 07 de março.

<sup>801</sup> 07 de fevereiro.

<sup>802</sup> 07 de março – não especifica-se qual santa é.

<sup>803</sup> 07 de fevereiro.

<sup>804</sup> 07 de fevereiro e 03 de março.

<sup>805</sup> 16 de novembro.

<sup>806</sup> 08 de janeiro e 16 de novembro.

<sup>807</sup> 16 de novembro.

<sup>808</sup> 28 de outubro; ver Anexo 1. Perfil 43.

<sup>809</sup> De nomes desconhecidos.

- Datas de comemoração: 22 de junho; 28 de outubro<sup>810</sup>.
- Cerimónia que determinou; um noturno, missa e horas com duas velas de aratel para cada inscrição.

## 72. **Maria Franca**

- Informações familiares; há menção aos testamenteiros da celebrada, mas os nomes não são apontados.
- Património: 30 soldos a acrescentar o valor da renda para realizar quantos aniversários assim se puder pagar; é deixada uma casa localizada no fim da Rua de São Gião.
- Datas de comemoração: 24 de junho<sup>811</sup>.
- Cerimónia que determinou; ao menos um aniversário anual.
- Outras Informações: sepultada no adro em direito a porta contra a Calçada além do caminho em um monumento.

## 73. **Maria Martins**

- Informações familiares: Martim Rodeiro<sup>812</sup> (marido).
- Património: pagamento da celebração feito por géneros alimentícios – pão.
- Datas de comemoração: 20 de outubro<sup>813</sup>.
- Cerimónia que determinou; celebração individual.

## 74. **Maria Suger**<sup>814</sup>

- Património: pagamento de 40 soldos e fora deixado a Santiago, por 1 olival perto de Coselhas (emprazado a João Vicente, lagareiro em Coselhas) que parte de agião com Miguel *Trangolo* e da outra parte com olival de Landim.

---

<sup>810</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 210; 219.

<sup>811</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 210.

<sup>812</sup> Dúvida de leitura.

<sup>813</sup> *Ibidem*, p. 218.

<sup>814</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 3 s/n (nº antigo 649 e 61) 1340.

- Datas de comemoração: 10 de setembro<sup>815</sup>. Informações familiares: Constança Vicente, filha.
- Datas de comemoração: dia de S. Miguel de setembro e de Santa Maria ante Natal (*sic*).
- Cerimónia que determinou; 2 aniversários anuais por alma da doadora e de Constança Vicente sua filha.
- Outras informações: sepultada na igreja de Santiago perto donde jaz a mulher que foi de Mestre Pedro cirurgião<sup>816</sup>.

## 75. Maria Vasques

- Património: pagamento de 20 soldos pela celebração e são deixadas à colegiada terras localizadas em Bolão.
- Datas de comemoração: 14 de abril<sup>817</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: é celebrada em cerimónia conjunta na inscrição referente ao dia 26 de novembro<sup>818</sup>.

## 76. Maria Vaz

- Património: 100 reais foram pagos e um olival localizado em Fonte dos (?), Santa Clara e que estaria emprazado a Vasco Fernandes, sapateiro e genro da celebrada, casado com Violante Vaz, filha de Maria Vaz.
- Datas de comemoração: 23 de maio<sup>819</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual; Vasco Gonçalves, beneficiado de S. Bartolomeu foi o fundador do aniversário da celebrada.

---

<sup>815</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 216.

<sup>816</sup> Sabemos ter sido Maria Anes: ver Anexo 1, perfil 55.

<sup>817</sup> *Ibidem*, p. 204.

<sup>818</sup> Ver Anexos 1. Perfil 84.

<sup>819</sup> *Ibidem*, p. 208.

### **77. Maria Vaz, viúva**

- Proveniência geográfica; residente em Coimbra.
- Informações sobre grupo social e profissão: viúva.
- Património: consta o pagamento de 100 reais.
- Datas de comemoração: 25 de maio<sup>820</sup>
- Outras Informações: sepultada na campa que tem a cruz ante o Cruzeiro.

### **78. Marinha Afonso**

- Património: o pagamento é feito através de géneros alimentícios – pão –, exceto em julho e 07 de outubro que não constam pagamentos das respectivas celebrações. Já os bens deixados a Santiago são apontados hora como herdades<sup>821</sup>, hora como terras<sup>822</sup> com a localização igual para todas: Campo.
- Datas de comemoração: 07 de junho, 25 de julho, 11 de agosto, 07 e 08 de outubro, 08 de dezembro<sup>823</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras Informações: sepultada na entrada do claustro numa campa ancha contra o fundo.

### **79. Marinha Bartolomeu da Zouparria**

- Proveniência geográfica: Zouparria<sup>824</sup>.
- Património: pagamento das cerimónias é de 30 soldos em fevereiro e março; e é feito através de géneros alimentícios – pão – em setembro e outubro; não consta registo em maio.

---

<sup>820</sup> *Ibidem*, p. 208.

<sup>821</sup> 07 e 08 de outubro; 08 de dezembro.

<sup>822</sup> 07 de junho; 25 de julho; 11 de agosto.

<sup>823</sup> *Ibidem*, pp. 211; 213; 214; 217; 217; 223 respetivamente.

<sup>824</sup> Em setembro acompanha a inscrição do nome o seguinte texto: «Marinha Bartolomeu dita Castela da Zouparria».



- Datas de comemoração: 09 de fevereiro; 22 de março; 18 de maio; 23 de setembro; 13 de outubro<sup>825</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras Informações: sepultada nas proximidades da escada do Coro.

## **80. Marinha Fernandes**

- Património: pagamento fora feito através de géneros alimentícios – pão – para além de terem sido deixadas a Santiago umas herdades.
- Datas de comemoração: 12 de setembro<sup>826</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras Informações: sepultada na entrada do claustro numa campa ancha contra o fundo.

## **81. Martim Anes almoxarife**

- Informações sobre grupo social e profissão: almoxarife.
- Património: 20 soldos destinados à celebração dos aniversários em cada dia. Ademais, deixa a Santiago «casas e posses» localizadas em Condeixa.
- Datas de comemoração: 25 de janeiro; 09 de agosto; 29 de dezembro<sup>827</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras Informações: sepultado no claustro da igreja de Santiago. Há outras duas ocorrências deste nome no Livro de Aniversários, 25 de janeiro e 25 de dezembro<sup>828</sup>: em janeiro igualmente é apontado como um almoxarife da cidade, todavia o local de sepultura diverge: numa campa nas proximidades do Altar de Nossa Senhora e de S. Paulo; e no 25 de dezembro a profissão indicada é de um sapateiro.

---

<sup>825</sup> *Ibidem*, pp. 200; 203; 207; 216; 218 respetivamente.

<sup>826</sup> *Ibidem*, p. 216.

<sup>827</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 198; 213; 224 respetivamente.

<sup>828</sup> *Ibidem*, pp. 198; 224 respetivamente.

## 82. **Martim Anes e Antónia Martins**<sup>829</sup>

- Informações sobre grupo social e profissão: sapateiro.
- Informações familiares; Antónia Martins (filha); Sebastião Martins, sapateiro (filho).
- Património: 100 reais para a celebração para além de uma vinha localizada em Vale Meão.
- Datas de comemoração: 25 de dezembro<sup>830</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta com sua filha.

## 83. **Martim Afonso e Guiomar Afonso**

- Informações familiares: casados.
- Património: 30 soldos em todas as entradas; em dezembro consta que deixaram a Santiago umas casas e um cortinhal localizados em terra do Hospital.
- Datas de comemoração: 18 de janeiro<sup>831</sup>; 03 de fevereiro<sup>832</sup>; 09 de dezembro<sup>833</sup>.
- Outras Informações: sepultados no claustro à direita da porta pequena contra a estalagem.

## 84. **Martim Bravo**

- Informações sobre grupo social e profissão: almoxarife.
- Informações familiares; Margarida Anes, esposa<sup>834</sup>.
- Património: o pagamento destas celebrações fora de 40 soldos em março e 20 soldos no mês de dezembro.
- Datas de comemoração: 25 de março; 26 de dezembro<sup>835</sup>.
- Cerimónia que determinou; celebração individual.

---

<sup>829</sup> Ver Anexo 1. Perfil 14.

<sup>830</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 224.

<sup>831</sup> *Ibidem*, p. 198.

<sup>832</sup> *Ibidem*, p. 200.

<sup>833</sup> *Ibidem*, p. 223.

<sup>834</sup> Ver Anexos 1, perfil 50.

<sup>835</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 203; 224 respetivamente.

- Outras Informações: sepultado em um monumento dentro da parede próxima do altar de Santa Maria Prenhe.

### **85. Martim Cadarom e Teresa**

- Informações familiares: casados.
- Património: o casal deixa à paróquia uns casais localizados em Traveira; há o pagamento em pão pelas cerimónias reservadas.
- Datas de comemoração: 07 e 14 de junho<sup>836</sup>; 08, 14, 23, 27 e 31 de julho<sup>837</sup>; 06 e 17 de agosto<sup>838</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta.

### **86. Martim Esteves e Maria Domingues**

- Informações familiares: casados.
- Património: 20 soldos de pagamento para além de serem doados a Santiago olivais que estariam emprazados a João Portela.
- Datas de comemoração: 30 de dezembro<sup>839</sup>.

### **87. Miguel Peres**

- Património: em março o pagamento foi de 40 soldos para além de estar registado um «lugar» em Atalaia que estaria emprazado a Afonso Mendes como bem deixado à paróquia. Em outubro o pagamento é feito em géneros alimentícios – pão – e «terras do couto», emprazadas a um odreiro desconhecido são deixadas a Santiago.
- Datas de comemoração: 10 de março e 17 de outubro<sup>840</sup>.

---

<sup>836</sup> *Ibidem*, p. 209.

<sup>837</sup> *Ibidem*, p. 211; 212; 213.

<sup>838</sup> *Ibidem*, pp. 213; 214 respetivamente.

<sup>839</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 224.

<sup>840</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 202; 218 respetivamente.

- Outras Informações: em março é apontada a data de morte, 10 de março de 1327; não há maiores informações para serem cruzadas que confirmem pertencer a uma mesma pessoa estas duas entradas do Livro de Aniversários.

## **88. Nicolau Martins**

- Informações sobre grupo social e profissão: capelão de Santiago.
- Património: um cortinhal que estaria emprazado a João Afonso Coelho
- Datas de comemoração: 25 de outubro<sup>841</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: sepultado no claustro, debaixo do balcão numa campa branca.

## **89. Nome desconhecido De Pinhel<sup>842</sup>**

- Proveniência geográfica; Rua de Val Verde, freguesia de Santiago, Coimbra.
- Informações familiares; João Martins, testamenteiro e afilhado do testador.
- Património: 20 soldos e umas casas em Rua de Val Verde, Coimbra; demais bens ao testamenteiro.
- Cerimónia que determinou; um aniversário por alma do testador com missa de requiem; outro aniversário por alma de Sancha Lourenço, amiga, com missa de requiem.
- Outras Informações: sepultado no adro da igreja de Santiago. Motivação do documento: temendo Deus e o dia do passamento.

## **90. Pascoal Nunes**

- Património: Herdades em Montemor – estas teriam pertencido a Rui Peres. Está indicado ter deixado pão ou dinheiro a ser distribuídos entre os presentes.

---

<sup>841</sup> *Ibidem*, p.218.

<sup>842</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 13 s/n (nº antigo 491 e 409).

- Datas de comemoração: 03 de outubro<sup>843</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual; dizer as vésperas dos passados um dia antes da celebração; no dia dizer as matinas dos passados.
- Outras informações: sepultado na Sé da cidade.

## 91. Pedro Anes e Iria Peres

- Informações sobre grupo social e profissão: almoxarife.
- Informações familiares: casados.
- Património: em primeiro de janeiro foi paga a quantia de 20 soldos, enquanto nas demais o valor fora de 40 soldos em cada.
- Datas de comemoração: 01 e 31 de janeiro; 01 de novembro<sup>844</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta com missa de requiem mensal.
- Outras informações: sepultados em campa branca no altar de Nossa Senhora Santa Ana.

## 92. Pedro de Alvito e Maria<sup>845</sup>

- Informações familiares: casados.
- Património: pagamento realizado por géneros alimentícios – pão – em todas as entradas. Os bens deixados pelo casal a Santiago foram casais localizados em Travaço. No documento de doação constam as seguintes: metade de herdade em Travaço à morte do marido e a outra metade à sua morte; 1 dinheiro de ouro para repartir entre os presentes; 6 marcos de prata; 1 cálice e tribulo; 1 almática.

---

<sup>843</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 217.

<sup>844</sup> *Ibidem*, pp. 196; 199; 219 respetivamente.

<sup>845</sup> Carta de doação de Maria: ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 7 s/n (nº antigo 212 e 99) 1206 NOVEMBRO 1, cópia posterior.

- Datas de comemoração: 10, 12 e 19 de fevereiro<sup>846</sup>; 20 e 28 de agosto<sup>847</sup>; 05, 16, 19, 24 e 29 de setembro<sup>848</sup>; 02, 09, 14, 19 e 21 de outubro<sup>849</sup>; 08, 17 e 21 de novembro<sup>850</sup>; 04, 10, 12, 16 e 20 de dezembro<sup>851</sup>.
- Cerimónia que determinou: 1 missa de aniversário mensal pela morte do marido e com responso e sobrepeliça; 1 missa pela alma do marido acabado o mês de morte do mesmo; fazer o mesmo pela testadora.
- Outras Informações: este casal detém a maior quantidade de dias reservados para a celebração de aniversários no documento considerado somando ao todo 23 dias.

### 93. Pedro Fernandes

- Informações sobre grupo social e profissão: raçoeiro de Santiago.
- Património: deixa à colegiada a quantia de 40 soldos e umas casas em que hora mora Guiomar Vicente.
- Datas de comemoração: 16 de junho<sup>852</sup>.

### 94. Pedro João

- Informações sobre grupo social e profissão: almoxarife.
- Património: deixa a Santiago 20 soldos.
- Datas de comemoração: 02 de janeiro<sup>853</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: sepultado perto de Santa Ana e da pia de água benta.

---

<sup>846</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 200; 201.

<sup>847</sup> *Ibidem*, pp. 214; 215 respetivamente.

<sup>848</sup> *Ibidem*, pp. 215; 216; 217.

<sup>849</sup> *Ibidem*, pp. 217; 218.

<sup>850</sup> *Ibidem*, pp. 220; 221.

<sup>851</sup> *Ibidem*, pp. 222;223.

<sup>852</sup> *Ibidem*, p. 209.

<sup>853</sup> *Ibidem*, p. 200.

## 95. Pedro Juliães

- Informações sobre grupo social e profissão: almoxarife.
- Património: 40 soldos estão registados em todos os dias reservados. Em maio os bens deixados são apontados como casas localizadas no adro da igreja de Santiago, ademais, podemos saber que o morador destas chama-se Gabriel Vicente, igualmente raçoeiro<sup>854</sup>; no dia 25 de junho, por sua vez, as mesmas casas aparecem emprazadas por Gabriel Vicente. Já no dia 05 de agosto, não há bens registados. Situação diferente que encontramos no dia 19 do mesmo mês; aqui, contudo, às casas soma-se uma adega, igualmente localizadas no adro da dita igreja – há ainda, nesta entrada, uma confrontação que aponta estarem perto do adro.
- Datas de comemoração: 01 de março, abril, maio, junho, agosto, setembro e outubro; 02 de julho e 04 de outubro<sup>855</sup>.
- Outras informações: sepultado no altar de Santa Ana. Na inscrição referente ao dia 02 de julho há a data de morte deste almoxarife: 02/07/1373.

## 96. Pedro Martins

- Informações sobre grupo social e profissão: chantre da Sé de Coimbra; nome acompanhado do título de Dom.
- Património: uma casa que estaria emprazada a Vasco Martins.
- Datas de comemoração: 20 de julho<sup>856</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual; a renda da casa deve ser dividida em três partes: aos que fossem a véspera dos passados, aos que foram as matinas dos passados e outra aos enfermos e sangrados.
- Outras informações: nesta entrada consta a data de óbito do celebrado: 20 de julho do ano de 1322.

---

<sup>854</sup> Ver Anexo 1. Perfil 37.

<sup>855</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 201; 203; 206; 209; 213; 215; 217; 211; 217 respetivamente.

<sup>856</sup> *Ibidem*, p. 212

## 97. Pedro Lopes

- Informações sobre grupo social e profissão: raçoeiro de Santiago.
- Património: 40 soldos e umas casas localizadas no adro de Santiago que estariam emprazadas a Gabriel Vicente<sup>857</sup>.
- Datas de comemoração: 25 de junho<sup>858</sup>
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: sepultado ante o altar do presépio de Santa Maria e contra o Altar principal numa campa branca.

## 98. Rodrigo

- Informações sobre grupo social e profissão: nome acompanhado pelo título de Mestre e cidadão de Coimbra.
- Informações familiares: consta ter um filho que desconhecemos o nome.
- Património: um olival, grande e próprio, localizado em Coselhas; 2 meias geiras de terras no Campo Coimbrão para além de 300 reais. Este celebrado possui uma capela própria na igreja de Santiago e os bens são destinados a manutenção da mesma.
- Data de comemoração: 11 de novembro<sup>859</sup>.
- Cerimónia que determinou: na capela do celebrado, missa cantada e 12 missas rezadas de Nossa Senhora nos primeiros dias de todos os meses do ano.

## 99. Rui Fernandes e Maria Domingues

- Informações sobre grupo social e profissão: mercador.
- Informações familiares: casados.
- Património: em janeiro consta o pagamento de 20 soldos para além de os bens deixados pelo casal à paróquia serem umas casas localizadas na Rua dos

---

<sup>857</sup> Ver Anexos 1. Perfil 45.

<sup>858</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, *op. cit.* p. 210.

<sup>859</sup> *Ibidem*, p. 220.



Peliteiros. O pagamento de 20 soldos se repete em 09 de maio e 21 de setembro; e consta de 40 soldos em 09 de julho, 03 de setembro e 09 de novembro. Sabemos, pelo terceiro dia de setembro que foram duas casas doadas.

- Datas de comemoração: 09 de janeiro; 09 de maio; 09, 03 e 21 de setembro; 09 de novembro<sup>860</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta.
- Outras Informações: sepultados no meio da igreja contra o coro numa campa das letras que tem uma marca no meio. Na inscrição de 03 de setembro o nome aparece como Rodrigo Fernandes, entretanto devido à convergência do nome da esposa, Maria Domingues, da profissão do celebrado e do bem deixado pelo casal, consideramos ser o mesmo. O nome de Rui Fernandes ainda aparece a 13 de julho como referido no aniversário de João Parente<sup>861</sup>.

## 100. Sebastião Fernandes

- Informações sobre grupo social e profissão: clérigo de missa beneficiado de Santiago.
- Informações familiares: Isabel Fernandes, sobrinha.
- Património: em janeiro consta que deixa a Santiago umas casas com renda de 200 reais localizadas na Praça que estariam emprazadas por Isabel Fernandes, sua sobrinha. Nas restantes nove datas, os bens são apontados igualmente como casas, todavia acrescenta-se «sobreditas *ut supra*», o que implica a mesma localização. O pagamento dos aniversários é de 100 reais e a indicação destes aparecem em oito dos dez registos, não registando-os nos dias 27 de setembro<sup>862</sup> e 24 de dezembro<sup>863</sup>.
- Datas de comemoração: 16 de janeiro; 08 de fevereiro; 17 de março; 13 de abril; 12 de maio; 19 de junho; 28 de julho; 03 de agosto; 27 de setembro; 24 de dezembro<sup>864</sup>.

---

<sup>860</sup> *Ibidem*, pp. 197; 206; 211; 202; 216; 220 respetivamente.

<sup>861</sup> *Ibidem*, p. 212.

<sup>862</sup> *Ibidem*, p. 217.

<sup>863</sup> *Ibidem*, p. 224.

<sup>864</sup> *Ibidem*, pp. 197; 200; 202; 204; 206; 210; 213; 213; 217; 224 respetivamente.

- Outras Informações: sepultado no fundo do escabelo de Nossa Senhora do Pranto em uma campa.

### **101. Senhorinha Domingues**

- Património: fora destinado o valor de 40 soldos para março e 20 soldos para agosto. Ademais, na primeira inscrição consta que foram deixadas umas casas localizadas perto de S. Gião; enquanto na última aparece casas na Rua de S. Gião e que estariam emprazadas a Domingos do Lobinho.
- Datas de comemoração: 27 de março e 16 de agosto<sup>865</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras Informações: sepultada no adro, ante a estalagem num monumento alto contra a porta.

### **102. Senhorinha Esteves<sup>866</sup>**

- Informações familiares; Afonso Anes, tabelião e marido<sup>867</sup>.
- Património: doa a Santiago metade de um olival, de renda de 20 soldos da antiga moeda, localizado em Val de Meião, termo de Coimbra e a outra metade após a morte do marido.
- Cerimónia que determinou: 1 aniversário por sua alma.
- Outras Informações: dentro da igreja de Santiago onde jaz Domingas Anes. Encomendação da doação: com todo seu siso e entendimento, vendo e confinado a muito serviço que se a Deus em cada um da. Motivação da doação: de sua própria e livre vontade.

### **103. Tomé Marques<sup>868</sup>**

- Informações sobre grupo social e profissão: prior de S. Cristóvão.

---

<sup>865</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 203; 214 respetivamente.

<sup>866</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 5 s/n (nº antigo 526 e 197) 1412 DEZEMBRO 23.

<sup>867</sup> Ver Anexo 1. Perfil 3.

<sup>868</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m.1 s/n (nº antigo 290) 1394 MARÇO 14.

- Informações familiares: Álvaro Bentes, testamenteiro.
- Património: deixa a Santiago uma casa que parte com a pousada do testador e uma trascâmara que parte de um lado com Santiago e de outro com as ditas pousadas.

#### 104. Vasco Anes Barbancho e Inês Peres

- Informações sobre grupo social e profissão: marceiro.
- Património: em agosto consta 100 reais de pagamento enquanto em outubro o valor é de 50 «reais brancos» que deveria ser distribuído entre os presentes.
- Datas de comemoração: 12 e 22 de agosto e 31 de outubro e 30 de novembro<sup>869</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta, em agosto com vigília de Nossa Senhora e missa cantada com horas de finados e em outubro com véspera de Todos os Santos e missa com oras.
- Outras Informações: sepultados no claustro, nas proximidades da primeira laranjeira. No dia 22 de agosto, o marido consta de nome Vasco Anes; no dia 30 de novembro, escreveu-se Vasques Anes. Na primeira, aparecem sepultados no claustro, perto da primeira laranjeira em uma campa; pagam 20 soldos pela celebração do aniversário e deixam à colegiada de Santiago umas casas localizadas na judiaria da cidade. No 30 de novembro aparecem igualmente sepultados no claustro, na campa ao pé da laranjeira; não há registo do pagamento da celebração e os bens deixados são casas na judiaria. Em ambas as entradas há o registo de «marceiro» como profissão de Vasco/Vasques Anes. Consideramos estas duas entradas como referentes às mesmas pessoas.

A disparidade dos valores destinados aos pagamentos das celebrações, a ausência da alcunha *Barbancho* bem como a diferença de grafia do nome do homem são elementos que cultivaram fortes obstáculos à assimilação direta deste segundo grupo para com o primeiro. Não consideramos a descrição dos bens como fator decisivo para a assimilação visto que no primeiro grupo os mesmos são indeterminados. Todavia, o nome da mulher, a relação matrimonial, os locais de sepultura e a semelhança no conteúdo transmitido

---

<sup>869</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 214; 215; 219; 222 respetivamente.

pela grafia do nome do homem, constituem elementos decisivos para relacionarmos as quatro entradas e afirmar corresponderem todas ao mesmo casa.

### 105. Vasco Gil, raçoeiro<sup>870</sup>

- Informações sobre grupo social e profissão: raçoeiro de Santiago.
- Informações familiares; Jorge Afonso, advogado e testamenteiro; Nicolau Martins, clérigo de Santiago e testamenteiro; Maria Vasquez, criada.
- Património: no Livro de Aniversário são apontadas herdades do Campo enquanto nas cláusulas testamentárias deixa à Colegiada todas as herdades localizadas em Bolom.
- Datas de comemoração: 15 de abril<sup>871</sup> e 26 de novembro<sup>872</sup>.
- Cerimónia que determinou; uma missa oficiada para si e um aniversário por alma de Maria Vasques, sua criada, com saimento sobre a sepultura.

### 106. Vasco Gil<sup>873</sup>

- Informações familiares; Maria Nunes, esposa.
- Património: uma casa com forno, um quintal com casas térreas e sobrado e outros 2 portais localizados na Travessia que vai de Rua dos Peliteiros a Rua do Hospital e mais uns casais.
- Datas de comemoração: 16 de maio; a cada dia da quaresma a partir do ano seguinte a morte do doador; em cada dia a partir do dia em que começarem a sair sobre as fontes.
- Cerimónia que determinou; missa oficiada pela alma do pai e mãe do doador com saimento sobre as sepulturas, responso cantado, cruz, água benta e incenso; na quaresma, missa de terço oficiada com as primeiras orações do dia,

---

<sup>870</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 12 s/n (nº antigo 398 e 647), 1334 ABRIL 30 e ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m.8 s/n (nº antigo 847 e 58), 1346 MAIO 12.

<sup>871</sup> Data estipulada nos dois documentos acima referenciados.

<sup>872</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 222.

<sup>873</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra m. 10 s/n (nº antigo 662 e 231) 1331 ABRIL.

saimento sobre a sepultura, cruz, água benta, incenso e responso cantado; saimento sobre a sepultura do doador com um responso e as ditas orações até sexta-feira.

### 107. Vasco Peres

- Informações sobre grupo social e profissão: tabelião do judicial.
- Informações familiares; Ana Vaz (filha).
- Património: pagamento de 100 reais por dia sendo estes pagos por Ana Vaz, sua filha em dia de Santa Catarina (24 de novembro); para além de constar ter este deixado a Santiago casas com forno «perto das suas casas novas» e um cortinhal próprio localizado abaixo das tanoarias. Em novembro a indicação dos bens aparece como «heranças e bens *ut supra*».
- Datas de comemoração: 13 de junho e 25 de novembro<sup>874</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração individual com missa cantada e horas.

### 108. Vasco Rodrigues e Maria Domingues

- Informações familiares: casados.
- Património: deixaram a Santiago uma vinha e um olival para além de os herdeiros pagarem 100 reais por dia reservado para celebração.
- Datas de comemoração: 25 de abril; 01 de novembro<sup>875</sup>.
- Cerimónia que determinou: celebração conjunta com missa com noturno, ladainha e responso na cova.
- Outras Informações: o nome Maria Domingues é registado, para além destas duas datas, em outras quatro: 09 de janeiro<sup>876</sup>, 09 e 20 de março<sup>877</sup> e 30 de dezembro<sup>878</sup>. Em todas, o nome aparece em matrimónio com diferentes

---

<sup>874</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 209; 222 respetivamente.

<sup>875</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* pp. 205; 222 respetivamente.

<sup>876</sup> *Ibidem*, p. 197.

<sup>877</sup> *Ibidem*, pp. 202 e 203 respetivamente.

<sup>878</sup> *Ibidem*, p. 224.

maridos: Rui Fernandes, Rodrigo Fernandes, Domingos de Sandomil e Martim Esteves.

Consta no sobredito 09 de janeiro ter sido este casal sepultado no meio da igreja contra o coro numa campa «das letras que tem uma marca no meio». O pagamento deste aniversário fora de 20 soldos e deixaram umas casas localizadas na Rua dos Peliteiros. O documento fornece-nos a informação de que Rui Fernandes fora, enquanto vivo, mercador.

Com escassas informações a respeito da vida do segundo casal, consta na inscrição de 09 de março que Rodrigo Fernandes fora mercador. A quantia destinada para o pagamento da celebração fora de 40 soldos e duas casas foram deixadas à igreja de Santiago. Não apresenta nem localização nem confrontação das mesmas.

O caso do dia 20 de março apresenta uma celebração individual destinada apenas a Maria Domingues. Sabemos ter sido esta sepultada na metade da igreja, junto ao «poyal», a fundo da escada onde está o amigo<sup>879</sup>, numa campa «que há perto de uma campa branca». O marido, Domingos de Sandomil, aparece como referido e sepultado no mesmo local. Não há registo do pagamento da cerimónia e o bem deixado é indeterminado.

Maria Domingues que aparece casada com Martim Esteves na inscrição do dia 30 de dezembro, partilha da celebração do aniversário com o respectivo cônjuge. As informações acerca deste caso são referentes ao pagamento do ofício: 20 soldos; e aos bens deixados à igreja de Santiago: olivais que estariam emprazados por João Portela<sup>880</sup>; não consta a localização destes bens.

É verdade que as informações que concerne a Maria Domingues dos dias 09 de janeiro e 09 de março poderia complementar-se visto que na primeira são deixadas casas, sem quantificação das mesmas, na Rua dos Peliteiros; e na segunda os bens deixados são duas casas, sem localização. Em ambas ocorrências aparece a mulher unida em matrimónio com mercador, entretanto pelo nome de Rui e Rodrigo e pela falta de provas mais concisas e sólidas optamos por não vincular estas duas Marias Domingues.

---

<sup>879</sup> ANTT, Col. Santiago de Coimbra, m. 11 s/n (nº antigo 803), 1331, FEVEREIRO, 25. Testamento de Afonso Mendes, dito amigo. Vizinho e morador de Coimbra, sepultado na igreja de Santiago.

<sup>880</sup> Única ocorrência em todo o documento.

Tal posto, das seis entradas que evocam o nome de Maria Domingues, consideramos tratar de uma mesma pessoa as inscrições do dia 25 de abril e 01 de dezembro. Já para as outras quatro, devido ao exposto acima, ponderamos referenciar quatro Marias Domingues distintas.

**109. Nome desconhecido / 09 de março<sup>881</sup>:**

- Património: pagamento por géneros alimentícios – pão; para além de consta um bem indeterminado localizado em Traveira.
- Cerimónia que determinou: celebração individual.
- Outras informações: sepultado no altar-mor no primeiro canto a direito nas proximidades de uma campa que tem uma cruz.

---

<sup>881</sup> SANTOS, Maria José Azevedo, 2018, *op. cit.* p. 215.

## **Anexos 2. Mapas**

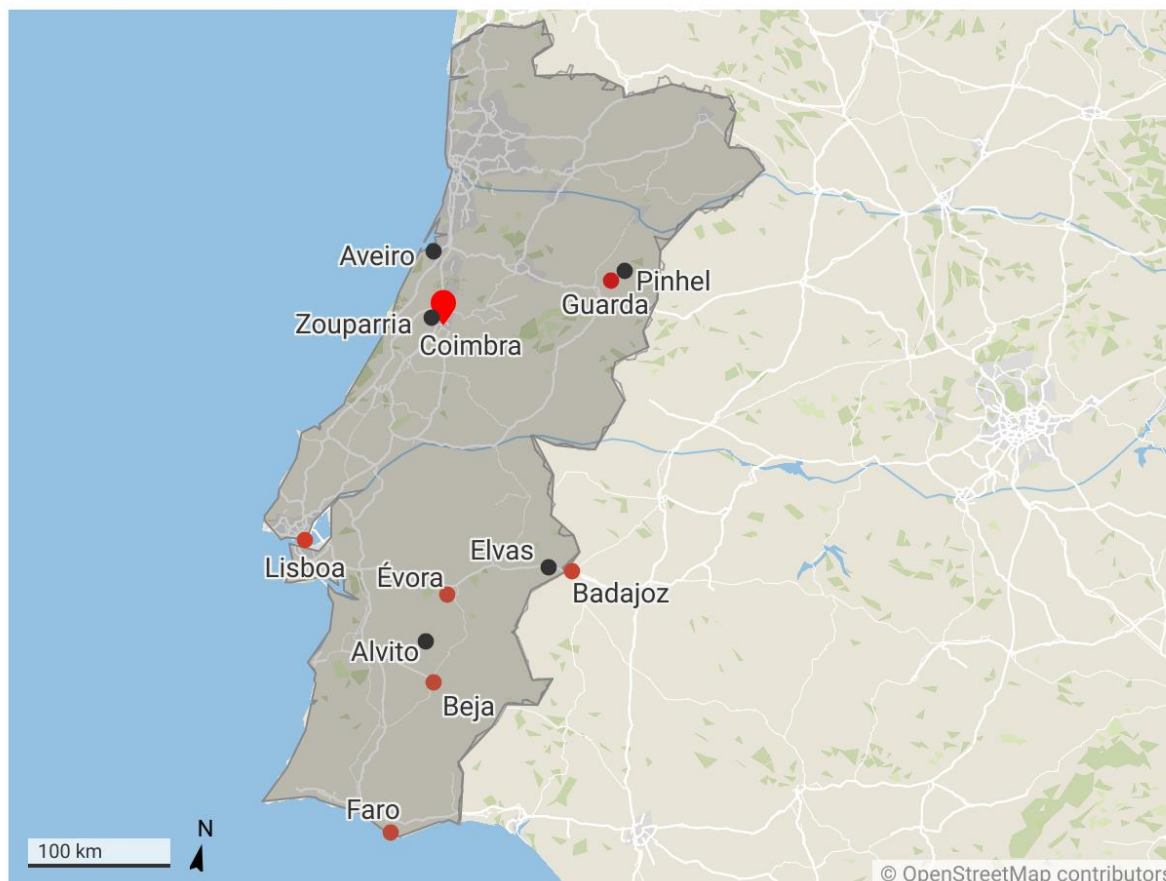




Criado com Datawrapper

**Mapa 1. Inserção urbana da igreja de Santiago na Coimbra medieval.**

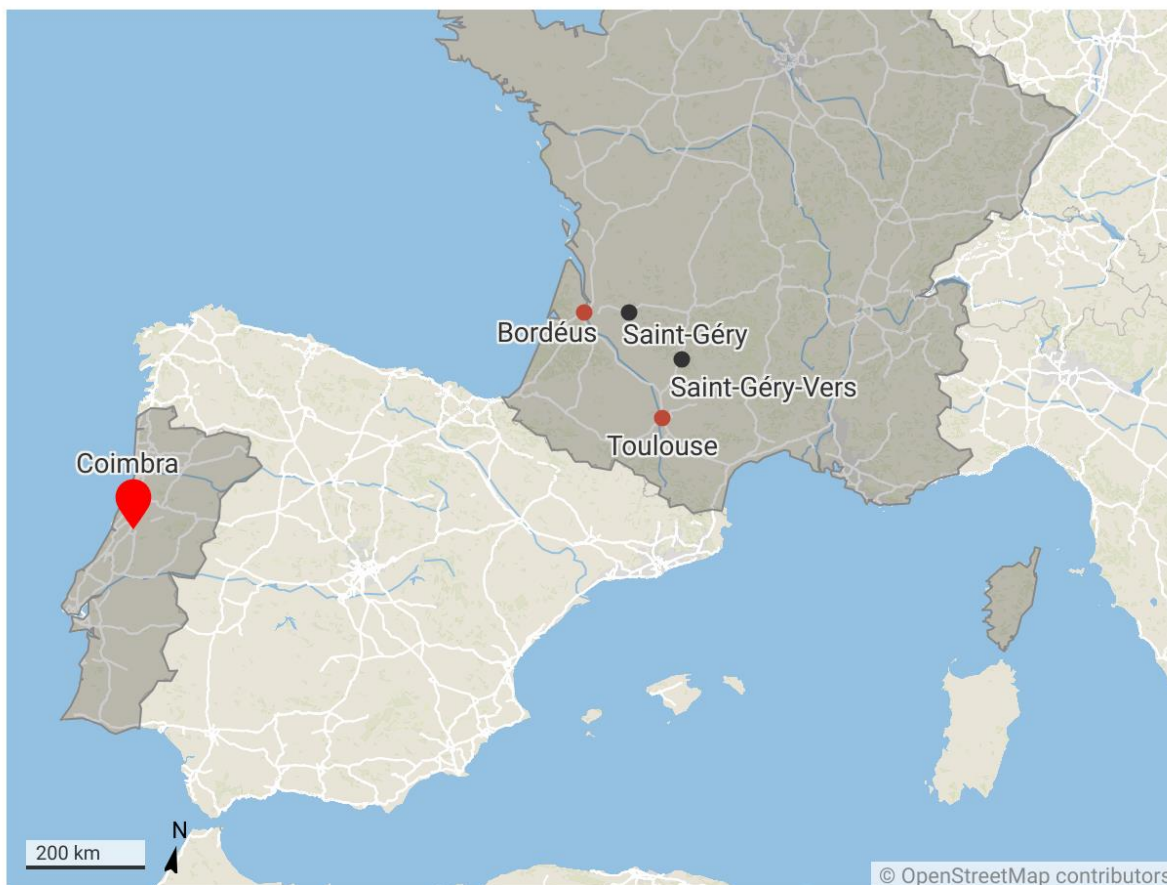
(Mapa elaborado a partir do *software Datawrapper* com base nas atuais delimitações urbanas da cidade.)



Criado com Datawrapper

**Mapa 2. Proveniência dos beneficiados da colegiada de Santiago, com origem nacional, mas fora de Coimbra.**

Mapa elaborado a partir do *software Datawrapper* com base nas atuais fronteiras de Portugal Continental. As cidades em vermelho servem como referências próximas às localidades de origem – pontos em preto – dos beneficiados de Santiago de Coimbra).



Criado com Datawrapper

**Mapa 3. Comunas de Saint-Géry, possíveis proveniências de Dom Guilherme, celebrado em Santiago de Coimbra.**

(Mapa elaborado a partir do software Datawrapper com base nas atuais fronteiras de Portugal Continental e França. As cidades a preto servem como referência às localidades de onde provavelmente seria originário D. Guilherme de Saint-Géry).

### **Anexos 3. Apêndice Documental**

## Documento 1<sup>882</sup>

**1331 FEVEREIRO, 25, COIMBRA** – Testamento de Afonso Mendes *Amigo*, morador em Coimbra, que determina a sua sepultura na igreja colegiada de Santiago de Coimbra, legando quantias monetárias, para a realização do seu funeral e do sufrágio de sua alma.

A) ANTT, Col. Santiago de Coimbra, maço 11 s/n (nº antigo 803).

En nome de Deus amen.

Eu Affonso Meendez dicto Amigo, vizinho e morador na cidade de Coimbra certo da mha morte e nom certo da hora tementee. Por ende com todo meu entedimento qual mho Deus melhor deu, faço mha manda e meu testamento en esta maneyra. Primeyramente dou a alma e o corpo de mim a Deus e peço aa Virgem Santa Maria sa madre e a todos los santos e santas que no pariso som que lhe roguem per mim que me perdoe e me aja misericordia a alma. E mando que me soterrem na eigreja de Santiago e mando hi commego cincoo libras.

Item mando aa dicta eigreja de Santiago por mhas ffalhas outras cincoo libras.

Item mando a meus abbades Nicolau Martins e Lourenço Estevez, dez dez soldos. E faço meos testamenteiros e meus executores deste meu testamento, Francisco Lourenço e Francisco Affonso, priol da Eigreja de Santa Justa e Guiomar Affonso mha molher. E dou-lhes comprido poder que façam e ordinhem nas outras cousas por mha alma asy como eles virem por bem. E mando a cada huum deles por seu affam dez dez libras. E mando que se avenham con os clerigos da dicta eigreja de Santiago pola mha sepultura. En testemunho desto ffiz ende fazer este stromento de testamento per mão de Joham Vicente publico tabeliom d’el rey na dicta vila de Coimbra.

A que esto foi fecto na dicta vila de Coimbra nas cassas do dicto Affonso Meendez, vinte e cincoo dias de fevereiro da Era de mill trezentos e saseenta e nove anos. Testemunhas. Stevam Dominguez, escrivam, Domingos de Sangimil, mercador e Affonso Giraldez, correieiro. E eu, Joham Viçente, tabeliom sobredicto a rogo do dicto e demandado do dicto Affonso Meendes este stormento de testamento con mha mão propria escervi e en ele este meu signal pugi que tal he [sinal] en testimonio de verdade.

---

<sup>882</sup> Documento transcrito com base em Costa, Avelino de Jesus da. Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos. 3ª ed. Coimbra: Universidade, Inst. de Paleografia e Diplomática, 1993.